



# REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Março de 2020 – Nº 58

ISSN 1518-1766

ALB

REVISTA DA ACADEMIA  
DE LETRAS DA BAHIA

REVISTA DA ACADEMIA  
DE LETRAS DA BAHIA

Março de 2020 — Número 58



ISSN 1518-1766

Copyright © by Academia de Letras da Bahia, 2020

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA  
Avenida Joana Angélica, 198, Nazaré  
40050-000 – Salvador, Bahia, Brasil  
Telefax (71) 3321-4308  
www.academiadeletrasdabahia.org.br  
contato@academiadeletrasdabahia.org.br

Revista Anual de Literatura, Artes e Ideias

**A redação, a revisão e o não cumprimento das normas da ABNT  
para os artigos e periódicos, referências e citações,  
são da inteira responsabilidade dos autores.  
(A Direção, 2020)**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

Revista da Academia de Letras da Bahia / Academia de Letras da Bahia.  
– Ano 1, vol. 1, n. 1 (Ago. 1930). – Salvador: Academia de Letras da Bahia, 1930 –

A partir do número 25 foi retirado ano e volume.  
O ISSN começou no número 44.

Anual  
ISSN 1518-1766

1. Literatura brasileira – Periódicos . I. Academia de Letras da Bahia.  
II. Título.

CDU 869

Ficha Catalográfica elaborada por Gislene Soares Guerra CRB-5/1382

Vínetas utilizadas: www.shutterstock.com

IMPRESSO NO BRASIL

## SUMÁRIO

### *Artigos e Ensaios*



<b>IMAGENS DA VIDA</b> URANIA TOURINHO PERES .....	11
<b>A NOVELA OU O CONTO DE ADONIAS FILHO</b> ARAMIS RIBEIRO COSTA .....	19
<b>AVENTUREIROS DO APOCALIPSE</b> GERANA DAMULAKIS .....	37
<b>A FESTA DO SONETO COM JOÃO CARLOS TEIXEIRA GOMES</b> CYRO DE MATTOS .....	41
<b>APOLLINAIRE, MITO COM DUPLA FACE</b> FLORISVALDO MATTOS .....	51
<b>DAS COISAS MEMORÁVEIS</b> GERANA DAMULAKIS .....	69
<b>HISTÓRIA DO “HINO DO BAHIA”</b> ARAMIS RIBEIRO COSTA .....	73
<b>MACHADO DE ASSIS: FICÇÃO E RELATO</b> EDILENE MATOS .....	89
<b>NOSSAS CONVERSAS</b> GERANA DAMULAKIS .....	99
<b>POLIFONIA DE GESTOS VERBAIS: A DRAMATURGIA DE PETER HANDKE</b> CASSIA LOPES .....	107

<b>O ANGOLANO AGOSTINHO NETO COMO RESPOSTA AO CONCEITO DE POESIA DE SARTRE</b>	
NELSON CERQUEIRA .....	121

<b>PELOS SERTÕES DE EUCLYDES</b>	
MARIELSON CARVALHO .....	139

### *Poesia*



<b>TRÊS SONETOS E UMA ODE</b>	
FLORISVALDO MATTOS .....	161

<b>CINCO POEMAS</b>	
RUY ESPINHEIRA FILHO .....	167

<b>DOIS POEMAS</b>	
PAULO ORMINDO DE AZEVEDO .....	173

<b>DOIS SONETOS</b>	
MARCUS VINÍCIUS RODRIGUES .....	177

<b>TRÊS SONETOS INÉDITOS E ANTIGOS</b>	
ARAMIS RIBEIRO COSTA .....	179

<b>CINCO POEMAS</b>	
GERALDO LAVIGNE .....	183

<b>CINCO POETAS DE ARGENTINA</b>	
ALEILTON FONSECA .....	189

### *Ficção*



<b>DA INDIGNIDADE DO POUCO</b>	
GLÁUCIA LEMOS .....	235

<b>INOCÊNCIA OFENDIDA</b>	
CYRO DE MATTOS .....	239

<b>PEQUENAS HISTÓRIAS DO JOGADOR</b>	
ORDEP SERRA .....	243

<b>O PERU E PAPAI NOEL</b>	
PAULO ORMINDO DE AZEVEDO .....	253

<b>A FRESTA</b>	
MARCUS VINÍCIUS RODRIGUES .....	255

<b>SOB A CONSTELAÇÃO DE ORION</b>	
CARLOS RIBEIRO .....	261

<b>NEVASCA EM PLENO VERÃO</b>	
PAULO ORMINDO DE AZEVEDO .....	265

### **Discursos**

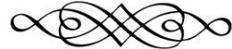


<b>A ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA 2017 – 2019</b>	
EVELINA HOISEL .....	269

<b>DISCURSO DE POSSE</b>	
MARCUS VINÍCIUS RODRIGUES .....	289

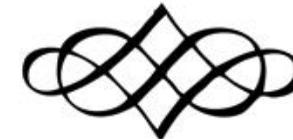
<b>DISCURSO DE RECEPÇÃO A MARCUS VINÍCIUS RODRIGUES</b> GLÁUCIA LEMOS .....	309
<b>DISCURSO DE POSSE</b> JUAREZ MARIALVA TITO MARTINS PARAISO .....	315
<b>DISCURSO DE RECEPÇÃO DE JUAREZ PARAÍSO: O ARTISTA E O PERSONAGEM</b> PAULO ORMINDO DE AZEVEDO .....	337
<b>DISCURSO DE POSSE</b> MUNIZ SODRÉ .....	351
<b>DISCURSO DE RECEPÇÃO A MUNIZ SODRÉ DE ARAÚJO CABRAL</b> JOÃO CARLOS SALLES .....	367
<b>DISCURSO DE POSSE</b> EDVALDO BRITO .....	379
<b>DISCURSO DE RECEPÇÃO A EDVALDO BRITO</b> JOACI GÓES .....	409

### **Diversos**



<b>Efemérides</b> .....	429
<b>Quadro Social</b> .....	441
<b>Endereços dos acadêmicos</b> .....	455

# Artigos e ensaios



## IMAGENS DA VIDA\*

URANIA TOURINHO PERES

*Difícil fotografar o silêncio.*

Manoel de Barros

Muitas vezes, em reuniões sociais, Zélia Gattai e eu conversávamos sobre fotografia. Compartilhávamos um mesmo interesse em transformar em imagens impressas os diferentes momentos da vida. A foto, mais além da possibilidade de aproximação de um acontecer distante no tempo e no espaço, mais além de constituir-se como guardião de uma memória fugaz, nos revela, pela sua força de transmissão, a possibilidade de ultrapassar a dimensão, muitas vezes enganadora, da memória. A foto registra um momento, um acontecimento, cuja contemplação não nos permite negá-lo; podemos, entretanto, questioná-lo, lançando interrogações para compor, então, a leitura da foto, pois toda foto recebe, ao ser contemplada, a representação da palavra ainda que silenciosa. A imagem fotográfica vem sempre acompanhada da palavra que a qualifica e lhe atribui um sentido.

As lembranças guardadas pela memória, quando retornam mediadas pelas palavras, sofrem, no decorrer do tempo, um processo de deformação e acabam por presentificar uma recordação que, de fato, se afasta do acontecimento no tempo e no espaço. A reconstituição do passado é sempre um relato feito no presente, ocorre como uma tradução imperfeita do que foi visto, escutado e sentido, ou seja, do que foi vivido. Sigmund Freud chegou a nos dizer, em seu texto “Uber Deckerinnerungen”,

traduzido para o português como “Lembranças encobridoras”, que “não há nenhuma garantia quanto aos dados produzidos por nossa memória”.<sup>1</sup> A preocupação com a memória o acompanhou desde seus primeiros escritos. Entretanto, o texto que menciono é o que apresenta, com maior riqueza, suas primeiras descobertas e especulações sobre o tema. Freud se interroga por que e a partir de que a memória estabelece uma seleção entre os elementos da experiência, suprimindo, frequentemente, o mais importante e retendo fatos insignificantes. A lembrança encobridora tem o seu valor como lembrança, menos pelo conteúdo que apresenta do que pelas “relações existentes entre esse conteúdo e algum outro que tenha sido suprimido”,<sup>2</sup> e nos chama a atenção para a complexa construção que se efetua entre os resíduos de lembranças e as alterações por que passam as recordações que encobrem esses fatos. As lembranças são construções que se efetua ao longo da vida, nas quais fragmentos registrados de uma experiência são adornados com acréscimos posteriores, qual um mosaico que se constrói de pequenas peças e que acaba por compor um todo mais ou menos harmonioso. O texto se dirige, especialmente, para as lembranças infantis e acaba por concluir que o retrato que fazemos da infância não decorre de uma fidedignidade à experiência, mas é, em verdade, revestido pela influência de períodos posteriores nos quais ocorreram as recordações. Posteriormente, irá referir-se às lembranças encobridoras como “fantasias retrospectivas”.<sup>3</sup> Não podemos, portanto, evitar o estranhamento frente às nossas recordações. Um passado revisitado, contemplado como se fosse pela primeira vez. Um passado que cede o vivido ao construído, pois a rememoração é uma construção, como nos lembra Marcel Proust, um trabalho do espírito. Freud não se afasta da memória involuntária proustiana, e não é difícil encontrar uma aproximação entre as preocupações dos dois autores. A obra de Proust foi, sem dúvida, um exercício de rememoração, e podemos acompanhar a importância que ele atribuiu ao esquecimento, pois só o esquecimento permite a riqueza

da recordação pelo exercício da memória involuntária. O esquecimento, sem dúvida alguma, é condição do estranhamento. O elemento de criação impõe-se ao fator reprodução. Não há, pois, recordação sem criação. Não há reconstrução da realidade sem a implicação subjetiva, e a busca do artista atesta esta evidência.<sup>4</sup>

O que se passa com a fotografia, em que medida ela pode ou não se constituir como uma memória fidedigna? A foto é a captação de um instante. Um acontecimento se fixa e permanece na condição de imagem, imutável. Revela um instante, capta um olhar do fotógrafo e se deixa acontecer pelo *click* da máquina. Olhar e clicar, os dois tempos da fotografia. Podemos ver aí um instante mágico, uma fruição de poder, um gozo de ir além da palavra e da contenção do tempo. Materializa um encontro, torna presente um passado, presentificação, contudo, ilusória, pois toda fotografia é registro do passado, e toda contemplação de fotografia é uma contemplação no presente. A foto questiona fortemente a questão do tempo. Ela também se oferece ao olhar de quem contempla, contemplação que não é ingênua, pois qualquer que seja a interpretação que dela fazemos é sempre uma interpretação a partir de uma interrogação que surge em nós e à qual ela, a foto, responde. As fotos nos olham, penetram em nossa intimidade e tornam-se capazes de suscitar diferentes afetos: alegria, tristeza, saudade, revolta, inquietação. Olhar com intensidade uma foto não é uma experiência inócua. Lembremo-nos apenas de alguma foto do livro *Gênesis* de Sebastião Salgado.<sup>5</sup> A imagem fotográfica vem sempre acompanhada da palavra que a qualifica e atribui um sentido, tradução muitas vezes silenciosa de quem contempla. Assim, uma mesma foto recebe diferentes leituras, pois sobre ela recaem diferentes olhares. É, no dizer de Evgen Bavčar, o fotógrafo cego, “o substrato cognitivo do olhar”.<sup>6</sup> A leitura de uma foto, em verdade, responde a interrogação do olhar, por isso ela aprisiona.

Trago o exemplo de um olhar genial sobre uma foto.

Patrick Modiano, escritor francês, Prêmio Nobel de Literatura 2014, nascido em 1945, quando Paris encontrava-se sob os efeitos da Ocupação, foi, como ele mesmo se intitulou, uma “criança da guerra” que viveu a infância povoada de silêncios e temores. Escrever tornou-se para ele o caminho de buscar, mais além da própria identidade, uma investigação do passado, submergido na tempestuosa sombra negra do nazismo; um compromisso ético com uma geração. Tornou-se um investigador, um escritor voltado para a história da vida, lembranças e reminiscências, o que conduz alguns críticos a aventarem a ideia de um Proust da atualidade. É possível aproximá-los a partir de uma forte pulsão memorialística, uma busca quase fotográfica de captação de um momento da história, mas, na minha leitura, a escrita dos dois se separa naquilo a que nos respondem e como nos respondem. Modiano é um escritor conciso no processo de criação de sua bioficção.

*Dora Bruder – à qui Modiano a consacré un récit –, entourée de ses parents.  
Photo extraite du Mémorial des enfants juifs déportés de France, de Serge Klarsfeld (Payard).  
Le document provient de la collection de Modiano.*



Trago Modiano aqui, hoje, pelo lugar que a fotografia ocupou na sua produção. Vou me restringir apenas a um dos seus livros: *Dora Bruder*,<sup>7</sup> que considero uma das narrativas mais eloquentes e sensíveis do sofrimento de um povo, o povo judeu,

face à loucura humana. O livro se fez acontecer a partir de uma foto encontrada em um jornal, o *Paris Soir*, de 31 de dezembro de 1941, quando o autor pesquisava jornais, listas telefônicas e tudo o que pudesse sinalizar a existência de desaparecidos. Abaixo da foto, a legenda:

“Procura-se uma jovem, Dora Bruder, 15 anos, 1,55cm, rosto oval, olhos marrom-acinzentados, casacão cinza, suéter bordô, saia e chapéu azul-marinho, sapatos marrons. Qualquer informação dirigir-se ao Sr. e à Sra. Bruder, Ornano, 41, Paris”. Temos, pois, uma foto e uma legenda com algumas informações e podemos nos perguntar o que teria provocado, penetrado em Modiano com a intensidade suficiente para levá-lo a passar oito anos em procura e, finalmente, poder recriar uma história cujo fecho foi a certeza de que tanto Dora como seu pai haviam sido “conjuntamente deportados para o campo de concentração de Auschwitz em 18 de setembro de 1942”. Fotos vão sendo encontradas imprimindo realidade a esse percurso de busca de uma vida, no qual o autor não se afasta de sua própria vida, sabedor que é da dimensão biográfica que seus livros contêm. Bioficção, expressão que define a sua literatura como ele mesmo declarou. O olhar da foto estampada no jornal tocou no enigma da existência, no mistério ali contido e compartilhado pelo nosso autor. Mais além de uma foto de uma filha adolescente e seus pais, aquela foto evocou uma nuvem negra no passado da humanidade e, seguramente, em seu próprio passado. É possível que, por um instante, o nosso autor tivesse vivido um processo de identificação com a adolescente, sendo ele também um jovem judeu.

As fotografias e os textos de Zélia Gattai: uma vida mostrada e uma vida narrada. Qual o poder maior de registro e transmissão? A foto capta e, com a câmara digital, ela não apenas capta a cena, como a revela no ato em que acontece; a imagem do que foi registrado surge no instante da ação de fotografar. As fotos de câmaras não digitais, fotos registradas em película, tinham um tempo, o tempo para a revelação.

A palavra revelação traz uma conotação de mistério e, se quisermos ir mais além, de algo religioso. E quem acompanhou o surgimento da imagem em uma câmara escura apreendeu o misterioso, ao ver surgir, lentamente, a imagem de um papel em branco. É uma linda experiência!

Zélia define o seu objetivo: fotografar a família. O primeiro impulso foi fotografar o filho, João, para enviar aos avós e amigos, quando exilados na Europa; depois, Jorge na sua trajetória de vida. Disse ela: “De repente, me dei conta de que havia coisas (de Jorge) que só eu podia fotografar — lugares onde não havia fotógrafo, só eu. Então, com personalidades, com amigos — com Neruda, Guillén, Sartre, Aragón, Paul Éluard, com essa gente que a gente conheceu lá”.<sup>8</sup> Zélia assim fez. Não fotografou apenas o exílio, continuou fotografando um cotidiano da vida que as palavras não transmitem.

As fotografias, como já dissemos, nos remetem ao passado e evidenciam a transitoriedade da vida de uma maneira impiedosa. Quando contemplamos fotos antigas, somos especialmente tocados pela relação vida-morte, e é exatamente nesse instante que toma consistência a nossa transitoriedade e o enigma das nossas existências. Podemos, então, divagar: quem foram essas pessoas, como viveram? Nosso título “Imagens de uma vida” repousa na relação entre a foto e a imagem que ela nos transmite, sabendo que a imagem nem sempre é o visível. “Uma imagem não é forçosamente visual... todo cego tem o direito de dizer, eu me imagino” nos disse Evgen Bavčar.<sup>9</sup> O poder discursivo de uma imagem captada pela lente do artista segue o caminho da poesia em sua procura de mostrar o impossível a ser mostrado e de dizer o impossível de ser dito. A foto faz pacto com o real e o seu mistério e nos mostra, mais além dela, um olhar, um olhar de transformação, um olhar que procura, e por que não insistir, mais além do visível, a obscuridade da presença forte do invisível.

## Notas

\*Texto apresentado ao VI Colóquio de Literatura Brasileira, Curso Jorge Amado 2016, na Academia de Letras da Bahia.

<sup>1</sup> FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1899]. v. 3.

<sup>2</sup> Ibid.

<sup>3</sup> Ibid.

<sup>4</sup> PERES, Urania Tourinho. Âncoras da escuta. Texto apresentado ao IV Congresso Internacional de Convergência, Buenos Aires, 8-10 maio 2009.

<sup>5</sup> SALGADO, Sebastião. *Gênesis*. São Paulo: Taschen, 2013.

<sup>6</sup> BAVČAR, Evgen. Entrevista concedida a Elida Tesseler e Muriel Caron, 7 ago. 1997. Disponível em: <<http://.elidatesseler.com.br>>.

<sup>7</sup> MODIANO, Patrick. *Dora Bruder*. Tradução de Márcia Cavalcanti Ribas Vieira. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

<sup>8</sup> GATTAI, Zélia apud FRAGA, Myriam. Zélia Gattai: escrevendo com a luz. In: FCJA. *Catálogo Arquivo Fotográfico Zélia Gattai*. v.1. Salvador: FCJA, 2011.

<sup>9</sup> BAVČAR, op. cit. .

Urania Tourinho Peres é psicanalista, fundou o Colégio de Psicanálise da Bahia e é membro da Academia de Letras da Bahia, cadeira 40. Livros Publicados: *Mosaico de Letras*, Ed. Escuta, 1999 e *Depressão e melancolia*, Jorge Zahar Ed., 2003. Organizou a coletânea *Melancolia*, Ed. Escuta, 1996; *A culpa*, Ed. Escuta, 2001; *Emílio Rodrigué – Caçador de labirintos*, Ed. Corrupio, 2004; *Frida Kablo: dor e arte*, 2007; *Emílio Rodrigué: Velho analista do tempo novo*, Editora Edufba, 2014. Autora do posfácio do livro *Luto e melancolia*, Ed. Cosac Naify, 2011. Artigos publicados em coletâneas e revistas



## A NOVELA OU O CONTO DE ADONIAS FILHO

ARAMIS RIBEIRO COSTA

Adonias Aguiar Filho tem sido estudado bem mais como romancista do que novelista, e dificilmente é considerado contista. Embora pouco alentados, alguns com número de páginas compatível com a extensão habitual do gênero novela, os sete romances publicados por esse escritor brasileiro e baiano, *Os servos da morte* (1946), *Memórias de Lázaro* (1952), *Corpo vivo* (1962), *O forte* (1965), *Luanda Beira Bahia* (1971), *As velhas* (1975) e *Noites sem madrugada* (1983), tiveram qualidade, importância e reconhecimento suficientes para alçá-lo, sem esforço, à galeria dos grandes romancistas brasileiros, podendo-se afirmar que o autor obteve a unanimidade desse reconhecimento, tanto na esfera acadêmica, quanto do público, embora, pela elaboração de sua escrita, esse público fosse definitivamente específico. Se a literatura de qualidade já pode ser considerada, ela mesma, uma arte de público específico, em Adonias essa condição torna-se ainda mais evidente ou necessária.

O romance apresentado por Adonias, e que, tão rapidamente, foi incorporado ao cânone da literatura brasileira, recria, por um lado, uma realidade transitória da região cacauífera da Bahia no início do século XX, enquanto se utiliza, por outro, da Cidade do Salvador da mesma época, como cenário e motivação, numa alternância de rural e urbano, à semelhança da literatura de Jorge Amado, de mesmas vertentes sul-baiana e soteropolitana. A vertente das terras do cacau, no Sul da Bahia, mais fecunda, mais rica em peripécias, uma ficção de conquista e civilização,

com cidades sendo formadas, obteve maior repercussão, a ponto de caracterizar o autor, ligando-o definitivamente a essa região geográfica e ficcional da literatura baiana e brasileira, bem mais que à capital. Tanto quanto o cenário, ou por força dele, as ações são rudes e marcantes: num ambiente agreste, sem lei nem justiça, povoado por homens rústicos e castigados, a justiça com as próprias mãos e, mais ainda, a vingança pessoal, tornam-se práticas comuns, ocasionando a violência desmedida, a que excede todos os limites, inclusive o da compreensão humana, encharcando os personagens de ódio, brutalidade e sangue. Tanto na vertente sul-baiana quanto na soteropolitana, um romance denso e impactante.

Quase como um complemento à sua atividade de romancista, é que são publicados os dois únicos volumes de ficções curtas, por ele denominadas de novelas, *Léguas da promessa* (1968), e *O Largo da Palma* (1981), o primeiro tendo como cenário comum às narrativas Itajuípe, onde nasceu o autor, e o segundo um velho largo da Cidade do Salvador, representativo, com seus personagens, do modo de ser e de viver dos baianos da capital em épocas definidas.

Machado de Assis, em 1882, incluiu a sua preciosa novela “O Alienista”, página ficcional que, por si só, consagraria um autor, no livro de contos *Papéis avulsos*, considerando-a, com essa inclusão, um conto. Ao publicar o volume *Vidas secas*, em 1938, no qual os capítulos trazem os mesmos personagens, mas cada um é uma narrativa independente, o que levaria a concluir por um livro de contos, ou, no máximo, um romance desmontável, gênero ainda não estabelecido na teoria literária, Graciliano Ramos considerou o volume um romance. E Jorge Amado, que viveu longos períodos de sua vida na França, um país de outra nomenclatura para a ficção, costumava chamar suas novelas “A Morte e a Morte de Quincas Berro d’Água”, de 1959, e “A Descoberta da América pelos Turcos”, de 1994, de “romancinhos”. A classificação,

portanto, de conto, novela e romance, tem sofrido variação não apenas de literatura para literatura, como de autor para autor, e seria totalmente dispensável, não fosse a necessidade didática de normatizar a criação literária, identificando características comuns às ficções.

Curiosamente, dos três gêneros apontados, o romance, a novela e o conto, o que encontra maior dificuldade de identificação, para a maioria dos autores e mesmo dos estudiosos do assunto, é a novela, daí a nomenclatura dessa criação pender tanto para o conto, como para o romance, como fizeram Machado de Assis e Jorge Amado. Adonias Filho estabeleceu o inverso desses citados, escolhendo o gênero menos preferido: considerou seus contos como novelas, e assim permaneceram na classificação de sua obra. Mas a verdade é que poucas das ficções curtas inseridas nas duas coletâneas por ele publicadas alcançaram extensão e construção narrativa de novela, no já estabelecido conceito de estrutura aberta, com peripécias ou situações sucessivas, ainda que pequena novela, à semelhança das de Stefan Zweig, para citar um autor da literatura universal que, como ficcionista, trabalhou apenas esse gênero. Dessa forma, ainda que por meio de escassa produção, Adonias Filho foi também um contista, a exercer esse gênero com a reconhecida maestria de suas ficções longas, transpondo, para as criações de curto fôlego, o estilo e os cenários, a linguagem e o realismo, o registro do ambiente e dos costumes, além da singularidade do impacto dos enredos. De qualquer modo, novela ou conto, o que importa aqui é visitar a ficção curta de Adonias Filho, acentuando mais uma vez, nesses escritos, a força narrativa e outras características marcantes desse excepcional autor.

Outra consideração, antes da breve incursão nessas ficções aqui proposta, diz respeito à ideia de conjunto de ambas as coletâneas, o que vem mais do romancista que do contista. Em *Léguas da promessa*, como se não bastassem o cenário,

a linguagem, as circunstâncias e até mesmo a temática homogênea das histórias reunidas, o autor dá um título geral, desvinculado de qualquer das narrativas, e — fato inédito em livros de contos ou novelas — escreve um preâmbulo ficcional, a título de apresentação da paisagem física e humana das tramas a seguir, como se procurasse, com o introito, unir as narrativas isoladas, dando-lhes um sentido único, como peças de um mosaico. Já em *O Largo da Palma*, além do título geral, à semelhança do livro anterior, une as histórias o velho largo da Cidade do Salvador, que dá título à obra, com sua igreja muito velha, seus casarões, também velhos, sua gente. Na esteira desse pensamento, há o mesmo número de narrativas em cada uma das coletâneas, seis em cada, como se as novelas ou contos escritos para essas obras tivessem nascido, não de maneira fortuita, ao sabor das ideias e das circunstâncias, porém dentro de um plano, objetivando formar dois conjuntos de mesma proporção e importância, um rural e outro urbano. Ainda assim, nem uma nem outra coletânea incorreria na classificação de romance, sequer de romance desmontável, como acontece com *Vidas secas*. São, como queria o autor, conjuntos de novelas, ou, como seria mais adequado, de contos.

Desperta ainda a atenção a distância de publicação entre uma e outra coletânea, *Léguas da promessa* em 1968 e *O Largo da Palma* em 1981, treze anos depois, o que reforça a ideia de não ser a ficção curta uma prioridade para esse ficcionista, porém dois projetos complementares e únicos à sua obra principal de romancista, trabalhos longamente elaborados e executados entre os romances, talvez apenas para deixar a sua marca no gênero, em ambos os ambientes nos quais trabalhou o próprio romance, o Sul cacaueiro baiano e a Cidade do Salvador. Um plano de obra, sem dúvida, bem executado e levado a bom termo, que acabou por produzir, mesmo com tão escasso número de narrativas, algumas obras-primas da novelística ou do conto nacional.

Quando *Léguas da promessa* foi lançado, Adonias Filho, com cinquenta e três anos de idade, era já um intelectual e escritor com amplo reconhecimento nacional, ensaísta, crítico literário e romancista consagrado, tendo publicado seu mais famoso romance, *Corpo vivo*, cinco anos antes, além de *Os servos da morte*, *Memórias de Lázaro* e *O forte*, este último três anos antes da coletânea. Embora ainda não tivesse tomado posse, o que iria acontecer em 1969, já havia sido leito para a Academia Brasileira desde 1965. A dualidade de ambientes, a zona cacaueira da Bahia e a Cidade do Salvador, já fora estabelecida com a ambientação urbana de *O forte*, mas é para Itajuípe, cidade de seu nascimento e inserida na vasta região cacaueira sul-baiana — que ele próprio, num rasgo de inspiração e ufanismo, denominou de Nação Grapiúna —, que se volta esse primeiro conjunto de narrativas breves e trágicas, tão de acordo com o autor de *Corpo vivo*, um dos mais violentos romances da literatura brasileira, título que também pode ser atribuído a *Léguas da promessa*.

O inusitado introito, a preceder essas narrativas densas e terríveis, na forma de um pai que leva o filho a conhecer o território, exortando o menino a valorizar as histórias que ia ouvir, as histórias do povo, descerra a cortina de um cenário áspero e bruto, primitivo e socialmente injusto e cruel. O trem-de-ferro passa, rompendo léguas, a máquina fervendo, e a pintura, primeiro das vilas e arruados, depois dos cacaueiros escuros, das casas em solidão, dos bolsões de capim alto, dos homens e suas cargas, da selva ainda virgem e sem caminhos, vai recebendo tinta, cor e forma, alargando aos olhos do menino ficcional e dos leitores a realidade do meio, anunciando as histórias sangrentas de Itajuípe. O que terá levado, que premunição ou desejo terá induzido o autor a considerar tão agrestes e hostis paragens como “léguas da promessa”, como se evocasse a própria Canaã? Enfim, quando o trem-de-ferro finalmente para, o leitor já não quer parar.

Sobre a primeira narrativa, “Imboti”, embora pouco extensa, pode-se, de fato, reconhecer a categoria de novela. Estrutura aberta, sucessivas peripécias, número de personagens, tudo leva à admissão desse gênero. A tragédia, ou as tragédias, porque ocorre mais de uma, são a marca impactante dessa trama, a meia-índia que é levada ao avô recém-nascida pelo pai baleado, que carrega consigo a pulseira com as três balas que mataram o pai, e morre vítima de estupro e faca, diante do avô que também é assassinado. O sangue encharca a narrativa do começo ao fim, o estilo compacto e incisivo de Adonias favorece a exposição da tragédia. O enredo é centrado nos incidentes trágicos, sem qualquer aprofundamento dos sentimentos dos personagens ou aproveitamento de qualquer situação paralela, como se o autor apenas objetivasse o impacto das sucessivas mortes, em circunstâncias de grande violência. “Imboti” abre, dessa maneira e com essas características, a fúria assassina que permeia toda a coletânea. É interessante notar o pormenor da pulseira com as três balas, que se transforma em amuleto de vingança, lembrando a célebre jindiba, de *Luanda, Beira, Bahia*, um romance que só seria publicado três anos após a edição de *Léguas da promessa*, uma árvore que simbolicamente representa o destino, a testemunhar a vida e acompanhar a morte. A pulseira de Imboti é o símbolo da vingança, acompanhando a narrativa e as mortes sucessivas.

“Imboti” e “Um Anjo Mau” seriam, na verdade, as duas únicas narrativas sobre as quais se admitiria a discussão acadêmica de novela e conto, pois as únicas que, apesar de compactas, apresentam extensão ficcional, sucessão de episódios, e, no caso de “Um anjo Mau”, dois planos narrativos, estendendo-se ambas para além da estrutura fechada do conto. As demais narrativas seriam contos. Trata-se, “Um Anjo Mau”, de uma sucessão de tragédias, o ódio e a insensibilidade levando à violência sem medidas. Mais que as mortes apresentadas, é dolorosa a venda de Açucena, com apenas dez anos de idade,

pela própria mãe, após a morte do pai dela. Mais uma vez, a vingança, a justiça com as próprias mãos, é o sentimento motivador. Se “Imboti” deixa a sensação de que o autor poderia explorar mais a narrativa, aprofundando talvez os sentimentos dos personagens, sem prejuízo do impacto desejado, “Um Anjo Mau” esgota-se completamente, fazendo, da sua condição de novela compacta, o gênero ideal. Entretanto, afora o magistral episódio da venda da menina pela mãe, de uma dor inigualável, trazendo não a violência física, mas o dilaceramento da alma, “Um Anjo Mau” afigura-se, numa concepção pessoal e subjetiva, inferior, como criação ficcional, a “Imboti”.

Nas outras quatro narrativas, “O Pai”, “O Túmulo das Aves”, “O Rei” e “Simoa”, torna-se insustentável a classificação de novela. São, indiscutivelmente, contos, e primorosos exemplares do gênero. “O Pai”, a segunda narrativa, ainda menos extensa, mais compacta e coesa, com um número menor de personagens, mantém o ritmo, o vigor e a brutalidade do meio e das ações, o mesmo ambiente sem lei e sem ordem, a lei transmutada em vingança pessoal, cada ação gerando a seguinte, ainda mais violenta. Aqui é interessante notar a igualdade de importância entre homens e animais, não sendo poucos os momentos em que o sentimento pelo animal prevalece sobre o sentimento pelo homem, sendo, aliás, o animal, o motivo desencadeador de toda a violência. As ações praticamente obedecem ao ritmo de um destino incontornável, dando a impressão de não ser possível agir de outra maneira. O sentimento de vingança, o dever de vingança, ou, ainda, o impulso instintivo da vingança, mais que o sentimento, se sobrepõe à busca de qualquer outra solução, o que leva a mortes sem remorsos, sem arrependimentos e sem qualquer outra punição, além das consequências físicas do próprio embate. Não há qualquer participação da polícia ou da justiça, forças inteiramente ausentes da narrativa. O meio é absurdamente selvagem e bruto. Entretanto, a figura centralizadora do pai permanece como inspiração para os filhos, mesmo após a sua morte, daí o título.

É também um bicho que motiva a terceira narrativa dessa impactante coletânea: “O Túmulo das Aves”. Se na anterior, “O Pai”, são os cavalos que ensejam a violência da narrativa, aqui são as aves que vêm, em bando, morrer nas terras do coronel Gonçalo Cândido. Mas, ao contrário dos cavalos, que detonam o entrecho e as sucessivas ações de violência, as aves induzem à reflexão, e, de certa forma, à pacificação. O ritual misterioso, a impressionante repetição do bando chegando como uma nuvem densa, trazendo as aves que vão morrer e cair naquelas terras, descoberta de um menino adotado, representa forte metáfora dos mistérios da vida e da morte, capaz de comover o velho fazendeiro e amolecer o coração duro de um matador de aluguel. Ao contrário das narrativas anteriores, onde não há tempo, nem espaço para reflexões mais profundas, e o que se busca é apenas a vingança, aqui a vingança, mais rixa e amor-próprio ferido que vingança, existe como uma contingência inevitável, beirando o indesejável, ao menos para uma das partes, a partir da observação da morte das aves. Apesar disso, “O Túmulo das Aves” não escapa da condição de narrativa violenta, como se fosse essa a única alternativa numa terra onde a própria representação da lei, que, desta feita, ao contrário da narrativa anterior, está presente, protagoniza o arbítrio e o crime.

“O Rei” segue as tendências do conjunto dessas narrativas, trazendo, inclusive, mais uma vez, dentro dos mesmos contextos de violência e vingança, o bicho como o grande destaque, o motivador do enredo, agora um gavião. O conto é uma demonstração da maestria do autor, tanto no estilo quanto no poder narrativo, capaz de transformar uma tragédia familiar em lances de expectativa e triunfo pessoal, absolutamente na trilha das narrativas anteriores, a evidenciar mais uma vez a fragilidade e a insegurança da vida no meio inóspito e selvagem, cujos inimigos são homens e bichos, os homens com ações e reações de bichos, os bichos com ações e reações que beiram a vontade e a argúcia,

estas sempre voltadas para agressão e a morte. “O Rei” representaria, com muita propriedade e brilhantismo, este autor em qualquer antologia de contos.

Já “Simoa” torna-se, a meu juízo, uma infeliz opção para o encerramento dessa coletânea, tão homogênea em seu ambiente, em seus temas e propósitos. Trata-se de uma narrativa bastante elaborada, onde o cenário da selva é o mais destacado. Entretanto, embora persista a ameaça da violência gerada pelos conflitos, em grupos de interesses antagônicos, não há, no contexto da trama, nenhum episódio trágico, de forma que, ao contrário das demais narrativas, o sangue não corre, ao menos diante dos olhos do leitor. Além disso, ocorre uma surpreendente inserção da crença afro-brasileira, originalmente monopólio da raça negra, na forma da invocação dos orixá, o que é feito sem qualquer aprofundamento em ritos ou demonstração de conhecimento mais profundo. Lida no conjunto da obra, “Simoa” quebra o ritmo narrativo e a atmosfera amplamente conquistada em *Léguas da promessa*, desde o enigmático título, passando pelo introito, até o conto “O Rei”. Apesar disso, a coletânea sobrevive à leitura como uma preciosa série de histórias curtas, digna, em todos os aspectos, do consagrado autor de *Corpo vivo*.

De *Léguas da promessa* a *O Largo da Palma*, além de dois volumes de crítica literária e dois livros de literatura infantil, Adonias publicou os romances *Luanda Beira Bahia* (1971) e *As velhas* (1975).

*O Largo da Palma* transporta o cenário ficcional de Itajuípe para a Cidade do Salvador. O local escolhido para ambiente das novas seis narrativas é o Largo da Palma. Largo enladeirado, foi uma das primeiras áreas de expansão da cidade. Ali era o Monte das Palmas, e foi em 1630 que se deu o início da edificação da Igreja da Palma que lá está, na verdade Igreja de Nossa Senhora da Palma, tão referida nas histórias apresentadas. Curiosamente, esse largo, que se manteve calçado por paralelepípedos e cercado por casario antigo, serviu também de inspiração a um dos melhores contos de Vasconcelos Maia, a narrativa “Largo da Palma”,

que abre o seu livro *Contos da Bahia*, de 1951. E quando, em 1976, o cineasta Bruno Barreto precisou de um cenário bem baiano e de época onde localizar a residência e a “Escola de Culinária Sabor e Arte” de Dona Flor, no filme inspirado no romance de Jorge Amado, *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, um enredo acontecido nas primeiras décadas do século XX, valeu-se daquele largo e seus preservados casarões, além da antiquíssima igreja. Os contos de *O Largo da Palma* têm épocas distintas, mas todos trazem o largo e a igreja como referência, como citação constante também a Rua do Bângala, que dali sai, além de uma curiosíssima “casa dos pãezinhos de queijo”, presente em quatro das seis narrativas.

Como o autor insistiu em rotular essa segunda coletânea de ficções curtas de “novelas”, repetindo a classificação da coletânea anterior, a questão retorna, pois a única das seis narrativas à qual se poderia, por sua maior extensão, admitir essa classificação, seria a primeira, “A Moça dos Pãezinhos de Queijo”. Entretanto, seria muito mais próprio considerá-la também um conto, inclusive porque a trama não tem desdobramento e pode ser inserida no conceito de efeito único, habitual do conto. Teríamos, assim, em *O Largo da Palma*, não uma coletânea de novelas, mas um magistral livro de contos, cuja excelência é mantida do início ao fim. E magistral é a palavra que ocorre ao término da leitura dessas narrativas, a começar por “A Moça dos Pãezinhos de Queijo”, tão distante daquela fúria assassina e de todo aquele sangue que banha as páginas tão violentas de *Léguas da promessa*.

A mudança de linguagem, o ritmo das frases, a ternura e a poesia desse conto, quase sugerem um outro autor, que não aquele tão duro de “Imboti” e “Um Anjo Mau”, por exemplo. É absolutamente apropriado que a coletânea comece por essa narrativa, que descreve o largo da palma, a igreja, o casario antigo, as ruas estreitas que saem dali. Como diz o autor, a casa dos pãezinhos de queijo só é casa, porque há uma tabuleta em tinta azul e por cima da porta, “A Casa dos Pãezinhos de Queijo”.

Porque é “uma lojinha do tamanho de um pequeno quarto engravada no magro e alto sobrado de três andares”. No primeiro andar do casarão mora Joana, a viúva que recebeu de herança do marido, ao morrer, a terça parte daquele andar e a casa dos pãezinhos de queijo, onde a filha, Célia, moça de dezoito anos que mora com ela, vende os pãezinhos que a mãe fabrica. Tudo muito simples e rotineiro, até que um dia ali entra Gustavo, para comprar os famosos pãezinhos de queijo, uma encomenda da avó. O rapaz é mudo, apaixonou-se por ela, e ela por ele. Um enredo tão simples e romântico, infinitamente distante das peripécias sangrentas de *Léguas da promessa*, surpreende, entretanto, o leitor, não apenas por esse aspecto, bastante inusitado nesse autor, mas também pela maneira suave, cativante e magistral como vai conduzindo a sua limitada trama para um ainda mais surpreendente final feliz. O final feliz bem conduzido, que não deixa a sensação de concessão romântica ao gosto do grande público, é uma raridade na literatura brasileira pós-romântica, e de resto na própria literatura universal realista. Adonias Filho, justamente ele, o trágico, que habitualmente escreve com sangue e mostra as vísceras da brutalidade humana, consegue isso de forma impecável com absoluta delicadeza, com encantadora ternura, deixando o leitor satisfeito e comovido, a ponto de não ser possível imaginar essa narrativa com outro desfecho. Esse conto, sem dúvida, embora inusual por sua temática e por seu tratamento na bibliografia do autor, vale o livro, e bastaria ele para consagrar um contista.

Mas os outros também valem, em particular essa obra-prima absolutamente original, não apenas em relação à obra do autor, mas original em relação à própria literatura, mesmo a dita “histórica”, ou envolvendo episódio histórico, que é “Os Enforcados”. Dir-se-á que a atração para a tragédia em Adonias Filho é tão determinante que ele vai escolher, para motivar a sua narrativa, justamente um episódio da História da Bahia que se pode, pelo número de condenados à morte e outras condenações, considerar ainda mais trágico

e mais impactante, do ponto de vista social e urbano, que a própria Inconfidência Mineira, ocorrida nove anos antes, de tão grande e tão justa repercussão na História do Brasil. Conhecida por diversos nomes, como Conjuração Baiana, Sedição de 1798, Revolta dos Alfaiates e Revolta dos Búzios, teve como ápice de sua tragédia o quádruplo enforcamento em 1799, mas foi uma sublevação que envolveu várias centenas de pessoas, com delação, processo, condenação, chibatadas em público, deportação para regiões da África que equivaliam a uma sentença de morte, além de prisões. Diferentemente do que sucedeu com a Conjuração Mineira, cujo processo foi transferido para o Rio de Janeiro, Tiradentes sendo enforcado no Largo da Lampadosa, fora de Vila Rica, portanto, todos os trâmites e a consequência final da revolta baiana ocorreram em Salvador, na mesma cidade dos envolvidos. Os quatro condenados à morte — havia um quinto, que fugiu — foram executados no Campo da Piedade, ali mesmo esquartejados, seus despojos expostos nas ruas da cidade, em locais por onde todos passavam. A criatividade do contista faz com que desloque um cego do Largo da Palma, àquela época vazio de casas e ainda sem calçamento, com a igreja já em atividade, mas necessitando reboco e pintura, até o local da execução, não para ver com os próprios olhos, porque é cego, mas para ouvir a narrativa do enforcamento dos quatro condenados. Dessa forma, tanto o cego quanto o próprio leitor, se não veem pessoalmente o trágico acontecimento, sentem-se envolvidos por ele, acompanhando-o passo a passo. O conto, que não expõe a tragédia, mas é inteiramente motivado por ela, começa e acaba no Largo da Palma. Tanto quanto “A Moça dos Pãezinhos de Queijo”, talvez até mais, este único conto consagraria um contista.

O destaque para essas duas narrativas dá-se por conta de sua originalidade, particularmente em relação ao próprio autor, na primeira o romantismo e o final feliz, e na segunda o conto de ambientação e motivação histórica, a recuar quase duzentos anos no tempo. Entretanto, as outras quatro são do mesmo nível estilístico e narrativo, com a tragédia a rondar a trama ou mesmo

motivá-la, porém sem a explicitação cruel de *Léguas da promessa*. São elas “O Largo de Branco”, “Um Avô Muito Velho”, “Um Corpo Sem Nome”, e “A Pedra”.

Em “O Largo de Branco”, a narrativa que, no livro, vem após “A Moça dos Pãezinhos de Queijo”, o amor e a bondade de Odilon prolongam, no espírito do leitor, o clima de calor humano da narrativa anterior. Odilon surge como o anjo salvador para Eliane, tanto quanto Célia, a moça dos pãezinhos de queijo, para o mudo Gustavo. As retrospectivas fazem com que se conheça todo o drama, toda a tragédia pessoal, todas as dificuldades, para justificar o epílogo. E o largo, palco da última cena, torna-se, de fato, “de branco”, como uma dupla simbologia, a cor que mais identifica o médico, e a pacificação. Trata-se, portanto, de mais um final feliz, mesmo que, desta feita, uma felicidade questionável, pois que uma volta a um estado muito anterior que, em sua época, gerara insatisfação. De qualquer forma, uma solução imediata para um problema crucial de sobrevivência, o que, em literatura, é final feliz, embora na vida nem sempre seja. O mesmo não se pode dizer de “Um Avô Muito Velho”, cuja solução apenas procura, do ponto de vista do personagem, cessar o sofrimento causado pela tragédia. Mais uma vez, o trágico autor não expõe cruamente a tragédia, ou a violência causadora da tragédia, como faz reiteradamente em *Léguas da promessa*, apenas a relata sumariamente, como se quisesse poupar o leitor da visão, em tempo real, da crueldade praticada.

“Um Avô Muito Velho” apresenta uma estrutura de enredo, com alargamento e aprofundamento, que daria margem ao pensamento da novela. A história narrada não é apenas do avô, o negro Loio, com a neta, Pintinha, e o que acontece a Pintinha, e a solução da tragédia que, por ironia do destino, fica nas mãos do avô. A narrativa vai ao passado, ao pai do negro Loio, à vida de Loio, a outro amor antes da avó de Pintinha, enfim, é uma história de quatro gerações condensada em poucos traços, mas suficientes para delinear o vasto painel no qual o último episódio

se insere, justificando-se todo esse retorno ao passado apenas para trazer a afirmação do primeiro amor do negro Loio, Aparecida, que lera nas cartas que ele tinha uma morte nas mãos. A retrospectiva, necessária para levar o leitor à profecia que acaba, aliás, por influenciar o personagem a cumpri-la, confere à curta narrativa, como ocorre em “O Largo de Branco”, um maior estofamento, a confundi-la com a estrutura aberta da novela, já que parece fugir da esfera ou elipse estabelecida para o conto. Entretanto, a sua extensão, como também ocorre em “O Largo de Branco”, não justificaria colocá-la no gênero novela, e as extrapolações ao episódio central, realizadas magistralmente em poucos lances fundamentais e sem pormenores inúteis, não empana em nada o famoso “singular efeito único”, de Poe, pelo contrário, compõe um conjunto histórico familiar que mais aumenta a carga emotiva do acontecimento final. Dessa forma, trata-se mesmo de um conto. Uma tragédia, sem dúvida, na histórica tendência do autor de *Léguas da promessa*, porém, como em “Os Enforcados”, mais noticiada que exposta, embora haja a cena, também trágica e chocante, da morte de Aparecida, em retrospectiva, e seja descrita com pormenores a cena final do avô, em cumprimento da sua decisão. Em “Um Avô Muito Velho”, ao contrário das narrativas de *Léguas da promessa*, nas quais os sentimentos que predominam são o ódio e o desejo de vingança, as peripécias vêm envoltas em sentimentos de grande afetividade, fazendo dessa obra-prima, apesar do seu caráter trágico, ou talvez por causa dele, uma contundente e impactante história de amor.

“Um Corpo Sem Nome” e “A Pedra”, as narrativas restantes da coletânea, não trazem qualquer característica que permita a discussão de gênero: são absolutamente contos. Na primeira, “Um Corpo Sem Nome”, uma cena presenciada no Largo da Palma, a morte de uma mulher por tóxico, leva à recordação de tragédia humana semelhante no passado, numa associação bastante convincente e que justifica o conto. Na segunda, “A Pedra”, a história de um garimpeiro que acha uma pedra

preciosa, enriquece, e, gastando tudo com bebida e mulher, retorna à miséria. Nas duas narrativas, a evidente maestria do autor, a transformar uma cena presenciada e um enredo muito simples e nada original em dois contos magistrais. O mais notável, entretanto, é a repetição da sensação de conjunto, já obtida em *Léguas da promessa*, fazendo do velho Largo da Palma, hoje um recanto quase esquecido da Cidade do Salvador, mais do que um simples cenário, um elemento agregador e motivador das seis narrativas. Se em *Léguas da promessa* são o ódio e a vingança as marcas dominantes, a estabelecer a violência explícita, a que se pratica diante dos olhos do leitor, em *O Largo da Palma* as tragédias não expõem as vísceras e o sangue, mas, ao contrário, suscitam a compaixão diante da infelicidade, a atitude solidária face à miséria e ao sofrimento humanos. Essa dicotomia da tragédia, como se pudesse ser encarada sempre de forma diferente, nas terras agrestes do Sul e na capital, talvez seja questionável, exatamente por tentar estabelecer diferenças de comportamento e sentimentos entre criaturas humanas de um e outro lugar, mas, afinal, é determinada pela visão e inspiração do autor.

Livros de ficções breves, em vida do autor, foram apenas esses dois, *Léguas da promessa* e *O Largo da Palma*. Em 2011, vinte e um anos após a morte de Adonias, o escritor Cyro de Mattos, estudioso de sua obra, mais tarde autor do livro *As criações de Adonias Filho*, editado pela Academia Brasileira de Letras na Coleção Austregésilo de Athayde em 2017, organizou um precioso volume que intitulou de *Histórias dispersas de Adonias Filho*, cuja edição ocorreu pela Editus, Editora da UESC, reunindo cinco páginas não inclusas nas duas coletâneas do autor, quatro delas publicadas em antologias e uma em jornal. Foram elas: “O Brabo e sua Índia”, “Amor no Catete”, “O Nosso Bispo”, “A Lição” e “A Volta”.

“O Brabo e sua Índia” parece uma narrativa deslocada de *Léguas da promessa*, pois bem poderia ter sido incluída naquele volume, não apenas pela qualidade de enredo e estilo, mas

principalmente por apresentar as mesmas características e os mesmos elementos daquelas histórias, a começar pelo cenário, Itajuípe em seus começos, sendo igualmente uma tragédia motivada pelo ciúme e pelo desejo de vingança. “Amor no Catete”, conto longo e dividido em quatro partes, a suscitar a repetida questão de conto e novela, demonstra, mais uma vez, a extraordinária capacidade de Adonias de renovar-se na ficção curta, ao lado da estranha obsessão pela tragédia: a factual, que motiva o episódio, mas que é apenas recordada em breve notícia, à semelhança dos contos de *O Largo da Palma*, e a de natureza íntima, a que leva o indivíduo à rendição, subjugado à inelutável condição humana. Trata-se de uma narrativa sutil e por vezes intimista — aqui a renovação —, a sugerir transgressões e desejos obscuros: no encontro de dois personagens, ambos miseráveis em suas circunstâncias e íntimas desventuras, ocorre uma insólita ligação, bem distante, aliás, do indicado “amor” do título. A terceira página recolhida por Cyro de Mattos, “O Nosso Bispo”, mesmo narrada em forma de conto, não é um conto, embora seja uma “história”, como, aliás, denominou o organizador da obra *Histórias dispersas de Adonias Filho*. Trata-se de uma longa crônica de memória e homenagem a Frei Eduardo José Herberhold, segundo bispo da Diocese de Ilhéus, de 1931 a 1939, e que o autor conheceu pessoalmente, guardando por ele uma confessada admiração. Sendo um livro de “histórias dispersas”, e tendo, a evocação, a alta qualidade narrativa e estilística de *Léguas da promessa* e de *O Largo da Palma*, foi um acerto incluí-la nessa coletânea. As duas narrativas seguintes, “A Lição” e “A Volta”, sem nenhuma dúvida dois contos, situam-se, ambas, claramente, na região cacauceira do Sul da Bahia, a região de Adonias, e trazem, como personagem central, uma criança em dolorosa experiência de vida. Teriam, essas duas narrativas, se assim o desejasse o autor, dado início a uma terceira coletânea de contos homogêneos em sua temática e tratamento, à semelhança das duas publicadas.

O notável é que, em apenas dois livros nada volumosos, com seis narrativas em cada um, e mais as cinco histórias dispersas afinal reunidas e publicadas, Adonias Filho, o consagrado romancista, se coloca também, de forma indiscutível, como um mestre da ficção curta, a contribuir com obras-primas do gênero para a literatura nacional.

## REFERÊNCIAS

- Filho, Adonias. *Léguas da Promissão*. São Paulo, Difel, 1982, 9ª Edição.
- Filho, Adonias. *O Largo da Palma*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.
- Histórias Dispersas de Adonias Filho*. Organização, prefácio e notas de Cyro de Mattos. Ilhéus, Editus – Editora da UESC, 2011.

---

Aramis Ribeiro Costa, baiano de Salvador, é autor mais de duas dezenas de livros de literatura, entre eles *Uma varanda para o jardim*, romance, 1993; *O Corpo caído no chão*, romance, 2018; e *Memória de Itapagipe – anos 50 do século XX*, 2018. Foi membro efetivo do conselho Estadual de Cultura da Bahia. É membro efetivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, do Instituto Genealógico da Bahia e da Academia de Letras da Bahia, desde 1999, Cadeira número 12, tendo sido presidente da ALB em dois mandatos, 2011-2013 e 2013-2015.



## AVENTUREIROS DO APOCALIPSE

GERANA DAMULAKIS

**S**e procurarmos o sentido denotativo da palavra apocalipse encontraremos o seguinte: “qualquer dos antigos escritos judaicos ou cristãos que contém revelações, em particular sobre o fim do mundo, e apresentadas, quase sempre, sob a forma de visões”, e neste caso a inicial será maiúscula, mas há o sentido, dito por extensão, que assim define o termo; “obra ou discurso obscuro, escatológico, aterrorizador”. O conto de Carlos Ribeiro, “Aventureiros do Apocalipse” é uma andança, um deslocamento constante de alguns rapazes que vivem a inconsequência da juventude, assim como quem ruma ao apocalipse. Não é obscuro nem escatológico, mas pode haver algo de aterrorizador no ir e vir envolvente, tal como faz um Ernest Hemingway, carregando o leitor nas suas aventuras. É fácil cair no embalo de desbravar estradas retas e empoeiradas.

“Aventureiros do Apocalipse” foi o título do conto escolhido para ser o título da coletânea que traz nove *short stories* – termo usado só para lembrar o modo como nosso saudoso contista Hélio Pólvora gostava de se referir ao gênero. Há seis contos que participam de antologias e revistas e, por isso, dada a hierarquia, o olhar será primeiramente para eles. Retirado da antologia *Contos cruéis: as narrativas mais violentas da literatura brasileira contemporânea* (2006), organizada por Rinaldo de Fernandes, o conto “O segredo” é um exemplar do tipo de história contada com maestria, segura dos momentos certos para incitar o leitor e envolvê-lo para que siga a leitura com ansiedade; isto porque, de uma conversa do personagem, que não pretendia ter consequências, surge toda a trama violenta. Apreciar a construção do conto

“O segredo” é um prazer estético, mas haverá o mesmo tipo de prazer na leitura de ‘Imagens Urbanas’, conto que está na antologia *Geração 90: manuscritos de computador* (2001), organizada por Nelson de Oliveira. Vale acrescentar sobre “Imagens urbanas”, não apenas a apreciação do modo como o conto é elaborado, porque este é o conto para o qual o leitor vai querer tirar o chapéu: é uma obra-prima. Já “O fugitivo dos sonhos” vem de uma revista de ficção científica *Portal Solaris* (2008), o que, de saída, já mostra o que se pode esperar. Não é realismo mágico, pois este, segundo David Lodge, traz uma ligação tensa entre o real e o fantástico, enquanto no surrealismo a metáfora torna-se o real e apaga o mundo da razão e do senso comum, daí que a analogia favorita dos surrealistas, e muitas vezes a fonte de sua inspiração, sejam os sonhos, onde, como Freud demonstrou, o inconsciente revela seus desejos e temores ocultos em imagens vívidas e sequências narrativas que transcendem a lógica da nossa vida em vigília; nosso escritor Carlos Ribeiro soube escolher um sonho que o leitor sentirá empatia, mas não darei *spoiler*. O conto “A mais linda paisagem do mundo” saiu na *Revista da Academia de Letras da Bahia*, n° 55 (2017) e foi logo causando encantamento porque, além de divertido, muito divertido, tem a capacidade de facilmente levar o leitor a participar da reuniãozinha: é adorável, mas é interessante procurar sentir além do divertimento, há um outro conto nas entrelinhas. Os outros dois, dos cinco contos, já publicados anteriormente, são homenagens a grandes escritores: “Traços cenográficos de Salino Lalãthiel”, em *Quartas histórias: contos baseados em narrativas de Guimarães Rosa* (2006) e “Minha boa senhora”, em *Capitu mandou flores: contos para Machado de Assis nos cem anos de sua morte* (2008). Ambos alcançam o almejado, ou seja, homenagear nossos grandes escritores. De “Traços biográficos de Lalino Salãthiel ou A volta do marido pródigo”, de Guimarães Rosa, Carlos Ribeiro soube tirar engenho, pois aproveitou o fato de Lalino, com suas segundas alusões a peças de teatro, ainda que quase não tenha visto

peças, parecer constantemente representar, seja na maneira de falar, seja no que faz, com o intuito de sair-se sempre bem. Há um personagem, diretor pós-moderno, responsável, de alguma forma, pela narrativa igualmente em dois atos, que levou a homenagem para um alto nível: é um conto bem sucedido. Para trazer Machado, a lembrança é o conto “O enfermeiro” que, na arte de Carlos Ribeiro virou “Minha boa senhora”.

Chegam os inéditos, escritos ao longo de vinte e cinco anos, segundo o autor: “Aventureiros do Apocalipse”, “Cornélio”, “O enviado”. Como, por conta do título, “Aventureiros do Apocalipse” foi abrindo este texto antes mesmo dos contos não inéditos, restaram “Cornélio”, uma história com um suspense incrível, pois que é um suspense em torno de sentimentos, e “O enviado”, outra história inesquecível e triste, afirmando o valor das aparências que se tornam tão importantes a ponto de reduzir o ser humano ao que há de terrível: sua própria superficialidade. Se o escritor precisa, e deve, suscitar reações no leitor, eis um exemplo e tanto de uma história impactante porque mostra a nossa mesquinha visão do outro. Acertando em cheio nosso coração e nossa razão, Carlos Ribeiro conduz seu leitor ao centro do jogo da vida, tratado em cada conto, às vezes com sutileza, outras vezes com ironia e, ainda, outras vezes com a verdade totalmente estampada na frente do leitor, sem medo de mostrar a realidade crua e cruel.

As narrativas curtas contemporâneas formam um panorama extenso dos desatinos, da falta de acertos e demais traços das relações com suas mudanças nas últimas décadas. Com competência evidente, capacidade linguística e habilidade formal, trazendo divertimento ou crueldade, tocando a emoção ou a humanidade que ainda resta em nós, o olhar sobre o cotidiano é um olhar sagaz de um escritor experimentado como Carlos Ribeiro, haja vista o grande conto ‘Imagens urbanas’. Com mais de uma dúzia de títulos em vários gêneros, todo livro que é lançado por Carlos pode conter sempre além do esperado. Por exemplo, em *Aventureiros do Apocalipse*

não se encontra apenas o que há de infernal no ser humano, pois o humor surrealista pode compor uma gente comum, ou seja, personagens instigantes com seus ânimos variados: o universo abarcado é invariavelmente rico, porque rica é a aptidão do escritor.

Sempre mais útil, proveitoso ou necessário, do que um texto sobre um livro é exclamar simplesmente sobre os contos: leia-os!

---

Gerana Damulakis ocupa a cadeira n° 29 da Academia de Letras da Bahia e a cadeira n° 17 da Academia de Letras e Artes Mater Salvatoris



## A FESTA DO SONETO COM JOÃO CARLOS TEIXEIRA GOMES

CYRO DE MATTOS

Para o filósofo Heidegger, em *Da experiência do pensar* (1968), o homem é pensar e dizer. É que, nesse ser-estar,

o homem habita sobre a terra e sob o céu, diante dos divinos, os mensageiros da Divindade, potência sagrada, e na comunidade dos homens, isso é, os mortais. (in p. 11)

Pensar é determinado pelo dizer. E este dizer é tradução das coisas. Permite ao homem realizar-se como um ser poético, mágico que retira a cegueira da matéria, dá-lhe fundamento, inaugurando novos sentidos do mundo. Revela-se com a medida de sua habitação na linguagem. Dizer poético é habitação, construir, fazer surgir, erguer, formar, na referência do homem com os seres e as coisas. Traço fundamental de ser entre céu e terra, divinos e mortais. O poeta conduz este ser como é entre os opostos, vida e morte, sim e não, ser e não ser. Pelos ventos contrários, caminha no mundo e estabelece a dialética da passagem. Fernando Pessoa anota que ser poeta era a sua maneira de estar sozinho.

A poesia está em tudo. Só o poeta a ergue no poema como testemunho de sua experiência no existir. Exibe a sua capacidade de fazer emergir, revelar, transcender. Há poesia nos seres e coisas, o poema é a verbalização de uma experiência de vida. O conduto provido de meios em que combina elementos formais e sentidos. Ritmo, sons, cores. Signos, metáfora, ideia.

Há poema sem poesia, apenas o artefato ditado por regras, o discurso sem o necessário conteúdo de sentimento de mundo, que só o legítimo poeta consegue lograr do que pretende dizer, ao dar nova significação ao mundo. Sem razão lógica e razão mágica, aquilo que é próprio do homem, emana do poema tão somente o arcabouço de regras. O poema não é erguido, permanece no vago. Na corrente da natureza flagra-se a poesia sem o poema. Poesia e poema quando se encontram, movimentam o dizer com unidades rítmicas para culminar na ideia, feixe de sentimentos rebeldes às definições. A poesia é inexplicável. O poeta Carlos Drummond de Andrade ressalta que procurando bem você encontra, não a razão (inexplicável) da vida, mas a poesia (inexplicável), que está no mundo.

Nessa corrente energética que emana da natureza, a poesia acontece sem o poema. Este é constitutivo no jogo em que entra a razão e a emoção, fundamenta-se na linguagem, que é a morada do Ser, a poesia mora na asa. Emana na ação de fazer com as palavras com vistas à criação do mundo vertido de sonho. O poeta escuta e canta, opera a união do que é visto, imaginado, e aparece no ser revelador, mensageiro do Ser.

A poesia na expressão do poema é conhecimento e enigma, cultivo e produção da parte noturna do que somos. Se tudo for engano, sonhar é sabê-lo, diz-nos Fernando Pessoa, nos rumores e clamores do mundo, vincado no instante mágico de libertação do ser, riscado no eterno. Com o poema erguido, o homem pretende tornar-se perdurável como ser imerso na temporalidade do que permanece e se desfaz.

Para Octavio Paz, a poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal.

Com o notável ensaísta mexicano, que trouxe relevante conhecimento sobre a compreensão da poesia, com o seu clássico *O arco e a lira* (2012), o poema é respiração, exercício espiritual,

*Ali, em pleno salto, o homem, suspenso no abismo, entre o isto e o aquilo, por um instante fulgurante é isto e aquilo, o que foi e o que será, vida e morte, num ser-se que é um pleno ser, uma plenitude presente. O homem já é tudo o que queria ser: rocha, mulher, ave, os outros homens e os outros seres. É imagem, casamento dos opostos, poema dizendo-se a si mesmo. É, enfim, a imagem do homem encarnado no homem. (p. 187)*

Da leitura de *O labirinto de Orfeu* (2014), não se fica imune à magia e inventiva febril do poeta João Carlos Teixeira Gomes, sonetista dos melhores na tradição da literatura ocidental. Seu livro é uma reunião de 145 sonetos, que se distribuem em três divisões: Canteiro da Tradição, Quatro Sonetos Diante do Corcovado e A Permanência da Forma. Traz como prefácio o longo ensaio Teoria e Prática do Soneto. Da fatura desses sonetos esplêndidos, vê-se engenho e arte, razão e emoção nos embates que a musa possibilita, a pescadora de agonias, poderosa mulher que inspira os céus, dos quais brotam versos com fulgores de amante em que tudo se concilia e entra em compasso. Há uma milagrosa combinação de acentos de natureza diversa, vozes íntimas e estranhas, consoantes e vogais que convertem a frase como canto e música, tornando o poeta no fado irredimível o duplo de Orfeu. .

O soneto é uma forma fixa de poema com quatorze versos, dispostos em dois quartetos e dois tercetos. O último verso é tido como “chave de ouro”, devendo surpreender e encantar com a sua revelação no desfecho. Nessa propriedade de fechar o soneto com chave de ouro, o último verso sustenta a ideia conduzida nos anteriores.

A paternidade de sua criação é atribuída a Pier della Vigna (1197-1249), poeta siciliano, embora a primazia da invenção seja

atribuída a outros nomes, segundo os estudiosos. O soneto foi introduzido em Portugal pelo poeta Sá de Miranda, no século XVI. Atravessou anos na península ibérica com a sua magia e capacidade de surpreender e fechar com louvor o último verso.

O primeiro grande poeta a cultivar o soneto foi Dante, mas coube a Petrarca dar-lhe forma e conteúdo, imprimindo-lhe uma fisionomia própria, autônoma na estrutura modelar. Combatido pelos vanguardistas, os protagonistas da Semana da Arte Moderna de 22 não lhe pouparam depreciações, alardeando-se a indignação “fora a gaiola”, além de outras referências nada agradáveis. Sua febre imperceptível fez com que atravessasse séculos, permanecesse até hoje reverenciado com fidelidade por poetas modernos, com vistas a atingir o nível superior da alma, como resultado do micro que logra o máximo na criação expressiva do poema. Em breve espaço operacional da criatividade, assim sustenta o ser em estado súbito da comoção. Essa cristalização de ideias em tão estreito formato de dizer poético manifesta-se no sonetista baiano João Carlos Teixeira Gomes como um exemplo positivo de criatividade poética, além de si e dos limites.

Essa forma de construção poética breve possui duas linhagens: a de Petrarca, composta de estrofes com dois quartetos e dois tercetos, e a inglesa, com três quartetos e um dístico. A língua portuguesa ganhou em beleza e modulações rítmicas, através do verso decassílabo usado no soneto, considerado como o mais melodioso e harmonioso. Mas não se pode esquecer que há uma variação silábica na confecção dessa criatura minúscula, chegando ao ponto de ser encontrada até mesmo com um só verso na poesia modernista de Cassiano Ricardo, que alia virtuosismo experimental à beleza.

Nascem poetas que se tornam famosos com suas motivações expressas em poemas de fôlego, de verso extenso, mas que nem por isso deixam de cultivar o soneto. Lembremos de Dante, Gôngora, Quevedo, Garcilaso, Camões, ontem, Ronsard e Mallarmé depois, Pablo Neruda mais recente.

Na tessitura do poema, com vistas a um legado de dimensão necessária, ocorrem poetas que duram pouco tempo no mundo da poesia, saindo de cena cedo com o timbre peculiar de seu discurso, mas levando com ele como pontuação de sua obra os sonetos.

Na língua portuguesa, o soneto tem sido cultivado por poetas que se tornaram referência obrigatória na arte difícil e delicada de armar a boa poesia, para celebrar a vida e a morte. Em Portugal são exemplos: Camões, Bocage, Antero de Quental, Fernando Pessoa e Florbela Espanca. No Brasil: Gregório de Matos, Cláudio Manoel da Costa, Bilac, Cruz e Sousa, Augusto dos Anjos, Jorge de Lima, Sosígenes Costa, Carlos Pena Filho e Vinicius de Moraes. Entre nós baianos ressalvem Ruy Espinheira Filho, Afonso Manta e João Carlos Teixeira Gomes, entre outros.

Em ensaio percuciente, que antecede aos não menos excelentes sonetos do livro *O labirinto de Orfeu*, o ensaísta e poeta João Carlos Teixeira Gomes refere-se aos dois epítetos “sonetoso” e “sonetífero” criados como galhofa contra os autores de soneto. Registra uma série de expressões em desfavor das andanças do rejeitado poema de quatorze versos: “refúgio da decadência”, “gaiola da inspiração”, “bestialógico acadêmico”, “muleta da má poesia”, “cabresto da criatividade”, “onanismo poético”, “barbitúrico para insônia”, “sucedâneo de palavras cruzadas”, “museu do bolor formalista”, “chavão de segunda ordem”, “formalismo oco e vazio”, “museu de velharias passadistas”.

Não obstante o comportamento contundente dos que desfazem de imbatível criatura nanica, sua garra permite que continue de pé, ínfimo caminhante do sol e da chuva nos seus modestos passos de quatorze versos, buscando em sua peripécia métrica e feitiço do imaginário atingir o ponto máximo do prazer na alma. Segue indiferente às acusações e atropelos da legião de fanáticos, que não o aceitam, sob qualquer hipótese. Teima em habitar com seus lampejos líricos a floresta

dos poemas maiores, de poetas célebres com suas criações em versos longos, eloqüente quantidade de estrofes.

É dado a formar uma sequência quando vários poemas são ligados entre si por uma concepção e execução magistrais do tema, como se deu com os cento e cinqüenta e quatro sonetos de Shakespeare. Outra de suas proezas quando escrito em sequência é formar a coroa de sonetos, uma forma poética composta por 15 sonetos, que têm ligação entre si por um tema. Os primeiros e últimos versos são versos de um outro (décimo quinto) soneto, denominado soneto-base, ou soneto-síntese.

Em *labirinto de Orfeu*, João Carlos Teixeira Gomes reafirma as qualidades de poeta expressivo, com maiúscula, que sabe a proeza da inspiração como manifestação da ‘outridade’ do homem. O soneto em suas mãos até certo ponto divinas, é instrumento legítimo que se torna poema indelével de quem sabe arrebatrar delírios, construir paixões, cultivar ilusões, carregar fardos, cair em desterros, colher perdas, erguer perjuros, encantos, vazios. De maneira impressionante, o soneto aqui abre-se à participação de um acontecimento festivo, raro, rico, exuberante. A recepção poética possibilita ao leitor a recriação do instante original. Transmuda-se o soneto em uma festa de imagens opulentas, uma comunhão do saber aliado à beleza para ser, espriar na vida as zonas encantatórias do poder ser. É visível que o seu procedimento fulgurante faz pensar no homem como resultado de outro ser, pleno de brilho na dimensão forjada de transcendência com assento em apetites e desejos. Dotado dessa voz estranha, em cuja inspiração tira o homem de si mesmo para ser tudo o que é, percebemos que o desejo posto na festa lustrada com ritmos de versos esplêndidos é de um legítimo poeta recriador de arquétipos, modelos, mitos. De algo que se confunde com cada um de nós, sendo evocação, recriação de uma experiência que ressurgiu de uma senda que está dentro do lado noturno de nós mesmos.

Muitos desses sonetos de *O labirinto de Orfeu* são joias raras. Usado nos moldes clássicos do decassílabo, o soneto do excelente poeta baiano opera com os hábitos do delírio, sonho, cantares de uma lira sempre tocada com as notas de unidades rítmicas com vistas ao alcance da imagem, a qual lateja a sensação de que poetizar é criar com as palavras, fazer poema com significação, mesmo que essa imagem do mundo transmitida pelo poeta custe a ele a indiferença aos seus sonhos constrangidos, abafados no clamor de seus gemidos.

Sonoridade que serve como vínculo do verso para salientar a significação, unidade rítmica que sustenta a ideia fluindo na estrofe como música, ardência que soa na rima com vibrações da palavra tradutora de inventiva rumorosa, que emana com luzeiros e fulgores, procedidos como hábitos e atitudes do poeta eficaz. São algumas marcas recorrentes do discurso desse notável sonetista, que não se intimida em adjetivar a substância constitutiva do conteúdo em cada verso. Na sua experiência de sonetista competente, tudo isso acontece como um fato natural, de facilidade constitutiva, caracteres que por serem hábitos antigos instaura uma técnica que não exerce funções de iludir com o efeito ao leitor desprevenido. Não é adorno nem arranjo. Trata-se de atitude essencial na maneira de expor os movimentos da estrofação, assentada na cadência das unidades rítmicas, que não se desenvolvem como artimanha, no pior sentido. O sonetista sabe converter o artefato em sedução de lances primorosos. Nas artes de iludir com a lira, o exímio domador de frase na estrofe de dez versos toca a alma com ventos que se confundem com os seus próprios laços, recorrências constituídas de dons propícios.

Navegador de agudas águas, timoneiro nas ondas como sonho, a festa do soneto nesse poeta baiano não é fuga vulgar, maneirismo, pelo contrário, evento que se irradia festivo, como “incenso da vida, no real atormentada.” E porque faz em belos momentos do sonhar a sua enxada, “à glória de colher está

propenso quem mais souber lavar a terra alada.” Penitente que se impõe ao sacrifício, nesta saga doída e perdida, o poeta encarna-se nas batalhas do amor, submete-se aos tormentos do mistério. Como escravo da fiandeira do caos tem o peito levado aos desaprumos. Com a amada impune, tem a consciência de que essa astuta tecelã das doces malhas “vem da força do amor que prende e une”, do feitiço que espalha.

Prisioneiro de ânsias rumorosas, servo dessa mulher com finos dedos na tessitura de suas malhas, qual musa floral da rosa apeteçada, o poeta, guardador de segredos que seduzem, sabe a beleza que ergue da vida o autêntico poema, com o instante luminoso riscado no eterno. Consegue grandes feitos com versos que são puras fantasias, falam da emoção no tempo que se repete, nunca para, nunca cansa, enche os silêncios reconhecidos no enigma, no obscurecimento do mundo. O sonetista exímio tem a dignidade de cantar e pensar com a ideia, pois está convencido de que a razão e a emoção são como os troncos vizinhos do poelar.

Inspiração e transpiração na dor presenteiam ao sonetista o seu vigor, plasmam com sabedoria o labirinto que esse Orfeu baiano caminha por entre tormentosa lida, sabedor que é como poucos do viver que está no logro da paixão, nesse amor que foi o sonho compartilhado pelo qual se tornou o duplo do amado por Eurídice.

Por castigo do fado que o faz cantor prisioneiro, o sonetista surpreendente em rimas e imagens comove o coração de quem o recita. Os seus cantos mais que perfeitos, que espantam com as tragédias, dramas e comédias, são como as chamas da paixão que o sujeitam, funcionam como frutos amadurecidos nas estações da vida e morte, de tudo que sobreleva à flama do viver que não perdura.

Há nesse labirinto de Orfeu, que João Carlos Teixeira Gomes ergue com mãos de mestre, o reconhecimento de que o soneto não é uma camisa de força, mas harmonia plena que a

beleza atinge com uma rica combinação de signos, símbolos, mitos, arquétipos, unidades rítmicas, rimas, sentidos, um milagre do poema que é erguido com arte, engenho, alma e vigor perante a existência. Talento que se apresenta com uma eficiência espantosa. No resultado final da imagem presta-se ao fogo do amor, que cresce como luz na treva.

### Leituras Sugeridas

CARLOS Teixeira Gomes, João. *O labirinto de Orfeu*, Ttopbooks Editora, Rio de Janeiro, 2014.

HEIDEGGER, Martin. *Da experiência do pensar*, Editora Globo, Porto Alegre, 1968.

PAZ Octavio. *O arco e a lira*, Editora Cosac Naify, 2012.

---

Cyro de Mattos é autor de mais de 50 livros, de diversos gêneros. Editado também no exterior. Premiado no Brasil, Portugal, Itália e México. Membro Efetivo da Academia de Letras da Bahia e Pen Clube do Brasil. Primeiro Doutor Honoris Causa da Universidade Estadual de Santa Cruz (Bahia).



## APOLLINAIRE, MITO COM DUPLA FACE

FLORISVALDO MATTOS

*Como do elefante seu marfim!  
Tenho na boca um bem precioso.  
Púrpura morta!... Minha glória  
Compro com verbo melodioso.*  
(Apollinaire, “O Elefante”)

A febre do novo na arte e na literatura que contagiou praticamente todas as décadas do século passado, traduzida em vários “ismos” – fauvismo, cubismo, futurismo, expressionismo, dadaísmo, surrealismo, modernismo, concretismo, tropicalismo –, parecendo ainda resistir nas primeiras deste século, deve muito a um poeta abatido pela epidemia de gripe espanhola que arrasou a Europa e assustou o mundo, há mais de um século: Guillaume Apollinaire (1880-1918).

Não é por acaso que Apollinaire esteja citado, textualmente e em francês, no manifesto da poesia concreta, de 1956, quando seus autores, Haroldo e Augusto de Campos, mais Décio Pignatari (CAMPOS et al. 2006) tiveram de revelar a inspiração “concreta” de sua pregação de um método não lógico-discursivo, mas fundado numa justaposição direta-analógica de compor poesia: “*il faut que notre intelligence s’habitue à comprendre synthético-deografiquement au lieu de analytico-discursivement*”, em favor de uma conexão direta entre as palavras.

A celebridade de Apollinaire se projeta em duas frentes. Começa com a que se associa à sua obra em verso, imposta a partir da publicação de *Alcools* (1913), contendo poemas que descortinam um novo horizonte para a poesia, principalmente com o célebre

poema “Zone”, que abre a obra e introduz um elemento doravante fundamental da poética moderna, a supressão de todos os sinais de pontuação na forma de compor, recurso então ainda raro na poesia, embora antes algumas vezes praticado por Stéphane Mallarmé (1842-1898). Esse desígnio ainda mais se acentua, quando publica os famosos *Caligrammes* (1918), em que o poeta trabalha com uma sintaxe espacial, introduzindo sinais gráficos e aplicando à poesia fórmulas de valor *plastique*, que o conduzirão a um lirismo visual.

### Gênios se encontram

A presença de Apollinaire na Paris do início do século 20 é indissociável da erupção das vanguardas artísticas, que mantém uma frutífera interface com a poesia. Nesse aspecto, há um episódio paradigmático, cujas circunstâncias, ao a ele referir-se, André Billy (1882-1971), que conviveu de perto com Apollinaire, lamenta “não tenham sido preservadas”. Certo dia, num bar da estação Saint-Lazare, em Paris, defronta-se o poeta à mesa com um jovem pintor espanhol, de cabelos negros e olhos em brasa, no qual lhe agradavam o acento exótico e a negligência do trajar. De repente se falam:

– Eu me chamo Apollinaire...

Ao que responde o pintor:

– Eu me chamo Pablo Picasso.

Ficou para adiante a imensurável importância desse encontro quanto à afirmação e ao futuro da arte moderna. Para André Billy (1956), depois desta cena, “a arte e a poesia modernas não seriam hoje o que são; Apollinaire e Picasso foram chamados a se conhecer um dia, num tempo qualquer”.

Naquele momento, Picasso e Georges Braque estavam envolvidos com a criação de uma nova arte, para cujo êxito a faceta de crítico e esteta de Apollinaire foi essencial – o cubismo. E nada doravante seria mais o mesmo, nem o próprio século, com a grande guerra que se avizinhava.

A arte de Apollinaire, antes presa a fórmulas simbolistas, principalmente verlaineanas, começou a mudar, devido a um extremamente proveitoso intercâmbio espiritual na convivência com o grupo de jovens artistas e poetas, que André Billy (1956) define como “ousados, também liberados e aventureiros”, que se reúnem no ateliê de Picasso, o depois célebre Bateau-Lavoir, entre os quais Braque, Juan Gris, Constantin Brancusi, André Derain e André Salmon, entre os plásticos, e Max Jacob e Gertrude Stein, escritores, aos quais apresenta nada menos que o primitivo Henri (Le Douanier) Rousseau (1844-1910).

Para aquele endereço, como um novo Renascimento, convergiam, vindos de várias partes da Europa, todos os que estavam à busca de romper com o arrocho das tradições, convergência que resultava na aproximação e entrelaçamento de todas as artes. Respirava-se um novo oxigênio à procura de um novo código de expressão poética e plástica.

“Guillaume Apollinaire se torna logo uma das figuras marcantes deste pequeno mundo pitoresco e turbulento para quem todas as ocasiões são uma garantia de boas reuniões em cervejarias e restaurantes”, recorda André Billy (1956). É a partir daí que começa a escrever a série de artigos de pregação do “espírito novo”, depois enfeixados em *Les Peintres Cubistes* (“Os Pintores Cubistas”, de 1913), fundamentais para a afirmação da nova arte, nos quais defende, segundo Pierre Clemens (1984),

*[...] incansavelmente e com inteligência, a nova pintura, graças a um conhecimento, a uma compreensão precisa das opções plásticas, em frontal oposição à crítica oficial.*

### Jamais um destruidor

Compondo o portal da modernidade e tendo Apollinaire como seu guardião, a vantagem dessa pregação estética é que ela trazia em suas nervuras mais íntimas um sopro forte de audácia e crença, anunciador e provocador de surpresas,

que não renegava nem o romantismo nem o simbolismo, características do século anterior e das suas revoluções, industrial e urbanística. Numa carta a André Billy, assinala Clemens (1984), o poeta dirá,

*Nunca me apresentei como destruidor, mas como construtor... Quis simplesmente acrescentar novos espaços às artes e às letras em geral, sem jamais desconhecer os méritos das obras-primas verdadeiras do passado e do presente* (NOTA 1, de rodapé).

A exemplo de Paul Cézanne, Apollinaire bem sabia o que ameaçava a ele e a Picasso: a incompreensão generalizada e a miséria. Mas, nem por isso, o ânimo de ambos refluíu na pregação do “espírito novo”, ao qual o poeta atribui a surpresa de sua energia essencial. “Explorar a verdade, buscá-la, mais ainda no campo étnico, por exemplo, que no da imaginação, eis as principais características desse espírito novo”, ditava ele, o que guardava uma indisfarçável herança do romantismo, mas a que, segundo André Billy (1956), não deveriam faltar “sólido bom-senso, espírito crítico seguro, ampla visão sobre o universo e a alma humana, senso de dever refreando os abusos do sentimento”, herança clássica, e compreensão que não deixava de reportar-se também a Charles Baudelaire, um de seus espelhos.

Por isso, grande parte de sua obra permanece imorredoura. Há alguns anos (2003), no Brasil, além de frequentes evocações e recensões que ocorriam na Europa, principalmente na França, já que ele, filho de mãe polaca e pai italiano, viveu em Roma, Mônaco, Nice, Cannes, Lyon e Paris, a Editora Unesp publicava um substancial ensaio de Silvana Vieira da Silva (Amorim, 2003), professora de língua e literatura francesas, *Guillaume Apollinaire: fábula e lírica*, para o que considerou importantes muitos dos episódios de sua vida, que “deram origem a poemas, contos e peças, sobretudo aqueles que dizem respeito à conturbada vida amorosa do poeta”, sublinhando seus “lampejos de modernidade”, tudo o que para ela adquiria importância “para a história da lírica moderna e para a própria evolução do poeta”, a que juntava uma representativa coletânea de poemas.

A poesia, que, segundo ela, Apollinaire tinha na conta de eterna, reflete a ação e a própria imagem do poeta:

“Sua figura e seu comportamento diante da literatura lembram o deus Jano, de duas faces, uma voltada para o futuro, e a outra para o passado” e, com isso, “vislumbra o futuro, a partir do seu presente”.

### Morte com humor

Restou um rastro de ironia do destino e de anedota, no caso de Apollinaire: fulmina-o a gripe espanhola, em 9 de novembro de 1918, antevéspera do Armistício, precisamente sete dias após ter escrito em *Europe Nouvelle* uma crônica na qual deplorava a morte de um jovem poeta, hoje inteiramente esquecido, Justin-Franz Simon, vítima da epidemia que devastava o Continente, e seis meses após contrair casamento com Jacqueline Kolb, na igreja de São Tomás de Aquino, em 4 de maio, a “bela russa”, de seu poema “La Jolie Rousse” (*Calligrammes*). No dia do enterro de Apollinaire, caso de humor negro, de nítida inspiração dadaísta, uma multidão atravessa o féretro, gritando: “*A mort Guillaume!*” (“Morreu Guilherme!”), para logo se esclarecer que o brado se referia ao desenlace do Kaiser Guilherme, da Alemanha em guerra, não ao patrono das vanguardas.

As exéquias foram celebradas na igreja de São Tomás de Aquino e, a seguir, o corpo levado ao cemitério Père-Lachaise (NOTA 2, de rodapé).

Pierre Clemens (1984) classifica-o duplamente de poeta da continuidade (“criador de valores, novo sacerdote, que dá sua autenticidade à vida”) e poeta da renovação, pela descontinuidade, que faz entrechocarem-se visões conotativas do passado com as de seu presente, e pela simultaneidade, que permite assumirem o cenário as conquistas e invenções da modernidade (automóvel, avião, rádio, cinema), numa Paris onde a Torre Eiffel é o novo símbolo, consentindo que uma nova

expressão poética adquira, pela imagem, “uma existência autônoma, libertando-se da retórica”.

“Assim nasce a poesia moderna liberada dos quadros lógicos do pensamento, os versos podem alongar-se, podendo mesmo reencontrar a prosa, tendo primordialmente a função de suporte da imagem. No que diz respeito às rimas, o poeta preferirá antes ouvir seus versos do que submetê-los a regras” (Clemens, 1984).

Está aí traçado o roteiro para o surrealismo, a nova corrente estética que André Breton e Louis Aragon patrocinarão depois de conviverem com ele, que retornava ferido da guerra (1918, ano da morte de Apollinaire), no Café de Flore, onde pregava a retomada das atividades culturais sob os signos de uma nova linguagem, mais uma vez rodeado de jovens poetas e artistas. E eles próprios dão ao novo movimento o nome de surrealismo, em sua homenagem, palavra tirada do prefácio de sua peça *Les Mamelles de Tirésias* (“Os Seios de Tirésias”, 1917), que ele definia como drama *surréal*, para se tornar doravante cartilha das letras e das artes.

Não obstante, esse vínculo cultural, amistoso e estético teria se diluído posteriormente em impressões e comentários de que os surrealistas se negavam a reconhecê-lo como fator determinante da origem do movimento; nem mesmo a palavra que lhe dera nome teria sido originada de um enunciado verbal de Apollinaire. No entanto, em artigo para a revista *Le Nouveau Magazine Littéraire*, em edição de outubro de 1918, com parte substancial dedicada ao centenário da morte de Apollinaire, a escritora Laurence Campa (2018), também sua biógrafa, encarregou-se de esclarecer tal infâmia.

Segundo ela, remontando-se a uma entrevista radiofônica de 1952, o líder do surrealismo, André Breton, antes de concluir, reverente, que Apollinaire fora “o lirismo em pessoa”, que “sobre seus passos arrastava o cortejo de Orfeu”, concluía, em resposta ao entrevistador: “Ele foi um enorme personagem,

em tudo que eu jamais vi depois. Um bravo, é a verdade”. Para ele, Apollinaire foi um “considerável visionário”, ao que Laurence Campa (2018) observa:

“Dito isso, Breton faz de Apollinaire o último Poeta maiúsculo, o monumento lírico por excelência, que, ajudado pela guerra, enfeixa uma era plurissecular de tradição poética, a que o surrealismo venturosamente pôs fim”; ao que ajunta, como arremate: “Breton foi preciso. Apollinaire encarna em seu tempo e para nosso tempo a tradição lírica que, sem desagradar o surrealista, continua a enervar a criação poética. Colocado sob os auspícios de Orfeu e de Apolo, ele uniu o eterno ao transitório, o singular ao plural. Único, universal, ele é, quase sempre, encantador, músico, franco-atirador, condutor, farol e baliza” (Trad. nossa).

A própria revista torna patente a persistência da aura de Apollinaire, quando o caracteriza como um best-seller em poesia, divulgando as tiragens das edições de seus livros. A de *Alcools*, desde o seu aparecimento em 1966 pela Gallimard: 1,5 milhão de exemplares; a partir de 1975, *Oeuvres poétiques d'Apollinaire*, venderam 159.000 exemplares, e outras de suas coleções, nada menos que 300.000 exemplares. Não há como não reconhecer que a aura de Guillaume Apollinaire prossegue intrépida e fulgente.

### Unanimidade discutível

Apesar de reconhecida a sua forte influência na erupção artística e na literatura de inícios do século XX, inclusive no que se refere ao impulso modernizador das vanguardas, Guillaume Apollinaire não parece gozar de unanimidade, como criador literário e artístico, principalmente como poeta sujeito às relatividades do momento vivido, o do desabrochar de imperfeições por ele veneradas, abraçadas, como serem de pensamento e ação, repassadas a seus contemporâneos.

Basta-me, como referência, um desses seus críticos, o argentino Jorge Luis Borges (1985), que lhe dedicou um corrosivo ensaio (*La paradoja de Apollinaire*, J. L. Borges, 1946). Para ele, a obra de Apollinaire padece das extravagâncias da literatura francesa que a vinculam à sua própria história, apresentando-se, em todo o seu curso, salpicada de escolas, manifestos, gerações, vanguardas e, entre outros, rótulos de direita e esquerda, “com admirável e clara consciência dos tristes perigos dessa aventura”, em que mergulham poetas e prosadores. Por aí, conclui Borges que, em geral, o valor da obra do célebre poeta, como um dos impulsionadores da Modernidade no século XX, “é mais documental do que estético”.

Como exemplo, Borges (1985) investe a sua aguçada mente analítica sobre poemas em que Apollinaire elege a guerra como tema, no caso a mundial de 1914-1918, de que participava, envergando insígnias de subtenente de artilharia, mormente no poema intitulado “La nuit d’avril 1915”, no qual, a seu ver, o poeta define o cenário de uma batalha como “antes de tudo um belo espetáculo”. Para tanto, fixa-se em versos que apontam para um “céu estrelado pelas balas dos obuses” e logo se abrem para uma “floresta maravilhosa”, em que parecia ao poeta estar-se realizando um baile. É o bastante para Borges concluir:

“O verso de Apollinaire *La forêt merveilleuse où je vis donne un bal* não é uma descrição rigorosa dos duelos de artilharia de 1915, mas um bom retrato de Apollinaire. Este, ainda que tenha vivido seus dias entre os *baladins* do cubismo e do futurismo, não foi um homem moderno. Foi algo menos complexo e mais feliz, mais antigo e mais forte”. (...)

“Foi um homem de sentimentos elementais e, por isso mesmo, eternos”.

Em momento outro do mesmo contexto, tendo Apollinaire externado em uma carta que, apesar de todos os perigos que corria na frente de batalha, “a guerra era inegavelmente uma coisa formosa”, Borges (1985) comenta:

“Na boca de um sedentário homem de letras pode significar sua nostalgia de uma vida arriscada. Na boca de Guillaume Apollinaire, visto pelas batalhas da França, significa, creio, um temperamento que, sem esforço, ignora o horror, uma aceitação do destino, uma espécie fundamental de inocência”.

Tudo isso sem esconder uma certa rejeição pela literatura francesa em favor da inglesa, esta povoada de “concebíveis seres humanos”, que lhe forneceu - a ele, Borges - os primeiros passos de sua formação literária e intelectual; mas, apesar dessas que ele considera extravagâncias e talvez por aquela auréola de inocência que presume revesti-lo, a poesia de Apollinaire não se apaga de todo da severa mente de Borges. Há outras criações que o testemunham, ao invocar páginas do francês que, segundo ele, “nos comovem como as cercanias do mar”, destacando cinco poemas como exemplares: “La chanson du mal-aimé”, “Désir”, “Merveille de la guerre”. “Tristesse d’une étoile”, “La jolie rousse” (Borges, 1985).

### Murilo Mendes homenageia

Apesar de sua obra e desempenho não gozarem de total unanimidade, como pelo que dele disse o argentino Borges, o papel de Apollinaire na eclosão e intenso desdobramento das vanguardas permaneceu e prossegue reconhecido. No Brasil, o maior destaque neste sentido pertenceu ao poeta Murilo Mendes (1901-1975), que, além de confesso admirador, dedicou-lhe nada menos que dois poemas, o primeiro sem referência explícita, *Paysage*, de 1931; o outro, de 1942, já pelo título revelador do propósito reverencial, *Pour Guillaume Apollinaire*.

Murilo Mendes pertence à segunda safra do movimento modernista, inaugurado por Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira, fazendo parte do grupo de poetas que apareceria por volta de 1930, composto ainda de Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes e Augusto Frederico Schmidt, entre outros.

Seguindo as pegadas do Modernismo, produziu uma poesia séria e intimista, às vezes tachada de hermética e surrealista, que lhe reservou um posto entre os mais expressivos da poesia brasileira, na primeira metade do século passado. De forte pendor para o espiritualismo, identificou-se profundamente com a fé católica, ele próprio confessando o propósito de “restaurar a Poesia em Cristo”. Tendo lançado seu primeiro livro, *Poemas*, em 1930, foi com *Tempo e Eternidade* (1935, em colaboração com Jorge de Lima) que firmou o seu nome na literatura brasileira. A certa altura, enveredou por uma poética vizinha do concretismo, declarando-se mesmo admirador dos paulistas Haroldo e Augusto de Campos. Escreveu prosa e foi também um grande crítico de arte.

A diferença de datas entre os dois poemas alusivos a Guillaume Apollinaire, 1931 e 1942, e a opção por redigi-los em francês despertaram, senão curiosidade e estranheza, algumas cogitações. A mais incidente de todas as suposições reside na distância entre os dois objetos verbais, sobrepondo-se até à retomada por Mendes da escrita no idioma francês; presa a seu íntimo artístico e intelectual, situa-se em duas guerras mundiais que marcaram a história do século XX, a de 1914-1918, a que esteve dramaticamente engajado o poeta francês, e a de 1939-1945, a mergulhar indiscriminadamente o espírito de todos num clima de corrosiva beligerância, no momento vivido pelo povo brasileiro, no início dos anos 1940.

É o que sugere José Marinho do Nascimento (2008), estudioso dessa iluminação poética com base em exercícios de intertextualidade, ao deduzir que, com tal decisão de Murilo Mendes, a língua francesa também serviria “como idioma apropriado para homenagear nomes de pessoas ligadas à língua francesa e, sobretudo, à literatura francesa”.

“Um fato histórico poderia ser a causa dessa reaproximação do espírito francófono: o beligerante mundo convulsionado do final da década de 30 e início da década de 1940 – um filme

infelizmente em reprise, mas com uma (também infelizmente) assustadora superioridade na qualidade da ação de seus protagonistas. O episódio - o lamentável e forçado *dejà vu* proporcionado pelo tempo histórico - poderia trazer para a memória do poeta nomes de pessoas que se engajaram nas fileiras de combate, por ocasião das batalhas da I Guerra Mundial. Este foi o caso do francês Guillaume Apollinaire. Desta maneira, o poema estaria inserido na galeria das composições feitas como forma de demonstrar respeito, admiração e carinho por alguém. Trata-se de um poema-homenagem”, assevera Nascimento (2008), a partir de conclusões da italiana Luciana Stegagno Picchio, que também estudou a identidade do brasileiro com o universo criativo do polaco de nascimento, mas francês por opção humanista e afirmação cultural. [...]“a sintonia de Murilo Mendes com o poeta Apollinaire, o qual se tornou, seguramente, uma das fontes de maior relevo para o pensamento artístico no século XX”.

Após essas despreziosas considerações, parece conveniente encerrá-las, com a transcrição dos dois poemas antes referenciados, tanto o da homenagem que lhe prestou o brasileiro Murilo Mendes, como o de Apollinaire, “La nuit d’avril 1915”, objeto de ácidos comentários de Borges, ambos abaixo, no original e em tradução, seguidos de ligeiras observações.

## POUR GUILLAUME APOLLINAIRE

Murilo Mendes

Les flammes m’ont parlé aux pieds  
Elles découvrent des secrets de l’enfer  
Beaucoup plus visible que le ciel

Le rosier ce soir accouche des oeillet  
Pour que les poupées puissent regarder par les yeux d’autrui  
Quel chemin dois-je parcourir  
Ayes pitié de moi émigrant qui fuis le ciel

On m'a chassé de m jeunesse sans photos  
 On m'a chassé de l amort monument de cristal  
 Pardon l'étoile bleue

Apprenez de moi cascades sangsues  
 Apprenez de moi nouveaux-nés

Je suis dans une île battue de vents de bronze  
 Personne ne se souvient de moi  
 J'ai joué un personnage  
 E maintenant je suis mangé par lui  
 Cloches écoutez-moi

La terre fond sur moi comme un aigle ou un baiser  
 Les augures tombent sur la plage  
 Mannequins de sable  
 Il me faut le poison  
 Qui me rendait la méchanceté la violence  
 Je n'ai pas de sens politique ni de sens religieux  
 Quelqu'un est mon fantôme  
 on me copie à l'incense de Chine  
 Qui suis-je?

Trouvez-moi la clef de l'avenir  
 Haïssez-moi  
 Avec l'aide de pianos et de bibles volantes  
 Pendant que les Premiers Parents se tiennent dans la tonnerre  
 Aussi tranquilles que le liège  
 Phénomène obéissant

Rio, 28-7-1942

## PARA GUILLAUME APOLLINAIRE

Murilo Mendes

As chamas me falaram aos pés  
 Elas descobrem segredos do inferno  
 Muito mais visível que o céu

Nesta tarde, a roseira pariu cravos  
 Para que os manequins possam enxergar pelos olhos de outrem  
 Qual caminho devo eu percorrer  
 Tenham piedade de mim emigrante que evita o céu  
 Expulsaram-me de minha juventude sem fotos  
 Afastaram-me da morte monumento de cristal  
 Perdão estrela azul

Aprendam comigo cascatas sanguessugas  
 Aprendam comigo recém-nascidos  
 Eu estou numa ilha assolada por ventos de bronze  
 Ninguém jamais se lembra de mim  
 Eu simulei um personagem  
 E agora sou devorado por ele  
 Sinos escutem-me

A terra edifica sobre mim como uma águia ou um beijo  
 Os presságios desabam sobre a praia  
 Manequins de areia  
 Interessa-me o veneno  
 Que me traduz a maldade a violência  
 Eu não tenho sentido político nem sentido religioso  
 Alguém é meu fantasma  
 Alguém me reproduz com tinta da China  
 Quem sou eu?

Achem-me a chave do futuro  
 Odeiem-me  
 Com a ajuda de pianos e de bíblias volantes  
 Enquanto os Primeiros Pais se detêm no trovão  
 Tão tranquilos quanto a boia de cortiça  
 Fenômeno obediente.  
 Rio 28-7-1942  
 Tradução: José Marinho do Nascimento, 2008

\* \* \*

### OBSERVAÇÕES:

1. Justamente o contrário do que ocorreu com modernistas brasileiros da primeira hora, que passaram uma borracha nas criações e criadores do passado nacional, como Gregório de Mattos, Castro Alves, Bilac, Machado de Assis, Euclides da Cunha, Augusto dos Anjos, e de então, como Lima Barreto.
2. À frente do cortejo estavam sua mãe, Angélica Kostrowitzky, sua mulher, com quem casara meses antes, Jacqueline (que lhe inspirara o poema “La Belle Rousse”), e amigos, entre os quais Serge Férat, Max Jacob, Picasso e Olga Khokhlova, então sua mulher, Paul Léautaud, Blaise Cendrars, Fernand Léger e André Derain, com a mulher.

### *Noite de abril de 1915*

Vai estrelado o céu dos obuses dos Boches.  
 A mata onde eu moro dá um baile, irreal  
 Metralhadora bate em compasso de fox  
 Mas tendes os alarmas!  
 Ah, e o alarma fatal:

A postos a postos abandonai aproches.  
 Como astro arrebatado em busca de estações  
 Teu assobio de obus por ela o peito intenso  
 E teus milhões de sóis gastando as munições  
 Que os deuses dos meus olhos encham em silêncio  
 Nós vos amamos, vida! e em tais amolações  
 Os obuses miando um amor de morrer  
 Mais doce é o amor que vai transpor os ossos  
 Teu sopro nada em rio onde se esgota o sangue  
 Os obuses miando  
 Ouves cantar aos nossos  
 Roxos amor ó vivas a quem vai exangue  
 Primavera ao rocio: a sentinela a ataca  
 Chove em minh'alma chove mas chovem olhos mortos  
 Ulisses, quantos dias para a volta a Ítaca  
 Deita-te sobre a palha e sonha bons remorsos  
 Por obra da arte seja a coisa afrodisíaca  
 Mas  
 Trombetas  
 Por esses fios de palha em que te deitas  
 A ode do porvir eu sei paradisíaca.

Tradução da professora Celina Scheinowitch, solicitada por mim e, como sempre, gentilmente atendidas, inclusive com as observações abaixo, por ela emitidas.

1. *Boches* -- alemães, gíria depreciativa francesa também usada por jornais brasileiros durante a I Guerra.
2. *Fox* -- traduzido “*triples-croches*” pelo “*fox*”, de compasso quaternário.
3. *Aproche* - termo militar de referência a trincheira. Supondo que o original faz menção ao ato de abandonar as pás (“*pioches*”, pás) com que se cavavam trincheiras, para pegar em armas.

\* \* \*

***La nuit d'avril 1915***

Le ciel est étoilé par les obus des Boches  
 La forêt merveilleuse où je vis donne un bal  
 La mitrailleuse joue un air à triples-croches  
 Mais avez-vous le mot  
 Eh ! oui le mot fatal  
 Aux créneaux Aux créneaux Laissez là les pioches  
 Comme un astre éperdu qui cherche ses saisons  
 Cœur obus éclaté tu sifflais ta romance  
 Et tes mille soleils ont vidé les caissons  
 Que les dieux de mes yeux remplissent en silence  
 Nous vous aimons ô vie et nous vous agaçons  
 Les obus miaulaient un amour à mourir  
 Un amour qui se meurt est plus doux que les autres  
 Ton souffle nage au fleuve où le sang va tarir  
 Les obus miaulaient  
 Entends chanter les nôtres  
 Pourpre amour salué par ceux qui vont périr  
 Le printemps tout mouillé la vieilleuse l'attaque  
 Il pleut mon âme il pleut mais il pleut des yeux morts  
 Ulysse que de jours pour rentrer dans Ithaque  
 Couche-toi sur la paille et songe un beau remords  
 Qui pur effet de l'art soit aphrodisiaque  
 Mais  
 Orgues  
 aux fétus de la paille où tu dors  
 L'hymne de l'avenir est paradisiaque

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Silvana Vieira da Silva – *Guillaume Apollinaire: fábula e lírica*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- APOLLINAIRE, Guillaume. *Calligrammes. Poèmes de la paix et de la guerre*. Gallimard, 1925.
- Apollinaire. [Tradução Ivo Barroso, Marcos Siscar, Josely Vianna Baptista, Mário Laranjeira e Nelson Ascher]. Os 100 Melhores Poemas Internacionais do Século XX, in: Folha de São Paulo, 2/1/2000.
- BARROSO, Ivan. Zona. Tradução, disponível em <<https://www.revistaprosaversoarte.com/guillaume-apolinaire-poemas/>> Captada em ( data)
- BILLY, André – Apollinaire. Paris: Éditions Pierre Seghers, 1956.
- BORGES, Jorge Luis – *Ficcionario – Una antología de sus textos*. Edição, introdução, prólogo e notas de Emir Rodríguez Monegal. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.
- CAMPA, Laurence – “Orphée, ce qu’il te plaît”. Paris: *Le Nouveau Magazine Littéraire*. Nº 10. Octobre 2018, p. 86.
- CAMPOS, A. de; PIGNATARI, D.; CAMPOS, H. de. *Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos*. Cotia: Ateliê, 2006. (Fonte citada, incluí esta edição, provavelmente diferente da que você consultou, su-giro revisão)
- CLEMENS, Pierre – *Guillaume Apollinaire e a Modernidade*. O Estado de São Paulo, Suplemento de Cultura, n. 224, p. 7. 23/09/1984.
- MATTOS, Florisvaldo – “Surrealismo – Entre o sonho e a ação”, in *Estação de Prosa & Diversos*. Salvador: Memorial das Letras, 1997.
- MENDES, Murilo – *Poesia completa e prosa*. Volume único. Organização e preparação do texto por Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.
- NASCIMENTO, José Marinho do – *O mundo francês de Murilo Mendes ou o retrato de uma paixão pela língua: diálogos de intertextualidade*. Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências

Humanas; Departamento de Letras Modernas. Programa de Pós-graduação em Língua e Literatura Francesas. São Paulo, 2008. Disponível em <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp091215.pdf>> Captado em: ( data)

PIGNATARI, Décio. 31 Poetas. 214 Poemas — do Rigveda e Safo a Apollinaire. Tradução, seleção e organização de Décio Pignatari. 2ª ed., Campinas: Editora Unicamp, 1997.

---

Florisvaldo Matos é jornalista e poeta, membro da Academia de Letras da Bahia, cadeira 31. Publicou, entre outros, *Reverdor* (poesia, 1965); *Valentino*, peça teatral (1974). *Fábula Civil* (poesia, 1975); *A caligrafia do soluço & poesia anterior* (1996). *Estação da prosa & Diversos* (1997); *Mares acontecidos* (poesia, 2000); *Galope amarelo e outros poemas* (2001); *Travessia de oásis: a sensualidade na poesia de Sosígenes Costa* (ensaio, 2004); *Poesia Reunida e Inéditos* (2011) e *Sonetos elementais* (2012).



## DAS COISAS MEMORÁVEIS

GERANA DAMULAKIS

*Um dia o mundo inteiro vai ser memória.*

*Tudo será memória.*

Antonio Brasileiro

Há momentos que se tornam memoráveis e se cristalizam ou se concretizam na memória enquanto vivemos. No dia 30 de novembro de 2017, na festa da posse do mais novo acadêmico, Freddie Didier Jr., formamos espontaneamente um grupinho composto pelos acadêmicos Suzana Alice Marcelino Cardoso, Joaci Goés, Paulo Ormindó, Aramis Ribeiro Costa e eu, do qual também José Mendonça, amigo de todos nós, participou da deliciosa conversa. Rimos muito, nos divertimos bastante e quando resolvemos deixar a festa, começamos a descer a pé o acesso lateral para carros da Academia de Letras da Bahia. Digo que começamos e explico a empreitada: fomos bem devagar, Suzana Alice, Aramis e eu, ladeira abaixo. Suzana pegou no meu braço com receio de afundar os saltos dos sapatos nas pedras ou cair. Só que o mesmo se passava comigo e, então, dei a ideia de deixar Aramis ficar no meio e levar em cada braço uma de nós. Ganhamos estabilidade e descemos, ainda conversando e rindo. Guardo o momento como memorável, havia tanto afeto, amizade e admiração, havia sentimento, harmonia. Havia paz. Sempre sinto paz como algo maior que engloba todas as coisas positivas dentre as coisas memoráveis.

A intenção do texto é trazer uma lembrança em torno de uma particularidade de Suzana. Não irei elencar os vários títulos

de Suzana Alice Marcelino Cardoso, tampouco suas inúmeras realizações, todas importantíssimas. Tudo é sabido por todos, assim também como muitos sabem sobre a sua capacidade de despertar amor, admiração, respeito. Mas é aí que me deterei. Em pouco tempo a acadêmica Suzana Alice conquistou seus confrades, aqueles ainda não conhecidos dela. É sempre indizível a razão dos sentimentos, todavia quero tentar dizer ou preciso dizer sobre o que Suzana suscitou.

Quando se deu a sessão de saudade da acadêmica Suzana Alice, proferida pela então presidente da ALB Evelina Hoissel, coube, logo depois, a fala de alguém da família e sua filha, Lorena, foi quem disse algumas palavras. A filha de Suzana definiu a mãe como doce, muito doce e, textualmente, disse também que ela era “quase ingênua, ingênua mesmo”. Gravei *ipsis litteris* pois gravar frases inteiras ditas, quando me deixam impactada, é uma característica minha; enfim, fiquei pensando que a filha de Suzana havia dito a palavra que desvenda a capacidade de sua mãe na conquista das pessoas. Após refletir um tanto, descartei que a razão estivesse na inocência. Não estava também no modo tão educado de tratar, nem na inteligência luminosa que conduz diretamente à admiração, nem no respeito suscitado ou na confiança surgida – o tripé dos sentimentos bons: admiração, respeito e confiança - nem na doçura e, também não no que vejo como algo indizível que o olhar de Suzana trazia. Ou a razão está em tudo isso e, em vão, fico buscando apenas por uma palavra que a totalize.

Total que conclui sobre a importância da pessoa, do ser de Suzana Alice que nos deixou momentos memoráveis, que soube ser, repito, um ser memorável. E a razão de sua enorme capacidade de conquistar? Ora, ora, o coração tem razões que a própria razão desconhece, como disse Blaise Pascal.

As palavras parecem vãs nesta altura, sequer existem para explicar razões. Servem somente para registrar uma cena memorável que, ao fim e ao cabo, colecionamos para fazer a vida

valer a pena e a dor de ser vivida e, assim, contradizer o poeta Manuel Bandeira com seu “a vida não vale a pena e a dor de ser vivida”. Vale muito a pena, ainda que haja instantes de dor ou de saudade pungente. E querendo com saudade ir mais longe, vale acreditar que as palavras ou as cenas memoráveis atuam como se uma frase ou um momento ou ambos mereçam ser conservados na lembrança e realmente possam alcançar a proteção contra o esquecimento. Enfim, quisera que toda recordação preciosa fosse protegida da implacável investida do tempo ao se manter no lugar especial que todos nós temos para o que é memorável.

---

Gerana Damulakis ocupa a cadeira n° 29 da Academia de Letras da Bahia e a cadeira n° 17 da Academia de Letras e Artes Mater Salvatoris.



## HISTÓRIA DO “HINO DO BAHIA”

ARAMIS RIBEIRO COSTA

O hino oficial do Esporte Clube Bahia, o tão conhecido “Hino do Bahia”, foi composto por Adroaldo Ribeiro Costa em 1946, quando ele tinha vinte e nove anos de idade. Já era, àquele tempo, diplomado Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Livre de Direito da Bahia, professor conceituado de Português e História, por sua atuação em grandes estabelecimentos de ensino, como o Ginásio Santamarense e o Colégio Marista, e jornalista colaborador de jornais como *O Imparcial* e o *Estado da Bahia*. Além disso, mantinha, há três anos, na Rádio Sociedade da Bahia, a PRA4, um programa semanal de caráter pedagógico e artístico, que ia ao ar todos os domingos pela manhã, intitulado Hora da Criança, de extraordinária audiência, que iria se transformar, com o passar dos anos e inúmeras realizações, num movimento pioneiro de arte-educação no país, responsável pela fundação do teatro infantil nacional. Ele e o irmão, cinco anos mais moço, Aldegar Ribeiro Costa, contador e Bacharel em Ciências Econômicas, eram grandes torcedores do Esporte Clube Bahia desde a fundação desse clube em 1931; militavam na crônica esportiva, Adroaldo nos jornais acima referidos, utilizando-se do pseudônimo Drodola, e Aldegar no *Estado da Bahia*, com o pseudônimo Alderico; e haviam se aproximado muito dos setores diretivos do Esporte Clube Bahia, fazendo grandes amigos entre os dirigentes tricolores, participando intensamente de todas as atividades do clube. É preciso dizer ainda que Adroaldo, embora não fosse um músico de formação acadêmica, e,

em nenhum momento de sua vida, tivesse exercido a música em caráter profissional, tocava piano muito bem, e compunha, especialmente para o repertório do programa radiofônico da Hora da Criança, que era, quase todo, ou de sua autoria ou do músico oficial do programa, seu grande amigo Agenor Aloísio Gomes, pianista, arranjador, regente e compositor.

Uma tarde daquele ano de 1946, encontrava-se na sede do Clube Carnavalesco Fantoques da Euterpe, ensaiando o programa radiofônico da Hora da Criança do próximo domingo, uma concessão daquele clube, pois as instalações da Rádio Sociedade estavam, à época, muito precárias, e a Hora da Criança não possuía sede, não havendo, portanto, outro lugar para os ensaios, quando chegou uma comissão formada por Amado Bahia Monteiro, Osvaldo Gentil, Valdemar Menezes e Francisco Chagas de Oliveira, o Sargento Chagas, todos, de algum modo, ligados à direção do Esporte Clube Bahia, para lhe fazer uma curiosa encomenda. Naquele tempo ainda não havia o Estádio Octavio Mangabeira, que seria inaugurado no apagar das luzes do governo Mangabeira, em 28 de janeiro de 1951, os jogos eram realizados no Campo da Graça, e as torcidas dos clubes dispunham-se de forma mais ou menos organizada nas arquibancadas do campo. O lado A ficava para o Galícia e o Vitória, a geral para o Ipiranga e o Botafogo, e o lado B, arquibancada e sombra, para a torcida do Bahia, que ainda era a minoria, mas compensava essa desvantagem com uma grande vibração. Amado Bahia Monteiro, cirurgião-dentista que seria, mais tarde, de 1952 a 1954, presidente do Esporte Clube Bahia, mas que, naquele ano, era o chefe do departamento médico do clube, e seu grupo, pretendiam organizar uma torcida uniformizada para o Bahia, já tinham pessoas selecionadas para essa finalidade, e queriam de Adroaldo uma espécie de hino, um canto de guerra que a turma pudesse entoar à hora dos jogos, para animar os jogadores. Havia pressa na encomenda. Aproximava-se um importante jogo com o Esporte Clube Vitória,

o grande rival, e eles pretendiam entoar o canto da torcida já nessa partida. A proposta agradou a Adroaldo, e ele comprometeu-se a compor o canto. Deu seguimento aos ensaios com aquilo na cabeça, amadurecendo a ideia. Nessa época, já morava na casa da Rua Lellis Piedade número 101, em Itapagipe, onde residiu até o fim da vida. No dia seguinte, em casa, sozinho na sala da frente, sentou-se ao piano, um antigo piano alemão *Schiedmayer* tipo armário, com candelabros de bronze, mangas de vidro decorado, além de banquinho giratório acolchoado e enfeitado de rendas e lantejoulas, que fora comprado em segunda mão num leilão, logo após o casamento dos pais, e que era o piano de Adroaldo. Primeiro escreveu a letra. Tinha de ser uma letra curta, os versos em ordem direta, o vocabulário simples, todos esses cuidados para que fosse facilmente assimilada e de fácil memorização. E pôs em ordem os motivos a serem tratados. Primeiramente tinha de caracterizar o canto da torcida tricolor, que era notadamente vibrante. E escreveu:

Somos a turma tricolor  
Somos a voz do campeão  
Ninguém nos vence em fervor,  
Ninguém nos vence em vibração...

O Esporte Clube Bahia havia sido campeão duas vezes no ano de sua fundação e, naqueles quinze anos de existência, havia conquistado outros títulos. A partir de 1936 passara a ser cognominado “Esquadrão de Aço”, e a pequena e vibrante torcida do lado B do Campo da Graça costumava incentivar os jogadores com um grito de guerra que já se tornara tradicional: *Bahia! Bahia! Bahia!* Tudo isso devia ser posto naquele canto. E Adroaldo escreveu:

Vamos, avante, esquadrão!  
Vamos, serás o vencedor!

Vamos, conquista mais um tento!  
Bahia! Bahia! Bahia!  
Ouve esta voz — que é teu alento!  
Bahia! Bahia! Bahia!

Mas não era só isso. A torcida, que se orgulhava dos títulos que o Bahia conquistava, mostrava-se insatisfeita, queria sempre mais um gol, mais uma vitória, mais um título, mais um campeonato. E expressava freneticamente essa vontade com outro grito de guerra: *Mais um! Mais um, Bahia!* O canto devia ser a expressão da torcida, e esse motivo não podia ser ignorado. E ele escreveu:

Mais um! Mais um, Bahia!  
Mais um, mais um título de glória!  
Mais um! Mais um, Bahia!  
É assim que se resume a tua história!

Concluída a letra, Adroaldo partiu para a composição da música. Tinha em mente que devia ser também uma melodia simples e vibrante, em tom maior e em escala ascendente, para que as notas agudas fizessem fremir os cantores e os ouvintes. Pôs-se a dedilhar ao piano, e, em poucos minutos, a melodia brotou. Após alguns retoques, em meia hora estava tudo pronto. Intitulou a nova música de “Marcha da Torcida Tricolor”. Para memorizar a melodia, ficou ali tocando e cantando várias vezes. Atraídos pelo canto, seus pais, Arlindo e Alina, chegaram à sala da frente, querendo saber que música bonita era aquela. Adroaldo explicou, e eles ficaram ali ouvindo. Foram os primeiros a ouvir o canto tricolor.

Naquele mesmo dia, pois havia pressa, Adroaldo procurou Amado Bahia Monteiro. A letra foi copiada e distribuída. Naquele tempo não havia nenhuma facilidade de gravação. O próprio Adroaldo teve de tocar ao piano, cantar, ensinar o canto

à torcida, e ainda ensaiá-la. No jogo do Bahia com o Vitória o grupo cantou pela primeira vez em público a “Marcha da Torcida Tricolor”. Porém não houve a resposta que se esperava. Alguns torcedores tentaram acompanhar os cantores, mas a maioria permaneceu indiferente, interessada mesmo na partida que se desenrolava, vendo e ouvindo aquele canto vibrante da torcida organizada como uma mera curiosidade.

Naquele ano de 1946 houve duas partidas do Bahia com o Vitória, uma no dia 12 de junho, uma quarta-feira, que o Vitória ganhou de 3x0, e outra em 15 de dezembro, domingo, que o Bahia ganhou de 2x1. Dessa forma, fica difícil estabelecer a data da composição do Hino. O fato é que a ideia de uma torcida organizada não foi adiante, e a “Marcha” foi completamente esquecida. Menos por Adroaldo, que a guardou de memória. Nem ele, nem ninguém, àquela altura, podia imaginar no que ia se transformar essa composição, dez anos mais tarde.

Uma história do “Hino do Bahia” não seria completa, se não abordasse as circunstâncias de época, que propiciaram o seu surgimento. Em fins de 1948, o Esporte Clube Bahia vivia duas situações bastante distintas. Por um lado, tecnicamente estava muito bem. Campeão Baiano de Profissionais, Campeão do Torneio-Início de Amadores, Campeão do Norte-Nordeste, Campeão Baiano de Juvenis, Campeão do Torneio-Início de Tênis de Mesa, Vice-Campeão do Torneio-Início de Profissionais, Campeão Baiano de Aspirantes, o Bahia ganhava a confiança da torcida e reafirmava a sua vocação de colecionador de títulos. Por outro lado, enfrentava uma situação financeira bastante precária, com uma cúpula diretiva, incluindo aí os próceres, nem sempre concordante nas decisões a serem tomadas pelo clube. Como se não bastassem as dissensões internas, encontrava-se, como os demais clubes à época, em desavença com a própria Federação Bahiana de Desportos Terrestres, o órgão máximo do futebol baiano. Terminado o mandato de José Bahia Ramos, o Zelito, à frente do Esporte Clube Bahia, surgiu a questão da

sua substituição no cargo de presidente. Apesar da conquista dos títulos, afligia a direção do clube a necessidade de um novo técnico, que pudesse levar o time a vencer também o campeonato que se aproximava. Amado Bahia Monteiro ofereceu-se para exercer essa função, e, graças a isso, Zelito Bahia Ramos concordou em permanecer na presidência por mais um tempo, prolongando o seu mandato.

Adroaldo e Aldegar, militantes da crônica esportiva, com vários amigos na cúpula do Esporte Clube Bahia, eram convidados a participar de reuniões com os dirigentes e os próceres, Adroaldo muitas vezes transformado em orador do clube, como ocorreu na ocasião de um inusitado comício realizado no Cruzeiro do São Francisco, contra o presidente da FBDT, Raimundo Correia, que insistia em eleger, como seu substituto, o genro João Carlos Tourinho Dantas, continuísmo que os principais clubes não queriam aceitar. O Bahia, em particular, tinha interesse em estender ao máximo o conflito, pois isso adiava o campeonato e lhe dava tempo de preparar melhor a sua equipe para ser a campeã. E logo os dois irmãos se viram envolvidos com a direção do clube.

No início de 1949 houve a necessidade de se formar uma junta diretiva para conduzir os destinos do Esporte Clube Bahia, solução da qual o clube já havia lançado mão anteriormente. Esta, foi formada por José Macedo de Aguiar Neto, Hamilton Simões e Adroaldo. Havia três grandes preocupações: a unidade político-administrativa do clube, o equilíbrio de sua situação financeira e a conquista do Campeonato Bahiano de Profissionais que, uma vez obtida, faria do Bahia tricampeão. Completamente envolvido por todas essas questões, Aldegar, que de tudo participava e era o economista do grupo, preocupou-se particularmente com a situação financeira. Era, afinal, a base de tudo. O Esporte Clube Bahia não possuía sede própria, não tinha campo para treinamento, não dispunha de recursos para a contratação de profissionais, não podia sequer

pagar suas despesas mais necessárias. Sem recursos financeiros, dificilmente conseguiria conquistar novos títulos. Mais do que isso, teria ameaçada a própria sobrevivência. Diante disso, Aldegar resolveu criar uma fonte financeira alternativa para o clube, e concebeu o chamado “Bolo Tricolor”, um programa de sorteio de prêmios em dinheiro para torcedores, uma espécie de rifa, comercializado semanalmente. Surgida a ideia, partiu imediatamente para a sua consecução. No início estava sozinho. Sua equipe de trabalho eram as pessoas da família, o escritório era a sua residência, e os instrumentos destinados às confecções das listas eram o papel pautado e a régua. As dificuldades eram muitas, e o trabalho realizado nas horas que deveriam ser para o seu lazer. Mas ele acreditava na sua iniciativa e, movido unicamente pelo amor ao clube, levou adiante o seu “Bolo Tricolor”.

Aos poucos foram surgindo as primeiras colheitas animadoras. Os assinantes do “Bolo” foram se avolumando, e o entusiasmo em torno da nova fonte financeira foi crescendo. No início do segundo semestre de 1949, o “Bolo Tricolor” já se constituía uma fonte de receita da máxima importância para o Esporte Clube Bahia. Foi com o dinheiro arrecadado pelo “Bolo” que, a partir de agosto, passou a ser pago o aluguel do prédio à Rua Marquês de Caravelas número 5, onde funcionava a sede do clube. Em outubro, Jayme Abreu, que não assumia a presidência, mas conservava, com sua autonomia e sua condição de fundador, uma autoridade indiscutível sobre os destinos do Esporte Clube Bahia, fez um apelo dramático a Aldegar para que assumisse a tesouraria do clube. Além de recém-casado, Aldegar estava atolado em obrigações e afazeres. Era, àquela época, contador da Companhia de Fumos Ervin S.A., administrava financeiramente a Hora da Criança, chefiava o Serviço de Procuradoria da Associação Bahiana dos Cronistas Esportivos e exercia a crônica esportiva no jornal *Estado da Bahia*. No próprio Esporte Clube

Bahia já dirigia o “Bolo Tricolor”, sua criação, e ainda estava encarregado da Campanha do Esquadrão de Aço, ambos os empreendimentos da máxima importância não apenas para a conquista do próximo campeonato, como para a sustentação financeira do clube, e essas duas responsabilidades também muito o sobrecarregavam. Todos esses motivos eram razões para não atender ao dramático apelo de Jayme Abreu. Mas não conseguiu se furtar de ajudar o seu clube a sair de uma situação financeira caótica e insustentável. Então, escreveu uma carta a Jayme Abreu estabelecendo as condições administrativas para a sua aceitação. As condições foram prontamente aceitas por todos os diretores. Diante disso, Aldegar assumiu, ainda em outubro de 1949, a direção financeira do Esporte Clube Bahia. Em dezembro o Bahia venceu o Campeonato Bahiano de Profissionais, tornando-se tricampeão, ou, como se disse na época, o Campeão dos Quatro Séculos, uma alusão ao Quarto Centenário da Cidade do Salvador, amplamente comemorado durante todo aquele ano de 1949.

Em oito meses, a partir de sua posse, Aldegar conseguiu pôr ordem na tesouraria e equilibrar as finanças do clube. E em 5 de junho de 1950, sentindo-se efetivamente sobrecarregado, decidiu exonerar-se. Para o “Bolo Tricolor”, havia formado uma boa equipe de trabalho, por isso decidiu também se afastar de sua criação, certo de que ela teria prosseguimento. Entregou a administração do “Bolo” a um de seus mais dedicados auxiliares, o já citado Francisco Chagas de Oliveira, o que foi uma escolha acertada, pois o conhecido Sargento Chagas não apenas levou adiante a iniciativa, como a ampliou. Adroaldo seguiu participando da Junta Diretiva, agora com o ex-presidente Jayme Guimarães, tendo como principal objetivo, naquele ano de 1950, conquistar novos campeonatos para o Bahia, o que ocorreu em novembro, quando o tricolor se tornou o Tetracampeão Bahiano de Profissionais, o Campeão Bahiano de Amadores e o Campeão do Torneio-Início de Tênis de Mesa.

Só em 1956, dez anos depois da composição, é que ocorreu a gravação do “Hino do Bahia”.

Graças ao dinheiro arrecadado pelo “Bolo Tricolor”, que se tornou uma loteria de milhares de adeptos, com suas listas mágicas espalhadas por todo o Estado da Bahia, fazendo pequenos milionários em poucas horas todas as semanas, nos domingos à noite, e à boa administração do presidente Waldemar de Azevedo Costa, que fora o primeiro presidente do clube, retornara várias vezes e ali estava nessa função desde o ano anterior, tendo como vice Osório Villas Boas, o Esporte Clube Bahia encontrava-se, nesse ano de 1956, numa boa situação financeira e com planos audaciosos de expansão em todos os sentidos. Com a arrecadação do “Bolo Tricolor” foi adquirido um terreno de 12.500 m<sup>2</sup> no Bairro do Costa Azul, onde começou a ser construído o primeiro campo de treinamento do clube, a conhecida “Fazendinha”, inaugurada dois anos depois, e que foi utilizada até 1971, sendo substituída pelo “Fazendão”. Também nesse ano, 1956, com recursos do “Bolo Tricolor”, foi adquirido o imóvel no qual, ao término da construção, seria instalado o primeiro escritório administrativo do Esporte Clube Bahia, todo o terceiro andar do Edifício Saga, na Rua Carlos Gomes, um audacioso, para a época, empreendimento da Imobiliária Caravelas. O imóvel custou três milhões e 500 mil cruzeiros, mas, com a instalação do escritório, que tinha um amplo salão para reuniões, departamento médico, departamento de profissionais, restaurante, sala de troféus e sala do setor patrimonial, e foi equipado com móveis em jacarandá, tapetes, grupos estofados, fichários e cortinas, entre outros itens, além da recuperação dos troféus, o custo foi elevado para cinco milhões. Era tão poderosa a arrecadação daquela criação de Aldegar, dando ao clube uma margem de segurança financeira que lhe possibilitava ir além de suas despesas cotidianas, que, pouco depois, o mesmo presidente Waldemar Costa também adquiriu um terreno na Avenida Octavio Mangabeira, na Boca do Rio,

pelo valor de três milhões de cruzeiros, para ali ser construída a sede de praia, o que de fato aconteceu. Esses valores aqui apresentados representavam uma fortuna à época.

É importante registrar, principalmente porque esse é um aspecto pouco conhecido e pouco divulgado dessa iniciativa, que o “Bolo Tricolor” não era apenas uma fundamental fonte de renda para o Bahia, mas ajudava financeiramente instituições de caridade, quase numa substituição do próprio poder público, o que conferia a esse programa de sorteios e acumuladas um caráter filantrópico da maior relevância, e dava ao Esporte Clube Bahia a oportunidade de uma importante ação social, além de seus objetivos esportivos. Existiu durante vinte anos, e só foi extinto por imposição oficial, através de decreto federal que proibiu sorteios semelhantes em todo o país. Só muito depois seria criada a loteria esportiva.

Com essa administração expansionista, empreendedora e competente, alicerçada em condições financeiras favoráveis, pensou-se em dar ao clube uma nova dimensão em número de sócios, de modo que se tornasse uma grande força esportiva na Bahia e no Brasil. Já não bastavam as conquistas e os títulos, queria-se, agora, que o clube empolgasse uma multidão, fosse a grande paixão do futebol baiano, tendo como suporte um grande número de associados. Surgiu, então, a ideia de uma vasta campanha publicitária, amparada financeiramente também pelo “Bolo Tricolor”, para a aquisição de 10.000 sócios, um número que na atualidade pode parecer modesto, mas que, naqueles anos 50 do século XX, representavam uma considerável força associativa. Essa campanha publicitária tinha como slogan “Por dez mil sócios, nenhum a menos!”, e o encarregado dela, também seu idealizador, era o diretor de publicidade do clube, João Palma Neto. Por sua vez, Adroaldo, apesar de todas as suas atividades, não se afastara do Esporte Clube Bahia, pelo contrário, interessava-se por tudo, participava das decisões, e integrava, naquela ocasião, juntamente

com Orlando Gomes, Walter da Silveira e Jayme Guimarães, o departamento jurídico do clube.

Além de estar constantemente com Agenor Gomes na Hora da Criança, Adroaldo ia muito à casa do Maestro, como ele chamava. E foi numa dessas idas que lá encontrou Palma Neto, a explicar os objetivos e as estratégias da campanha dos 10.000 sócios, e a dizer que era fundamental que a campanha tivesse um canto vibrante, pois se daria em cartazes espalhados pela cidade, mas principalmente pelo rádio, e a música seria um poderoso veículo publicitário. Ao ouvir isso, Adroaldo lembrou que esse canto já existia, ele o havia composto dez anos atrás para a efêmera torcida uniformizada do Campo da Graça. Indo ao piano, tocou e cantou a sua “Marcha da Torcida Tricolor”, que já estava esquecida de todos, que também não estava posta no pentagrama, mas que ele havia guardado de memória.

A sugestão foi levada ao Conselho Deliberativo do clube. Aprovada, foi feita a introdução, cuja última frase melódica corresponde ao “É assim que se resume a tua história” e substituído um verso da letra pelo próprio Adroaldo: em lugar de “Ninguém nos vence em fervor”, como havia sido escrito originalmente, preferiu “Somos do povo um clamor”, mais adequado aos novos objetivos. Feito isso, entregou a “Marcha” juntamente com uma carta, transferindo integralmente os direitos autorais ao Esporte Clube Bahia, porém impondo uma condição difícil de ser cumprida: que não se divulgasse o nome do autor, pois queria que todos julgassem que aquele canto, que era a voz da torcida dirigindo-se ao time, incentivando-o a novas conquistas, surgira espontaneamente do povo, como uma manifestação popular de amor ao clube.

Agenor Gomes ficou encarregado da instrumentação para banda, o que fez de forma primorosa. Aliás, nisso, como em muitos outros aspectos musicais, ele era um mestre, pois a sua formação musical dera-se com o pai, Agostinho Gomes,

que era regente de filarmônica no interior da Bahia, e os recursos instrumentais de uma banda de música não tinham segredos para ele.

Envolvido em tantas outras realizações, que dependiam diretamente dele, Adroaldo não participou da gravação do seu hino. Nem ele nem Gomes. A coordenação e execução ficaram por conta de Palma Neto. O cantor Gilberto Batista, que tinha uma orquestra chamada “Orquestra Gilberto Batista”, ficou encarregado da arregimentação dos cantores, e formou um inusitado coro masculino onde havia locutores de rádio que não eram cantores e, curiosamente, alguns integrantes que não eram sequer torcedores do Bahia. Formaram esse coro improvisado o locutor e mais tarde compositor J. Luna, que se tornaria bastante conhecido com o seu programa radiofônico “Vamos Acordar”, sendo também autor de duas ou três músicas populares de sucesso; os irmãos José e Manoel Canário, o primeiro cantor e o segundo locutor; o próprio Gilberto Batista; Aloísio Bilac; Sílvio Roberto; Juraci Alcântara; Eduardo Messeder; Deni Moreira; o locutor e cantor Oswaldo Fahel, autor da bela canção “Morena do Rio Vermelho”; e o cantor Hélio Amaral, este um torcedor declarado do Esporte Clube Vitória, que só aceitou participar para atender ao pedido de Osório Villas Boas. Cada um deles recebeu como pagamento quarenta cruzeiros, que não foi apenas pela gravação, mas por todo o trabalho, que incluiu duas semanas de ensaios diários, já que era um coro em três vozes. A banda contratada foi a Banda de Música do Corpo de Bombeiros da Bahia, sob a regência de José Leonardo dos Santos, e a gravação ocorreu no segundo semestre daquele ano, provavelmente em outubro, nos estúdios da Rádio Cultura da Bahia, cuja sede ainda era no Campo Grande.

O disco gravado em vinil foi um compacto simples em 33 rotações por minuto, tendo, na face A, a “Marcha” cantada quatro vezes, e na face B, apenas tocada, também quatro vezes. Trazia o selo “Publinews” e a indicação de que havia sido

impresso na Rua do Ouvidor n° 63, sala 805, Guanabara. As outras indicações do rótulo, nas duas faces, eram “PN – 7003, ‘Marcha da Torcida Tricolor’, coral, Banda de Música do Corpo de Bombeiros da Bahia, Regência: José Leonardo dos Santos, (Realização do Departamento Social do E.C. Bahia)”. Em atenção à exigência de Adroaldo, não trazia o nome do autor. O número de cópias foi bastante reduzido, sequer foi feita uma capa para esse compacto, e essa gravação é hoje uma absoluta raridade discográfica, sendo pouquíssimos os privilegiados que a possuem. É que não havia, na época, a intenção de comercializar aquele disco, porém apenas utilizar o canto para a grande campanha publicitária que se pretendia. Ocorreu, entretanto, que a campanha foi um sucesso, e a música mais ainda. Entrou no ouvido e na alma do povo, passou a fazer parte não apenas da vida do Esporte Clube Bahia, mas do universo musical da Bahia. Sem dúvida, ali estava não apenas uma “Marcha” publicitária, mas o próprio hino do clube, que dessa forma o oficializou, tornando-o o “Hino do Bahia”.

Aqui, antes de prosseguir no desdobrar dos acontecimentos, devo fazer duas observações pertinentes, inclusive em defesa de Adroaldo, que jamais cometeria esses equívocos. A primeira é que o canto, como aqui já salientei, é a voz da torcida dirigindo-se ao time, incentivando-o, e é isso que está no primeiro verso: “Somos *a* turma tricolor”, e não, como tem sido gravado e cantado, “Somos *da* turma tricolor”. E a segunda, dentro do mesmo motivo, quando se dirige ao time é na segunda pessoa do singular, “serás”, “conquista”, “teu alento”, “tua história”. Portanto, os versos são “Vamos, *conquista* mais um tento!”, imperativo, e não “Vamos *conquistar* mais um tento”, cuja tônica, inclusive, não coincide com a tônica da linha melódica, um erro que Adroaldo jamais cometeu em suas composições; da mesma forma “É assim que se resume a *tua* história!”, e não como tem sido gravado e cantado, “É assim que se resume a *sua* história!”. Tanto a discordância da tônica entre as partes musical e literária,

quanto a alternância de tempos verbais e pessoas seriam erros palmares que o autor não cometeria e, de fato, não cometeu. Na gravação original, a letra está cantada da forma correta.

Assim ficou a letra final do “Hino do Bahia”:

Somos a turma tricolor,  
Somos a voz do campeão,  
Somos do povo um clamor,  
Ninguém nos vence em vibração!  
Vamos, avante Esquadrão!  
Vamos, serás o vencedor!  
Vamos, conquista mais um tento!  
Bahia! Bahial! Bahial!  
Ouve esta voz que é teu alento!  
Bahia! Bahial! Bahial!

Mais um! Mais um, Bahial!  
Mais um! Mais um título de glória!  
Mais um! Mais um, Bahial!  
É assim que se resume a tua história!

Logo no carnaval de 1957, que já era com o trio elétrico, o “Hino” foi tocado na avenida pelos “trios”, levando o povo ao delírio. E, daí por diante, a cada conquista do Bahia, em cada partida, nas rádios e nos estádios, em cada carnaval, nas ruas e nos bailes carnavalescos, era obrigatória a execução do “Hino do Bahia”, que fazia vibrar e emocionava não apenas os torcedores do grande time, mas até os seus mais aguerridos adversários. Naturalmente não seria possível manter-se, por muito tempo, o sigilo sobre a autoria. Era um segredo de muitos, toda a diretoria do Bahia tinha conhecimento de quem era o autor daquele canto, a imprensa pressionava, e o próprio Adroaldo, numa entrevista ao jornal *A Tarde* em 1958, confessou ser o autor, desobrigando, dessa forma, o clube a manter o segredo. Manteve, entretanto,

para sempre, a cessão dos direitos autorais, o que significa que nem ele nem sua família jamais recebeu nem receberá um único centavo pela execução desse hino, que foi também a expressão do grande amor de Adroaldo e de seu irmão Aldegar pelo Esporte Clube Bahia.

## REFERÊNCIAS

- COSTA, Aramis Ribeiro. “O Teatro Infantil de Adroaldo Ribeiro Costa”. In: *Revista da Academia de Letras da Bahia* nº 51, Julho de 2013.
- COSTA, Aramis Ribeiro. “Adroaldo Ribeiro Costa e a Vocação de Educar”. In: *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia* v. 112, jan/dez. 2017.
- COSTA, Aramis Ribeiro. “A Crônica de Adroaldo Ribeiro Costa”. In: *Revista da Academia de Letras da Bahia* nº 56, Janeiro de 2018.

---

Aramis Ribeiro Costa, baiano de Salvador, é autor mais de duas dezenas de livros de literatura, entre eles *O mar que a noite esconde*, contos, 1999; *Histórias de mais ou menos amor*, contos, 2018; e *Noite alta céu risonho*, contos, 2018. Foi membro efetivo do conselho Estadual de Cultura da Bahia. É membro efetivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, do Instituto Genealógico da Bahia e da Academia de Letras da Bahia, desde 1999, Cadeira número 12, tendo sido presidente da ALB em dois mandatos, 2011-2013 e 2013-2015.



## MACHADO DE ASSIS: FICÇÃO E RELATO

EDILENE MATOS

*“Uma fusão admirável do útil e do fútil, o sério consorciado com o frívolo”...*

Assim, Machado de Assis, com seus ocelos de pavão, direcionava muitos olhares para um outro espaço de reflexão: as “folhas” ou, modernamente, os jornais.

Transgressor às avessas, lá nos escondidos de proibidos territórios, por isso Bruxo, Machado andarilhava da ficção à crônica – esse “confeito literário” –, farejando todas as coisas “miúdas e grandes”. Ao pôr tudo “em pratos limpos”, ia construindo também a memória, fazendo história, não aquela história de simples suporte documental que sobrecarrega um texto, mas aquela originada de um discurso livre e leve, de caráter híbrido e ambíguo: a crônica.

Nesse gênero oscilante, permeado de impurezas, um cadinho do literário, um cadinho do jornalístico, há o tensionamento de estilos: se por um lado é cronologicamente datado, por outro, aborda espaços diversos, mesmo que não sejam ainda os “vastos horizontes”, ou seja, os domínios do alto teor de ficcionalização. Jogo de esconde-esconde entre dados do real concreto e a própria criação, a crônica machadiana estabelece um diálogo fecundo entre textos de teor circunstancial e escritura ficcional.

Machado de mil olhos, em sua caleidoscópica mirada, não foi somente o habilíssimo captador da alma humana,

mas o antenado intelectual e pensador, atento aos fatos circunstanciais. Sim, esse pescador de essências teve o jornal como um dos veículos de difusão de suas ideias, e exerceu essa função jornalística com crônicas que tecem a história de seu tempo. Crônicas que, mesmo assumindo fatos circunstanciais como um de seus temas, acabam por pairar acima da história e da vida humana, por força de sua índole ficcionalizante. E Machado é assim: revoluciona e transforma a realidade, ao transformar a vida e a história em ficção.

Na crônica machadiana, uma lâmina de prata muito fina executa essa tarefa de redução ou ampliação da realidade, num movimento de vai-e-vem. E a lâmina cortante e sutil do verbo, manejada pelas mãos hábeis do escritor, faz até mesmo suas crônicas escaparem da história e projetar-se no futuro, através de uma peregrinação incessante pelo ato criativo.

Nas páginas semanais dos jornais, Machado exercitava seu ofício de obreiro da palavra, deitando sementes que germinariam magnificamente em sua ficção. Como cronista, portanto, um historiador vivencial, Machado não poderia deixar de registrar os assuntos que mexiam com os brios de seu país. Através da imprensa, então, tocou no palpitante tema que causou polêmica e emoção em todo o país: o episódio da chamada guerra santa, uma guerra de vingança demente, de covarde crueldade, em que toda uma população foi sumariamente exterminada.

Machado foi, em verdade, uma das poucas vozes que se colocou contrária à versão oficial das elites que definia Canudos como um reduto monarquista, refúgio de criminosos e bandidos, guiados por um louco. Até mesmo, Euclides da Cunha, que viria a se tornar o baluarte desse dramático episódio com a sua famosa obra **Os Sertões**, de início, defendeu abertamente a destruição da referida comunidade. Este fato por si só acentua a importância histórica das crônicas machadianas sobre o tema.

Pincei, assim, no vasto *corpus* das crônicas machadianas, aquelas que trataram da figura singular de Antonio Conselheiro, o místico e mítico herói de Canudos.

Selecionada pelo próprio Machado de Assis para integrar **Páginas Recolhidas**, talvez porque o aspecto que lhe achara ainda falasse ao seu espírito, a crônica **Canção de Piratas**, de 22 de julho de 1894, escrita inicialmente para o jornal **Gazeta de Notícias**, onde ele escrevia uma crônica dominical intitulada **A Semana**, já traz alguns pontos no mínimo interessantes: primeiro, sua própria escolha no rol das crônicas escritas durante cinco anos para a *Gazeta de Notícias*; depois, o título - vale lembrar que não era freqüente Machado dar títulos às suas crônicas. E desse encontro com o mundo, sob o influxo da imaginação criadora aliada à lucidez, que o cavalheiro do Cosme Velho afirma seu compromisso com o social, inserindo-se no mundo cindido e contraditório do outro. Assim começa;

Telegrama da Bahia refere que o Conselheiro está em Canudos com 2000 homens (dous mil homens) perfeitamente armados. Que Conselheiro? O Conselheiro. Não lhes ponha nome algum, que é sair da poesia e do mistério. É o Conselheiro, um homem, dizem que fanático, levando consigo a toda a parte aqueles dois mil legionários. Pelas últimas notícias tinha já mandado um contingente a Alagoinhas. Temem-se no Pombal e outro lugares os seus assaltos. (...) (ASSIS, 1992, p. 651)

Jornais e telegramas dizem dos clavinoteiros e dos sequazes do Conselheiro que são criminosos; nem outra palavra pode sair de cérebros alinhados, registrados, qualificados, cérebros eleitores e contribuintes. Para nós, artistas, é a renascença, é um raio de sol que, através da chuva miúda e aborrecida, vem dourar-nos a janela e a alma. É a poesia que nos levanta do meio da prosa chilra e dura deste fim de século. Nos climas áspers, a árvore

que o inverno despiu é novamente enfolhada pela primavera, essa eterna florista que aprendeu não sei onde e não esquece o que lhe ensinaram. A arte é a árvore despida: eis que lhe rebentam folhas novas e verdes. Sim, meus amigos. Os dous mil homens do Conselheiro, que vão de vila em vila, assim como os clavinoteiros de Belmonte, que se metem pelo sertão, comendo o que arrebatam, acampando em vez de morar, levando moças naturalmente, moças cativas, chorosas e belas, são os piratas dos poetas de 1830. Poetas de 1894, aí tendes matéria nova e fecunda. Recordai vossos pais; cantai, como Hugo, a canção dos piratas... (ASSIS, 1992, p. 651)

E enumera os poetas românticos que falaram de piratas, assentado na concepção de romantismo como *pirataria*, no sentido da primazia da aventura, de navegação por errantes veredas, audacioso na imposição de um mundo de sonho: Hugo, Espronceda, Byron (com os versos do Corsário,) Gonçalves Dias.

Machado prossegue a crônica, dizendo que o Conselheiro nada tem a ver com os relatos de telegramas e papéis públicos; pelo contrário, trata-se de um aventureiro galante e audaz que, liderando um grupo de seguidores, dá um basta às convenções e proclamam uma vida livre sem amarras ou mordidas sociais: “Os partidários de Conselheiro lembraram-se dos piratas românticos, sacudiram as sandálias à porta da civilização e saíram à vida livre” (idem, p.652).

Num diálogo de provocação com a imprensa, que a essa altura veicula, reiteradamente, notícias de assaltos e amor livre e irresponsável em pleno sertão, Machado, tomado por uma justa indignação, apresenta sua versão poética do bando de Conselheiro:

A vida livre, para evitar a morte igualmente livre, precisa comer, e daí alguns possíveis assaltos. Assim também o

amor livre. Eles não irão às vilas pedir moças em casamento. Suponho que se casam a cavalo, levando as noivas à garupa, enquanto as mães ficam soluçando e gritando à porta das casas ou à beira dos rios. As esposas do Conselheiro, essas são raptadas em verso, naturalmente (idem, p. 653).

Fascinado pela figura messiânica de Conselheiro, confere-lhe tratamento de herói romântico, de bandido pirata, de visionário andarilho, comparando-o a lendários viajantes, nômades e com uma clara predestinação de liderança natural, sem imposição, nem querelas. Para Machado, que não nomeia o peregrino, o Conselheiro é uma figura idealizada, que não é facilmente compreendida, tampouco aceita, mas que impregna de sedução o imaginário coletivo, onde é delineado como um mito, personagem transformado em sugestiva figura romanesca, feita de evocações e sugestões poéticas, de achegas, de fragmentos, e que ganha força como paladino de uma nova ordem, emissário da idéia nova de uma sociedade sem classes, livre das restrições das leis e das ideologias.

O homem, Antonio Conselheiro, devia muito ao mito, já de início estabelecido. A especial mitificação que se tributou à imagem de Conselheiro – e da qual Machado não se afasta – implica o assentamento e desdobramento de um sem-número de traços, reais ou fictícios, biográficos ou textuais, retrabalhados pelo imaginário: homem alto e magro, com cerca de 65 anos, vestia túnica azulão, tinha a cabeça descoberta e empunhava um bordão; os cabelos crescidos, sem nenhum trato, caíam-lhe sobre os ombros; as hirsutas barbas grisalhas cobriam-lhe o rosto comprido e de acentuada palidez, onde se ressaltavam os olhos fundos e sempre abaixados, condizentes com o porte grave de ar penitente.

Esse mito permeou o imaginário do povo brasileiro, e também de Machado de Assis, numa evidência da função

simbolizadora da imaginação, que não pretende uma verdade científica, mas uma verdade contida nas percepções. O imaginário, espaço que abriga a imaginação, delinea, em oposição a uma verdade científica, uma verdade de ordem perceptual, que não deixa de ser uma verdade também. O envolvente palco caleidoscópico do imaginário, onde se encena em variados matizes a história coletiva ou individual, corresponde à consciência imaginante, ou seja, àquela que imagina e que é capaz sempre, no caso de Machado, de transmutar em ficção tudo aquilo em que toca.

Esgarçado nas crônicas machadianas das **Páginas Recolhidas**, o traço que distingue o real do irreal como que se anula, instaurando-se uma nova verdade, crível, verossímil, ideal, que nada tem a ver com a verdade histórica.

Somente dois anos após a publicação dessas pungentes páginas, Machado volta a tratar do Conselheiro, inserido em uma crônica cujo teor principal é outro peregrino que se chamava Manoel da Benta Hora, e fazia suas pregações em Gameleira, atual cidade de Rui Barbosa, também na Bahia, e que já contava com mais de 100 seguidores. Trata-se da crônica de 13 de setembro de 1896, também para a Gazeta de Notícias.

Nesse texto, Machado faz uma crítica severa ao posicionamento da imprensa baiana que aconselha ao governo fazer recolher Benta Hora à cadeia: “à imprensa pede ao governo mandar quanto antes que faça Benta Hora apresentar as divinas credenciais na cadeia...” e assevera: “Este gosto de fazer estilo, embora pelo fio telegráfico, é talvez mais extraordinário que a própria missão do regente apóstolo” (ASSIS, 2002, p.729) E prossegue, assegurando o direito do cidadão à livre locomoção, assim como a de escrever, imprimir, orar, gravar.

A memória é frágil e, portanto, enganadora: seleciona, rejeita, interpreta, reconstrói. Em virtude disso, toda e qualquer lembrança é suspeita; assim, como é suspeito todo e qualquer esquecimento. Nesse texto, Machado, ao citar Antonio

Conselheiro (aí ele usa o nome – Antonio –), parece não se recordar da pungente crônica que escrevera dois anos antes, em que o via como o líder de um grupo de piratas do sertão:

Quanto à doutrina em si mesma, não diz o telegrama qual seja; limita-se a lembrar outro profeta por nome Antonio Conselheiro. Sim, creio recordar-me que andou por ali um oráculo de tal nome; mas não me ocorre mais nada. Ocupado em aprender a minha vida, não tenho tempo de estudar a dos outros; mas, ainda que esse Antonio Conselheiro fosse um salteador, por onde se há de atribuir igual vocação a Benta Hora? (idem, p. 729).

Mesmo que pareça não se recordar da **Canção dos Piratas**, o teor da crônica em defesa da liberdade de Benta Hora é o mesmo, assim como a desconfiança da imprensa.

Em outra crônica, de 27 de dezembro de 1896, Conselheiro não é apenas uma vaguíssima lembrança e é referido até com certa intimidade “*nosso grande taumaturgo Antonio Conselheiro*” (753). Machado que, de início, não quis sequer nomear o Conselheiro, agora já o chama de milagreiro ou fazedor de milagres.

A próxima crônica especificamente sobre o assunto, “**O homem que briga lá fora**”, é datada de 14 de fevereiro de 1897. Conselheiro, motivo da referida crônica, tem seu prestígio retomado:

Conheci ontem o que é celebridade. Estava comprando gazetas a um homem que as vende na calçada da Rua S. José, esquina do Largo da Carioca, quando vi chegar uma mulher simples e dizer ao vendedor com voz descansada:  
- Me dá uma folha que traz o retrato desse homem que briga lá fora.  
- Quem?  
- Me esqueceu o nome dele.

Leitor obtuso, se não percebeste que “esse homem que briga lá fora” é nada menos que o nosso Antônio Conselheiro, crê-me que és ainda mais obtuso do que pareces. A mulher provavelmente não sabe ler, ouviu falar da seita dos Canudos, com muito pormenor misterioso, muita aureola, muita lenda, disseram-lhe que algum jornal dera o retrato do Messias do sertão, e foi compra-lo, ignorando que nas ruas só se vendem as folhas do dia. Não sabe o nome do Messias; é isto mesmo. O nome de Antonio Conselheiro acabará por entrar na memória desta mulher anônima, e não sairá mais.

Esta é a celebridade. Outra prova é o eco de Nova Iorque e de Londres onde o nome de Antônio Conselheiro fez baixar os nossos fundos (ASSIS, 1992, p. 763).

Gênero incerto e movediço, a crônica parece uma conversa onde vários fios se entrecem, propiciando um puxa-puxa de assuntos e temas. Na mesma crônica, Machado parte para outros assuntos, como o da análise de um livro de Coelho Neto, quando, fazendo uso de sua peculiar ironia, escreve, ironicamente, lembrando a seita de Canudos:

Ora bem, quando acabar esta seita dos Canudos, talvez haja nela um livro sobre o fanatismo sertanejo e a figura do Messias. Outro Coelho Neto, se tiver igual talento, pode dar-nos daqui a um século um capítulo interessante, estudando o fervor dos bárbaros e a preguiça dos civilizados, que os deixaram crescer tanto, quando era mais fácil tê-los dissolvido com uma patrulha, desde que o simples frade não fez nada. Quem sabe? Talvez então algum devoto, relíquia dos Canudos, celebre o centenário dessa finada seita” (idem p.765)

Ou ainda, nessa mesma crônica, faz uma dissertação sobre os vários tipos de chapéus para, finalmente, concluir ligando o tema dos chapéus ao motivo do início: “Chamam-lhe cartola,

chaminé, e não tarda canudo, para rebaixá-lo até à cabeleira hirsuta de Antônio Conselheiro”. (766)

Bruxo, mais uma vez bruxo, articulador de enigmas, esse Machado! O que o teria motivado a escrever favoravelmente à dissolução de Canudos, ele que usara do poder da palavra para defender os utópicos cavaleiros do sertão?

Em 28 de fevereiro de 1897, Machado encerra sua participação como cronista no jornal Gazeta de Notícias, só retornando em 1900 com apenas 4 crônicas. O massacre final a Canudos só ocorreu em outubro, mais precisamente no dia 5.

Certamente, para Machado, a figura quixotesca de Conselheiro o encantou e o desviou do seu caminho, preenchendo seu rico imaginário, instaurando uma ficção “real” em que fica difícil distinguir o que acontece e o que é imaginado. É justamente esta ficção real que a sedução instala, com o toque inevitável do inconsciente.

O “divino-diabo”, re-criador das emoções do homem diante dos mistérios da vida e da morte, confirma, com suas crônicas, um novo espaço de sedução: o da palavra. Palavra que fere, que toca fibras sensíveis, que se incrusta no corpo do autor e do leitor, como se formasse um novo corpo. E nesse espaço, trava um diálogo fecundo entre as paixões populares, em sua imediaticidade, e essas imagens, no caso, a de Conselheiro, tocada ficcionalmente e transformada em personagem, como aliás também ocorreu com o Conselheiro do repórter Euclides da Cunha e, tempos mais tarde, com o Conselheiro de Vargas Llosa.

Sob o olhar do ficcionista, do homem que não consegue olhar para o mundo sem paixão, a história e os seres históricos encenam sempre uma outra história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASSIS, Machado de. Canção de Piratas. In: **Obra Completa**. Volume III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

----. O homem que briga lá fora. In: **Obra Completa**. Volume III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

----. A Semana, 13 de setembro de 1896. In: **Obra Completa**. Volume III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

---

Edilene Matos profa. da Universidade Federal da Bahia e Coordenadora do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, além de Presidente da ABRAVOZ (Associação Brasileira de Pesquisadores da Voz). Publicou dezenas de artigos em periódicos especializados (ex: Uma lição de amigos DO Leitura, SP, 2001; Um canto para Cecília Meirelles ao som do cravo, Revista Ângulo, Lorena, 2001; Comentário à entrevista de Villa-Lobos concedida a Antonio de Alcântara Machado (Villa-Lobos e o Folclore Nacional, SP, DO Leitura, 2001). É membro da Academia de Letras da Bahia, cadeira 13.



## NOSSAS CONVERSAS

GERANA DAMULAKIS

*Resta o encontro de escritores nas catacumbas, ao redor de fogueiras.*  
Hélio Pólvora

Ao longo de vinte e cinco anos desfrutei de uma amizade com Hélio Pólvora que me enriqueceu imensamente. Nossas conversas versavam invariavelmente sobre literatura e, como havia muita afinidade em se tratando das nossas preferências literárias, criamos uma cumplicidade crítica. Costumo pensar em Hélio como um amigo, mas sempre vem uma outra maneira de pensar que é fruto da base dessa amizade: trata-se da interlocução. Hélio foi meu interlocutor - para ele, fui sua crítica oficial; o que, de saída, muito me honrou, já que ele fazia questão de que fossem minhas as resenhas de seus títulos quando lançados; para mim, ele completava o prazer de minhas leituras ao conversarmos sobre o que líamos concomitantemente.

Escolhi intitular a reunião de tais textos no livro *Conversas com Hélio Pólvora* porque sua crônica semanal no jornal *A Tarde* trazia o título *Conversas*; creio que, com isso, sente-se uma certa continuidade, assim como se ele estivesse participando – e, realmente, participa com suas respostas nas entrevistas.

Durante a reunião dos textos e também por conta do título eleito, fiquei recordando a época em que Hélio era Secretário de Cultura em Ilhéus. Foi uma boa época. Fomos, o escritor Aramis Ribeiro Costa e eu, convidados por Hélio,

para irmos à região grapiúna proferir palestras sobre o mar na literatura. E para lá seguimos, o que rendeu um livro interessante, *O mar na prosa brasileira de ficção* (1999). Mas fiquei recordando também que, ao chegar aqui em Salvador, Hélio ligava e íamos jantar, nós três, ou nós quatro, quando Maria Pólvora nos acompanhava. Foram tantos jantares divertidos! Vou chegar ao ponto: nessa época, a caminho do restaurante para jantar, falando de literatura, lembro como se agora estivesse vivendo, de uma fala de Hélio sobre Lygia Fagundes Telles: “Para ela, eu estendo tapete vermelho, tiro o chapéu e peço que pise”. Peguei o dito para mim, dando os créditos, claro. Sempre que gosto muito da obra de alguém, reproduzo aquelas palavras, dizendo ou escrevendo, que tiro o chapéu, estendo tapete... Em tempo: notemos que a frase vem de um grande da literatura, Hélio Pólvora, para outro grande escritor, Lygia Fagundes Telles. Poucos são os que elogiam seus pares. Conto nos dedos das mãos os que reconhecem o valor do outro. Outra admiração de Hélio: os textos de Adonias Filho. Hélio Pólvora, chama a atenção para a “tragicidade” impingida ao regionalismo moderno. As histórias têm sempre sua sustentação em estruturas equilibradas, uma linguagem sóbria e uma sintaxe original, além de uma nota poética imprevista. Para Pólvora a prosa ficcional de Adonias demonstra a fusão emotiva do autor com os seus temas, segundo consta em “Adonias Filho e a Tragicidade”, do seu livro *O Espaço Interior* (1999): “E que melhor esperar de um exímio e complexo contador de histórias, em cuja obra ressoam as vozes de toda a comunidade sul baiana?”. Hélio e eu, já está visto, sempre lemos e relemos os contos de Adonias Filho. Ouso dizer que é a tal “tragicidade” que suscita nossa admiração.

Não há como esquecer também o encantamento sem tamanho que compartilhamos pela poesia de Sosígenes Costa. Ainda em Ilhéus, quando era Secretário de Cultura, Hélio Pólvora foi

responsável por edições de três livros: a reedição da obra, *Poesia Completa* (2001), iniciativa da Fundação Cultural de Ilhéus para comemorar o centenário de nascimento do poeta Sosígenes Costa; a obra do Sosígenes cronista, *Crônicas & Poemas Recolhidos* (2001), volume editado pela Fundação Cultural de Ilhéus, com crônicas coletadas por Gilfrancisco Santos e, ainda, uma coletânea de textos que prestam reverência ao poeta, *A Sosígenes, com Afeto* (2001), organizada pelo próprio Pólvora. Por fim, um CD com poemas de Sosígenes. Tudo isto produto do monumental labor do contista de *O Rei dos Surubins*.

Nossas paixões literárias mais recentes foram Orhan Pamuk, Nobel de Literatura de 2007, e o escritor irlandês John Banville. De Pamuk, lemos ao mesmo tempo *O Museu da Inocência* (2011), que Hélio considerou o grande romance da primeira década do século XXI, e *A Casa do Silêncio* (2013), que também o fascinou. O último livro que lemos foi de John Banville, *Luz Antiga* (2013), que faz parte de uma trilogia, da qual, infelizmente, Hélio não chegou a ler o terceiro romance. Guardo na memória inúmeras conversas literárias com o escritor Hélio Pólvora e uma delas foi justamente sobre Vladimir Nabokov (1899-1977). Creio que, na ocasião, eu estava lendo *Pnin* (1997). Hélio me disse que ao ler Nabokov, sentimos a genialidade do escritor, há inteligência “borbulhando” no texto. Íamos para a Academia de Letras da Bahia. Estranho como guardei até o local onde foi dito algo tão definitivo e com o qual ambos concordamos e seguimos citando momentos cintilantes de inteligência do autor russo. Outra recordação: não escondo o quanto gosto de frases de escritores, como elas povoam a minha mente durante o dia, durante a noite. Mas sei reconhecer quando uma bela frase ou uma frase impactante são apenas uma frase bela ou uma frase de impacto. Uma frase de Dostoiévski me instigou: “Para escrever bem é preciso sofrer, sofrer”. Como contestar um escritor do quilate de Dostoiévski? Nem foi o intuito. O intuito foi refletir com Hélio sobre a frase.

Depois, anotei sua conclusão: Hélio disse que Doistoiévski foi aquele que, na análise psicológica dos seus personagens, soube, como ninguém, penetrar nas profundezas do ser humano. E soube mostrar o quanto o sofrimento é uma questão existencial, sem escapatória.

Certa feita, comentamos sobre algo que temos em comum, o prazer imensurável pela leitura, e concordamos que o melhor mesmo é ler. O mundo literário não nos faz falta, os livros fazem. Mais uma série de acontecimentos: eu já estava com vontade de levantar algumas questões sobre literatura e realidade, literatura e mentira. Tudo surgiu por conta de indagações sobre a necessidade da verossimilhança na literatura. O assunto foi aproveitado e está em uma das entrevistas, vale conferir.

Noto que as lembranças sobre conversas são muitas e uma puxa a outra. Conversando com Hélio, por telefone, sobre a excelência dos ensaios críticos do escritor peruano Mario Vargas Llosa (1936- ), lembrei-me, logo que desligamos, que o escritor Carlos Fuentes, nascido no Panamá, naturalizado mexicano, é outro exemplo de excelente prosador e ensaísta. Voltamos a conversar sobre o assunto. Creio que levamos muito tempo debatendo em torno do romance, do ensaio, e do ensaio no romance. Era desse modo que nossas prosas ocorriam, os tópicos levantavam reflexões, memórias de leituras; enfim, tudo era produto com base no prazer de discorrer sobre o que lemos.

O objetivo do livro não é derramar momentos que a minha memória guarda; portanto, repito que o objetivo do livro é, principalmente, fornecer material para estudos futuros sobre a obra de Hélio Pólvora. Que surjam os apreciadores, os admiradores, os que se debruçarão sobre a obra, os que pesquisarão e ajudarão a conhecermos e adentrarmos o mais profundo do universo ficcional do escritor. Que a obra se eternize. Escolhi intitular a reunião de tais textos no livro

*Conversas com Hélio Pólvora* porque sua crônica semanal no jornal *A Tarde* trazia o título *Conversas*; creio que, com isso, sente-se uma certa continuidade, assim como se ele estivesse participando – e, realmente, participa com suas respostas nas entrevistas.

Durante a reunião dos textos e também por conta do título eleito, fiquei recordando a época em que Hélio era Secretário de Cultura em Ilhéus. Foi uma boa época. Fomos, o escritor Aramis Ribeiro Costa e eu, convidados por Hélio, para irmos à região grapiúna proferir palestras sobre o mar na literatura. E para lá seguimos, o que rendeu um livro interessante, *O mar na prosa brasileira de ficção* (1999). Mas fiquei recordando também que, ao chegar aqui em Salvador, Hélio ligava e íamos jantar, nós três, ou nós quatro, quando Maria Pólvora nos acompanhava. Foram tantos jantares divertidos! Vou chegar ao ponto: nessa época, a caminho do restaurante para jantar, falando de literatura, lembro como se agora estivesse vivendo, de uma fala de Hélio sobre Lygia Fagundes Telles: “Para ela, eu estendo tapete vermelho, tiro o chapéu e peço que pise”. Peguei o dito para mim, dando os créditos, claro. Sempre que gosto muito da obra de alguém, reproduzo aquelas palavras, dizendo ou escrevendo, que tiro o chapéu, estendo tapete... Em tempo: notemos que a frase vem de um grande da literatura, Hélio Pólvora, para outro grande escritor, Lygia Fagundes Telles. Poucos são os que elogiam seus pares. Conto nos dedos das mãos os que reconhecem o valor do outro. Outra admiração de Hélio: os textos de Adonias Filho. Hélio Pólvora, chama a atenção para a “tragicidade” impingida ao regionalismo moderno. As histórias têm sempre sua sustentação em estruturas equilibradas, uma linguagem sóbria e uma sintaxe original, além de uma nota poética imprevista. Para Pólvora a prosa ficcional de Adonias demonstra a fusão emotiva do autor com os seus temas, segundo consta em “Adonias Filho e a Tragicidade”, do seu livro *O Espaço Interior* (1999):

“E que melhor esperar de um exímio e complexo contador de histórias, em cuja obra ressoam as vozes de toda a comunidade sul baiana?”. Hélio e eu, já está visto, sempre lemos e relemos os contos de Adonias Filho. Ouso dizer que é a tal “tragicidade” que suscita nossa admiração.

Não há como esquecer também o encantamento sem tamanho que compartilhamos pela poesia de Sosígenes Costa. Ainda em Ilhéus, quando era Secretário de Cultura, Hélio Pólvora foi responsável por edições de três livros: a reedição da obra, *Poesia Completa* (2001), iniciativa da Fundação Cultural de Ilhéus para comemorar o centenário de nascimento do poeta Sosígenes Costa; a obra do Sosígenes cronista, *Crônicas & Poemas Recolhidos* (2001), volume editado pela Fundação Cultural de Ilhéus, com crônicas coletadas por Gilfrancisco Santos e, ainda, uma coletânea de textos que prestam reverência ao poeta, *A Sosígenes, com Afeto* (2001), organizada pelo próprio Pólvora. Por fim, um CD com poemas de Sosígenes. Tudo isto produto do monumental labor do contista de *O Rei dos Surubins*.

Nossas paixões literárias mais recentes foram Orhan Pamuk, Nobel de Literatura de 2007, e o escritor irlandês John Banville. De Pamuk, lemos ao mesmo tempo *O Museu da Inocência* (2011), que Hélio considerou o grande romance da primeira década do século XXI, e *A Casa do Silêncio* (2013), que também o fascinou. O último livro que lemos foi de John Banville, *Luz Antiga* (2013), que faz parte de uma trilogia, da qual, infelizmente, Hélio não chegou a ler o terceiro romance. Guardo na memória inúmeras conversas literárias com o escritor Hélio Pólvora e uma delas foi justamente sobre Vladimir Nabokov (1899-1977). Creio que, na ocasião, eu estava lendo *Pnin* (1997). Hélio me disse que ao ler Nabokov, sentimos a genialidade do escritor, há inteligência “borbulhando” no texto. Íamos para a Academia de Letras da Bahia. Estranho como guardei até o local onde foi dito algo tão definitivo e com o qual ambos concordamos e seguimos citando momentos cintilantes de

inteligência do autor russo. Outra recordação: não escondo o quanto gosto de frases de escritores, como elas povoam a minha mente durante o dia, durante a noite. Mas sei reconhecer quando uma bela frase ou uma frase impactante são apenas uma frase bela ou uma frase de impacto. Uma frase de Dostoiévski me instigou: “Para escrever bem é preciso sofrer, sofrer”. Como contestar um escritor do quilate de Dostoiévski? Nem foi o intuito. O intuito foi refletir com Hélio sobre a frase. Depois, anotei sua conclusão: Hélio disse que Dostoiévski foi aquele que, na análise psicológica dos seus personagens, soube, como ninguém, penetrar nas profundezas do ser humano. E soube mostrar o quanto o sofrimento é uma questão existencial, sem escapatória.

Certa feita, comentamos sobre algo que temos em comum, o prazer imensurável pela leitura, e concordamos que o melhor mesmo é ler. O mundo literário não nos faz falta, os livros fazem. Mais uma série de acontecimentos: eu já estava com vontade de levantar algumas questões sobre literatura e realidade, literatura e mentira. Tudo surgiu por conta de indagações sobre a necessidade da verossimilhança na literatura. O assunto foi aproveitado e está em uma das entrevistas, vale conferir.

Noto que as lembranças sobre conversas são muitas e uma puxa a outra. Conversando com Hélio, por telefone, sobre a excelência dos ensaios críticos do escritor peruano Mario Vargas Llosa (1936- ), lembrei-me, logo que desligamos, que o escritor Carlos Fuentes, nascido no Panamá, naturalizado mexicano, é outro exemplo de excelente prosador e ensaísta. Voltamos a conversar sobre o assunto. Creio que levamos muito tempo debatendo em torno do romance, do ensaio, e do ensaio no romance. Era desse modo que nossas prosas ocorriam, os tópicos levantavam reflexões, memórias de leituras; enfim, tudo era produto com base no prazer de discorrer sobre o que lemos.

O objetivo do livro não é derramar momentos que a minha memória guarda; portanto, repito que o objetivo do livro é, principalmente, fornecer material para estudos futuros sobre a obra de Hélio Pólvora. Que surjam os apreciadores, os admiradores, os que se debruçarão sobre a obra, os que pesquisarão e ajudarão a conhecermos e adentrarmos o mais profundo do universo ficcional do escritor. Que a obra se eternize.

---

Gerana Damulakis ocupa a cadeira n° 29 da Academia de Letras da Bahia e a cadeira n° 17 da Academia de Letras e Artes Mater Salvatoris.



## **POLIFONIA DE GESTOS VERBAIS: A DRAMATURGIA DE PETER HANDKE.**

CÁSSIA LOPES

Neste ensaio, pretende-se fazer uma leitura de uma das peças faladas de Peter Handke (Nobel de Literatura, 2019), nomeadamente *Insulto ao público*, editada pelo autor austríaco em 1966. Principalmente, interessa pensar a relação entre afeto e a política do corpo numa dimensão teatral que coloca em hesitação as formas tradicionais do drama, subtraindo a figura do personagem-ator para a dimensão do personagem-orador, quando o insulto e o grito emergem das angústias sociais, numa dimensão de forte potencial liberador.

As formas dramáticas contemporâneas trazem o nome de Peter Handke como presença inovadora, aquele que ousa quebrar e rever diferentes mecânicas de vozes e construções dramáticas. Este autor ficou mais conhecido, internacionalmente, com adaptações e roteiros escritos para o cinema. Em 1972, ocorreu a primeira adaptação de sua obra, *O medo do goleiro diante do pênalti*, pelo cineasta Wim Wenders. O segundo trabalho filmado com esse mesmo cineasta consolidou-se em 1975, com *Movimento em falso*, a partir da obra *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*, de Goethe. Mas a feliz parceria de Handke com Wim Wenders confirmou-se em 1987, com *Asas do desejo*, um filme de inspiração na poética de Rainer Maria Rilke, apesar de não se mostrar como uma adaptação do texto literário, ainda que se perceba o quanto as imagens cinematográficas e as palavras dos personagens transbordam de poesia.

Esse encontro entre o cinema e o literário pode remontar a um fato biográfico do autor austríaco, no encontro indissociável entre vida e arte. Em um livro que escrevera após o suicídio da mãe, Peter Handke já desenhava a importância que a literatura teve para aquela mulher que o colocara no mundo. A mãe mostrava-se uma leitora voraz, cujo rosto sonhava e se reconhecia nas páginas literárias, movida pelo embaraço existencial da própria existência, com o sentimento de sufocação pelas narrativas apresentadas. E tudo isso convidava Peter Handke a se embrenhar por uma floresta de signos e imagens cujos sons e silêncios permitiam saber sobre sua mãe, entender as angústias dessa mulher, e a desbravar outros mundos. Assim, a figura materna descortinou a existência para o autor austríaco de diversas formas: na dimensão biológica e na outra dimensão, a literária.

(Ela) Lia jornais, livros de preferência, onde poderia comparar a sua história à sua própria biografia. Lia junto comigo, primeiro Fallada, Knut Hamsun, Dostoiévski, Maxim Gorki, depois Thomas Wolfe e William Faulkner. Não manifestava sobre isso nada de publicável, apenas recontava aquilo que havia sido especialmente de seu agrado. “Mas eu não sou assim, de jeito nenhum”, dizia às vezes, como se o autor em questão houvesse descrito a ela mesma, em carne e osso. Lia cada livro como se tratasse da descrição de sua própria vida, ganhava com isso uma vida nova, pela literatura explicava-se a si mesma pela primeira vez, aprendeu a falar sobre si mesma, a cada livro mais ideias vinham-lhe à cabeça. Dessa forma acabei sabendo pouco a pouco sobre ela. (HANDKE. 2015, p. 28)

Com as palavras de Handke, notamos que, para ele, a arte não significa mero testemunho de uma memória pessoal, cuja experiência se restringe a um determinado sujeito histórico, nem tampouco se confina ao didatismo voltado a temas políticos considerados relevantes em determinado período do campo social.

A arte é também um modo de desamparar-se, de viver a ausência de si mesmo, é algo com o qual a sociedade se coloca em questão quanto ao sistema de normas, de valores e princípios determinantes para a inserção do sujeito no âmbito de convivência humana. Mais especificamente, a dramaturgia de Handke, a exemplo de *Insulto ao público*, viria justamente denunciar as contradições entre as regras estabelecidas, as subjetividades partilhadas e a impossibilidade de se conhecer o outro e a si mesmo em sua totalidade. Nesse sentido, ler e escrever seriam uma maneira de se encontrar com uma rede impessoal de afetos, uma parte de cada um de nós que rejeita a predicação, não suporta o domínio do conhecido e se coloca na dimensão de ausência.

Em outras declarações, Peter Handke afirma: “Kleist, Dostoiévski, Kafka, Faulkner, Robbe-Grillet mudaram minha consciência de mundo; a literatura me tornou atento e crítico para com a verdadeira realidade”. (HANDKE. 2015, p. 29) Nessas afirmações, já se nota o tom que a literatura assume para a vida desse autor e de seus leitores. A arte dramática de Handke deixa o servilismo da prática ilusionista, rejeita a *mimesis* ainda desejosa do realismo sujeitado ao princípio da verossimilhança ou que se contenta apenas em ser registro e denúncia de uma sociedade com suas regras e iniquidades, para ser a força capaz de romper evidências, potência transfiguradora do humano, detentora de mãos hábeis para questionar os padrões disciplinares de poder. No campo dramático, o engajamento também se torna possível com o compromisso que o escritor assume com a palavra e o modo como a transfigura numa perspectiva isomórfica entre forma e conteúdo, mas cuja superfície dramática ganha destaque pelo seu poder de afetar, mais do que comunicar um significado temático sobre a travessia humana. Não se restringindo a uma causa política delimitada previamente, é no próprio âmbito do fazer dramático e na usina das experiências do sujeito com seu mundo, sua linguagem e suas angústias, que já ocorreria o engajamento a partir das transformações vividas

no fenômeno da percepção, da *aisthesis*, das sensações despertadas em cada espectador.

Não se pode dizer simplesmente que há menos interesse político-ideológico do que estético, mas se nota justamente a prática da politização da estética e uma estetização do político sem cair, evidentemente, naquilo que já foi praticado pelo próprio regime nazista. Se a lição foi aprendida com as malhas do próprio sistema autoritário cuja regra supunha a utilização da arte como forma de manipulação e domínio humanos, trata-se agora de buscar seu antídoto na própria arte ou no fazer artístico, trazendo a importância da estética como catalisadora de afetos capazes de produzir uma ação na dimensão social e política. Dessa forma, *Insulto ao público* não se limita a ser uma rejeição ao político por não tratar explicitamente de temas de cunho social e histórico, mas evidencia um modo de existência marcadamente envolvido pelo político e por suas malhas repressoras que procuram resgatar sua dimensão política através de uma fazer dramaturgicó cuja força traga o valor da estética, a potência do insulto e sua capacidade de mobilizar as palavras e seus ouvintes, libertando-os das mesmas falas de um fazer teatral imerso em jargões e tipologias frasais com marcadores e senhas cartografadas, em que, de antemão, já se sabe quem é o opressor e o oprimido, o vilão e o mocinho, o explorador e o explorado.

Trata-se de romper a antinomia estética e política, a primeira já fartamente interpretada com a expressão arte pela arte, e a segunda restrita ao enfoque conteudístico, do significado, presa à dimensão logocêntrica. Nota-se a insurgência do próprio significante, que não se limita a ser um transporte para o próprio significado, mas este só se conquista por uma cadeia de significantes. A propósito, vale recordar o conto *A carta roubada* de Edgar Allan Poe, quando se narra o roubo da carta de uma senhora da nobreza pelo ministro da corte que a esconde exatamente através do disfarce de outro significante ‘carta’. É na sua mais

pura visibilidade que se encontra a carta roubada. O ministro deixa a carta pendurada em um porta-chaves na sua residência; tudo de maneira bem despreocupada. Exatamente por trazer o aspecto de uma carta velha e sem importância, ela não era vista pelos agentes da polícia francesa. É na estética da carta – no seu disfarce – na sua materialidade, que se encontra seu segredo, no jogo em que o máximo de visibilidade guarda a invisibilidade. O conto de Poe termina e não sabemos qual o significado da carta; esse fato realmente não era o mais importante, mas o sentido que ela fazia na relação com outros significantes.

Quanto a isso, ao pensarmos na peça falada, *Insulto ao público*, é inevitável adentrarmos o próprio significante do termo ‘insulto’, a sua forma de materialização, não apenas o seu significado. A princípio, insulto denota palavras agregadas como gesto, capazes de ferir, atingir a face de alguém; ou talvez, pela veemência com que são proferidas, traduzam o desprezo pelas crenças e convicções de um sujeito; ou mesmo debochem e menosprezem os valores assentes na prática de uma cultura ou de uma sociedade. Enfim, o insulto pode resultar num ataque verbal, numa explosão súbita de palavras revoltadas em seu livre carrossel de jogos de linguagem. Mas é importante notar que não sabemos ao certo a quem se dirige o insulto e qual o seu significado exato, já que se prende numa autoreferencialidade que disfarça e revela seu poder de ataque e mobilização de sentido.

Nas três primeiras instruções dadas aos atores na peça, momento único em que usa a palavra ator e não orador, encontram-se as seguintes frases: “escutar as ladainhas nas igrejas católicas, escutar as exortações e as investidas do público durante uma partida de futebol, escutar o coro das multidões nas manifestações”. (HANDKE. 2015. p. 88) As três orientações pedem que o ator utilize a sua acuidade auditiva para adentrar o campo sensorial no qual as vozes se levantam das arquibancadas numa perspectiva que ultrapassa o mero jogo do racionalismo; as emoções e o corpo são convidados a participar de uma rede de comunicação

afetiva cuja singularidade se esmaece em nome de um movimento de paixões que produzam uma existência social compartilhada, ou mesmo um desamparo em comum: estamos todos abandonados nas mãos do acaso quando uma bola rola no campo de futebol diante do gol, ou mesmo não sabemos se as vozes das multidões serão ouvidas em seus desejos de emancipação; tampouco se a ladainha das igrejas terá o eco capaz de atingir a comiseração do plano sagrado. Apenas se ouvem as vozes insurgentes que não desistem de sentir a pulsação do presente, na própria incerteza frente os acontecimentos.

Em forma de anáfora, em forte tom apelativo, o prólogo do texto conclama a presença do espectador: “Vocês não ouvirão nada que não tenham ouvido antes/ Vocês não verão nada que não tenham visto aqui antes/ Vocês não verão nada do que sempre tem sido visto aqui./ Vocês não ouvirão nada do que tem sempre ouvido aqui” (HANDKE. 2015. p.92). Em um jogo de linguagem cuja ambiguidade se confirma em afirmar o já ouvido e visto e, ao mesmo tempo, o não ouvido e não visto, o dramaturgo já insinua o desejo de realizar um teatro experimental cuja metalinguagem deixa seu caráter elucidativo e centralizador, para entrar em uma bricolagem de hesitações entre o já conhecido e o desconhecido, sem que um negue o outro, trazendo o radicalmente diverso, inscrito no campo de indiscernibilidade de conceitos e expectativas. Nas suas instruções, o autor traça o perfil do seu trabalho artístico: “Vocês não verão nenhuma peça/ Não haverá aqui nenhuma representação/ Vocês verão um espetáculo sem cenas/ Vocês esperavam uma bela história/ Vocês esperavam alguma coisa”. (HANDKE. 2015. p. 92)

Desde Strindberg (1849-1912), em *Rumo a Damasco*, o personagem principal, nomeado Desconhecido, traz o tema da espera na dramaturgia, uma espera frustrada na sua errância; também Samuel Beckett (1906-1989) amplia esse horizonte dramático quanto ao impacto da espera e seu conseqüente esvaziamento da

linguagem em *Esperando Godot*. Essa questão é novamente retomada por Handke desde o prólogo de sua peça: o teatro move-se por uma espera, um horizonte de expectativa no abrir das cortinas, mas agora se tem uma dramaturgia que se afirma na ausência. Uma espera como mero recurso para esvaziar o signo de sua significação, um tom de melancolia que se arrasta nos panos e cortinas abertas ao espectador. Perderam-se o objeto, a fábula, o mitos, mas não se sabe ao certo o que se esvaiu. “Nós não criamos histórias. Vocês não estão seguindo um acontecimento. Vocês não estão representando. Aqui nós representamos com vocês. Simples jogo de palavras.” (HANDKE, 2015. p. 95)

Quando a intriga e a curva dramática ascendente saem de cena, o que emerge é a dramaturgia como jogo de palavras e sons. No entanto, não se vê necessariamente a decadência do drama, mas, antes, uma maneira de questionar o que chamam convencionalmente de drama, com seus conflitos já institucionalizados, normatizados no palco social. Assim, nasce a expressão dramática niilista ou o avesso do niilismo? Segundo Nietzsche, o niilismo ganha existência quando depreciamos a vida em nome de um além, o desejo e força de ação deixam de ser movidos pela vida e se deslocam para outro ponto gravitacional que a despontencializa. Nesse caso, uma dramaturgia niilista não é a que não tem nada a dizer, mas a que sempre profere uma palavra depreciadora da vida e que nos remeta ao plano metafísico. Se a história do Ocidente foi erguida sobre colunas niilistas, ascéticas, emerge a condição pra outro fazer dramático, para outro nascimento, oriundo do encontro entre o colapso e a emergência, a queda e a ascensão de alguma outra força capaz de mobilizar o espectador e sua vida.

A prática de esgotamento já desenhada na dramaturgia Beckettiana, cujos personagens mostram-se sem rostos, presos no vaivém do espaço e das palavras, é refeita na escritura de *Insulto ao público*. Sim, o ser humano não nasce pronto, nem a arte que o traduz, e há ainda o desejo de transfigurar valores.

Se cada sujeito está imerso no fluxo da linguagem e dos acontecimentos históricos, não se deve restringir a existência à dicotomia ganhar ou perder, preso ao pêndulo dizer ou não dizer: tudo faz parte do jogo da vida e de linguagem, numa triagem de valores. Nesse caso, o teatro torna-se diferente de representar, mas o centro de questionamento dá-se em face do próprio conceito de representação como foi tradicionalmente entendido: “Nós não vamos contar para vocês uma história. Nós não representamos quaisquer ações. Nós não simulamos quaisquer ações. Nós não representamos nada. Nós não impomos nada. Apenas falamos.” (HANDKE, 2015, p. 95)

O jogo paradoxal de Peter Handke parece uma tônica em *Insulto ao público*. Nesse caso, a dinâmica se constrói exatamente em afirmar que o palco está vazio, não se veem mais objetos, não há uma cena desenhada nitidamente, nem há o tempo alheio aos espectadores, mas se ouve uma tempestade de palavras: “O vazio desse palco não é a cena de um outro vazio. O vazio deste palco não significa nada. Este palco não representa nada. Ele está vazio porque nós não precisamos de objetos”. (HANDKE, 2015, p. 95) A crise do teatro representacional também comunga com a descrença de que o homem é o senhor de suas ações, e mostra como o homem é guiado e comandado pela mercadoria e objetos que criou, pelos discursos que profere, pelo poder das instituições. Para eliminar o engano, o de se considerar um sujeito autônomo e dono das próprias ações, rompe-se com o teatro representacional cujo centro de gravidade é um tipo de ação, imersa em conflitos já conhecidos entre os personagens. Nesse âmbito interpretativo, esse vazio do palco, o vazio das significações é, paradoxalmente, coberto por um turbilhão de palavras, em um projeto teatral que poderia ser definido, precipitadamente, como niilista, mas é justamente a denúncia de um tipo de dramaturgia niilista praticada até então, que, embora se firme como crise de valores, nada conseguiu na transvaloração desses valores, e a vida fica reduzida ao valor de nada.

Poder-se-ia declarar, de forma simplista, que Peter Handke traduz o declínio do drama de ação e, com ele, anuncia-se a emergência do drama de situação, momento de construção de uma atmosfera dramática quando a escritura de palavras prende a atenção do espectador, tornando a ação secundária. Nesse âmbito, ocorre menos a sucessão de conflitos no encadeamento e/ou desdobramento do enredo, e haveria mais o perfil para uma composição dramática do que uma história. Mas não se trata da perda da ação, e sim um modo diferente de entender a ação. A arquitetura do texto baseia-se na ideia de insulto, direcionado ao espectador que deverá reconstruir o seu processo, desenhando o movimento dinâmico do devir feito de vozes e palavras projetadas, cujo destaque é o instante da fala, do insulto ou do grito, em que a voz humana eleva-se; não mais o desenrolar da ação em moldes tradicionais:

Vocês são o assunto. Vocês são o centro de interesse. Aqui ações não são representadas, vocês estão sendo representados. Isto não é um jogo de palavras. Aqui vocês não são tratados como indivíduos. Aqui vocês não se tornam indivíduos. Vocês não têm traços individuais. Vocês não têm fisionomias distintas. Aqui vocês não são indivíduos. Vocês não têm características. Vocês não têm destinos. Vocês não têm histórias. Vocês não têm passado. Vocês não estão na lista de procurados. Vocês não têm experiência de vida. Aqui vocês têm a experiência do teatro. Aqui vocês têm aquele algo mais. Vocês são espectadores. (HANDKE, 2015, p. 97)

O texto de Handke frustra as expectativas comuns aos textos dramáticos, sem caracterizar, contudo, uma desdramatização pura e simples. Confirma-se o instante em que o corpo fala para o espectador numa espécie de teatro feito de movimentos verbais, com colagens, montagens e fragmentos de linguagem; teatro-voz como ressonância do acontecimento, mais do que

o estado lírico aberto por Strindberg, muito embora se sinta o eflúvio do escritor sueco na perda de coerência e da estrutura geral/ molar; também na presença das imagens oníricas, com abandono de hierarquias de desenhos dramáticos e situações entre o cheio e o vazio, entre o conhecido e o desconhecido. Tudo isso inscrito numa polifonia de gestos verbais plasmados em forma de um insulto ou grito. Assim, se o espectador espera encontrar destinos humanos com densidade psicológica, a exemplo de Hamlet, defronta-se com uma explosão de imagens verbais, sem pincelar um rosto específico. Nesse caso, o corpo nasce como presença e ausência de alguém que já não se caracteriza como um indivíduo particular, mas emerge casado à dimensão coletiva, musical, na esteira do que Nietzsche sugeria com a expressão uno-primordial.

Para Nietzsche, o protofenômeno dramático teria sua origem nos ditirambos helênicos em que se supunham a desintegração do subjetivo e a experiência da emoção que abole a subjetividade, numa espécie de esquecimento de si. Ocorreria a reconciliação do homem com a natureza com o desenho do uno-primordial. Para o filósofo alemão, o encantamento, a excitação dionisíaca é o pressuposto da arte dramática, e não a ação. (Nietzsche. 1998. p. 64.) Percebe-se a renúncia do indivíduo através do ingresso na natureza que lhe parece estranha, ou seja, na dimensão coletiva, bem expressa no que Handke chamou de “as investidas do público durante uma partida de futebol”. A propósito, Jean Pierre Sarrazac resgata a concepção estendida do termo ‘ação’ elaborada por Nietzsche:

“Concepção do ‘drama’ como ação./ Esta concepção é em sua raiz muito ingênua: o mundo e o hábito do *olho* decidem aqui./ Mas o que finalmente – se pensarmos de uma forma mais espiritual, não é ação? O sentimento que se declara, a compreensão de si – não são eles ações?” (NIETZSCHE: 1977) O que, por sua vez, se encontra implicado é aquilo que Szondi faz do critério da ação no

seio do drama absoluto, a saber, a *decisão*. Nas dramaturgias modernas e contemporâneas, não é o homem ativo que está no centro da ação, mas antes de tudo o homem em sofrimento, um homem em Paixão – esta “Paixão do homem” da qual Mallarmé fez a medida do drama novo. Joseph Danan nos dá as razões dessa reversão da ação de ativa para passiva.” (Sarrazac, 2010. p. 7)

Para Sarrazac, “Agir é primeiro querer agir. A crise da ação encontra sem dúvida sua origem na crise do sujeito, nas falhas do eu e de sua capacidade de desejar.” (Sarrazac, 2010, p. 7) Segundo este autor, alguns dramaturgos do final do séc. XIX e do séc. XX, a exemplo de Tchekhov e Beckett, e Peter Handke pode ser incluído, demonstram essa capacidade de tornar problemático o próprio tema de suas obras, revelando que a queda da ação não significa ausência de ação, pois é possível trazer uma ideia expandida de ação, uma espécie de drama *desdramatizado*. No caso específico de Handke, o insulto confirma a exaltação da teatralidade, mas isso não significa perda para o drama, ou a perda *do* drama. Ao contrário, a forma dramática do insulto tem tudo a ganhar com essa dissociação teatro/drama: ela pôde evitar a petrificação da forma e conquistar a renovação do dramático.

A premissa dos teóricos que defendem a tese da morte do drama apoia-se no fato de que, etimologicamente, o termo *drama* significa “ação” e, no atual cenário das artes teatrais, notam-se outras formas de sentir a ação no teatro. Uma análise mais criteriosa e crítica do termo “ação” revela, no entanto, que é possível conservar o termo “ação” no seu sentido mais expandido. Mesmo na *Poética*, o conceito da ação, em Aristóteles, não traz o sentido que lhe atribuímos hoje. Na introdução à *Poética*, segundo Sarrazac, R. Dupont-Roc e Jeans Lallot escrevem acertadamente:

A tradução, ainda na falta de uma melhor, de práxis por “ação” não é boa: práxis, em grego, cobre um campo mais largo que “ação” e designa também, para um sujeito

humano, o que nós qualificamos por “estado” – felicidade ou tristeza por exemplo; a definição da tragédia como ‘representação da ação’ refere a esse sentido entendido de práxis.” (SARRAZAC, 2010, p. 7)

Na Leitura realizada de Peter Handke, toda a questão parece gravitar em torno do termo *insulto* e tudo que ele agrega de valor teatral, de carga afetiva e linguística. Para alargar os limites de nossa reflexão, vale trazer a contribuição de Giorgio Agamben quanto a esse tema. Para ele, há palavras cujo significado coincide com seu ato de proferimento, o que demarca a força do performático. Mas, no caso do termo insulto, acontece uma espécie de impossibilidade de predicação, seria um termo anti-predicativo, ou seja, “termos a partir dos quais não é possível construir uma classe de objetos na qual inscrever os entes a que se atribui o predicado em questão”. (AGAMBEN, 2009. p. 84) Para Giorgio Agamben, o insulto tem sua eficácia exatamente por ultrapassar sua dimensão constativa. Assim, o que ofende no insulto é a própria experiência da linguagem, e não necessariamente uma imagem presa a uma referência inscrita ao mundo de um sujeito em particular. Nesse caso, não é possível fazer uma representação nítida, nem um conceito dentro de um insulto, mas é justamente uma maneira de burlar tudo isso. O insulto não é uma qualidade ou uma propriedade do sujeito, mas algo que foge ao campo de controle dos sujeitos e dos conceitos, aproximando o drama da força performática da retórica. Assim, Giorgio Agamben retoma a *Ética a Nicômaco* de Aristóteles para entender esses termos que rejeitam predicação e nos colocam para pensar a arte da *aisthesis*:

Aquele que vê sente (*aisthanetai*) sente que vê, aquele que escuta sente que escuta, aquele que caminha sente que caminha e assim para todas as outras atividades há algo que sente que estamos exercitando-as (*oti energoumen*),

de modo que sentimos, nos sentimos sentir, e se pensamos, nos sentimos pensar, e isso é mesma coisa que sentir-se existir: (*to einai*) existir significa, de fato sentir e pensar. (AGAMBEN, 2009. p. 87)

Quanto ao insulto, analogamente, quem insulta sente que insulta, e quem ouve o insulto sente que escuta. É nesse sentido que o drama se faz no plano da *aisthesis*, e não apenas de uma *poieses*. Dá-se existência por uma experiência estética, cuja forma ganha seu relevo na sua potência transfigurada de valores, não mais pelo crivo do aspecto puramente ideológico, mas por uma experiência dramaturgica cuja força da *aisthesis* ganha seu lume mais intenso. É um drama elaborado para permitir a com-divisão dos sentimentos e, com isso, fazer pulsar e vibrar, com os corpos, a vida na sua dimensão teatral, o que excede as expectativas do drama moderno. Quem sabe insultar pode fazê-lo, embora não seja uma arte tão fácil de atingir os propósitos da vida e acabe se tornado uma mera ofensa nos ouvidos de quem escuta. Handke nos ensina isso. Insultar é para poucos! É arte dirigida a ninguém e a todos nós. O insulto fala de uma comunidade que vem, sem nome e sem endereço certo, sem identidade clara, nem padrão de comportamento estável! Na peça *Insulto ao público*, falar e viver coincidem; sentir e existir se colocam na mesma pulsação! Com Peter Handke, ouvimos as vozes dizerem: “Vocês são um acontecimento. Vocês são o acontecimento.” (HANDKE, 2015. p. 98)

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AGAMBEN, George. O amigo. In: O que é contemporâneo e outros ensaios. Trad. Vinicius Ricastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- HANDKE, Peter. Peças Faladas. Trad. Samir Signeu. 1. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. A genealogia da moral: uma polêmica. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

POE, Edgar Allan. A carta furtada. In: Ficção completa, poesia e ensaios. Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 171-186.

SARRAZAC, Jean-Pierre. A reprise (resposta ao pós-dramático). In: Questão de crítica. Revista eletrônica de crítica e estudos teatrais. Trad. Humberto Giancristofaro. V. III. N. 19. 2010.

---

Cassia Lopes é ensaísta, cronista e Professora Associado IV de Teoria da Literatura da UFBA. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura do Instituto de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia. E-mail: cassia.c.lopes@hotmail.com.



## O ANGOLANO AGOSTINHO NETO COMO RESPOSTA AO CONCEITO DE POESIA DE SARTRE

NELSON CERQUEIRA

A poesia do líder marxista angolano Agostinho Neto pode ser examinada como um contraexemplo à afirmação de Jean-Paul Sartre de que a poesia, como a música, a escultura e a pintura, não podem ter relevância para o discurso político. Este trabalho enfocará o contraste entre a afirmação de Sartre em *O que é literatura?* e a poesia *Sagrada Esperança*, de Neto. Outros contraexemplos a Sartre na tradição literária ocidental, especialmente da poesia da América Latina, são Pablo Neruda, Carlos Drummond de Andrade e Thiago de Mello, que serão também discutidos.

Em primeiro lugar, resumiremos as premissas básicas de Sartre em *O que é literatura?* Os críticos de atitude negativa caracterizaram o livro de Sartre como “didático e prescritivo” (David Cauter, 1967: XVIII), bem como “pomposo, tendencioso, superficial, impreciso” (Phillip Thody, 1980: 163). *O que é literatura?* é essencialmente uma descrição do que Sartre quer que a língua, portanto a literatura, faça, não o que ela realmente faz (Jeanne Northon, 1981: 5).

A preocupação fundamental de Sartre neste livro é que a linguagem seja usada para a comunicação. Começando com o pressuposto de que a linguagem tem uma função utilitária, Sartre faz uma distinção entre a linguagem da poesia e a linguagem da prosa. A linguagem poética, ele afirma, opera apenas

em nível estético. Sartre vincula as palavras de um poeta às cores da tela de um pintor ou aos sons de uma música de um compositor. Como a música, a pintura e a escultura, a poesia é emocional. Essas formas de arte não refletem significado ou comunicação, pois notas, formas e elementos da linguagem poética são coisas, não signos. O poeta responde aos seus sentimentos ao brincar com as palavras. Os padrões de palavras substituem suas emoções — não transmitem seus sentimentos, muito menos seu significado, mas, em vez disso, elas se tornam objetos em si mesmos.

Por outro lado, a prosa é para Sartre um instrumento concebido para a comunicação. Enquanto que a imaginação é a base da poesia, argumenta Sartre, a linguagem da prosa está apoiada na realidade; é uma ferramenta intelectual. O escritor que escreve em prosa usa a linguagem para instigar a mudança: “Falar é agir: tudo que nomeamos deixa de ser a mesma coisa, perde sua inocência”. (Sartre 1948, 16) Ao revelar uma situação como ela existe na realidade, o prosador engaja-se e ao seu leitor no mundo, alertando deste modo os homens a agir, a ser responsáveis pelas circunstâncias que existem no mundo. Um prosador eficiente percebe que as palavras conduzem à ação (Sartre 1948, 20). Ao contrário da poesia, que se presta somente à contemplação, a prosa encoraja o engajamento na tarefa necessária da reforma social. Apenas o prosador age sobre os seus sentimentos de compromisso, pois a sua linguagem somente tem a capacidade de traduzir suas emoções em significados que revelam ao leitor a sua própria situação. A poesia, a música e a pintura são incapazes de alcançar esta dimensão.

Sartre acha que a poesia, a música e a pintura deixam demasiado espaço de manobra para interpretação. Ele parece ter pouca confiança na capacidade do leitor ou do espectador para descobrir a mensagem do poeta ou do pintor em uma obra que contenha uma multiplicidade de significados (Sartre 1948, 48).

Certamente, Sartre não nega que a poesia, a música e a pintura possuam uma riqueza de expressão, como comenta sobre “O Massacre de Guernica”, de Picasso, que ele ataca por não ter ganhado partidários para a causa espanhola: “E, portanto, algo é dito que nós jamais entenderemos e que precisa de um número infinito de palavras para se expressar” (Sartre 1948). Mas um grande romance, um romance que seja esteticamente agradável e comprometido, deve também conter uma multiplicidade de pensamentos, emoções e ideias. Sartre não parece pensar que o leitor encontraria dificuldade para entender semelhante obra de arte. Na verdade, Sartre parece estar glosando Platão, que no Livro X de *A República* nega o mérito dos poetas (e pintores) de representar coerentemente a realidade, porque são meros imitadores de emoções e imagens, afirmando “que todos os poetas, a começar por Homero, são simples imitadores das aparências da virtude e de tudo o mais de que tratam em seus poemas, mas não conseguem alcançar verdade.” (*Great Dialogues of Plato*, 1956: 400). Para Platão, a poesia e a pintura estão bem distantes da verdade e em fazendo seu próprio trabalho se relacionam com um elemento de nós mesmos que se encontra afastado da sabedoria e não se propõe, com essa ligação e amizade, nada de saudável nem de real. Todas estas afirmações parecem ter sido ecoadas por Sartre, que aprova a prosa como uma ferramenta utilitarista ideal para o compromisso intelectual, em oposição à poesia, considerada emocional, imprecisa e inadequada ao compromisso.

É irônico que o conceito de compromisso e a teoria da literatura de Sartre derivam na verdade da obra de Karl Marx e Friedrich Engels e da teoria da literatura socialista, não do idealismo de Platão. Um olhar atento para a obra de Marx e Engels mostra-nos que eles mesmos não preferem a ficção à poesia como uma forma mais adequada de discurso para o compromisso político. Com efeito, eles consideravam Heinrich Heine (*Atta Troll*), Ferdinand Freiligrath e principalmente

Georg Weerth grandes poetas cujas obras foram importantes para o aumento da consciência política. Sobre Weerth (1922-1956), um membro da Liga Comunista e amigo de Marx, disse Engels:

Weerth é o primeiro e o mais importante poeta do proletariado. (...) De fato, seus poemas socialistas e políticos são bem superiores aos de Freiligrath em originalidade, sagacidade e, particularmente, no fogo sensual. Ele usava frequentemente formas do tipo Heine, mas as vestia com muita originalidade e conteúdo pessoal (Banxandall e Moravsky, 1973: 124-125).

Em “The Condition of the Working Class in England”, Engels não hesita em reconhecer a validade da poesia para descrever a realidade e sua capacidade de transmitir os sentimentos dos trabalhadores sob um sistema de manufatura. Engels elogiou um poema de Edmund P. Mead (of Birmingham) como “a expressão correta dos pontos de vista prevalentes entre os trabalhadores” (Marx e Engels, 1978: 325). Marx e Engels reconheceram o poder da imaginação e da linguagem poética para despertar a consciência e o sentimento de identidade cultural necessário para atingir os objetivos revolucionários. A maioria dos comentários de Engels sobre as baladas irlandesas pode ser aplicada à poesia angolana, como veremos ao abordar Neto.

Desde a época de Marx e Engels, vários poetas que criaram poemas e escreveram sobre poesia demonstraram maior compromisso do que Sartre nos faria esperar. Gostaria de comentar brevemente sobre um poeta da França, Louis Aragon (um amigo próximo de Sartre), e sobre alguns poetas da América Latina e África. Malcolm Cowley, em sua introdução a *Aragon: Poeta of the French Resistance* (1945), percebe um claro engajamento político na poesia de Aragon. Pelo menos uma das declarações precisa ser repetida neste contexto:

(...) ela [a poesia] pode despertar emoções e levar a cursos de ação dificilmente sugeridos pela prosa; que os poemas, além

de serem curtos, podem ser copiados e passados de mão em mão, e até decorados, como os poemas de Aragon eram aprendidos e recitados; que, enfim, poderia desempenhar o mesmo papel que a poesia teve nos tempos homéricos e na Idade Média (Malcom Cowley, 1945: 5).

Este método de transmissão foi característico da poesia angolana e de Moçambique durante as guerras de libertação contra o domínio Português. Os poemas de Agostinho Neto foram censurados pelos portugueses, mas foram memorizados, recitados e discutidos em toda a Angola, dos anos 1950 até sua independência de Portugal, em 1975. A poesia de Neto, como veremos mais tarde, apresentou uma imagem nítida da cultura e da realidade angolanas. Parecendo mais com o Agostinho Neto de *Poesia Armada* do que o poeta típico de Sartre, Louis Aragon postula em *Pour um réalisme socialiste* (1935) que a poesia deve tratar da realidade concreta. Para Aragon, a “Poesia deve ter como alvo a realidade concreta. Apelo para o retorno à realidade, atento à lição de Maiakovsky, segundo o qual toda poesia é derivada de uma condição real de Revolução” (Louis Aragon, 1835: 5).

Quando nos voltamos para a poesia dos chamados países do Terceiro Mundo — países da Ásia, África e América Latina —, os contraexemplos às postulações de Sartre são bem mais fáceis de encontrar, devido às condições socioeconômicas e histórico-políticas daqueles países e seu analfabetismo generalizado, baixa renda, censura à imprensa e assim por diante. É praticamente axiomático que a natureza e a função da escrita na maioria dos continentes, especialmente na última metade do século XX, reflitam os esforços conscientes do povo para se libertar dos colonialistas ou da opressão neocolonial. Agostinho Neto e a poesia angolana devem ser compreendidos neste contexto. Em Angola, e em outros lugares, “poetas, ensaístas e romancistas, na condição de artistas e de lutadores pela liberdade, têm participado ativamente na longa batalha que começou,

na verdade, cinco séculos atrás, quando os primeiros portugueses se estabeleceram em Angola” (Donald Burness, 1981: 51).

Grande parte dos poetas contemporâneos de Angola, incluindo Viriato Cruz, Mario de Andrade, Manoel dos Santos Lima, Antonio Cardozo, Costa Andrade, António Jacinto e Agostinho Neto, para citar apenas alguns, foram membros do Movimento Popular para a Libertação de Angola-MPLA. A maioria destes escritores passou anos na prisão por causa da sua poesia e militância política. A poesia foi o gênero de expressão política preferida pela maioria, e o tema predominante. Por que Agostinho Neto, Costa Andrade, António Jacinto, Jofre Rocha e outros preferiram expressar seu compromisso político com a luta de classes através da poesia, se Sartre afirma que a prosa é o meio necessário e a ficção o gênero mais eficaz de demonstrar o compromisso intelectual e elevar a consciência? O poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade, especialmente o Drummond de *A rosa do povo*, frequentemente lida, recitada e memorizada em Angola, afirmou certa vez que a poesia não deve ser apenas o trabalho constante de aperfeiçoar a técnica, leitura e contemplação, mas também o resultado da ação. Para Drummond de Andrade, a poesia pode ser um instrumento de compromisso político. Sua carreira demonstra a prática da poesia sem divorciar-se da ação social. Seus livros mais populares em Angola eram *José* (1944) e *Rosa do povo* (1945). Ambos os livros foram banidos pela política secreta portuguesa-PIDE, mas a adaptação do poema “E agora José?” como canção de protesto era constantemente ouvida e cantada por toda a Angola. Quanto mais a censura tentava proibir a canção, mais o seu impacto se tornava visível entre o povo de Brasil, Portugal, Angola e todos os países lusófonos.

Os poemas de Agostinho Neto foram também transformados em canções de protesto e canções de passeatas, durante a guerra, pelo compositor Rui Mingas. Apesar disso, ou talvez

por causa da proibição portuguesa, os poemas de Neto foram cantados juntamente com canções tradicionais angolanas pelos guerrilheiros que marchavam através das florestas e campos (Donald Burness 1981, 56).

Thiago de Mello, um mestiço da Amazônia que viveu no exílio no Chile, Argentina, Alemanha e França, de 1964 a 1979, é outro poeta brasileiro que entende a poesia como uma arma, ou uma ação, muito mais radicalmente do que Drummond. Um autodefinido poeta e cantor, escreveu de forma intensa sobre compromisso político. Em *Poesia comprometida com a minha e a tua vida* (1975), Mello escreve:

É o momento especial de deixar de ser a solitária vanguarda de nós mesmos.

Precisamos conhecer uns aos outros

(Duro em nosso peito, queima a verdade cristalina dos nossos erros)

os que virão serão as pessoas do povo e da sua luta estarão cientes

(Thiago de Mello, 1975: 12)

Deve-se notar também os poemas de Thiago de Mello dedicados a Salvador Allende, em 1973, após o golpe de estado no Chile, principalmente “Canção para Victor Jara”. Jara é um herói do povo chileno, um poeta assassinado no Estádio Nacional del Santiago pelo crime de cantar o tema da esperança. Mello escreve:

Eu vivo a vida a cantar

você meu irmão vai continuar a cantar

entregando o brilho da luz; como uma flor desabrochando como um rifle atirando...

(Thiago de Mello, 1975: 47).

Drummond de Andrade e Thiago de Mello fazem parte da geração de poetas brasileiros e hispano-americanos que acreditavam no poder da poesia e da linguagem poética para se comunicar e despertar a consciência social e política. O prefácio da coletânea de Mello *Faz escuro mas canto porque a manhã vai chegar* (1965), publicada durante o seu exílio no Chile, foi escrito por Pablo Neruda e Mello traduziu uma antologia de Neruda para o Português. Amigo de Sartre, Neruda, talvez o maior poeta da América Espanhola e um marxista comprometido desde o início dos anos 1930, acreditava claramente no poder da poesia de comunicar significado político, e na sua utilidade como meio de despertar a consciência de classe, entre segmentos da sociedade semi-analfabetos. Para se comunicar com todas as classes sociais, e especialmente com a classe trabalhadora em mente, Neruda começou a simplificar a sua linguagem poética após a Guerra Civil Espanhola, uma tendência que ele seguiu, depois de se tornar membro do Partido Comunista, em 1943, em obras como *Odas elementales* (1954-1957). Em *Memórias, a comunhão com o povo em termos de conteúdo*. Ele reclama ainda da “exigência burguesa de que eu escreva poesia mais distante da realidade. Um poeta que chama pão de pão e vinho de vinho é perigoso para o sistema capitalista decadente” (Eduardo Guizado, 1970: 115).

Juntamente com os poetas brasileiros, Neruda, internacional no tom e na recepção, influenciou muitos poetas angolanos e certamente Agostinho Neto. Os versos de Neruda forma recitados por ativistas revolucionários na África, Ásia e América do Sul. Como Álvaro Sarmiento explica, a maior honra de Neruda foi sempre estar ao lado do povo oprimido. Quando, em 1973, ele escreveu “Las Satrapias”, o poema foi imediatamente distribuído nos círculos *underground* em todo o mundo. Poder-se-ia lê-lo impresso como panfletos no Brasil poucos dias depois de escrito:

Nixon, Frei e Pinochet  
até hoje, até este amargo  
mês de Setembro  
no ano de 1973, com Bordaberry, Garrastazu e Banzer  
hienas vorazes  
da nossa história, roedores  
de bandeiras conquistadas  
depois de muito sangue e de muito fogo, /.../  
tendo como única lei a tortura  
e a torturante fome para o povo  
(Álvaro Sarmiento, 1973: 147).

Em Angola, Agostinho Neto escrevia poesia partidária desde a década de 40, sempre aliado ao seu povo, sua raiva e suas esperanças. Em seu estudo da literatura lusófona, Russell Hamilton relaciona Neto e a poesia angolana à nossa principal preocupação aqui, em clara oposição a Sartre. Hamilton diz: “a literatura [no entanto] tornou-se o principal veículo de busca pela autenticidade emocional-ideológica. *Devido à sua capacidade emotiva*, a poesia dominou a cena literária nos anos 1950 e 1960” (Hamilton, 1975: 35 et foll, *grifo meu*). Os versos de Neto dos anos 1950 já demonstravam seu otimismo político, um otimismo jamais coberto de sentimentalismo ou romantismo. “Ninguém impedirá a chuva”, previu a voz poética:

Aqui no cárcere a raiva contida no peito espero paciente-  
mente o acumular das nuvens ao sopro da História  
Ninguém  
Impedirá a chuva.  
(Agostinho Neto, *Aqui no cárcere*)

Os versos de Neto são simples, transmitindo emoção clara e direta, conforme recomendado por Aragon e Neruda; sua poesia é de ação, como desejado por Drummond; e sua linguagem está profundamente enraizada na tradição popular angolana,

como preferia Thiago de Mello. A poesia de Neto está sempre comprometida com a vida nacional, com o camponês e as classes trabalhadoras, como idealizado por Engels. A prática de Neto nos dá uma antítese exata às afirmações de Sartre em *O que é literatura?*. Em Neto, as situações complexas são frequentemente reduzidas a simples declarações como aquela feita por Engels em sua leitura das baladas irlandesas ou da poesia tradicional angolana. Seu estilo inclui uma quantidade mínima de espaço, concebido por Aragão em *Pour un réalisme socialiste*. A todas essas características Neto acrescenta ritmo; o ritmo das danças angolanas e canções de tambores e da tradição oral. Neto incorpora a poesia da resistência. Em Angola, a resistência ao domínio português data da sua chegada em África do fim do século XV. Rainha Ginga, a rainha angolana do século XVII que liderou seu povo contra os colonizadores, tem sido objeto de centenas de poemas orais e se transformou um tema comum na poesia contemporânea angolana. Na sua introdução a *When Bullets Began to Flower*, Margaret Dickinson declara, ecoando Malcolm Cowley e Neruda, que a poesia, acima de todas as artes, floresceu em Angola porque podia driblar mais facilmente a censura, talvez porque, sendo a mais concisa forma de escrita, podia ser lida e escondida mais facilmente do que obras de prosa. E, mais importante, acrescenta Dickinson:

... é a tentativa de incorporar a cultura africana tradicional à arte poética escrita. As palavras africanas são usadas para descrever o fenômeno africano especificamente: o batuque, o ngo-ma e todas as citações das canções em línguas africanas, e os ritmos que são escolhidos sugerem o ritmo da poesia oral ou da música africana (Margaret Dickinson, 1972: 26-27).

Neto utilizou esses recursos estilísticos desde o movimento “Vamos Descobrir Angola!”, na década de 1950, junto com Viriato Cruz, que disse em um de seus poemas: “Quero ser um tambor”.

Neto frequentemente aproveitava as oportunidades de encaixar sentenças e expressões de origem africana em ritmos que ele criava em Língua Portuguesa. Em “Noites de Cárcere”, descobre-se toda uma estrofe que diz:

“É nossa! É nossa!/ Xi ietu manu/ kolokota/ kizuuua a  
ndo tu bomba / kolokotenu...”

Ou no poema “Mussunda Amigo”, com o refrão:

O io kalunga ua mu bangele!/  
O io kalunga ua mu bange  
lé-le-lé/

Neto nasceu em setembro de 1922, na aldeia de Kaxicane, a cerca de 40 quilômetros de Luanda. Foi criado em um lar cristão, aprendeu português na escola, mas falava kimbundu com seus amigos. Seu pai era um pastor protestante e professor. Em 1947, Neto foi para Portugal estudar Medicina na Universidade de Coimbra, e rapidamente se envolveu na militância política. Em 1951, foi preso e passou três meses na prisão; em 1957 foi preso novamente por mais dois anos. Desta vez, sua reputação como poeta chamou especial atenção para o seu caso e Jean-Paul Sartre, André Muriac, Nicolas Guillén e Diogo Rivera estavam entre aqueles que protestaram contra a prisão de Neto. Ele formou-se em Medicina em 1956 e retornou a Angola para assumir a liderança do MPLA, e, após a vitória angolana contra Portugal, em 1975, tornou-se o primeiro presidente da República Popular de Angola, cargo que ocupou até sua morte, quatro anos mais tarde.

A poesia de Neto fala eloquentemente de suas experiências pessoais na prisão e no exílio e dos seus sonhos de regressar ao seu país amado. Embora as comparações de sua poesia com a de Leopold Sedar Senghor tenham algum mérito, uma análise dos dois escritores africanos mostra que os poemas de Senghor são muito mais Europeus em tom e estilo

do que os de Neto; e que a poesia de Neto é mais intimamente voltada para seu ativismo político do que a de Senghor (M.R. Makana, 1980: 66-71). Donald Burness relaciona Neto a Senghor, chamando a atenção para:

A exuberância da imagística de Senghor, a ressonância do seu verso, em contraste com a linguagem mais simples e menos descritiva de Neto, que, em última análise, move-nos mais pela mensagem do que pelo ritmo do poema em si (Donald Burness, 1981: 90).

É óbvio que os versos de Neto são mais simples do que os de Senghor, embora Burness não se guie pela vantagem poética ou desvantagem de ser mais simples, nem siga a tradição da simplicidade como um recurso deliberado do estilo poético. Em sua análise do ritmo, todavia, Burness parece ter em mente a associação de ritmo europeu com rima e assonância, muito mais evidente na poesia de Senghor, em versos como: “Oho! Congo oho! Pour rhymer ton nom... and tandis qu’a leurs voix repond/ La plainte faible de mes reves moribonds” (Sedar Senghor 1964, 101, 220). A poesia de Neto está muito mais preocupada com o ritmo orgânico, não só o ritmo universal e rimas e assonâncias abstratas, mas o ritmo culturalmente específico das danças e música angolanas. Poemas como “Na Pele do Tambor” e “Fogo e Ritmo” convidam à dança.

Para Neto, o melhor veículo para transmitir ideias foi a tradição oral angolana. Da mesma forma que o poeta oral reuniu a comunidade para entreter, falando da experiência comum, das crenças e ansiedades, o poeta moderno de Angola, particularmente Agostinho Neto, vai produzir poesia anticolonialista revolucionária para ser contrabandeada, recitada, ouvida e cantada durante a guerra de guerrilha contra o inimigo comum. Os poemas de Neto foram memorizados e murmurados nas casernas por tribos de angolanos ignorantes, porque esses poemas eram reproduções fiéis das suas experiências comuns. Em matéria de

função social, a fronteira entre a literatura escrita e oral se desfaz.

E escrevo versos que não entendes compreendes a minha angústia?

Nós somos

Mussunda amigo

Nós somos

/ .../ o io kalunga ua mu bangele... Nós somos

Neto dirigiu-se aos seus companheiros de maneira bastante franca apelando para a sua solidariedade. Eles podem não entender seus versos hoje, ele diz, mas quando forem livres da opressão portuguesa, quando todos forem capazes de frequentar a escola, esta ausência de entendimento deixará de existir. Essa é a mensagem enfatizada em seus discursos. Caso os intelectuais angolanos preferissem o romance como gênero literário para compromisso revolucionário e político, como Sartre sugere, ficariam frustrados não apenas por causa do analfabetismo da população, mas também por conta da censura e apreensão dos livros. Ao utilizar poesia, no entanto, Neto poderia recitar seus poemas numa estação de rádio revolucionária como parte de um discurso político (como ele faz no filme “Angola: A Vitória da Esperança”, dirigido por Sarah Maldoror) e ser ouvido pelos alto-falantes improvisados:

Nesta hora de pranto vespertina e ensanguentada Manuel  
o seu amor partiu para S. Tomé para lá do mar

Até quando?

“Todo o povo de Angola pergunta até quando?”. A voz de Neto contrasta a noite de hoje com a aurora de amanhã, a opressão de hoje com a esperança, a sagrada e profunda esperança do novo dia. Marga Holness revela na introdução a *Sagrada Esperança*: o sonho de vida e luz do poeta e do povo (Introdução de Marga Holness a *Sagrada Esperança*, 1974: 7-33). E Neto reafirma:

Eu sou um dia em uma noite escura/ Eu sou uma expressão de saudade... (1974: 28)

O sonho de Neto é o sonho do povo angolano de uma nova vida, uma vida que nunca tiveram, mas que há séculos é cantada em suas canções populares. Eles “têm saudades”, como dizem os brasileiros, usando a expressão para longing ou nostalgia para referir-se aos dias de liberdade de antes da chegada dos colonizadores portugueses.

“Como M. K. Makana assinala, embora a obra de Neto esteja cheia de sofrimento, humilhação e tristeza, “em nenhum lugar, mesmo no mais desesperado dos seus poemas, ele mergulha no desespero. Cada poema aponta para a frente. Cada poema é um chamado à ação”. (M. R. Makana, 1980: 67). Holness concorda: “não há lugar para choro, em sua poesia. Em Neto, o futuro tem de ser criado ‘com os olhos secos’”. Esta imagem tornou-se um *leitmotiv* nos poemas de Agostinho Neto e foi escolhida como título para a primeira impressão de *Sagrada Esperança*, publicada na Itália sob o título *Com occhi aschiutti* (1963).

No poema “À reconquista”, Neto convida o segmento ocidentalizado do povo angolano a esquecer suas frustrações e unir esforços para redescobrir o mundo real onde milhões de pessoas estão juntas na mesma miséria, atrás das fachadas democráticas da cristandade e da igualdade (1974: 41).

Vem comigo África do Jitterburg  
até a terra até o homem até o fundo de nós  
ver quanto de ti de mim faltou  
quanto da África esqueceu  
e morreu na nossa pele mal coberta sob o fato emprestado  
pelo mais miserável dos ex-fidalgos.

Mais tarde no mesmo poema, Neto move-se de Angola para o universal:

Vamos com toda a Humanidade/ conquistar o nosso mundo e a nossa paz.

Em Angola, o poeta e o guerrilheiro lutam juntos até a derrota portuguesa, em 1975, quando a República Popular de Angola foi criada. Às vezes torna-se difícil para o povo distinguir entre poemas e as canções de guerrilha, cujos nomes dos autores eram irrelevantes:

Soam passos  
MPLA, vitória ou morte  
três punhos cerrados violam o ar da cela  
MPLA vitória ou morte  
MPLA, vitória ou morte  
(Carlos Ervedosa, 1979: 140).

Através do movimento guerrilheiro, como professora Ervedosa, com seus heróis, com os corpos e vitórias, a literatura angolana atinge uma nova dimensão. Poemas de poetas que morreram em combate são ainda cantados de cor, e a imagem do poeta-guerrilheiro tem se tornado parte da tradição angolana. Costa Andrade, por exemplo, em “Réquiem pra um homem”, alça o desconhecido poeta-guerrilheiro que morreu no leste de Angola a herói nacional:

Quem foi que disse e que mente? quem me traz da guerra  
um grito? Morreu o comandante Kwenhe  
Já a poesia está morta/ já o poeta canta a dor de chorar  
cantando o que o povo está chorando  
Kwenhe, herói comandante...

A “Poesia com armas”, e não prosa, desempenhou um papel fundamental em ajudar os intelectuais angolanos a elevar a consciência do povo. À meia-noite do dia 11 de novembro de 1975, Agostinho Neto, como primeiro presidente de Angola, criou a União dos Escritores de Angola e afirmou em seu discurso:

A história de nossa literatura é testemunho de gerações de escritores que sonharam, na sua época, dinamizar o processo de nossa libertação, exprimindo os anseios profundos do nosso povo, particularmente o das suas camadas mais exploradas. A literatura angolana escrita surge assim não como uma simples necessidade estética, mas como arma de combate pela afirmação do homem angolano.

Hoje em dia, a maioria dos poemas de Agostinho Neto já foi adaptada para música e é cantada pelo povo angolano. Os romances de Luandino Vieira, proibidos durante a guerra contra Portugal, estão finalmente disponíveis. Uma nova geração de escritores está recriando a tradição angolana e os críticos reanalisam a literatura angolana. A poesia deu a sua contribuição onde a ficção não pôde fazê-lo. *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, de Luandino Vieira, proibido pelo PIDE, foi publicado inicialmente na França, em 1964, tornando-se disponível no original em Português somente após 1974; ao passo que *Sagrada Esperança*, de Neto, também proibido pelo PIDE, e igualmente publicado pela primeira vez na Europa (*Com occhi asciutti* 1963), foi “contrabandeado” com êxito e lido pelo povo angolano, primeiro em fragmentos, depois na adaptação musical feita por Rui Mingas.

A preferência de Sartre pela ficção, e a consequente rejeição da poesia como forma e meio de promover o compromisso político e a consciência de classe, parece sofrer da mesma falha que a preferência de Marx por países já industrializados, com grande classe trabalhadora urbana, rejeitando as sociedades agrárias como palco adequado para a revolução proletária e o socialismo (Theodore Draper 1960, 11). Cuba, Angola, China e Moçambique provaram que Marx estava errado, os poetas de

Terceiro Mundo da América Latina, de Angola e, mais recentemente, de Moçambique têm provado que as proposições de Sartre em *O que é literatura?* estavam erradas. Para escritores e militantes desses países, para Drummond, Aragon, Neruda, Thiago de Mello, para Agostinho Neto e Craveirinha a poesia é uma força muito mais forte e eficaz para a militância revolucionária e a consciência política do que a prosa. Se a palavra em um poema se torna uma *coisa*, como propõe Sartre, esses poetas utilizam esta coisa não como um objeto rarefeito de alienação, mas como uma bala, conforme propõe Dickinson ao usar a metáfora “quando as balas começarem a florir”, para descrever a poesia revolucionária de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde. Como o próprio Neto declarou: “a sagrada esperança torna-se sagrada realidade, a realidade de liberdade e paz”.

---

Nelson Cerqueira é professor de metafísica, hermenêutica filosófica, estudos jurídicos; pesquisa científica, teoria do texto (Ucsal e Ufba). Publicou *Martin-judeu Brasileiro e Sem Dinheiro*, 2017; *Uma Visita a Jorge Amado*, 2013, *A estética da recepção da poesia de Agostinho Neto*, 2011, entre outros. É membro da Academia de Letras da Bahia, cadeira 4.



# PELOS SERTÕES DE EUCLYDES

MARIELSON CARVALHO

*É uma paragem impressionadora*  
Euclides da Cunha

## A entrada do sertão

A partir da leitura de “A Terra”, a primeira parte de *Os Sertões*, minha proposta é traçar uma análise provisória sobre a representação simbólica e material do sertão tanto como expressão geográfica do cenário da Guerra de Canudos (1896-1897, Bahia), quanto idealização da própria construção narrativa da obra de Euclides da Cunha e de sua subjetividade poética. Ou seja, mostrarei possíveis veredas de simulacros para sugerir uma leitura do sertão euclidiano como representação de uma potência literária, como obra e autoria, atentando-me para as emergências discursivas que se encenam no texto.

Embora o ponto de partida seja “A Terra”, faço referências a outras partes de *Os Sertões* e a outras obras do autor, na medida em que a representação do sertão atravessa o seu imenso território narrativo e é parte fundante da própria imaginação/realidade de Euclides da Cunha como escritor.

O sertão euclidiano se apresenta menos como simplesmente referência física do ponto de vista naturalista, mas a partir dela ganhando outras imanências espaciais que alargam os limites de representação da obra para além do monumento literário, cujo protocolo de leitura restringe outras possibilidades de cartografia, menos planificada e esquadrinhada pela

régua e compasso da historiografia e crítica literárias e mais sensível aos interstícios, às fendas, às rupturas e às veredas interpretativas do leitor.

### Terra Ignota

O sertão é um “território do vazio”. Embora o conhecimento científico tenha catalogado uma vasta genealogia de sua trajetória/existência em língua portuguesa e no imaginário brasileiro, o sertão é vazio por ainda ser uma possibilidade de **ocupação**, o que neutraliza a ideia de um sertão oco de sentidos, mas que a partir de suas próprias ausências emergem tempos e espaços possíveis que se reinscrevem numa presença/permanência simbólica e material, mesmo que um adensamento científico e histórico limite o sertão a uma configuração estéril e nulificada.

Ao começar *Os Sertões* pela descrição física do território, a partir de uma concepção naturalista de gênese do homem sertanejo, resultado direto e determinista das características do meio, Euclides da Cunha retoma o mesmo aporte científico que já havia sinalizado antes de escrever o livro, quando tratou pela primeira vez sobre a Guerra de Canudos na série de dois artigos “A nossa Vendéia”, publicada pelo jornal O Estado de S. Paulo, em 14 e 17 de março de 1897, portanto cinco meses antes de chegar a Salvador, de onde seguiu para Canudos.

Nesses artigos, nos quais compara os canudenses aos chouans, os habitantes católicos de Vendéia contrários à Revolução Francesa e, posteriormente, massacrados pelo exército republicano, Euclides apresenta detalhadamente o meio ambiente como elemento que refletiria a resistência dos sertanejos, ressaltando até mais esse detalhe físico do que propriamente a motivação política/religiosa da guerra. Tudo decorria dessa relação do homem com a terra.

Identificados à própria aspereza do solo em que nasceram, educados numa rude escola de dificuldades e perigos, esses nossos patrícios do sertão, de tipo etnologicamente indefinido ainda, refletem naturalmente toda a inconsistência e toda a rudeza do meio em que se agitam. (CUNHA, p. 578)

A natureza inclusive estava tão internalizada no homem, que ela mesma se transformava, antropomorfizando-se, o que ressalta mais ainda a condição cerrada de causa-efeito em que o sertanejo era visto e inserido. Ou seja, ao se metamorfosear, a natureza reforçava no homem a sua própria força, porque imprimia nele sua imagem seca, selvagem e bizarra.

Mesmo referenciando e confiando nas mais diversas camadas sobrepostas de leituras até então feitas sobre a geografia/geologia do sertão, Euclides ao entrar de fato nesse território, começa a se surpreender e a desconhecer o que havia até então acumulado através dos livros. O que é mais revelador nessa construção da obra é que na *Caderneta de Campo*, anotações feitas por Euclides durante a viagem, é mostrado um olhar já admirado para as novidades da natureza que sucediam velozes a cada passo ou visada.

Segundo Olímpio de Souza Andrade (2009), que transcreveu o diário do escritor, a ansiedade de captar tudo o que via do sertão o obrigava a escrever rápido, às vezes, com caligrafia quase indecifrável, outras vezes substituindo palavras por desenhos, croquis, linhas pontilhadas para dar conta da sucessão de imagens coincidentes, reiterativas ou mesmo hiperbólicas da natureza.

Não convinha confiar só à memória, por exemplo, tudo aquilo que mais importava – serranias que tombam, cerros agudos, encostas a prumo, plainos ondulados, vegetação escassa de cactos e bromélias, alcantilado dos fragedos, grimpas pontiagudas, cumeadas altas arqueadas em anfiteatro, penhascos,

patamares caprichosos... Anotadas, teriam utilização em “Os sertões”, como é fácil reconhecer. Reconhecendo ao mesmo tempo que as notas em conjunto apresentam o interesse doado entre os **espetáculos da terra** e os flagrantes do homem. (p. 50, grifos meus)

Esses “espetáculos da terra” abundavam tanto ao redor de Euclides, que em vários momentos ele se sentiu mal. Quanto mais adentrava o sertão e agudizava a guerra, mais ele se envolvia naquele turbilhão de sensações até então nunca experimentado. Após 18 dias na frente de batalha, retira-se doente de Canudos, com acessos de febre, na manhã de 3 de outubro, dois dias antes da queda do povoado.

É certo que um dia antes de seguir para Canudos, Euclides teve um resfriado, a ponto de expelir sangue dos pulmões, mas o misto de ansiedade, fervor republicano e curiosidade científica tirou sua atenção dos cuidados com a saúde. Nada o desanimaria, pois estava determinado a “levar o último resto de energia” para o sertão. “Só voltarei quando a marcha para a frente for um suicídio.” (apud VENTURA, 2003, p.163).

Antes de chegar ao estágio final de sua resistência, Euclides retornou doente, mas com o máximo possível de experiência que sua passagem pelo sertão pôde lhe dar. Sua última reportagem enviada para publicação, em 1º de outubro de 1897, começa com uma descrição encantadora do amanhecer no sertão. Esta cena não foi rascunhada na *Caderneta*, mas parcialmente repetida em *Os Sertões*, no entanto menos tomada do fulgor da hora com que presenciou e escreveu para o jornal. Foi talvez, naquele momento, um refrigério/alumbramento/tônico para a alma e para o corpo doente/cansado/impactado de Euclides em meio ao calor, à fome, às mortes, aos tiros, aos flagrantes da natureza.

Não há manhãs que se comparem às de Canudos; nem as manhãs sul-mineiras nem as manhãs douradas do planalto

central de São Paulo se equiparam às que aqui se expandem num firmamento **puríssimo**, com irradiações fantásticas de **apoteose**. Douram-se primeiro as cristas altas de Cocorobó, Poço de Cima e Canabrava e a onda luminosa do dia sulca-lhe, lentamente ascendendo, os flancos abruptos e ásperos semelhando uma queimada longínqua, nas serras. A orla iluminada amplia-se, vagarosamente, descendo pelos contrafortes e gargantas das montanhas fimbriadas de centelhas... Depois, a pouco e pouco, um raio de sol escapa-se, tangenciando as quebradas mais baixas, e sucedem-se rapidamente outros e vingando logo após a barreira das montanhas o dia desdobra-se **deslumbrante** sobre a planície ondulada, iluminando-se repentinamente todas as vertentes das serras do Cambaio, Caipã e Calumbi, até então imersas na penumbra.

E há como que uma harmonia estranha nos ares de uma região da qual fugiram, de há muito, espavoridas, todas as aves. Uma **harmonia imperceptível** quase e profunda, feita pela expansão íntima da terra ante o beijo ardentíssimo da luz, recordando o fato mitológico da estátua de Memnon de Tebas!

Hoje, porém – coincidência bizarra! – observei pela primeira vez uma manhã enevoada e úmida – persistentemente varada por uma garoa impertinente e fina; uma manhã de inverno paulista. (CUNHA, 1966, p.562, grifos meus)

A beleza da aurora sertaneja<sup>1</sup>, que a ele parecia ser um fenômeno inimaginável naquelas paragens é marcada por expressões de alto quilate retórico como “puríssimo”, “apoteose”, “deslumbrante”, usado com o intuito mesmo de dar conta da grandeza que aquelas imagens lhe ofuscavam.

<sup>1</sup> Referência indireta a deusa Eos, senhora do amanhecer e mãe do guerreiro Memnon, cujas lágrimas pela morte do filho em Troia representa o orvalho das manhãs.

Em tom de despedida de Canudos, Euclides parece resumir nesse texto, tudo o que pôde apreender de extraordinário do sertão, já que após essa abertura até o final não mais se detém em sua descrição física, mas tão-somente aos fatos do próprio conflito. Só vamos ver isso retomado/revisado/reinventado em 1902, quando finalmente lança *Os Sertões*.

A expressão “Terra Ignota” não aparece em nenhum dos escritos (cartas, diários, telegramas, artigos) anteriores à publicação do livro. É também a única vez que ele a cita e de forma emblemática faz referência a esse “território do vazio” que dá nome a seu livro ou mesmo metaforiza o próprio vazio ou sertão/sertões dentro de si.

Abordando-o, compreende-se que até hoje escasseiam sobre tão grande trato de território, que quase abarcaria a Holanda (...), notícias exatas ou pormenorizadas. As nossas melhores cartas, enfeixando informes escassos, lá tem um **claro expressivo, um hiato**, *Terra Ignota*, em que se aventura o rabisco de um rio problemático ou idealização de uma corda de serras. (CUNHA, 1966, p. 100, grifos meus)

A partir da etimologia da palavra “ignota”, do latim *ignotus*, *a, um*, que significa “desconhecido, ignorado; obscuro; novo, desusado; que ignora, que não sabe, não conhece” (HOUAISS, 2013), pode-se alinhar um complexo de sentidos com a palavra “sertão”, que segundo Gustavo Barroso (1983) abarca várias referências como “deserto grande”, “interior”, “sítio mais afastado dos terrenos cultos”, “coração das terras”, “mato longe da costa”.

Euclides da Cunha ao escrever *Os Sertões* não só se aventura a descobrir um admirável mundo novo, a partir de seu fundamento científico e de seu republicanismo, mas também, com intrepidez, tenta se descobrir na vastidão obscura de sua própria personalidade.

É interessante observar que, como abertura de *Os Sertões*, Euclides mesmo arrebatado cinco anos antes com o sertão, não abandona de pronto o perfil racional de sua formação de engenheiro ao esquadrihar como numa prancheta cartográfica o terreno.

Após fazer um largo voo de descrição sobre a geologia do Brasil, a partir do Sul, o narrador euclidiano começa a planar sobre terras ao Norte e a observar, a cada volteio aéreo, pouco a pouco regulando a escala de visão, esse hiato. Tudo ali é excesso e falta. Tudo ali se configura como conflito e lacuna, secularmente se movimentando à margem da História.

Essa “terra ignota” é uma contradição, opera com os/nos opostos, “se compraz em um jogo de antíteses”, vai “da extrema aridez à exuberância extrema”, enfim, o “sertão é um paraíso”, cuja ideia/imagem do autor rasura o signo de um lugar de redenção cristã para inscrevê-lo como o da queda infernal, e da qual renasce, mas numa outra clave de existência, a de um devir: “O martírio do homem, ali, é o reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da Vida. Nasce do martírio secular da Terra” (CUNHA, p. 136).

É no interstício desses contrastes, onde se configura o “claro expressivo”, que Euclides cria seu devir narrativo, na medida em que, referenciando o pensamento de Giles Deleuze (1997, p.11), o autor de *Os Sertões* não pensa em atingir uma forma, uma imitação, mas “encontrar uma zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação”, algo imprevisível.

### Sertões Adentro

A representação do sertão é a própria idealização ou a forma da construção de sua obra, pois tensiona entre o dito e o inaudito sobre aquela natureza, ou seja, a possibilidade da emergência de uma “harmonia imperceptível quase e profunda”, potencializada em simulacros, como foi aquela manhã inigualável descrita em seu diário.

O autor percebe que nessa adversidade/dinâmica/disjunção do sertão um modo singular de existência lhe apresenta integrada/inteira, mesmo que impalpável/insondável, a partir do qual tenta ajustar ou mesmo formatar sua técnica narrativa com todas as referências literárias e científicas que dispararam em sua *Caderneta de Campo*.

O sertão emerge em sua vida no instante em que ele o adentra, pois até então o sertão era uma obsessão imagética desde os 14 e 15 anos, quando escreveu seus primeiros poemas, como nos versos de “Eu quero”:

Eu quero, eu quero ouvir o esbravejar das águas  
E a minh'alma, cansada ao peso atroz das mágoas,  
Das asp'ras cachoeiras que irrompem do **sertão**...  
Silente adormecer no colo da **soi'dão** (CUNHA, 2005, p.22)

Ou ainda em “A cruz da estrada”:

Se vagares um dia nos **sertões**,  
Como hei vagado – pálido, dolente,  
Em procura de Deus – da fé ardente  
Em meio das **soi'dões**...

(...)

Nos gélidos lugares  
Em que ela se ergue, nunca o raio estala,  
Nem pragueja o tufão... Hás de encontrá-la  
Se acaso um dia nos **sertões** vagares... (CUNHA, 2005, p.36)

Já adulto, continuou com esta fantasia do sertão como um território de vastidões e solidões do interior do país. Na condição de engenheiro e especialista em geologia, participando de

missões oficiais em São Paulo e na Amazônia ou como correspondente em Canudos, Euclides realiza seu desejo e a transforma em sua principal razão de vida. Uma errância solitária e utópica, um devir-escritor.

Em um fragmento de seu caderno íntimo, escrito no mesmo ano de publicação de *Os Sertões*, Euclides da Cunha revela essa solidão que pode ser pensada menos como isolamento social e mais como introspecção intelectual, na medida em que ao ser elevado a escritor renomado logo no ano em que o livro sai, ainda assim, por timidez/humildade/convicção, prefere continuar sua faina de homem letrado mas sem as vaidades literárias de um cânone, ou o que Walnice Nogueira Galvão (2002, p. 170) chama de “intelectual desviante” ao se referir àqueles intelectuais do tempo de Euclides, dominado pela “galomania da *belle époque*, (...) [mas que] voltam as costas para as galas dos salões e das modas da capital então em acelerado processo de modernização”. Diz ele:

Quis aparecer **só**, absolutamente **isolado** na grandeza do meu nome obscuro diante dos que compartilharam aquela luta. E apareci só. (...) Hoje me rodeia grande força moral da opinião pública do meu país que não solicitei. E eu volto tranquilamente à minha tenda modesta de trabalhador abraçando a minha engenharia fatigante. (CUNHA, 1966, p. 587)

Em outro momento chegou a denominar esta faina de “engenharia errante” e que, como informou na Nota Preliminar do livro, lhe consumiu mais tempo esse trabalho oficial, daí o atraso na conclusão de sua obra, a literária. Errância e técnica, tanto intelectual, quanto profissional; tanto íntima, quanto artística caminharam juntas na construção de *Os Sertões*.

A obra demanda até hoje uma expedição analítica a seus caminhos espinhosos, pedregosos, arentos, causticantes e caniculares para tentar entendê-la, embora tenha sido monumentalizada como impassível às intempéries.

Assim como o próprio território que representa, *Os Sertões* é um labirinto de caatingas discursivas e rizomáticas, cujo Minotauro (jagunço?) está sempre à espreita/à espera do leitor/viajante incauto/atrevido. O fio que tece esse “deserto grande” não lhe dá segurança nenhuma de retorno, pois as surpresas tonteiam e o se perder/se achar vira uma excitante e necessária experiência.

Para entender os meandros desse labirinto que se impõe como desconhecido aos olhos dos homens, mas ao mesmo tempo fadado a ser revelado, o narrador euclidiano opera uma viagem marcada pela impressão, pela surpresa, pela violência arrebatadora das imagens, apesar de todo um esforço científico de incursão dado ao leitor. Ele, o narrador

euclidiano, se trai e é traído, e leva o leitor a essa interpretação pendular/vacilante/imprevisível/desconhecida sobre o sertão. Neste sentido, a ideia de rizoma deleuzeano nos possibilita pensar essas vias ou caatingas labirínticas como “linhas de fuga” que suplementam outras “linhas segmentares”, formando assim uma estrutura indefinível, mas potente sempre de reterritorializações imagéticas.

Em outro trecho de seu caderno, anteriormente citado, Euclides fala da relação entre ele, na condição de “cronista veraz”, e o leitor, para explicar a simpatia/sinceridade/admiração crítica em torno de sua obra, mesmo que senões mais incisivos tivessem sido apontados, em parte considerados por ele como legítimos, numa assunção de *mea culpa* pelo “sem número de deslizes de forma e mesmo da sequência lógica das idéias” (*Idem*, p. 588).

Para Euclides, este leitor, à medida que folheia seu livro, deixa de lado a “frieza indispensável” de uma leitura mais analítica e se empolga pela “visão arrebatadora do grande assassinato coletivo”, seguindo “inteiramente absorvido no contemplar as suas várias peripécias, deixando-se dominar pelas impressões do momento sem curar da unidade lógica e da unidade estética do trabalho”.

Conclui dizendo que a relação harmoniosa perfeita entre o leitor e o narrador decorre de um “contágio permanente de emoções idênticas” sobre o assunto de que trata o livro, ou seja, a impressão pessoal da obra devido à proximidade do leitor com o episódio narrado é que faz com que a obra tenha seguido uma trilha de sucesso e reconhecimento público.

Tão ignota em termos de formato e proposta, quanto o sertão que nela foi traçado, a obra terminou por ser primeiro (e legitimamente) a representação dos contrastes e confrontos de uma História que não ousava revelar os nomes de seus párias e marginalizados, porque não interessava a um discurso de construção nacional mencioná-los como sujeitos desta idealização social, cultural e política.

A eles, era dado o lugar do vazio, do recôndito, do deserto, do oco do mundo, mas essas vozes fizeram eclodir a guerra para que fossem ouvidas por quem nem imaginava que a sobrevivência delas ecoaria até hoje, potencializadas tanto na memória quanto no agenciamento de suas demandas.

Euclides da Cunha, embora encerre sua aventura sertaneja, ressaltando marcadores valorativos de alto e baixo sobre raça e sociedade, ainda assim, demonstra uma vontade de revisão e de denúncia na própria dúvida em que *Os Sertões* se constituiu. Ou seja, a obra de Euclides é também uma incógnita desde quando ele pensou em escrever e foi exorbitando essa dúvida até quando foi publicada, cujas lacunas, ele nunca conseguiu preencher, mesmo a crítica não se dando conta de que esses vazios antes eram a expressão própria de sua criação do que um problema a ser resolvido.

Luiz Costa Lima (1989) me ajuda a refletir um pouco sobre isso em seu texto “Nos sertões da oculta mimesis”, quando comenta sobre as impressões de Euclides sobre o sertão, ou seja, sobre este ato de fingir euclidiano:

Um conjunto de impressões que não sejam meramente passivas tende a precipitar uma figura mimética quando se organiza em torno de certo e preciso princípio de seleção. (...)

Para que a mimesis (...) se torne expressivamente produtiva, é necessário que o objeto mimetizante provoque, além da necessária identificação do agente mimetizado, o seu reconhecimento – não digo consciente – da *resistência* que se lhe apresenta, i.e., o reconhecimento da *diferença* da fonte mimetizante. Do contrário, o mimetizado é apenas uma *reprodução*, uma cópia. (...) As condições de organização mimética concentram-se pois em “A Terra” e “A Luta”. Ao comentar a primeira, destacamos a imagem de ruína e tragédia com que sua observação é *produzida*. (...) Ou seja, é o sentimento trágico, agônico, da terra, por extensão do homem (...) que funciona como o princípio seletivo da *mimesis* euclidiana, (...) cujo resultado final é o produto ficcional (LIMA, 1989, p.238-9).

O sertão de Euclides se apresenta como diferença na medida em que tensiona o mundo das ideias, onde tudo é perfeito e acabado, e o mundo real, onde tudo é tangível, cuja cópia é autorizada pelo mundo original. A idealização do sertão por Euclides a partir de um pensamento platônico que elimina todas as cópias que não possuem seus respectivos correspondentes no mundo original é fraturado pelo contato com a própria imprevisibilidade do sertão que lhe apresenta in loco ou “in logos”.

Essas impressões lhe criam desconforto, mas ele as toma como resistência, no sentido da provocação, quando mimetiza em seu discurso o simulacro do sertão que ameaça substituir o sertão das ideias. O reconhecimento de Euclides da potência desse sertão é tão agônica, por ele pensar que subverte um destino ou uma ordem primeira, que essa latência será manifestada, e assim, fundar uma verdade possível, por exemplo, na antropomorfização da natureza.

Quando Luiz Costa Lima fala em “reconhecimento da *diferença* da fonte mimetizante”, eu penso aqui no sertão de gabinete de Euclides que é descentrado quando ele percebe que não

o vê correspondência na cópia mais pretensamente real que até então se lhe oferecia como tal. É nessa ausência de paradigmas elementar entre original e cópia que Euclides constrói um sertão possível.

A diferença é um termo que sugere variação, multiplicidade, duplicidade, relegando para um segundo plano a identidade e a semelhança. E Euclides opera essa dessemelhança instaurando uma semelhança perturbadora, deslizante, desessencializada, entre o sertão das ideias e o sertão real.

À primeira vista, isso parece impossível, na medida em que uma versão sobre Euclides da Cunha nos direciona para uma interpretação automatizada que nos cerceia para além do sertão real. Termos como “andante” ou “errante”, já aqui citados, fazem de sua literatura um simulacro de uma geografia da não-fixidez.

Em “A Terra”, é onde o autor encontra o “território do vazio”, já que o sertão, em seu sonho de geólogo, é comparado ao oceano igualmente configurado como outro espaço de vastidão. Essa rasura/sugestão marinha empolga tanto Euclides que, ao ver a paisagem sertaneja, mesmo sabendo que em suas fontes geológicas essa tese não é ponto pacífico, ele abandona a mais convincente delas, a de que no sertão teria existido uma deposição de água doce, para criar uma “concepção aventureira” da ideia de um mar.

Neste sentido, ele se expande por uma das mitologias mais emblemáticas do milenarismo reinante no sertão do tempo de Antônio Conselheiro, e que teria provocado a acorrida da população para Canudos: “o sertão virará praia, e a praia virará sertão”. Walnice Nogueira Galvão (2002), no texto “Anseios de amplidão”, analisa como em “Os Sertões” essa errância homérica (inclusive ele chamava Canudos de “Tróia de barro”) de proximidade do sertão com o mar é recorrente, na medida em que:

enquanto espaços homogêneos, decomposto o deserto em seus elementos constitutivos, a areia é equiparada à água e suas ondulações à arrebentação. (...) Assemelha-se o deslizar dos passos a ecos de ressaca, o calor uma torrente de lava; o ar noturno e gelado ao frescor das águas; as dunas a vagas ígneas; os oásis a portos; o sibilo da areia ao marulho e suas oscilações a rodamosinhos líquidos; o viadante a um piloto sem bússola; o balouço da montaria ao tombo ou jogo do navio; as miragens, quase sempre aquáticas, a fosforescências e ardentias. (GALVÃO, 2002, p. 196)

Ao referenciar o sertão como “território do vazio”, estou tomando a expressão que Alain Corbin (1989) sugeriu para denominar a praia, o mar e o oceano em seu estudo sobre a construção desses espaços no imaginário ocidental. Ora vistos como caóticos, incompreensíveis e demoníacos, ora como salutares, paradisíacos e elegantes, os elementos materiais e simbólicos marinhos são descritos e analisados por Corbin desde as mais antigas referências bíblicas, onde estão as “raízes do medo e da repulsa”, especialmente como “recipiente abissal do dilúvio”, até o “frescor do maravilhamento” e da “invenção da praia” como espaço de sociabilidade moderna.

A ideia de território e de vazio realçam o que teoricamente seria uma inconsistência, pois para Claude Raffestin (1993, p. 144), “o espaço é a ‘prisão original’, o território é a prisão que os homens constroem para si”. Ou seja, o território seria ação humana, inventada, portanto, subsequente aos limites dos espaços “como provenientes de uma natureza não processada pela história do trabalho”. (HISSA, 2002, p. 36).

Assim, o vazio seria o espaço e, por extensão, o sertão, tomando sua existência como dada e marcadamente caracterizada pela descrição que lhe encerra, e não um território, fruto das relações de poder do homem ou de sua própria inscrição nele. Essa sutil contrariedade, mas por outro lado uma potência de

desajustes é o que aparece em toda a criação de *Os Sertões* e, que labirinticamente se espalha para outras veredas/searas/caatingas de sua vida literária e pessoal.

É um vazio que, como já disse, possibilita uma **ocupação**, a partir do qual um território se presentifica, por instaurar uma nova desordem nos limites impostos ao sertão, daí a incógnita que ainda persiste em torno da obra euclidiana. As fronteiras entre a entrada do sertão e seu extremo não são demarcadas por Euclides, embora ele assim o quisesse, por força de um positivismo totalizante que lhe dominava à época.

É interessante observar que, mesmo sinalizando no subtítulo os limites de qual sertão estava tratando (Campanha de Canudos), o título de sua obra no plural amplia as fronteiras para além do extremo, do fim e do contorno, alcançando outros sertões, como por exemplo, o de Riobaldo, que não “tem janelas, nem portas”, está “em toda parte”.

E nessa amplitude, abarca o vazio da imagem da praia e do mar como um espaço de evasão (devido à infundável faixa de areia e do horizonte), de agitação (ao vento que movimentava a areia e às águas) e de solidão (ao sentir-se pequeno diante da imponência que o ambiente marinho provoca, com suas ondas grandes, suas escarpas altas, sua enorme massa líquida etc).

O sertão de Euclides é também marinho porque evoca aquelas imagens de sertão e solidão em suas poesias juvenis, reunidas no livro póstumo intitulado “Ondas”. A linha que se estende entre o jovem de 14 anos, idealizando esse “território do vazio” em um caderno rascunhado de poesias tanto com referências ao mar e ao sertão como espaço de solidão, e o adulto de 36 anos, ao escrever um livro intitulado *Os Sertões*, se transforma numa sugestão de leitura que entrevê o “território do vazio” em sua vida e obra.

No mesmo dia de sua morte, em 15 de agosto de 1909, saía publicada a última referência de Euclides da Cunha na imprensa:

uma entrevista que concedeu a Viriato Corrêa para a revista *Ilustração Brasileira*. O encontro foi motivado por um convite do próprio Euclides ao amigo, que aproveitou o bate-papo e o transformou num depoimento póstumo do autor.

Nele, todos os fios que tenho provisoriamente alinhavado nesse texto sobre o vazio, a evasão, o mar e o sertão se tecem numa análise das malhas/tramas da obra euclidiana.

É ali, em Copacabana, **ao rumor das ondas**, numa casa batida pelo **vento do mar e de janelas abertas para o azul do oceano**, que Euclides da Cunha vive a sua **existência extraordinária**, do mais completo e do mais artista historiador brasileiro. Uma tarde, em que à rua do Ouvidor, falávamos de livros e de arte, ele me bateu amigavelmente nos ombros:

– Vai um domingo lá em casa, que diabo! Conversamos, almoçamos e depois sairemos descalços, **a passear na praia**.

(...)

Foi num domingo que lá estive. **Era sol e era azul**. A casa estava com as janelas abertas para o vento do mar, rumorejante da alegria das ondas, que, na areia se esfarelavam toda lavada do sol daquele domingo álcere. (CORRÊA, 2013, grifos meus)

É neste cenário que Euclides da Cunha lhe conta como escreveu e publicou *Os Sertões*, com destaque para dois momentos: o primeiro, da peregrinação de editora em editora; e segundo, após ter sido aceito e publicado pela Laemmaert, encontra erros tipográficos e, para evitar constrangimentos, os corrige manualmente em todos os dois mil volumes editados antes de serem postos à venda. Pediu ao editor que adiasse o lançamento por quatro dias,

e tocou-se para Lorena. O seu pavor tinha crescido estupidamente, tanto que, chegando a Lorena à meia-noite, às três

da manhã estava de viagem. Para onde? Sabia lá! **O que ele queria era fugir, esconder-se no fim do mundo**, não ver mais ninguém, rasgar o livro, não ter notícias do desastre. **E andou oito dias a cavalo pelo interior de São Paulo, sem destino**. O que lhe passava pelo espírito era curioso: via-se inteiramente achatado, a sua reputação de engenheiro por terra, o seu nome espatifado nas crônicas dos jornais.

— Para que me fui meter eu nisso, senhores!

**Ao chegar aos pousos do sertão**, onde os sertanejos vinham recebê-lo ao terreiro, para hospedá-lo, as reflexões que lhe acudiam eram interessantes.

— Ora veja, dizia, esses homens me tinham em tão boa conta! (CORRÊA, 2013, grifos meus)

A cicatriz de Euclides esteve mais do nunca à mostra com a tragédia em que se envolveu. Talvez não lhe tivesse importado a página na revista que o exaltava nesse domingo chuvoso, diferentemente do anterior, ensolarado, quando conversou com Viriato Corrêa e andou na praia com ele. Invadiu a casa do amante de sua esposa, Dilermando Assis, e com arma na mão, disse: “Vim para matar ou morrer”. E morreu com quatro tiros.

*Os Sertões* já tinha completado seis anos. Preparava seu segundo livro, *À margem da história*, sobre suas impressões de outro “território do vazio”, a Amazônia, onde passou um ano numa errância igualmente dramática, em meio ao Inferno verde, um mar de árvores, para delimitar as fronteiras do Brasil com o Peru.

Para Roberto Ventura (2003), Euclides traçou dois sertões em sua obra, duas referências de evasão, duas construções identitárias de uma ideia de Brasil, em cujas linhas de representação seu empreendimento intelectual se converte em um monumento literário e estético singular na literatura brasileira:

Os sertões quer nordestinos, quer amazônicos, são desérticos, espaços vazios, fora da escrita e da civilização.

Ao decifrar a caatinga e a floresta e resgatar o sertanejo do esquecimento, o narrador-viajante os insere na história. No relato de viagem ou no ensaio histórico, na notação literária e científica, **a natureza se converte em livro, imagem inscrita no seu cerne e essência.** (VENTURA, 2003, p.246, grifos meus)

A técnica narrativa que empreendeu em *Os Sertões* seria refinada em seu segundo livro “vingador” mas continuariam o estranhamento e o encantamento diante da natureza indomável e instável. Assim como as veredas da caatinga do deserto de Canudos, o traçado dos rios [do deserto da Amazônia] faz-se e desfaz-se, a passagem de Euclides por esses espaços é efêmera e vacilante, porém, nela também se revela uma ideia de permanência e fundação. Neste sentido, a obra euclidianiana se instaura entre o estar e o não-estar, entre o atrair e o repelir, entre o ficar e o fugir, ou seja, entre os espinhos da caatinga e as tormentas do mar e da vastidão amazônica.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Olímpio de Sousa. “Um caderno de bolso de Euclides em Canudos. O nascedouro de ‘Os Sertões’”. In: CUNHA, Euclides. **Caderneta de campo**. Introdução, notas e comentário Olímpio de Sousa Andrade. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009. p.23-62

BARROSO, Gustavo. **Vida e história da palavra sertão**. Salvador: Centro de Estudos Baianos/Núcleo Sertão/UFBA, 1983.

COSTA, Luiz Costa. “Nos sertões da oculta mimesis”. In: \_\_\_\_\_. **O controle do imaginário: razão e imaginação nos tempos modernos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989. p.201-241.

CUNHA, Euclides. **Obra completa**. Rio de Janeiro, GB: Companhia José Aguilar Editora, 1966. Vol. II.

\_\_\_\_\_. **Ondas**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

CORBIN, Alain. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CORRÊA, Viriato. **A última entrevista de Euclides da Cunha**. <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2009/08/15/a-ultima-entrevista-de-euclides-da-cunha-214218.asp>. Acesso em: 6 out. 2013

GALVÃO, Walnice Nogueira. “Anseios de amplidão”. In: **Cadernos de Literatura Brasileira**, Especial Euclides da Cunha, São Paulo, nº 13 e 14, dez. 2002, p. 162-200.

GILLES, Deleuze. “A literatura e a vida”. In: \_\_\_\_\_. **Crítica e clínica**. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997. p.11-16.

HISSA, Cassio Eduardo Viana. **A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

HOUAISS, Antônio. **Grande dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. <<http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=ignoto>> Acesso em: 7 set. 2013.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

VENTURA, Roberto. **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha**. Organização Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

---

Marielson de Carvalho é Professor Assistente DE de Literatura e Cultura da Universidade do Estado da Bahia - Campus XXII - Euclides da Cunha. É autor dos livros “Acontece que eu sou baiano: identidade e memória cultural no cancionário de Dorival Caymmi” (2009) e “Caymmianos: personagens das canções de Dorival Caymmi” (2015), ambos pela Editora da Universidade do Estado da Bahia (Eduneb)



Poesia



## TRÊS SONETOS E UMA ODE

FLORISVALDO MATTOS

### AO DEUS DO VINHO E DA INSPIRAÇÃO *(Com Baco na vindima)*

*A Paulo Martins, poeta, escritor e amigo*

Condenado a viver por entre grades,  
Do alto em que me despenco, serra acima,  
Os dias passam, e eu, sentado em cima  
De uma pira, desvio tempestades.  
Encontro Baco, perto da vindima.  
Leio para ele versos de Propércio.  
O deus lamenta quedas de comércio  
E busca na Ásia de Cibele a estima.  
Baco venera versos bem traçados.  
Ele me fita, banzo, e pede rima,  
Que não seja de pano sem bordados.  
Vou para casa. Volto. Ele se anima.  
Sabor e sonhos nunca interditados:  
Trago na mão dois sóis engarrafados.

*SSA/BA, 25/10/2018*

**SONETO ROMANO**

A Valdomiro Santana, crítico e ensaísta

*Quin etiam, Polypheme, fera Galatea sub Aetna  
Ad tua rorantis carmina flexit equos.  
Sexto Propércio (Elegia III, 2)\**

Não sou Orfeu, não sei deter os rios,  
Nem toco flauta no portão do Inferno,  
Para tirar do Amor grilhões sombrios  
E postá-lo na margem em que aderno.

Não sou Camões; Calíope não me ensina  
Os caminhos do mar. Vou para o bosque.  
Sei que irão perguntar-me adiante *quousque*  
*Tandem* há de durar a minha sina.

Socorre-me, Pound. Leve o barco e o remo,  
Guarde-os perto do campo de azaleia.  
Se mais seguros, lá, mais bem guardados.

Oh, Propércio, avise aí a Polifemo  
E me deixe no Etna com Galateia  
Montada em seus cavalos orvalhados.

SSA/BA, manhã de 14/10/2018

\*"E mais ainda, Polifemo, Galateia, no sopé do fero Etna,  
Aos teus cantos desviou os cavalos orvalhados".  
(Sexto Propércio, *Elegias*, trad. Maria da Glória Novak, 1992).

**SOB ARCOS DO PARNASO**

Tudo começa quando Sileno ama.  
Quando a noite do desconsolo baixa,  
A solidão semelha-se a uma caixa,  
Em cujo fogo o coração se inflama.

Pego um livro de páginas amargas  
E vou direto ao poema que me chama  
Ao íntimo fulgor – ele é todo chama  
De um coração que não divide cargas.

Subo e desço serras, enfrento vagas.  
Vou por caminhos, sinto que me resta  
Alívio redentor de contas pagas.

“Tristezas não pagam dívidas”, dizes.  
Por isso é que passeio por floresta  
De amor, de canto e pássaros felizes.

(SSA-BA, 20.11.2017)

## ODE AO TEMPO SUCESSIVO

Eunt anni more fluentis aquae.  
 (“Os anos se vão como a água que flui”)  
 Ovídio, *Ars amatoria* (3.62)  
*Omnia fert aetas, animum quoque.*  
 (A idade leva tudo, até a memória)  
 Virgílio, *Bucólicas* (9,51)

Muitos disseram, outros quiseram dizer, mas não disseram.  
 Talvez. Digo eu, então, olhando o mar de azul sonoro e vário,  
 Em frente, ou ao sol, revisitando árvores e caminhos de antes,  
 Imperecíveis. Tempo, senhor do mundo, varando luzes e trevas,  
 Nunca haverás de parar, nunca?

Mudo, disparas bola a rolar com o volume das noites e dos dias,  
 Que à frente navegam céleres, sem travas, nem conhecidas leis.  
 Tempo, senhor do mundo, de onde vens e aonde irá a tua máquina  
 De fomes insaciáveis, em teu infinito vai-e-vem de ausências?  
 Na varanda, sorvendo uma taça reluzente, miro o ignoto mar, o mar  
 De azul ora maciço; miro a rua de tráfego nervoso, envelhecendo  
 Meu duro chão que faísca.

Tempo, senhor do mundo, que sepulta meus sonhos, cala meus  
 Íntimos brados e longas vigílias, de onde vens e para onde vás?  
 Subindo e descendo solos íngremes, fazes de mim o que serei:  
 Somente esvoaçante pó.

Observo teus afiados dentes sobre mim, logo sobre todas as coisas.  
 Se até a memória levas-me, diz-me para onde levarás a minha alma.  
 Por que não me fazes feliz, antes de minha morte, por que?  
 Devoras a luz que nos espera na noite funda, lá onde ambos dormimos.  
 Por que disseram que foges?

Quantas verdades disseram outros: bem mais depressa que o vento, foges.  
 Doem-me os braços, minhas pernas cedem; já não mais seguro os remos.  
 O jequitibá de ontem pereceu; sapucaias e louros são hoje turva cinza.  
 Por serranias, céu claro, nuvens negras, fluentes águas, sem que ninguém  
 Te veja, nem eu, escapas.

Marchas, absoluto e irrefreável, por vazios de infinitas errâncias,  
 Sem nenhuma força capaz de mudar ou apagar o que deixas para trás.  
 Oh, Tempo, que posso fazer de ti, se passas, veloz e irrecuperável,  
 Forjando idades, se não sei o que me darás ao fim da brônzea tarde?  
 Se vais, corres, nadas, voas, sobre leito onde fluis, sem voltar jamais,  
 Não importa. Montado em tuas águas remotas, hoje, amanhã,  
 E depois, irei contigo.

*Florisvaldo Mattos*  
 (Salvador, dezembro/2018)

Florisvaldo Matos é jornalista e poeta, membro da Academia de Letras da Bahia, cadeira 31. Publicou, entre outros, *Reverdor* (poesia, 1965); *Valentino*, peça teatral (1974). *Fábula Civil* (poesia, 1975); *A caligrafia do soluço e poesia anterior* (1996). *Estação da prosa e Diversos* (1997); *Mares acontecidos* (poesia, 2000); *Galope amarelo e outros poemas* (2001); *Travessia de oásis: a sensualidade na poesia de Sosígenes Costa* (ensaio, 2004); *Poesia Rennida e Inéditos* (2011) e *Sonetos elementais* (2012).

## CINCO POEMAS

RUY ESPINHEIRA FILHO

### LEMBRANÇAS

Hoje despertei com a tua lembrança.

Não como a de certa mulher que Bento,  
o santo,  
recebeu como se ressuscitada  
por um espírito maligno.  
Assim, não arranquei, como ele,  
as roupas,  
nem me lancei em moitas de urtigas  
e espinhos,  
revolvendo-me até que minhas carnes ficassem  
laceradas.

Não.

Com a tua lembrança,  
nesta manhã fui eu  
o ressuscitado,  
comovido numa brisa cálida  
de  
juventude.

## IGUAIS

(poema principalmente para crianças,  
antes que seja tarde demais)

Não há diferenças.

Só as que inventa o homem,  
quando se transforma em  
lobisomem.

Não há diferenças.

De forma nenhuma  
poderíamos tê-las.

Afinal, somos todos feitos  
do mesmo pó

de estrelas.

## SONETO DOS ENGANOS

Havia uma ternura em seu olhar,  
naquela tarde? Ou outro dos enganos  
com que tanto viveu ao longo de anos  
desses olhares? Tempo de chorar,

que foi. Mas se houve mágoas, houve luar  
e sol. E houve esperanças sobre os danos  
da paixão, que morria em desenganos  
mas retornava sempre, como o mar.

Aquele olhar. Foi só por um momento,  
e não havia mais um pensamento  
cálido, suave, pois que então, insanos,

eis que se abriam tempos de lembrar  
quando ele, à ardente luz daquele olhar,  
sem engano nenhum amou enganoso...

**TRANÇAS**

Ela veio  
 com longas tranças quase rubras  
 como as nuvens do poente  
 um sorriso leve  
 leve  
 numa destemida  
 timidez.

E passaria por ele  
 passaria  
 apenas passaria  
 na tarde.

Mas não passou  
 porque não passou  
 a tarde  
 em que ela caminhava.

E continuam ambas  
 aqui  
 no menino  
 diante da noite que não desce  
 nunca  
 naquele horizonte de longas tranças  
 quase rubras.

**SONETO DO PURO SILÊNCIO**

É muito puro este silêncio, tanto  
 quanto o teu riso que escutei outrora  
 em seus lampejos de luar e aurora  
 e que ficou em mim num suave espanto.

Puro silêncio... Assim tão doce quanto  
 aquela vida foi antes da hora  
 em que, também silêncio, foste embora  
 deixando a noite, o frio, o desencanto.

Tão puro este silêncio... E tua lembrança  
 de lua, aurora e gestos de criança...  
 As tuas mãos, os teus olhos, nossas vidas...

Mas só memórias, que o tempo está morto  
 como o riso tão claro. Como o porto  
 de que partiram minhas naus perdidas...

---

Ruy Espinheira Filho é escritor, jornalista e professor da Universidade Federal da Bahia, graduado em jornalismo, mestre em ciências sócias e doutor em letras pela UFBA, autor de dezenas de livros de poesia, ficção e ensaios, com diversos prêmios nacionais. É articulista quinzenal de A Tarde. A sua poesia reunida encontra-se no volume Estação infinita e outras estações (2012). Desde 2000 ocupa a Cadeira número 17 da ALB.

## DOIS POEMAS

PAULO ORMINDO

### MEMÓRIAS DA BAHIA

Gostaria de cantar a Bahia como Bandeira imortalizou o Recife,  
Amália Rodrigues eternizou Lisboa, cheia de encanto e beleza,  
e Frank Sinatra louvou Nova York, *a city that never sleeps*.

Gostaria de cantar a Bahia de minha infância,  
que de todos os altos e janelas se via a baía e o Atlântico  
e do mar, as torres das igrejas e bandeiras brancas.  
A Bahia das vielas, que para seus moradores eram avenidas,  
dos Largos estreitos, das esquinas esconsas e encostas verdes,  
Salvador não era metrópole, tão somente a Bahia.

Mas já não ouço as modinhas nos quintais e nas ruas os pregões,  
Já não vejo as velas dos saveiros singrando as ondas na viração,  
o azul marinho por entre o verde da vereda da Vitória e das varandas.  
Wildberger e Costa Pinto eram nomes de famílias, não espigões.  
Na Mansão dos Cardiais viviam somente freiras, padres e prelados  
e na Baixa dos Sapateiros, as morenas mais frajolas da Bahia.

Caymmi já cantou o que a baiana tem e o que é ter saudade da Bahia.  
Sua mãe dizia, e ele não ouvia que o mundo é cheio de maldade e ilusão.  
“Ai, se eu escutasse hoje não sofria. Ai, esta saudade dentro do meu peito”  
Querido mestre Caymmi, dói muito sentir saudade à distancia,  
mas dói muito mais ter saudade estando perto, vivendo nela,  
não reconhecendo lugares e paisagens de tantas lembranças e memórias.

## REDES, LAÇOS E NÓS

Na vida não estamos sós,  
estamos todos ligados,  
de variadas formas,  
a fios atados com nós.  
Tudo na vida são redes,  
de sonhos e realidades,  
de relações pessoais  
de ódio e amizade.

Há redes que nos unem,  
como as da tribo e da grei,  
e as que prendem e oprimem  
como as da intriga e do crime.  
Há redes de fios que nos ligam,  
iluminam e comunicam.  
Mas há redes de normas  
que nos prendem com seus nós.

Há redes sem fios  
nem laços, virtuais,  
que nos libertam.  
Mas há nós e laços,  
que não desatam,  
como os da morte  
e redes que nos captam  
como aranhas mortais.

Mais que fios e redes  
são os laços humanos  
que nos atam e amaram,  
que arrocham e afrouxam  
como o ódio e o perdão.  
Mas as redes da sorte,  
como aquelas da morte,  
não são atadas por nós.

---

Paulo Ormino de Azevedo é arquiteto e urbanista pela UFBA, doutor em conservação de monumentos pela Universidade de Roma, La Sapienza, 1970. É professor titular aposentado da UFBA, jornalista e “escritor nas horas vagas”, ocupando, desde 1991, a cadeira nº 2 desta Academia. Coordenou o Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia, obra em sete volumes, pelo qual recebeu o Prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade, do IPHAN, em 1999. É autor de livros e artigos na sua especialidade e de projetos de restauração.

## DOIS SONETOS

MARCUS VINÍCIUS RODRIGUES

### PAVÃO SEM COR

Um melancólico pavão sem cor  
está morando em meu quintal agora,  
penas da cauda postas sem a glória  
de outros pavões que, fora, sem pudor,

desfilam com seus vitrais multicores  
a denúncia de que aqui dentro há  
mais por sentir e menos por cantar  
desde que se foram os meus amores.

Partidos, não por ir, mas, sim, quebrados,  
estilhaçados espelhos sem sorte  
sob o jugo do mais fingido acaso:

a sentença de um deus feito de inveja  
por ter como esposa somente a morte  
e viver num quintal sempre sem festa.

## VASO CONTEMPORÂNEO

Estranho mimo aquele vaso, veja:  
de um oriente incerto, sem acaso,  
sua falsa paisagem de incertezas,  
ao pedestal, exhibe-nos rachado.

As rachaduras se colam em ouro —  
mais nobres do que uma cena de outrora  
feita com pena de pássaro morto —,  
a arte do *kintsugi*, toda sua glória.

Que arte agora sem ouro e paisagem?  
Vale-nos do vaso o caco perdido  
que nem todo o engenho nele encaixe,

servem-nos pedaços ao chão caídos —  
nem mais o vaso, nem o ouro, nem a arte —  
e o gesto efêmero de quem os varre.

---

**Marcus Vinícius Rodrigues** é professor e membro da Academia de Letras da Bahia, cadeira 28. Publicou, entre outros, *O mar que nos abraça* (Ed. Caramurê, 2019); *Café Molotov* (Editora 7Letras, 2018) e *A eternidade da maçã* (Editora 7Letras, 2016)

## TRÊS SONETOS INÉDITOS E ANTIGOS

ARAMIS RIBEIRO COSTA

### PAISAGEM NOTURNA

Em fundo negro-azul a Lua aponta  
Redonda e grande, branca e cheia Lua.  
Vestida de luar parece nua  
Na vastidão de breu que a noite apronta.

Suave, a luz derrama-se na rua  
E cobre o mar de transparente manta  
(Esteira de luar que a noite encanta  
Clarão de prata que no mar flutua.)

Mas se no mar é luz e prata a Lua  
Encantamento que o negror suplanta  
A luz que se derrama pela rua

É quase nada que o pavor implanta.  
Agora em fundo negro vai a Lua  
Que no mar e na rua se agiganta.

12/04/1996

**VÉU**

Então um véu espesso como a noite  
 Desceu inesperado das alturas  
 Cobrindo o mar e a rua. Então a noite  
 — Íntima das esferas obscuras —

Foi negrume e silêncio. Nada mais  
 Parecia existir no absoluto  
 Não ser daquele imenso nada mais  
 Em que tornara o mundo o véu de luto.

Então por longo tempo o mundo morto  
 Assim permaneceu. O véu espesso  
 Tudo apagava, e tão cruel e tão

Dominador. Então um arremesso  
 Um suspiro, um gemido, um grito, um porto  
 Uma pequena luz. Viver. Então...

06-06-2000

**DA ROSA E DO JARRO**

Nem mais servira a rosa que não fosse  
 Para ser colhida. E viver o instante  
 Brevíssimo de um jarro. Nem mais fosse  
 A rosa como tudo, um breve instante

Que rápido se apaga. E nem direi  
 Do próprio jarro frágil sobretudo  
 E nem direi. Somente me farei  
 Como a rosa cortada, quedo e mudo.

(O silêncio das rosas me recorda  
 Primaveras perdidas). E no entanto  
 Da rosa o sedutor perfume acorda

Desejos esquecidos. Ah, pudesse  
 No jarro a bela rosa viver tanto  
 Quanto o jarro, ainda frágil, que a tivesse!

21-06-2000

---

Aramis Ribeiro Costa, baiano de Salvador, é autor mais de duas dezenas de livros de literatura, entre eles *O mar que a noite esconde*, contos, 1999; *Histórias de mais ou menos amor*, contos, 2018; e *Noite alta céu risonho*, contos, 2018. Foi membro efetivo do conselho Estadual de Cultura da Bahia. É membro efetivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, do Instituto Genealógico da Bahia e da Academia de Letras da Bahia, desde 1999, Cadeira número 12, tendo sido presidente da ALB em dois mandatos, 2011-2013 e 2013-2015.

## CINCO POEMAS

GERALDO LAVIGNE

### âmbar

tardei a compreender  
a sua rútila retina

o seu olhar aberto  
: diante de mim, o universo

são poucos os palmos de terra  
onde existimos até que se ame

foi você a artesã  
de minhas asas

é seu colo o ninho  
onde repouso

a certeza diária  
– rebrilha nosso tesouro

instantes preciosos  
da cumplicidade a dois

guarde-me no âmbar  
dos seus olhos

e seremos eternos

### **dobraduras**

barcos de papel viajam  
nos rios intermitentes das sarjetas  
com sonhos escritos nos costados

ágeis, no talvegue,  
entre ondas do curso irregular de raso álveo,  
ignoram que a esquina encerra  
o sumidouro de tudo que navega  
– barco, sonho, água e terra

### **meu caso é grave, doutor?**

comecei sofrendo de poesia aguda.  
não tratei.

desenvolvi sensibilidade às palavras,  
sofri de conceitos e verbetes,  
senti alívio usando metáforas  
e outras figuras de linguagem.

eu inventava realidades  
no labirinto do lirismo.

fiz alguns exames,  
guardei papéis nos bolsos,  
portei caneta e lancei-me ao acaso.

estava na poesia pelo escapismo  
e expelia versos rabiscados.

os laudos foram claros  
e, depois do estadiamento,  
recebi o diagnóstico  
: sofro de poesia crônica.

vejo a curva da mobília repetir o universo,  
um palhaço riscado dançando  
nas rachaduras da cerâmica  
e um pássaro exhibir seu voo estático.

apanho água de lago na pia e  
ouço cachoeiras no chuveiro.  
dissocio corpo, mente e alma.  
enxergo as moléculas do ar  
e o espaço que ocupam.  
capto a vida das coisas inanimadas  
e reanimo a morte dos seres vivos.  
toco a força dos trabalhos, não a coisa que trabalha.  
toco a dor, não a ferida.  
sinto a espessura do tempo, o peso da nuvem.  
e recentemente vi a luz fazer uma curva  
em direção ao amor.

nada é mais real, senão a poesia.

descobri  
que é o próprio mal que cura:  
hoje trato-me com  
poesia nascitura.

### poesia pura

quero a poesia não edificada,  
que transita na campina da planície inabitada

quero a poesia que anda a pé,  
beija os loucos e afaga os tortos.

– a lua que ninguém mais nota  
– o lusco-fusco que a cidade ignora

quero a poesia marginalizada,  
ultrajada,  
mas não contaminada pela vilania.

quero a poesia sem sucesso,  
a poesia que nega o ego.

– a semente que a árvore lança ao vento  
– a flor que desabrocha imaculada na lama

quero a poesia da infância,  
sem regras,  
métrica,  
ou rima.

a poesia que desatina.

– o peão que sempre gira a última dança  
– a pipa que não teme o céu, a chuva ou o vento

### prevenção

a mágoa não entupirá as minhas coronárias,  
não punirá o meu coração.

o mal, eu diluo e excreto.  
com o perdão, o infarto rejeito.

quem quiser que ponha chumbo em seu peito.  
eu não.

---

Geraldo Lavigne de Lemos é advogado e poeta. Bacharel em Direito, especialista em Gestão Pública e em Direito Notarial e Registral, mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente. Membro da Academia de Letras de Ilhéus, autor dos livros de poesia *À Espera do Verão* (2011), *amenidades* (2014), *alguma sinceridade* (2014), *Massapê: Solo de Poesia* (2016), *Poemas furta-cores* (2018) e *Poética da Existência* (2019). Publicou nas revistas *Revista da Academia de Letras da Bahia*, *Diversos Afins*, *Mallarmargens*, *Subversa*, *InComunidade* e *Fuxico*, além dos jornais *Diário de Ilhéus* (Ilhéus/BA) e *A Gazeta* (Vitória/ES). Foi curador do II Festival Literário de Ilhéus, parecerista *ad hoc* da Editus e membro de comissão julgadora de concursos literários.

## CINCO POETAS DE ARGENTINA

ORGANIZADOR: ALEILTON FONSECA

### POEMAS DE VÍCTOR REDONDO

**Víctor Redondo** (Buenos Aires, Argentina, 1953). Poeta, narrador; editor; gestor cultural. En poesía publicó *Poemas a la Maga* (1977, 2da ed. 1985), *Homenajes* (1980, 2da ed. 1985), *Circe, cuaderno de trabajo 1979-1984* (1985, 2da ed. 1991), *Mercado de Ópera* (1989). También la novela: *Las familias secretas* (1985). Su segundo libro, *Homenajes* fue el 1er Premio de Poesía 'Jorge Guillén' [Milenario de la Lengua Castellana, Burgos, España, 1978]. Dirige desde 1979 la Editorial Último Reino – distinguida con el Premio Konex (década 1994.2004) en el rubro ediciones. Participó en encuentros y festivales internacionales. Fue jurado de poesía para el Premio Casa de las Américas 2000 (La Habana, Cuba). Su obra ha sido traducido al alemán, italiano, portugués. Presidió la SEA -Sociedad de Escritoras y Escritores de la Argentina- durante sus dos primeros períodos.

### Los jóvenes maestros

*a José Carlos Becerra  
(México 1937-Brindisi, Italia, 1970)*

*Uno*

Una vez más frente a frente.  
 Pero ahora el miedo  
 ha quitado de las palabras el ropaje de las palabras  
 y ahora las palabras, pero no las palabras,  
 son palabras finalmente, y no aquellas.

Hay mucha exageración en todo esto  
 y una pequeña parte de verdad, “tengo  
 ciertos miedos que pertenecen al futuro”.  
 No se halla nunca el comienzo  
 y es tan difícil terminar. Un poema  
 quisiera extenderse como un pecado nuevo,  
 siempre insuficiente. ¿Para quién se escribe?  
 La ficción comienza antes del primer acto,  
 antes de entrar en la sala de los enigmas, antes  
 de sentarnos frente a la hoja, enjorados por el hastío,  
 y antes de ser los animales jóvenes en busca del deseo.  
 No me mires así, sobre esto debo hablar.  
 Deja que destierre en paz estas almas que recuerdo  
 en cenizas, en trampas, en las noches donde vierto  
 la triste espuma de un vino inacabable.

Hemos nacido para el éxtasis seco,  
 para la furia de no comprender,  
 para tener cadenas por necesidad de cadenas y gozar  
 la lujuria de la rebelión. Deja que hable.  
 Pero no me dices que no hable: no me escuchas.  
 Hablo a la fría lucidez de los muertos  
 que no creen necesario contestar.  
 Ser o no ser son dos espejos ausentes.  
 Sobre esto es inútil hablar.  
 Tengo las palabras cubiertas de polvo.  
 Necesito que me respondas, ese silencio enloquece.  
 Necesito enfrentar palabras para oponer palabras.  
 Necesito creer en el mal para vencer lo irremediable.  
 El veneno de la serpiente  
 nos defiende de la serpiente. Y estamos hablando  
 de las involuntarias víctimas de un antiguo mal. Eso creo.  
 Quizás estamos hablando de otra cosa  
 y yo esté demasiado solo esta noche.

*Dos*

Oye si es que no cantan  
 los peces de la noche en sus negras aguas.  
 Mira, si es que no sabemos ver sino pasiones sagradas,  
 los pájaros que beben junto a los melancólicos animales.  
 Huele las botas, el lodo de los reyes guerreros,  
 si es que no tenemos más que palabras en la mano.  
 No puedo darte nada que te salve,  
 y si arrojo hacia ti una cuerda, veré, sufriré sonriendo,  
 una cuerda en tu cuello, una mano pálida buscando el horizonte.  
 Y más allá nada. Pero más acá  
 la trama de oscuras cabezas bajo la lluvia,  
 paraísos perdidos en un mar borrado.  
 Y conducidos ante la alta sombra sin respuestas  
 Cenaremos como desenfrenados, tendremos dientes de abismo.

Ahora esta palabra te recuerda por no haberte conocido.  
 Ahora esta palabra, hecha de polvo y de ciudades,  
 vendrá con su horrible aliento a envejecer estas páginas,  
 y tú seguirás sin estar.  
 Entre la mierda de los perros y la basura de los edificios  
 pasarán las aguas como un espejo  
 y no tendrán tu rostro  
 hecho de infinitas armonías desesperadas, ni tus manos,  
 ni tus piernas, ni tus ojos de ahogado.  
 Mas pasarán de boca en boca,  
 pesarán en los nervios, serán una cruz  
 poemas de tan corta vida.  
 Cernuda, lo hemos leído hasta olvidarnos los ojos,

nos hablaría de ilustres efebos sin nombre,  
 de prados donde el silencio crece entre los cuerpos,  
 y nos perdería en su voz, fuente del deseo.  
 Pero seríamos igualmente tres náufragos en la noche,  
 sin nadie que nos oyera. Pero si alguien nos oyera  
 ¿nos salvaría? Por los labios  
 cruza una estrella, una primera canción de rumores de almendro,  
 un misterio abierto para los ojos abiertos.  
 Y no, no era la luz lo terrible del amanecer.  
 No eran las sombras que cantaban frente a tu vista  
 lo que yo he mirado. Eran rostros de espuma  
 en una noche sin fin, un terrible peso  
 más poderoso que el amor.  
 Para estar realmente solos fue necesario habernos conocido.

Y yo te hablo a ti pero tú a nadie hablabas.  
 Eras más sabio que yo, escribías desde la muerte.  
 Otoño tras otoño, a orillas del mismo mar,  
 buscábamos alguna señal de los ahogados, alguna palabra  
 que arrojada contra las piedras aún cantara  
 bajo la sal de sus cuerpos podridos.  
 Y volvíamos desnudos, solitarios en la intemperie,  
 a nuestro hogar terrestre donde la ropa  
 temblaba en la cuerda como un fantasma  
 que clama ser poseído. Y no teníamos  
 un cuerpo para ofrecer. Sólo palabras, triste amigo,  
 besando la brisa de los mares, una eterna soledad.

*Tres*

Y he creado tu nombre  
 para inventarme uno propio. Cortinas de humo  
 para despertar palabras que nadie vea.  
 ¿Y si me vieras cantando, solo, melancólico como un perro viejo,  
 frente al espejo de mi única herencia,  
 me seguirías viendo? ¿Dirías: frutos prohibidos?  
 ¿Dirías: victoria del polvo? Y no has de regresar.  
 Esa fue la primera certeza del poeta. Nadie puede regresar  
 del país oscuro o claro donde canta la sombra o la luz.  
 Pero veremos –somos viejos hechiceros-  
 el beso de los espíritus entre las mismas palabras.  
 No será un triunfo claro,  
 apenas alquimias del alma errante  
 que busca labios que la nombren  
 entre fríos y cadenas deshabitados.  
 ¿Quién lee ahora lo que no has escrito?  
 Te he soñado, te pido responder. Debes ser mi ficción, mi fe.  
 ¿Quién ha hecho de la noche el verdugo sin rostro?  
 ¿Quién nos ha hecho creer que la luz nos salva?  
 Si no lo supimos, nunca lo sabremos. Si no lo sabremos  
 esta vida  
 un goce de palabras  
 una desnudez sin cuerpo.

Toda noche tiene su música oculta.  
 Es necesario crearse oídos para oírla.  
 Y eso, nuestro cuerpo y nuestra sangre lo saben,  
 ya nos ha costado demasiada vida.  
 Somos héroes de un ejército perdido.  
 Somos peregrinos y por ahora  
 la inmensidad vence. Volveremos a nacer  
 con el lenguaje de los cuervos. Tornaremos a las felices lágrimas  
 luego del falso vino de los templos. Y ya no será necesario  
 ocultar los fantasmas que poseen nuestra razón.  
 Comprenderemos que jamás, jamás,  
 jamás, como si no tuviera importancia.

Este es nuestro daño, tiene deseos y soberbia,  
 pero pide la clemencia de las manos ardientes.  
 Son insectos de mujeres en el sueño,  
 son silencios de dioses muertos que retornan,  
 son bestias de silencio, o bestias de palabras,  
 son nada, triste amigo,  
 pero es nuestra creación.

Y la literatura no tiene importancia  
 cuando tus ojos nadan extraviados en el océano de los continentes.  
 Y tus ojos son nada frente a los continentes sin forma  
 que han marcado tu cruel partida. Todo es el hombre  
 y nosotros -¡fantasma, fantasma, fantasma!-  
 ya no somos sino fantasmas  
 de lo que hubiéramos podido ser.

Sí, falta el amor, el peligro, la aproximación,  
 faltan paisajes donde el Sol se alce y nos recorra  
 y nos vuelva a crear hijos de la Luz.  
 Derrochamos muerte, nos falta pasión. Volvemos siempre  
 al pensamiento que se muerde la cola  
 y muere en las estériles tierras sedientas  
 donde se estremece la codicia del conocimiento.

Del libro “Homenajes” Editorial Último Reino, Buenos Aires, 1980 (Primer Premio “Jorge Guillén Conmemoración del Milenario de la lengua castellana” Burgos, España)

### La destrucción de la realidad

Como operación delicada que es, los poetas  
 comienzan a roer la realidad con tal delicadeza  
 [e inocencia  
 que nadie, juraría, creería que eso es lo que  
 [sucede.  
 Se desmontan los mecanismos del pensamiento.  
 La orfebrería mental  
 se desvanece.  
 La realidad se aleja del corazón. Desaparece el  
 [placer.

(Otra manera de verlo:  
 el mundo se aleja de los hombres  
 porque el mundo los sobrepasa en inteligencia,  
 veut dire: la Tierra piensa.)

Se destruye la tapa de lo razonable: el cerebro  
 estalla.  
 Entonces la vuelta de tuerca,  
 el golpe de efecto,  
 retroceso para la ironía:  
 se ha ido,  
 se ha ido,  
 repite la voz: se ha ido  
 un hombre viejo que al enfrentar su vejez  
 decidió arrancar de la muerte  
 un argumento: la revelación de un misterio:  
 ver  
 lo que no existe.

De *Circe*, Editorial Tierra Firme, segunda edición, 1991

## DÉCIMO HOMENAJE

Con un soñar abierto  
 desde un cuerpo y un alma  
 hacia el naufragio en nada,  
 que es nada y algo más  
 más que un beso desesperado perdido en lo imposible  
 más que una lujuria de fin de mundo en parajes solitarios  
 bajo las estrellas, bajo el otro silencio,  
 hasta que todo se ausenta, el día y la noche,  
 para cantar aquel beso  
 que no pudo ser entregado como rescate.

-mientras el pensamiento lanza su señal  
 para el diálogo eternamente inconcluso  
 entre algún dios y su sombra-

El salto al vacío del fuego en la palabra.  
 Y la demencia  
 un corredor estrecho  
 donde nos reunimos los justos invitados.

Y el sendero sumergido en el fondo del mar  
 y el signo de la luna en la frente de los caídos.  
 Los sueños fascinados ardientes en la hora negra  
 y las olas del tiempo impidiendo la comunión con el fuego.  
 Con el verso desmedido y extraño,  
 fugitivo del blanco, del mundo, de las últimas horas.

Y ya no hay límites, pasiones,  
 que puedan contener las injurias y las penas.  
 Demolido, la lengua seca y abandonada,  
 y el espejo roto reflejando pálidos destellos.

-A veces un hecho humano  
 ayuda a revelar paradojas divinas.  
 Mas aguarda saber qué es la voz  
 para preguntarme qué he dicho-

Recogemos los mensajes que sostienen las palabras  
 (como los huesos el cuerpo, lo no dicho lo dicho).  
 Y finalmente no hay lugar para la erudición:  
 hay convulsiones, pasiones enloquecidas,  
 un canto del alma errante que abraza todos los fuegos.

Y si se comprendiera, ¿habría más?  
 Toda poesía verdadera es el canto de una visión.

Del libro "Homenajes" Editorial Último Reino, Buenos Aires, 1980  
 (Primer Premio "Jorge Guillén Conmemoración del Milenario de la  
 lengua castellana" Burgos, España)

**Aquí, en el fondo**

Aquí, en el fondo de la mishiadura,  
con Goethe y Rimbaud a un costado  
el vino en el lugar exacto, la luz  
el clima pulcro de la inteligencia.  
Frente a mí el espacio donde me mira.

Seguirá cantando. ¿Cantando?  
¿En el aire suspendida como un pájaro?  
Ah, y al amanecer la boda del invierno  
con el fuego de la sangre  
venciendo. ¿Qué más en el cuerpo  
quemado? Veloz  
zarpa de un milésimo, carne y más sangre  
rabiando contra la realidad.

¿El amor? La hoja desatada,  
Un cuerpo, otro instante, otra luz,  
recuerdo que devora.

De *Circe*, Editorial Tierra Firme, segunda edición, 1991

**POEMAS DE CARLOS BARBARITO**

Carlos Barbarito (Pergamino, Argentina, 1955). Publicó más de veinte libros de poesía y ensayo acerca de las artes plásticas. Su obra poética fue traducida al inglés, portugués, italiano, griego y francés. En la actualidad trabaja en un libro sobre vida y obra de la artista argentina Norma Bessouet. Para consultar una bibliografía actualizada: <https://carlosbarbaritobiblio.blogspot.com/>

*Hoy escribo un poema...*

Hoy escribo un poema cansado.  
Son muchos los pasos para cruzar el desierto.  
Hay un pez aquí cuando ser pez parece imposible.  
No hay peces aquí, aunque mi verso anterior lo contradiga.  
Lo que propongo se vuelve huida, fantasma.  
Lo que propongo no enciende una luz, no cierra los puños.  
¿Qué otras cosas devorará el sol antes de que sea de noche?  
Debo resistir –me digo–, pero para ello debo tener un cuerpo.  
Digo: algo más allá de presunción, una conjetura.  
Porque si existo es todavía por una idea difusa, una su-  
puesta marca en el /éter.

(De *Radiación de fondo*, dos ediciones, 2018/2019)

*Y de mí qué se embarca, qué ruta emprende...*

*...It looked as if a night of dark intent  
Was coming, and not only a night, an age...  
Robert Frost, Once by the Pacific*

Y de mí qué se embarca, qué ruta emprende;  
de mi mano, torpe música ciega  
y una herida en el aire que exhalo.  
Ignoro el pasado y el porvenir de la estrella,  
qué se oculta bajo la tierra que piso,  
por qué lo que se busca queda siempre *del otro lado*.  
Estoy solo. Estás sola.  
El perro acude y nos lame las manos.  
¿Acude o se trata de un sueño?  
Dejo una marca en la madera.  
Ésta, con la punta del cuchillo.  
¿Dejo una marca o lo sueño?  
Sí, hablábamos de remotas constelaciones,  
de súbitos prodigios, de lluvias extrañas;  
pero sobrevino el silencio y fue espeso,  
se hizo la tiniebla en pleno día  
y ya no hubo razón para rarezas y milagros.  
Y no pudimos vestirnos.  
Y no pudimos desnudarnos.

(De *Falla en el instante puro*, 2016)

*Si vibrara, si girase alrededor...*

*A Iola Benton*

Si vibrara, si girase alrededor  
de un eje más o menos cierto,  
si el viento le trajese un paño suave, o áspero,  
no importa cuál,  
desde donde ahora reposa  
a la espera de ser tormenta;  
si moviese su antena  
en dirección, no del todo precisa,  
al sólido astro, al verbo solar y concentrado;  
si no le doliera, al menos por un momento,  
el golpe de la maza en la espalda,  
si viviese aunque fuese un milímetro  
más allá de la regla, de la plomada,  
de la orden del padre,  
de la resignación de la madre.  
Si contuviera, si no el fruto,  
al menos el deseo de ser fruto,  
del mercurio una porción escasa  
de su influjo sobre el abrazo,  
la siempre imperfecta unión de los amantes.

(De *Paracelso*, 2014)

*Todo comienza cuando no hay perdón...*

Todo comienza cuando no hay perdón,  
ni salida hacia una claridad  
al final del pasillo, con una mano débil  
que apenas puede aferrarse al pasamanos,  
cuando es tarde y nadie riega  
el jardín olvidado por la lluvia,  
las palabras arden sin humo  
en los invernaderos vacíos,  
todo se desata cuando el porvenir  
se disipa, el presente se disipa,  
las caras, aún las más amadas, se esfuman,  
cuando la exploración acaba en el desierto,  
todo se inicia cuando no queda follaje,  
ni vuelo de ave, ni panes,  
en el más crudo invierno,  
en la más cerrada castidad,  
en las ruedas hundidas en el barro,  
en el desmayo de la invención,  
en el fracaso del cálculo,  
en la ceguera, en el exilio,  
cuando sólo nos miran los animales, las estrellas.

*(De Falla en el instante puro, 2010)*

Elogio de la obstinación

A Juan Andralis

Qué se prodiga cuando nada parece colmar la medida –la pregunta se abre y la puerta, la única puerta, se cierra. Una copa vacía, un verbo nacido hueco y que no galopa. Eso parece serlo todo... Pero, entonces, ¿por qué se aligera el aire en el aire y asciende? ¿Por qué las abejas procuran ganar espacios hacia las lavandas, las borrajas, las mejoranas, las dalias? ¿Y la cabeza que aun separada del tronco se empeña en contener noticias de irradiaciones, lluvias enteras y filtradas, sonidos de ave y acordeón, destellos, esencias, hechizos, carnavales y cuaresmas?

*(De Materia desnuda, en preparación)*



y hacemos de la fiesta una fanfarria  
y porque sí  
y porque el mar y la montaña  
y estas ganas de ser otro  
bajo una luna parecida.

A Robert F. Young

### **Toda la carne es hierba**

Un despertar como de pájaro  
en la jaula equivocada  
y colas en el super  
a la hora en que derrapan  
la fiebre y su museo  
La casa dada vuelta  
uncida a los recuerdos  
(un Poseidón henchido de naufragios)

Con el día crujiendo en el rescoldo  
Algo en la causalidad cambia de mano  
Prolijas/ tempraneras  
las hormigas del patio del vecino  
me acercan sus carritos  
(en furtiva procesión la Reinas Magas)

El bamboleo de la existencia continúa  
Como Tarzán en las lianas  
Nosotros en los pasamanos  
Las culpas repartidas con cada amanecer.

A Clifford D. Simak



### **La luna es una cruel amante**

La luna se aleja de la tierra a 38 milímetros por año  
3 metros cada siglo y  
qué esperamos Amor para dejar las matemáticas y  
el Word

y así salir a acariciarnos  
Para untar nuestros dedos en la brillantina  
Para abrir nuevos agujeros de gusano  
en su cárcel tormentosa hecha de tiempo  
No hay arrugas que curar  
El miedo nos va tiñendo el pelo  
Nos va haciendo parecidos  
Esa vieja redonda  
guarda un luto de grullas por nosotros  
un milagro blando algunas noches  
y el sexo carcomido  
como un rayo secuestrado en dos espejos  
No nos va a esperar  
Vendrá a buscarnos la ladrona  
y antes de retirarse a su molienda de huesos  
ya estaremos deshidratados y en letargo  
Casi hermanos de su prueba de exilio.

A Robert Heinlein

(De “Las Puertas de Tannhäuser”, 2011)

### Anciano que mira su futuro y tiembla

No son las hojas del té  
No es la borra del café  
No son vísceras de aves  
Es –eso sí-  
una torcaza que agoniza  
a un costado del asfalto  
Un aleteo que ignora  
su destino de espejo.

## Humo

Está escribiendo  
 el poema perfectito  
 El poema huero  
 por añadidura  
 Ahí  
 parado sobre sus  
 propios pies  
 como un agua discutible  
 Está escribiendo  
 (pergeñando)  
 un poema de llanura  
 Su vaguedad es ley  
 Acusa sinos de impermeable  
 Un poema para terceros  
 todo silicio  
 todo anzuelo  
 todo humo.

## Vivisección

A Cristina

A pecho abierto  
 masajeaba el corazón  
 de los batracios  
 Quería vislumbrar  
 los intersticios de la vida  
 detener la creación  
 en el instante supremo  
 del destete  
 Añoraba el bisturí perfecto  
 que la llevara  
 de vuelta  
 al caldo primigenio  
 Necesitaba de esas muertes  
 para seguir viviendo  
 Ella quería  
 -a pecho abierto-  
 ordenar las rutinas de su sexo  
 vengarse de las células  
 foráneas  
 arrasar cualquier vestigio  
 de posibles fiebres  
 entre la culpa y el perdón  
 Ella quería  
 un mundo sin fisuras  
 salvo  
 las de su propio corazón  
 Su propio sapo.

## Sentencia

Rey de los rincones  
Príncipe  
de los ángulos rectos  
le propinaron  
un último castigo  
En un centro  
sin bordes ni paredes  
mirar la vida  
hasta disiparse.

## Decime Dios

Qué es  
este jadeo a cielo abierto  
este aleteo como el  
de un enorme colibrí  
alrededor de tu imagen  
privando para siempre  
al mundo  
de su noche más fiera?

(De “Hartó”, 2018)

## POEMAS DE MARÍA PUGLIESE

María Pugliese nació en Vicente López - provincia de Buenos Aires - el 29 de mayo de 1957. Poeta y ensayista. Docente de la Universidad Nacional de Luján –Luján, Argentina.

*Poesía editada: De uno y otro lado.* Ed. Filofalsía. Bs.As.1988.

**Viento y cenizas y otros poemas.** Hojas de Sudestada Nro. 120. La Plata. 1990.

**Sobre un puente de cañas.** Ed. Arché. Bs.As.1990.

**Esquirlas.** Ed. La Rama Dorada. Bs.As. 1990.

**Voces como furias.** Ed. Último Reino. Bs. As. 1996.

**Vigías en la noche** -I premio del Certamen Internacional Editorial Los Tilos de La Plata- (2004).Ed. Último Reino. Buenos Aires.2007 **Cripta de amor.** Ediciones Botella al mar. Punta del Este –Uruguay-2018.

*Poesía inédita: Ejecuciones* (2005-2018). **El silencio** (2014) **El silencio de los corales** (2018). Dos horas. (2019). Autora además de libros, artículos y materiales de divulgación académica

del cielo a las ventanas de los cielos  
desde las cerraduras a las puertas abiertas que las prescinden  
de los vientos polares a los pies en la arena  
del ulular de perros  
a la oscura noche de las abstinencias  
de las calles pedradas  
al fango de zapatillas viejas  
de los tilos en flor  
al olor nauseabundo de las sombras en busca de un sitio  
dormidero

de un lado  
del otro

por las ciudades dormidas  
al compás de los pasos insomnes  
de los que siempre vuelven  
por los escalones que ascienden hasta la brisa suave de las  
madrugadas  
por los corredores sinuosos y sus tramas de miserias e  
inanición  
por las hileras de carros colmados de deshechos  
que alimentan muertes e indiferencias  
por los horarios de los trenes y su tiempo de desprecio  
por lo que somos a pesar de los pesares  
por un lado  
por otro

en la ribera con vistas a lo que empieza a caer  
en lo que cae sobre cimientos de algas y raíces  
para crecer de nuevo  
en tu mirada que niega las orillas  
para permanecer lejos siempre lejos  
en los patios de naranjos  
en las bicicletas colmadas de plantas y rosas  
a la espera de piernas y movimientos  
en los cables que arrullan a palomas en celo  
en el felino atento por saltar al vacío  
en un lado  
en otro

De: *Ejecuciones*. Inédito

no es el sol  
sino una breve porción de cristal  
sucio y oscuro  
que pende desde el cielo  
y desprende un haz de luz

no es la humedad de los pinos  
ni el rocío  
ni la tenue garúa  
quien repta agua sobre los hombros  
y los

pómulos  
no es el mar  
sino las orillas  
quienes encrespan las ondas  
y enamoran al viento

no es el trenzado de lanas  
el regazo de la esperanza  
ni este bocado alimento  
ni mis palmas caricias  
ni el esfuerzo de los pies  
un

sendero  
ni tus ojos  
tus mansos      tristes      lejanos ojos  
que sin palabras nombran  
lo que

no es

De: *Ejecuciones*. Inédito.



antes que todo el cuerpo se interrogue lo que en más o menos dos horas será evidencia: para qué vine...

¿Cómo y con qué medicar el cuerpo? Atender a los síntomas, identificar la dolencia, persuadir al organismo, calmar, ¿curar?, mantener, controlar. ¿Cuál es la medicina para contrarrestar este dolor intenso cuando los vasos sanguíneos bullen en torbellinos? Anoche por ejemplo, creo que di cien vueltas y ni una sola estampa pudo apartar la niebla que aturdía los sentidos. Hubo cantos de pájaros nocturnos, hubo un mullido paso de algún gato sobre la pared, hubo gruñidos del perro y sus presuntas pesadillas. Más allá un respiro desde la otra habitación y un sobresalto a mi costado. Pero ni una estampa, ni un recuerdo para volverme a mí....

De: Dos horas. Inédito.

## POEMAS DE GRACIELA ARÁOZ

Graciela Aráoz nació en Villa Mercedes, provincia de San Luis, República Argentina. Es Profesora en Letras, por concurso de antecedentes ganó una beca para realizar un postgrado en Madrid, donde obtuvo los títulos de profesorado en Lengua y Literatura Española y la licenciatura en Filología (Sección Hispánica). Actualmente es la Presidenta de la Sociedad de Escritoras y Escritores de la Argentina, (SEA.) Asesora en Cultura y Educación en el Honorable Senado de la Nación. Integró el Consejo de Redacción de la mítica revista de poesía *Último Reino*. Es la Directora del FIP *Festival Internacional de Poesía de Buenos Aires*, Argentina e integra como fundadora el Movimiento Mundial de Poesía y la Red Nuestra *América*. Ha participado en más de veinte Festival Internacionales de Poesía y ha sido jurado de importantes Premios como el de Casa de América y el Iberoamericano Pablo Neruda. Obtuvo en España el Primer Premio *Tiflos* de Poesía, el Primer Premio de Poesía *Vicente Aleixandre* y el Segundo Premio *Carmen Conde*. Ha sido traducida al japonés, turco, alemán, portugués, inglés, croata y francés, Italiano. Y se le han otorgado importantes premios a la trayectoria.

### UNA MUJER LLORA EN LA COCINA...

Una mujer llora en la cocina. Detrás  
del olor a locro.  
Macera la carne con limón  
y con su inefable tristeza.  
Las lágrimas caen en la espuma de leche

que se derrama hasta la indolencia.  
El aire se vuelve tan oleoso que debería irse  
y apagar el día.  
En la cocina una mujer se parte viva,  
se corta los dedos, desangra.  
El dedo va a la boca.  
El dolor está detrás  
del hilo dormido que se secó en el vientre,  
detrás de aquel humo que se llevó el después.  
Siempre y detrás de todo.  
Cuando los olores se mezclan  
ella destapa las cacerolas.  
Es la única que se queda enjuagando el día  
hasta que vuelva a ser.  
Una mujer en la cocina.

Del libro Diabla, tercera edición, Editorial Último Reino, Buenos Aires, 2016

## MI VECINO

Desde la ventana veo faisanes  
proyecto el telescopio para llegar a otra,  
la de mi vecino nuevo

Ese hombre viene y va  
miro sus movimientos en la casa

Me inquieta este vecino  
de mirada aviesa.

En su balcón pájaros extraños,  
paraguas, rollos de pergamino  
y una gata.

Habla por teléfono mientras se desnuda,  
es alto, tiene la piel escrita.  
Entra en un cuarto,  
ya no veo.  
Me inquieta espiar a este vecino.

Sale del cuarto y se apoya en el vidrio  
es

aquel hombre de sombrero gris,  
con quien hicimos el amor hasta el amanecer  
un par de ocasos, un par de año

y nos fuimos

Nunca supe quién era

y ahora,  
es  
fue mi vecino

## LA VIOLINISTA DEL QUINTO

Ella se abraza y se queda quieta  
aprieta los dientes  
va y viene sintiendo el olor del pato  
que la vecina descuartizó.  
Se abraza cada vez más largo  
desde su ventana ve la cabeza sangrante  
del pato  
cruza y la ceremonia se anuncia  
la cocina hierve, las especias tendidas  
mientras ella paladea el deseo:  
la boca se abre,  
se huele la comida, se abraza nuevamente,  
abre los ojos, la boca abre,  
la abraza, se besan  
hasta que el beso muerde  
el elixir de los vampiros  
.....y ahí regresa  
y vuelve a ser la violinista del quinto piso.

—

CEMENTERIO

*a mi padre*

Quedar adentro de los ojos de mi padre  
leerle la cabeza  
Me he quedado ciega sin el lago  
de sus ojos.  
Quevedo dice que se pueden leer  
los ojos de los muertos.  
Toco el azul que cruza la palabra sur  
y entonces abro la intuición que me lleve al infinito.  
La muerte se lee con el cuerpo  
es una lectura física  
la muerte.  
En aquellos trenes que llevaban  
pájaros  
y en esa interminable siesta  
bajo el duraznero, está mi padre.  
Recuerdo que mis ojos cruzaban  
desde el río al cielo  
la inocencia  
nuestros teros.  
Cuando murió mi padre  
las palabras crecieron bajo su tumba  
y el cementerio se hizo palabra.  
Fue la más potente que pronuncié,  
que pronuncie  
fue del grito al silencio.  
Mí padre está muerto y leo su palabra  
en mi palabra,  
y veo en los ojos de mi padre.  
Padre estás muerto sin tus zorzales  
y tus zorzales me cantan y me silban

canciones de amor,  
las de tu alegría.  
Padre te leo.

Padre te escucho

Del libro *El protegido del ciervo*, Editorial Último Reino, Buenos Aires, 2012.

## INÉDITOS

### LA ORILLA

La mañana era un temblor en los ojos  
de los pájaros exiliados

¿Por qué las miradas terminan?  
El mañana, ¿qué es el mañana?  
una palabra,  
la incertidumbre  
algunas cerezas llevándose a la boca  
un intenso abrazo que desbraza

el instante.

Dos mundos  
un puente  
y la sombra ágil de la sombra

Un hilo se desliza en otro hilo.  
Bailemos, si bailemos en la orilla  
de este mar donde están los pescadores de fiesta.

Crucemos el día en la gota  
y bailemos  
bailemos

### LA MUJER DE ROJO

La transparencia del vestido  
refleja  
la otra transparencia  
el dolor que se quedó en el cuerpo

nudos entrelazados en una trama  
mirada hasta el hueso

herida sin palabras.

Relámpagos,  
brasas en las manos,  
temblores

detrás del encaje  
una escena  
aquella niña

La mujer de rojo  
triste  
no fue reina ni emperatriz  
ni tampoco caperucita

Ya no se desnuda  
ni balancea sus caderas

camina descalza detrás de la hendidura  
ya no está el puente

está el río  
sólo se celebra la nada.

# Ficção



---

Aleilton Fonseca é escritor, professor e ensaísta, publicou livros de poesia, ensaios, contos e romances. Tem doutorado em Letras pela USP e leciona na Universidade Estadual de Feira de Santana. Pertence à Academia de Letras de Ilhéus e à Academia de Letras de Itabuna. Desde 2005 ocupa a Cadeira n° 20 da Academia de Letras da Bahia. Este texto é parte do romance *O pêndulo de Euclides* (2009), que tematiza a Guerra de Canudos.

## DA INDIGNIDADE DO POUCO

GLÁUCIA LEMOS

O que escolhes ser, que o sejas muito. Não te bastes com migalha da tua possibilidade. Não te envergonhes da tua ambição de ser e de sentir.

Se és bom, não te satisfaça apenas ser bom, sê generoso. Sê bom também contigo. Perdoa teus próprios erros e vacilações com igual grandeza tal aquela com a qual perdoas os erros dos teus semelhantes. Haja bondade na atmosfera de todo o teu percurso, despreocupado de retribuição, porque escolheste ser bom, muito bom, sem motivo, e hás de ser bom, tão bom quanto os melhores, para que não te humilhes à mediocridade. Somente porque é bom ser bom sem troco. Mas não aceites a mediocridade na tua escolha. Vê que pior do que não ser, é ser medíocre, ser perdido na insignificância da turba. Sê muito mais, em tudo aquilo que assumires.

Se és alegre, sê mais que alegre, sê contente, sê irradiante, sê feliz. Explora todo o teu potencial de alegria e gozo, engalana e badala sinos à tua festa, já que, quando fores triste, serás muito triste, irás a toda a profundidade da tua tristeza, escolheste a tristeza, deverás vivê-la total e plenamente, que não sobre espaço em ti que se negue a teu desalento. Nada fiques devendo à tua dor. Tudo o que fores, sê sempre muito. Não vivas nada pela metade.

Quando amares, ama inteiramente, ama com toda a alma e com as tuas entranhas. Supera todos os limites postos por Deus e pela humanidade para os teus sentimentos. Ama sem perguntas e sem cuidados, doa-te ao estado de amor e vive-o

com toda a tua respiração. Com paixão e desespero, com ímpetos ridículos de subir ao Morro do Pai Inácio e bradar às galáxias que estás apaixonado, e seres capaz de beber sal e comeres erva daninha para provar o ter amor. Não ama simplesmente, é pouco, ama muito! Pois quando o amor deixar de ser, ou de estar, hás de chorar e substitui-lo em ti por uma saudade que precisarás sentir maiúscula. Entrega-te para que a saudade seja muita. Que te leve o sono, que te feche a boca, que te consuma as horas e as carnes e te faça escrever infinidade de versos horríveis e molhados. Chora todas as lágrimas que tiveres até sentires o cansaço da tua própria saudade e dores no osso frontal, mas chora muito, exageradamente, para não te deteres na metade da saudade que escolheste sentir. Sê muito, assim deves ser.

Quando precisares esquecer alguém, um amigo, um amor, um hipócrita, um traidor, faze-o como quem passa o aspirador no cantinho mais escondido, naquele cantinho atrás da estante mais pesada, onde as formigas costumam se esconder das vassouradas. Deixa-o limpo. Esquece muito e sempre. Esquece todas as borboletas e também esquece todos os escorpiões que recebeste. Não permitas fragmentos de lembranças que te façam sentir medíocre na tua assunção ao esquecimento. Esquece nomes, endereços, números, palavras, sons de vozes e melodias, gestos e gentilezas e mágoas, tudo. Nunca esqueças um pouquinho, ou lembres de vez em quando, é pouco, esquece muito e profundamente.

E até se preferires ser louco, sê completo, não te conformes com ser mero idiota. Os idiotas são enfadonhos. Escolheste a loucura, sê logo o rei dos loucos, não um simulacro. Nada de ser mais um Napoleão de manicômio, mais um faraó de carnaval. Sê logo Nero. Toca fogo no universo e sê aquele que escolheu as consequências da revolução dos tempos, e do final da sua própria existência, o resultado da tua escolha. Mas sê muito em tudo. No ser e no sentir. Pouco é indigno de ti. Pouco é um pedregulho que se atira ao rio, vai até o fundo e lá fica. Nem ao menos acompanha a viagem das águas para onde forem. Vai criar limo verde e lodo negro, e ter sempre a insignificância dos que se finam insignificantes.

Mas se escolhes ser santo, não sejas menos. Sê santo honestamente, impermeável à profanação e à hipocrisia. Muito santo. De jejuns e flagelações. Santo de castidade e morte em cruz. Sem mais-ou-menos. Completo e inteiro. Santo de penitência, vigília e adoração, de sono em catre e beijo em pestilentos, portanto, muito santo. Santo de humildade e de coragem de permanecer muito santo diante dos homens de punhais nas mãos e nas línguas. Muito santo, ainda quando tiveres no teu peito encravada uma bala perdida. Sê santo além dos comuns, acima dos medióceres.

Se possível, escolhe bem o que ser e o que sentir, escolhe muito, e sê, e sente, intensamente, nunca te confundas com o meio-termo. Cuida de escolher muito para que tua escolha não se volte contra ti. Mas não fiques devendo nada a ti mesmo, nem a teu coração, nem à tua vida. Cumpre tudo o que escolheste, inteiro e intensamente, e sem resquícios a te arrastar atrás.

Só os que se fazem muito, e riem muito e sofrem muito, vivem, e estarão prontos para o fim do seu próprio tempo sem a indignidade de se terem deixado ser pouco, e sentir porções minguadas do que lhes cabia. Prontos e liberados das suas próprias cobranças. Quitos consigo mesmos.

---

Gláucia Lemos é bacharel em direito e pós-graduada em crítica de arte. Trabalhou em jornalismo escrevendo críticas de arte e resenhas literárias em jornais de Salvador, Maceió, São Paulo e Aracaju. Tem publicados mais de trinta títulos em literatura adulta e infanto-juvenil. Entre suas obras, encontram-se os romances premiados *O riso da raposa* (1995), *A metade da maçã* (1988), *As chamas da memória* (1990), e *Bichos de Conchas* (2007). No conto, publicou, entre outros, *Procissão* e outros contos (1996). Entre seus vários sucessos na literatura infanto-juvenil, destaca-se o livro *As aventuras do marujo verde*, já na vigésima sexta edição. Desde 2010 ocupa a Cadeira número 14 da ALB.



## INOCÊNCIA OFENDIDA

CYRO DE MATTOS

**P**elo lado do negro, a história do Brasil pode ser considerada com três “pês”: pão, pano, pancada. Pelo lado do índio, entram nessa história feita de assombros nas caçadas humanas três “emes”: missa, miçanga, mato.

Capítulos dessa história, impregnada de usurpação e açoite, dizem que o Brasil Colonial formou uma dívida com o negro e o índio que de tão grande nas léguas da desgraça tornou-se impagável.

Em algumas paragens desse Brasil continental, pisado pelo colonizador ávido, chegou-se ao ponto de terem desaparecido populações indígenas que viviam em perfeito entendimento com a natureza, tirando dela apenas o necessário para a sobrevivência.

Às vezes, escuto vozes que rolam dos longes nesses rastros da desgraça. Como acreditar? Houve uma mancha que envergonha. A fuga em desespero tingiu a manhã do horror na taba queimada. Por entre sombras do que não se apaga, remorso não existiu dos que feriram os hábitos da inocência irmanados com o verdor da mata, dizimaram a aldeia, forjaram a chacina, denominando de façanhas as cenas insanas.

Quem saberá quantos ventos na fuga de uma gente sem rumo entoaram lamentos de uma triste música? Gemidos produzidos nas entranhas da selva impenetrável? Como se nada de horror acontecesse num mundo que amanhecia cheio de passadas, brilhos e fragrâncias. \

Pasmem os céus, até hoje sentimentos que escorrem em dó e lágrima ressurgem desses rastros que machucam.

Tomei conhecimento que a virgindade de meninas índias vale pouco, muito pouco, em São Mateus, município localizado nos confins do braço norte do território do Japará. Lá um homem branco compra a virgindade de uma menina indígena também com aparelho celular, peça de roupa de marca e com uma caixa de bombom.

As mães das vítimas pediram à polícia há um ano para apurar o caso. Nenhum suspeito foi preso até agora.

Doze meninas já prestaram depoimento. Elas relataram que foram exploradas sexualmente e indicaram nove homens como os autores do crime. Entre eles, há comerciantes locais, um ex-vereador, um médico chamado Pedro de Deus, um farmacêutico, dois sargentos e um açougueiro.

As vítimas vivem na periferia de São Mateus do Japará, município de baixa renda, que vive das atividades agrícolas, com base em lavouras primárias, de pouca duração, nas estações temperadas de sol e chuva. O município tem quase cem por cento da população formada por índios. Calcula-se que a população seja de quinze mil pessoas.

Entre as meninas exploradas, há as que foram ameaçadas pelos suspeitos. Algumas foram obrigadas a se mudar para casa de familiares, na esperança de ficarem seguras. O repórter da revista “O Planeta” ficou interessado pelo caso, logo que tomou conhecimento.

Conversou com algumas dessas meninas. Criou inicial fictícia para cada uma delas, querendo com isso dificultar a identificação.

B, de 12 anos, conta que vendeu a virgindade para um vereador. O acerto, afirmou, ocorreu por meio de uma prima dela, que é também adolescente.

“Ele me levou para o quarto e tirou minha roupa. Foi a primeira vez, fiquei depois sem saber o que fazer.”

A menina informou que uma amiga dela esteve duas vezes com um comerciante.

“Na primeira vez, ela também foi obrigada. Ele deu um celular.”

Já L, de 11 anos, disse que ela e outras meninas ganharam chocolates, dinheiro e roupa de marca em troca da virgindade. Como aconteceu com as outras na primeira vez, ela foi também obrigada. Recebeu trinta reais e uma caixa de chocolates.

Outra menina, S, de 13 anos, disse que presenciou encontros de sete homens com meninas de até dez anos.

“Eu vi meninas passando aquela situação, sem poder fazer nada.” Comentou que eles sempre dão dinheiro em troca disso (da virgindade).

Ela aceitou falar ao repórter porque já tinha denunciado tudo à polícia federal. Sabia que o pior podia acontecer, mas não tinha medo de nada.

“O homem que me usou primeiro falou que se continuasse denunciando eu iria junto com ele pra cadeia.”

A mãe de S disse que, se ela abrir a boca, o homem que tirou a virgindade da filha vai mandar matar ela.

Não é difícil imaginar que a menina S tinha os olhos sumidos no rosto sem brilho, durante a entrevista que deu ao repórter de “O Planeta”.

Quase não saiu o que disse no final:

“Na primeira vez senti as coxas doloridas. A boca com um gosto de coisa ruim. Depois fiquei triste”.

---

Cyro de Mattos publicou mais de 50 livros, de diversos gêneros. É também editado no exterior. Premiado no Brasil, Portugal, Itália e México. Membro efetivo da Academia de Letras da Bahia e Pen Clube do Brasil. Primeiro Doutor Honoris Causa da Universidade estadual de Santa Cruz (Bahia).



# PEQUENAS HISTÓRIAS DO JOGADOR

ORDEP SERRA

**O** rapaz assina seus textos como **O Jogador**. Não posso dizer que o conheço, embora sejamos amigos. (Amigos se amam, mas raramente se conhecem). Em todo o caso, somos próximos: ele me conta suas histórias e me permite inconfidências. Não me sinto obrigado a crer no que ele me narra, mas confesso que suas mentiras me fascinam. Nelas há sempre uma forma nova de verdade. Mostrarei aqui dois de seus contos. Lá vai o primeiro:

## I. O APÓCRIFO

O Jogador espalhou o boato de que fora descoberto recentemente um novo fragmento da Telegonia, ou melhor, uma variante do velho poema: um texto rico em novidades, apesar das lacunas. Segundo ele, no tal manuscrito se narrava um episódio tenebroso que não consta da Crestomatia de Proclo: um trecho em que as amantes divinas de Odisseus assistem, consternadas, a passagem definitiva da alma dele pelas portas inapeláveis do Hades. Cena lúgubre, sequência de um parricídio sem culpa: de acordo com a tradição, foi o segundo filho do herói, Telégono – fruto de seu enlace com Circe – que o matou em combate, sem saber com quem lutava. Meu terrível amigo disse a todo o mundo que tinha traduzido o texto fabuloso, ou melhor, que fizera dele uma paráfrase em forma de crônica. Mas tudo que mostrou foi um pequeno trecho em versos livres que corresponderiam a uma fala de Calipso:

Por um instante me possuiu  
 a tua imagem que deslizava  
 nua de tempo  
 já nos umbrais do Sem Retorno.  
 Com vã lembrança  
 meu coração ainda quis  
 doer, herói,  
 por tua causa.  
 Eu contive o cavalo bravo.  
 Ainda escuto na boca da noite  
 um clamor que se junta aos uivos  
 das feras desumanadas.  
 É a Filha do Sol  
 que pariu tua morte.  
 Não a imitarei.  
 Não tenho lágrimas.  
 Agora vês para onde te leva  
 o Anjo de Zeus  
 que um belo dia nos separou.  
 Adeus, herói.  
 Chorem por ti a velha de Ítaca  
 e a deusa terrível  
 de voz humana.  
 Eu sou Calipso.  
 Este é o reinado.  
 Eu velo.  
 Eu calo.

Improvável, como se vê. O estilo nada tem de épico. Os amigos desconfiaram da fábula, mas o Jogador não se deu por achado. Alongou o enredo, multiplicou os pormenores. Falou que o precioso fragmento fora encontrado no Egito, num papiro usado por sacerdotes na confecção da múmia de um crocodilo. O venerável papiro perdeu-se, mas restaria dele um resumo em latim,

feito por um monge irlandês. No comecinho do século passado um sacerdote fujão, deflorador de sete monjas, trouxe para a Bahia a última cópia do manuscrito. O poeta a teria encontrado na biblioteca da Abadia de São Bento, onde jura que fotografou o precioso pergaminho e o leu com a ajuda de uma bela teóloga, música ainda por cima. A moça queria transformar o poema resgatado numa cantata. Era compositora, regia a Orquestra Sinfônica da Universidade. A história do texto misterioso foi publicada em efêmera revista dedicada ao Boto Cor de Rosa. Dela resta um exemplar na livraria do mesmo nome. Mas no soteropolitano Mosteiro de São Bento não se encontra qualquer vestígio do alegado manuscrito. A fotocópia também sumiu, num dos incêndios periódicos que renovam a biblioteca do poeta.

Contrariando a maioria dos críticos, o escritor Lima Trindade afirma que o manuscrito em latim era autêntico e o papiro arquetipo existiu, sem dúvida alguma. Passou a defender esta tese depois de sonhar, por sete noites seguidas, com um crocodilo que falava grego.

Não peço que os leitores acreditem nessa história da qual eu mesmo duvido. Peço apenas que imaginem seu fundamento: um poema possível, uma epopeia do ciclo de que as grandes obras homéricas são os únicos monumentos preservados, ou seja, os únicos textos legíveis de modo direto (e na íntegra) entre tantos que foram compostos para celebrar a desgraça dos troianos, a amarga vitória dos gregos e seu atribulado retorno, assim como a saga de seus epígonos. Basta uma tímida aquiescência: basta acolher por um instante a ideia de um nebuloso rio canoro — a fonte remota, já evaporada, da fantasia de meu amigo. A leve mudança produzida por esse fantasma no corpo da tradição sequer a perturba. Respeita os limites imprecisos da lenda, a geografia nostálgica. Não há prejuízo para os zeladores do Ciclo. Uma imagem simples, um pobre clichê, traduz seu único efeito: assim como o brilho de estrelas mortas ilumina o céu de agora, o *épos* perdido confere clareza à crônica apócrifa.

Eu não disse “*épos* perdido” por acreditar que o poema suposto existiu de fato, como pretende o Jogador. Não creio que essa Nova Telegonia, como ele a denominou, foi real no sentido físico e despencou por puro acaso num dos buracos da tradição manuscrita, deixando apenas uma notícia elaborada por um erudito. Alego outra razão, um dado irrecusável: homens e mulheres sujeitos a lucidez costumam sentir dolorosamente a perda do que lhes ficou no limbo. Esta carência provoca sua imaginação, acende seus desejos, nutre seu sentimento trágico do mundo. É o que penso: a história do Jogador surgiu do limbo de um poema virtual, todavia fecundo. Visto assim, o texto inescrito tem realidade irrecusável.

No resumo que fez do conteúdo do suposto pergaminho o meu amigo referiu-se ao parricídio épico e recordou as estranhas núpcias subsequentes. Nesse ponto ele não inovou. Na Telegonia atribuída a Eugamo de Cirene já se falava dessas bodas: o casamento do filho de Odisseu e Circe com a viúva do pai dele e as núpcias simultâneas do seu mano Telêmaco com a mãe divina do irmão. O imbróglgio de parentesco divertiu a namorada do escriba, uma jovem professora do Instituto de Letras da UFBA. A moça extrapolou: desenhou uma bonita árvore genealógica inventando um tronco fecundo que fez surgir de um casamento de primos carnaís, ou seja, de uma neta de Circe com um neto de Penélope. Daí ela derivou sete dinastias, incluindo os labdácidas e alguns centauros. O texto em que o fez ficou disponível por largo tempo em seu blog e foi lido por milhares de pessoas do mundo inteiro. Mitômanos de toda parte lhe escreveram solicitando inclusão na fabulosa genealogia. Os mais obstinados enviavam relíquias, símbolos heráldicos e longos alfarrábios para fundamentar sua pretensão. Na Academia de Letras da Bahia fizeram-se muitas reuniões para discutir o assunto, mas nenhuma delas foi conclusiva. Em vão a professora brincalhona denunciou seu próprio texto como fictício: a planta absurda ainda viceja.

## II. A SERPENTE

Mais uma vez ergo a cabeça  
e a luz escorre dos meus olhos.  
Revolvo meu corpo sarapintado  
e o tempo se torce.  
A crista em fogo toca, tinindo,  
o azul do infinito.  
Desligo os úmidos laços  
da noite que me continha  
com ritmos tersos: cresço.  
Já o corpo da Criadora  
envolvo com meus anéis.  
Em transe espumo, celebro  
e de novo caio:  
desaba, então, a forma do mundo.  
Mas por um pouco, ainda  
mantenho a cabeça erguida.  
As formas viventes  
surgiram dos gestos da Dançarina  
que no princípio era só comigo.  
Hoje a querida me repele:  
calca-me a dura coluna,  
pisa meu o dorso com saltos de Fúria.  
Fita desfeita no chão da noite,  
já desfaleço:  
já me separo do todo  
e deixo-me descolar  
caindo aos poucos no abismo,  
no seio escuro das vagas  
que me farão em pedaços.  
Mas sucumbindo, ainda canto  
o esplendor do fogo feliz,  
a grande luz que me dá beleza,  
a Mãe Santíssima.

Estes versos obscuros foram a ruína do grande poema que meu pobre amigo tentava compor: interromperam seu curso, desfizeram seu arranjo, sacrificaram sua unidade. A serpente não tem nada a ver com as figuras da jornada que ele vinha descrevendo numa série orgânica de rapsódias. Como dizem os críticos, tratou-se de uma bárbara incrustação. A estranha figura rasgou a trama das imagens cristalizadas em outro horizonte. E deu-se a catástrofe. Sim, é certo que a esfera sinfônica não exige, para rolar, uma estrada de harmonias lisas: o atrito de pistas ásperas é mesmo indispensável a seu movimento. Mas se o centro imaterial que lhe sustenta a forma é invadido, ela explode. E seu desenho torna-se irre recuperável. Ou seja, mudando de metáfora: o lírico jogo de espelhos foi danificado pela superposição de uma pintura corrosiva, contagiosa, colada a um deles na última curva do labirinto. A rapsódia importuna travou o concerto das figuras, esmagou com seu impacto o desenho verbal da obra extinta. Era um corpo estranho no poema. Críticos perplexos multiplicaram conjeturas sobre o desastre. Alguns imaginam que o Jogador se inspirou no mito de Ofíon, na dança de Eurínome. Outros dizem que ele foi tentado pela serpente do Éden, que lhe tirou o juízo. A causa ainda se discute, mas o resultado é incontestável: o canto intrometido devorou o poema, criou no seu seio uma espécie de buraco negro que o consumiu, ficando só a rapsódia fatal no seu horizonte de eventos. Mas a amante do poeta frustrado, a jovem mestra, doutora em Hermenêutica e Teoria Literária, interpretou esse texto de um modo muito diferente. Passo-lhe a palavra:

“Há uma lâmina viva no seio da rapsódia maldita. Há uma faísca no seu gume. Vem daí o impulso que rompeu a coerência do poema original em que ela deveria integrar-se. A doida consumiu sua matriz, destruiu o próprio berço. Eu lhes garanto que não foi por acaso. Uma força caótica queria muito fazer-se visível. Ora, justiça seja feita: o poeta sempre cuidou

de estabelecer com clareza uma relação entre três elementos: o sentimento pensado, o fluxo dele decorrente no estojo de sua garganta e, por fim, o desenho que resulta na praia dos significantes (no branco da página). O Jogador é fiel a sua arte, que nunca traiu. Digo mais: meu amigo sabe que uma corda está sempre amarrada a si mesma. Este laço primeiro, sem nós ou dobras (simplex, einfahig), é que permite o vir a ser de qualquer outro: permite o dobrar unidoble e favorece os plurais. Ele sabe que a serpente está toda no fio que puxa, considera ao movimento: é a linha e a ondulante agulha, o trem e o trilho. Assim ela escorre, única em sua túnica. Não se descola no coleio. Sua cantiga só pode ser a coluna dos redemoinhos, ou senão o rio de um jato instantâneo, porém inteiro; ou a ondulação de estradas serranas que por milagre se movessem. O poeta o sabe, mas ignorou este fato. Foi de propósito, com certeza. Quando apresenta uma cobra sincopada, está consciente da violência que faz. É um sacrifício. Do princípio ao fim, o canto afirma e simultaneamente nega o vigor da presença invocada, numa contradição opulenta. A serpente se ergue — e logo desaba —; toca o éter, seu anelo chega ao corpo divino, mas a ascensão majestosa produz a queda. O êxtase leva a fera soberba para baixo e ela termina recalçada. Há um ímpeto caótico nos seus movimentos: a revolução de seu corpo faz o tempo contorcer-se e sua volta ao inferno desmancha a forma do mundo. Misturam-se com muita clareza em seus movimentos a criação e a destruição. Por fim, a vítima da rapsódia glorifica sua Imoladora. Está tudo aí. O leitor não carece de reportar-se a Apolônio de Rodes nem aos fragmentos órficos que os neoplatônicos bricolaram: não tem de pensar em Eurínome, em Ofíon. Tampouco precisa de recorrer a imagens bíblicas, evocando a Mãe dos Homens e sua excelente Inimiga. Para o desfrute dos versos, é inútil preocupar-se com essas coisas. O que meu amigo escreveu na rapsódia felizmente importuna (pois paralisou um poema que ele não queria concluir) pode

entender-se por outro caminho. Para mim, não há outro jeito de interpretar esse texto senão produzindo outro que o transforme por completo. Vou refazê-lo, encaminhá-lo por uma trilha diferente: via de fêmea.

“Pensem numa viúva chamada Eva a sonhar com o marido que perdeu. Neste sonho gozoso ela desfruta a lembrança carnal de seu amor. Sente a penetração do amado, revive na forma de um grande coito os seus enlaces, todas as trepadas que deram. O rio fecundo flui na sua carne, no teatro da caverna a que o pênis mágico se incorporou. Recuperada a lucidez, volta Eva a saber que foram muitos os coitos de sua paixão: atos semelhantes, separados no tempo, com a duração média dos enlaces humanos. A dama sabe disso, mas não pode esquecer a imagem da foda única. Assim como ela mesma se percebe mais concreta e plena do que o homem partido – separado do mundo, cortado em pedaços na sua lembrança – a cópula inteira, sem intervalos, tem mais realidade em seu espírito do que as transas cuja repetição ela encontra no pátio da memória. Tanto quanto a unidade de um todo supera os fragmentos de seu símbolo, a trepada do sonho redondo mostra-se verdadeira de um modo superior. É isso que ela sente enquanto se acha ainda na câmara dos ecos de uma lassidão deliciosa, no termo de um orgasmo-depois-do-orgasmo, lento e expansivo, privilégio das bem amadas. Mas logo ela se desprende daí: dá um salto enérgico e entra num banho de virgem. Passa o dia todo a sentir-se uma garota. À noite, surpresa: ela sente de novo o gosto do desejo. Por um segundo, vem a recordação do marido recuperado na trepada perfeita. Ela se lembra de como esteve grávida do pênis poderoso, toca seu vazio com os nervos encantados — e repele decididamente a plenitude. Aliviada, vê o sumiço de seu homem, aspira o gosto da morte que lhe dá, que sempre lhe deu. E sai em busca do momento. Quer de novo que a fera efêmera erga a cabeça e morra; quer que ela caia nos seus

intervalos e lhe deixe o mundo onde só o desejo abre os espaços, dança as essências. Daí a pouco, ela dirá ao novo cativo, com os olhos sutis:

‘Cacei meu marido, cortei o enorme caralho dele em muitos pedaços, distribuídos por dias e noites, em horas quebradas, em tempos-lugares diferentes. Gozei seu corpo retalhado em momentos, a cobra em flor que me seguiu por longo trecho, até que matei de vez o caro morto e deixei o divino pau em paz. Agora, creio achá-lo de novo, pendurado em você que nem serpente...’

---

Ordep Serra é antropólogo, pesquisador, professor, escritor e tradutor, graduado em letras e mestre em antropologia social pela Universidade de Brasília, doutor em antropologia pela Universidade de São Paulo. Estuda teoria antropológica, etnobotânica, antropologia da religião e antropologia das sociedades clássicas. Publica obras de ficção, pelo que tem obtido premiações nacionais. Desde 2014 ocupa a Cadeira número 27 da ALB



## O PERU E PAPAÍ NOEL

PAULO ORMINDO DE AZEVEDO

Passado o episódio, ela não lamentava o prejuízo, mas não ter podido realizar o sonho de uma ceia de Natal como antigamente, com o peru à Califórnia sobre a mesa, os amigos e depois da ceia a dança, queixo-no-queixo, coxa-na-coxa, ao som da radiola, antes da missa do galo.

O marido rabugento tinha um brechó na periferia. Visitava as feiras de rolo e velórios em que se dizia amigo do defunto, e se oferecia para comprar seu enxoval e objetos sem uso da casa. Não era um receptor e por isso gozava de boa reputação com os tiras da zona, que frequentava à noite.

Naquela véspera de Natal bateu na casa um velho de cabelos e barbas brancas com uma camisa encarnada e um saco nas costas que parecia um Papai Noel raquítico. O velho disse à dona da casa que o marido havia mandado entregar aquele peru para a ceia do Natal. A senhora surpresa mandou o velho colocar o peru no quintal. Quando o peru saiu do saco: cantou, abriu a cauda em leque e arrastou as asas no chão à procura de uma fêmea. A coroa viu naquela dança um presságio.

Agradecida, ela lhe ofereceu água, café e prosa amiga. Ele disse que Seo Dozinho pediu para ela mandar a radiola que ele iria trocar por uma estereofônica para a noite do Natal. A mulher o levou até a sala e apontou a radiola. O velho se agachou, tirou a tomada da parede, um fio enterrado em um vaso com terra e a antena que subia para o telhado. Acomodou a radiola no saco e o colocou nas costas. Despediu-se e saiu caminhando pela rua. A coroa anteviu a sala cheia de amigos, a lapinha, a pista de dança e a nova radiola estéreo.

Quando o marido chegou ao meio-dia reclamando da vida, ela o recebeu com um beijo mais quente do que de costume e prometeu preparar uma ceia de Natal como antigamente para a família e amigos. Avisou que depois da ceia queria dançar um bolero. Ele estranhou tanta amabilidade, mas não disse nada, porque tinha outro compromisso para aquela noite. Mas tomou um susto quando quis ouvir o noticiário.

Irritado com a bobeira da mulher, que vivia sonhando acordada, jurou que iria pegar o ladrão com um amigo policial e dá-lhe um corretivo. Saiu às pressas, sem nem almoçar. No meio da tarde chegou à casa um jovem bem-apegoado dizendo que Seo Dozinho estava na Delegacia com o lalau, mas que ele dizia que fora uma troca de presentes natalinos e queria o peru de volta para entregar a radiola. Ela, ainda aturdida, mandou o rapaz pegar o peru. Romântica, ela trocou a confraternização por um lanche íntimo ao som de boleros. Foi ao armazém, comprou um vinho e continuou fantasiando. Só despertou de seu sonho lindo quando o marido voltou para a janta irascível e perguntou se o peru já estava sendo assado e quem eram os amigos que ela havia convidado.

Moral da estória: o brasileiro não fecha a porta, nem depois de roubado.

---

Paulo Ormino de Azevedo é arquiteto e urbanista pela UFBA, doutor em conservação de monumentos pela Universidade de Roma, La Sapienza, 1970. É professor titular aposentado da UFBA, jornalista e “escritor nas horas vagas”, ocupando, desde 1991, a cadeira nº 2 desta Academia. Coordenou o Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia, obra em sete volumes, pelo qual recebeu o Prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade, do IPHAN, em 1999. É autor de livros e artigos na sua especialidade e de projetos de restauração.



## A FRESTA

MARCUS VINÍCIUS RODRIGUES

– “O justo florescerá como a palmeira, crescerá como o cedro no Líbano”.

A voz ecoou majestosa, como se amplificada pelo vão de uma catedral gótica, a abóbada central da nave se esticando para os céus entre a devoção e a afronta. Soberba, diria Dona Antônia com a mesma voz tonitruante que tinha agora no alto da escada. Não estava em uma catedral gótica, nunca mesmo tinha entrado em uma, nem mesmo aquela no Largo dos Mares, imitação moderna, barata, e que achava vulgar. Gostava da sua. O pastor transformou um antigo galpão em templo. O teto era altíssimo. No lugar de janelas para a rua, as paredes eram pintadas como um céu azul. Quando se apagavam as luzes e se deixava apenas a iluminação nas paredes, era como se já estivessem todos no céu. Ela se sentia abençoada por estar ali. Cantava o louvor com fé e força, a voz enchendo toda a amplidão.

Mas Dona Antônia não estava no templo. A voz soava amplificada porque metia a cabeça para dentro do armário de mantimentos. Acabava de limpar quando falou.

– O cedro cresce lento, menina, mas cresce alto e forte. Tem de ter fé.

– Ah! Don’Antônia, às vezes eu desanimo. Não vou mentir. Nem sei mais o que...

–Passa as latas.

Luciana passou algumas latas de milho e extrato de tomate para a mulher, que, do alto da escada, foi incisiva.

– Mas precisa ser um rapaz da igreja. Nada de homem do mundo. Esses não dão futuro pra mulher nenhuma. O primo de Nalva?

– Quer nada comigo, não.

– O macarrão, não. Deixa aí fora. Vou fazer uma sopa pra de noite... levar pra Dona Almira. A filha está de plantão hoje.

– Domingo? Vida de enfermeira é pesada.

– Ela não chega a ser enfermeira. É técnica. Limpa os pacientes. Ganha pouco. É outra que devia ter casado logo. A mãe viúva, doente.... se eu não ajudo, nem sei. Tem de ter caridade, minha filha... e casar bem.

– A senhora casou cedo.

– Casei. Barreto me viu no culto e falou com meu pai. Era bonito, bem vestido. A oficina era pequena, mas tinha jeito de crescer. Já tinha o dobro do tamanho quando a gente casou.

– Que bênção.

– Você sabe em que o primo da Nalva trabalha?

Luciana fez um gesto de negativa enquanto entregava o pacote de macarrão. Dona Antônia recebeu o pacote com impaciência. A menina não percebeu o olhar e continuou passado pacotes e latas.

– Luciana, você precisa prestar mais atenção. Tem de se interessar pelas pessoas, saber o que fazem, onde trabalham. Você não conversa com ninguém depois do culto. Como é que alguém vai se interessar por você?

– Fico com vergonha.

– Ter vergonha é bom... ser recatada. É uma boa qualidade numa moça, mas converse, seja mais alegre.

– Vou me esforçar.

– Bem. Aqui já acabou.

Dona Antônia desceu a escada com o pacote de macarrão na mão. Colocou na mesa e recolheu a escada para levar para o quintal.

– Vamos tomar um cafezinho agora.

– Eu preparo.

– Obrigado, minha filha. Sem barulho. Não acorda Barreto.

No quintal, colocou a escada encostada no muro e subiu a outra escada, a de concreto, para a laje. Dois lances. A casa tinha

dois pavimentos e, no alto, uma área coberta onde ela estendia a roupa lavada e o marido fazia churrascos. De lá de cima podia ver todo o bairro com suas casas baixas. A torre da Igreja dos Mares aparecia de costas. Não dava pra ver a Igreja do Bomfim dali. A ostentação dos católicos, dizia o Pastor. “E destruirei do meio de ti as tuas imagens de escultura e as tuas estátuas”. Pegou as roupas na corda e desceu, desta vez, por dentro da casa. Passou pelo andar dos quartos e ouviu o ronco do marido. A porta do quarto estava aberta. Encostou um pouco, sem fechar totalmente. Fazia calor. Desceu com as roupas para a sala de estar.

– A água está esquentando.

– Obrigado. Vou dobrar essas roupas, mas não vou passar hoje, não. Fiz muito pra um domingo. Amanhã eu passo com calma.

– A senhora é tão jeitosa.

– Gosto de minha casa arrumada.

– Quero a minha assim quando casar. Aqui no bairro não tem casa mais bem cuidada.

– Você vai ter sua casa. É direita. Deus recompensa.

Luciana olhava pela janela. Apenas três crianças brincavam perto.

– Aqui é bem calmo. Lá na rua tem pagode o final de semana todo.

– Fui abençoada. A vizinhança é boa.

– E essa moça aí do lado, como é mesmo o nome dela?

Dona Antônia dobrava uma camisa do marido. Um dobrar que deveria ser displicente – ainda ia engomar –, mas começou a acertar o vinco do colarinho com a mão. Forçava o lugar da dobra com a unha.

– Deixa a vida dos outros, menina. Essa é uma ovelha perdida.

– Dizem que ela tem um monte de homem. Será?

– Eu não fico me metendo na vida dos outros, não. É policial. Anda com homens por causa disso.

– Será que já atirou em alguém?

– Mulher policial... É coisa que não concordo. Profissão de homem. Mora aí sozinha. Que futuro pode ter? Trato bem, não tenho preconceito, mas não acho que seja boa amizade.

– Mas é importante a mulher ter uma profissão, Don'Antônia. Acho a farda bonita.

Dona Antônia suspirou fundo.

– Você fica aí pensando besteira... vai acabar solteirona.

– Mas tem mulher policial casada. Tudo direitinho... Don'Antônia, espia. É ela? Esse é o namorado? Rapaz bem -apessoado... parece direito. Vão passear.

– “Não tenha teu coração inveja dos pecadores; antes sê no temor do senhor todo o dia”.

– Oxe, Don'Antônia. N'ê isso não. Acho bonito passear domingo de tarde, um sorvete na Ribeira. Eles passeiam sempre?

– Deixe de ser fofocqueira. Vai ver a água do café. Anda.

Luciana sumiu para a cozinha. Dona Antônia ficou olhando para a janela. Do sofá via apenas o céu. A tarde começava a cair. Demorou-se um tempo e foi até a janela. Não chegou a olhar para fora. Apenas murmurou enquanto a fechava: “porque da janela da minha casa, olhando eu por minhas frestas”. Voltou às roupas. De lá de dentro, Luciana perguntou se tinha falado alguma coisa. Ela respondeu que estava lembrando uma passagem da Bíblia: “E eis que uma mulher lhe saiu ao encontro com enfeites de prostituta, e astúcia de coração.” Ela recitava provérbios 7.

– Que passagem?

Luciana voltava com o café em uma bandeja.

– Aquele salmo que eu estava lhe dizendo.

– O 92.

– Muito bem. Vejo que está estudando. “Os que estão plantados na casa do Senhor florescerão nos átrios do nosso Deus.” Lembre bem disso, Luciana. Só assim você encontra a graça. Fora da palavra só existe danação.

A moça concordou de cabeça baixa.

– Pega uns biscoitos?

A moça saiu da sala e Dona Antônia voltou à janela. Decidiu que não valia a pena passar calor e a abriu novamente. Luciana voltou com biscoitos salgados.

– Pega aquelas amanteigados. São mais gostosos. Tem uns chocolates no armário. Pega também.

– Mesmo?

– Só um pouquinho não é gula. Vai. Vou guardar a roupa no quarto.

Dona Antônia pegou as roupas e subiu as escadas. Mal chegou ao andar, já podia ouvir o ronco do marido. Abriu a porta devagar. O homem dormia de lado. Estava sem camisa. A barriga grande e peluda avançava para o lado em que ela dormia. Sobrava pouco espaço, caso ela quisesse deitar. As coisas se acomodam, respondeu para uma pessoa imaginária que lhe perguntava como ela fazia para dormir. Deixou a roupa sobre uma cômoda e foi para a janela. Abriu uma fresta e avançou o olhar para a casa da vizinha. De sua janela, no alto, podia ver a janela do quarto. Dali podia ver parte de uma televisão. Às vezes vinha ver o que a mulher gostava de assistir. Achava que policiais viam filmes policiais, mas não era verdade. A mulher via os mesmos programas de todo mundo. Nada demais. Podia ver, também, um pedaço da cama. O lado vazio. A mulher costumava dormir do outro lado. Aquele vazio era sempre ocupado por homens. Não eram tantos como diziam as fofocas. A vizinha de fato já tinha tido muitos namorados, mas com esse estava já há algum tempo. A cama estava vazia naquele instante, mas Dona Antônia tinha bem viva a memória da noite anterior. Tinha visto os dois se amando. Ficou com vergonha de ver a nudez tão franca daquele homem, a maneira como se curvava para amá-la, lento, carinhoso. Quase uma devoção. Fechou a janela pra não ver, mas não conseguiu fechar tudo. Uma fresta. Por ali entrou a imagem da mulher, o rosto de contentamento durante o gozo – “o meu

amado pôs a sua mão pela fresta da porta, e as minhas entranhas estremeçeram por amor dele”. Depois do gozo, vieram as risadas frouxas. A felicidade. Fechou a janela, fechou os olhos. A cama vazia ainda rescendia a amor naquela tarde de domingo. Olhou para a própria cama. O marido ocupava quase tudo. Não havia lugar para mais nada.

Desceu para a sala. A mesa para o café estava posta. Louvou a arrumação que a moça tinha feito.

– Uma casa arrumada é convite para o amor, Luciana. Parabéns.

A moça corou. Não se decidia entre a vergonha e o orgulho enquanto servia os cafés, os biscoitos e o chocolate.

– Depois do café, vamos fazer a sopa. Vou lhe ensinar uma receita muito boa.

Dona Antônia, antes mesmo de tomar um gole de café, numa ânsia disfarçada, enfiou um pedaço de chocolate na boca.

---

Marcus Vinícius Rodrigues é professor e membro da Academia de Letras da Bahia, cadeira 28. Publicou, entre outros, *O mar que nos abraça* (Ed. Caramurê, 2019); *Café Molotov* (Editora 7Letras, 2018) e *A eternidade da maçã* (Editora 7Letras, 2016).



## SOB A CONSTELAÇÃO DE ORION

CARLOS RIBEIRO

Lembra-se daquele São João? Faz uns trinta anos... você ainda era uma menina. Eu mesmo preparei tudo: cortei as árvores e fiz a fogueira; limpei o terreiro e lavei a casa; arrumei o salão, meu amor, e escolhi as músicas que dançaríamos até o dia raiar.

Naquele tempo não pensava que as minhas forças pudessem acabar. Elas eram eternas como o meu desejo. E foi com eles - o meu desejo e as minhas forças - que construí a noite que lhe ofertei; a noite que levo comigo para o esquecimento.

Já não recordo muitas coisas: as casas que morei, as palavras que disse, as experiências que vivi, esses pensamentos bobos de uma vida. Já não lembro os amigos que se sacrificaram por mim, nem os que me traíram. Meus amigos não têm rosto. Nem história. Eles apenas integram, comigo, o grande vazio.

Mas não esqueço aquela noite, mesmo após tantos anos. Mesmo depois de todo esse mundo desabado. Mesmo depois de todas as perdas. Mesmo depois de todas as mulheres que remonto em vagas lembranças. Mesmo depois, meu amor, dessas nuvens e ventos que me confundem. Dentre tudo o que desponha aqui e ali na memória, com suas formas recriadas, distorcidas, suprimidas e ampliadas, aquela noite permanece límpida e inalterada, sem um leve tremor, sem a menor alteração. Lembro tudo: os objetos na sala, o aquário com os três peixinhos amarelos, os pingos de água escorrendo no seu rosto molhado de chuva, seus passos e seu sorriso admirado. Lembro das suas palavras sobre o jasmim perfumado e o seu espanto pelo meu rosto manchado. Lembro da sua mão limpando o suor da minha face e do beijo

que trocamos sem aviso, sem espera, sem medo. A casa era brilhante como o meu espírito luminoso de amor. A casa era um coração limpo, alegre, perfumado que se abria para lhe receber. Não importava muito que fosse São João, não importava que houvesse outras casas, outras músicas, outras fogueiras no mundo. Eu era a casa, a música, a fogueira, eu era o planeta que se desmanchava ao simples movimento dos seus lábios, das suas mãos frágeis e longilíneas, do seu corpo esguio, que se entregava ao amor - não o amor dos quartos vedados às estrelas e ao risco, mas o amor da *Terra Incognita*, o amor selvagem que não conhece limites. E foi assim, lembra?, que nos amamos naquela noite. Você contava as estrelas da constelação de Orion enquanto o vento trazia as boas novas de um tempo que não chegamos a conhecer. Lembro do seu desejo secreto sussurrado junto ao murmúrio do vento - tão íntimo que com ele se confundia. Ouvei as palavras que pediam um filho. Ele teria a sua adoração pela vida e a minha sede de conhecer o mundo além das aparências. Ele seria a cura silenciosa e terna dos nossos sonhos partidos. Ele dançaria sobre as nuvens das nossas aspirações, e de estrela em estrela diria as palavras que nos faltaram: “Vem! Não desista nunca dos teus sonhos!”. Nosso filho - sim, eu ouvi, não foi o vento, mas suas palavras e o seu desejo que ficaram atrás, lá atrás, naquela noite de São João.

Por que não cumprimos nosso sonho? Nosso filho não dançava na chuva e no vento? Por que não nos disse a palavra, amor?... não quis nascer em nós. Não quis mudar o rumo da nossa acomodação. O medo... ele também estava presente ali, naquela noite, sob as estrelas de Orion.

Nós nos amamos tanto, e mesmo assim o verbo não tornou-se carne. Falhamos como criadores; sofremos como criaturas a dor da precariedade. Os sonhos cristalizaram-se num momento, quando poderíamos ser o sempre. Desencontramo-nos numa esquina qualquer onde náufragos lançam seus dejetos, onde os arrogantes e os pretensiosos discutem

com lógica os problemas do mundo, onde artistas vendem suas almas, onde os homens confundem os corpos no eterno jogo dos desencontros, onde jamais deveríamos estar - nós, os amantes da brisa e da chuva; da graça e do silêncio; bailarinos de uma noite de São João.

Não lembro quando te vi pela última vez. Não sei mais que gosto marcou sua despedida. Também nada importa além desse caminho que se detém, de súbito, diante dos olhos sem brilho que já nem sei se são meus.

Uma noite justifica uma vida ou é apenas testemunha do seu fracasso? Essa dúvida, meu amor, que sempre trouxe comigo, talvez não faça mais sentido.

---

Carlos Ribeiro é jornalista, escritor, ensaísta e professor do curso de jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Tem dezessete livros publicados, dentre os quais *Lunaris* (novela), *Contos de sexta-feira*, *Fazedores de tempestade* (mini contos), *Rubem Braga, um escritor combativo – a outra face do cronista lírico* (ensaio) e *Noites Desertas* (romance). Desde 2007 ocupa a Cadeira nº 5 da ALB.



## NEVASCA EM PLENO VERÃO

PAULO ORMINDO DE AZEVEDO

**E** stávamos nas vésperas do Natal. A neve começou a cair desde cedo. Seus flocos eram trazidos pelo vento e se embarçavam na tela da varanda do apartamento em que me encontrava e formavam belos desenhos. Milhares de flocos continuavam a cair. Nunca tinha visto aquilo num verão nas minhas andanças pela Europa e muito menos no Brasil. Liguei a TV para saber o que estava acontecendo e procurei, em vão, no Google um meteorologista para explicar o fenômeno. O mais incrível é que ninguém se espantava. Lá em baixo os carros nem paravam. A neve na varanda não se derretia, apesar do avanço do dia. Pensei que podia ser um milagre do Natal.

Sonhando, lembrei-me da minha infância e as primeiras imagens de campos nevados com pinheiros. Uma paisagem tão estranha para nós nordestinos, cujo primeiro sinal do Natal era o anúncio da chegada da chuva com a floração do mandacaru cantada pelo Rei do Baião. Mas out-doors mostravam renas voadoras puxando um trenó com um ancião vestido de vermelho e arminho e na cabeça uma touca com pompom. O velhinho bebia um líquido escuro no gargalo de uma garrafa. Na época, só se bebia na Bahia as cristalinas gasosas dos “irmãos Fratelli Vita” em copos, ao natural, pois poucas casas e bares possuíam as Frigidaires importadas.

Recordei o Natal de antigamente, que começava com a preparação do presépio, uma lapinha ou gruta formada pela folhagem de pitangueiras olorosas, com a manjedoura, a sagrada família, o boi, a vaca, o jumento e os reis magos. A paisagem de Belém era reproduzida com papel de embrulho amassado salpicado de casinhas e as crianças enchiam o presépio com bibelôs e caxixis. Não podia faltar um cometa flutuando sobre a manjedoura. Os Magnavita, descendentes da Calábria, faziam um grande presépio na sua casa na Lapa com cascatas, rodas d’águas e até um trenzinho elétrico milenar.

Quando os comunistas, com suas artes do diabo, lançaram o Sputnik, meu pai, Thales de Azevedo, católico de boa cepa, escreveu neste jornal “Coloquemos o Sputnik no presépio” exaltando como uma conquista de toda a humanidade aquele complemento ao quarto dia da Criação. Jorge Amado enviou um cartão a meu pai louvando sua clarividência e coragem diante do maniqueísmo raivoso de então.

Comecei a divagar. Quem enterrou a bela tradição barroca do presépio não foram os comunistas ateus, foi a publicidade subliminar da Coca Cola, que só podia ser bebida estupidamente gelada, pois tinha cheiro e gosto do sabão líquido Aristolino. A Coca Cola foi, de mansinho, substituindo o presépio de Belém pelos pinheiros do Polo Norte gelado cobertos com neve de algodão ao som do *jingle bells*. Santa Cláus, vindo da Finlândia, se adentrava nas nossas casas mormacentas pela chaminé da lareira para compartilhar Coca Cola com os meninos bons.

Com essa lorota, despertei de meu sonho natalino e percebi que a nevasca vinha da imensa barriguda, ou sumaúma, do Campo Grande em direção ao apartamento de meu filho. O milagre de Natal não era a nevasca no verão, senão a mensagem que de uma minúscula semente que flutuava no ar pode nascer uma árvore gigantesca, como um baobá. Merry Christmas!

Publicado originalmente no jornal A Tarde, em 16/12/18

---

Paulo Ormino de Azevedo é arquiteto e urbanista pela UFBA, doutor em conservação de monumentos pela Universidade de Roma, La Sapienza, 1970. É professor titular aposentado da UFBA, jornalista e “escritor nas horas vagas”, ocupando, desde 1991, a cadeira n° 2 desta Academia. Coordenou o Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia, obra em sete volumes, pelo qual recebeu o Prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade, do IPHAN, em 1999. É autor de livros e artigos na sua especialidade e de projetos de restauração.



# Discursos



## A ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA 2017 – 2019

EVELINA HOISEL

Senhoras e senhores.

**E**m março de 2017, tomávamos posse na presidência da Academia de Letras da Bahia, eu, as congreiras e os confrades que aceitaram participar da diretoria para o biênio 2017-2019, dando continuidade a uma gestão anterior que tinha iniciado em abril de 2015. Aceitávamos o desafio de prosseguir na direção desta Casa por mais dois anos. Mais do que isso, aceitávamos o desafio e a responsabilidade de estar à frente das atividades da Casa de Arlindo Fragoso durante o ano de seu centenário. Hoje, neste ritual de posse de uma nova diretoria, mesclam-se o passado e o futuro da instituição, mobilizando o que foi realizado e o aceno para o por vir. Trata-se de uma liturgia que evoca a esperança, pois o futuro se apresenta como possibilidade de construção de um novo tempo e de uma nova ordem que, todavia, inexistente sem a luz do passado.

Expresso meu agradecimento à diretoria que me acompanhou durante esses dois últimos anos, de 2017 a 2019, com dedicação, zelo e competência, contribuindo para que, em momento de crise financeira e ética tão profunda como a que se espalha pelo Brasil, a Academia de Letras da Bahia pudesse dar continuidade aos seus trabalhos, contornando as dificuldades que afetam diretamente as instituições culturais do país. Desejo a todos os que hoje assumem a gestão desta Casa para o biênio 2019-2021, sob a presidência do acadêmico Joaci Goés,

um futuro promissor, de sucesso e brilho nas suas realizações. Cada nova diretoria é responsável pela construção de um fragmento da história desta instituição e estamos aqui, todos nós, escrevendo, a cada dia, a história da Academia de Letras da Bahia na sua missão como disseminadora de literatura e de cultura.

Expresso meu reconhecimento e minha gratidão a todos acadêmicos e a todas acadêmicas, pela oportunidade que me foi dada de estar presidindo esta Agremiação em 2017, no ano do seu centenário. Na galeria dos presidentes dessa casa, composta por personalidades do sexo masculino, e convivendo com tantas acadêmicas que constituem o presente desta instituição, fui eleita para ser a primeira mulher a ocupar esse cargo. Sinto-me honrada e agradecida por essa possibilidade histórica e hoje não poderia deixar de registrar esse gesto político que insere a Academia de Letras da Bahia no cenário da contemporaneidade.

Durante muitos anos, a presença das mulheres nas Academias de Letras foi objeto de resistência, pois somente brasileiros de sexo masculino poderiam ser eleitos como membros efetivos das instituições. Na Academia Brasileira de Letras, por exemplo, na década de 1950, uma candidatura feminina foi rejeitada para compor o quadro de membros efetivos. Em 1977, a Casa de Machado de Assis refez seu estatuto, possibilitando a candidatura de mulheres, quando foi eleita a escritora Rachel de Queirós. No ano do seu centenário, a Academia Brasileira de Letras elegeu a escritora Nélida Piñon, como presidente (1996-1997). Entretanto, outras academias do nordeste, como a Academia Cearense de Letras e a Academia Pernambucana de Letras, acolheram a presença feminina na Instituição antes desta data (respectivamente em 1901 e em 1921). Na nossa Academia de Letras, somente vinte anos depois de sua fundação, em 1938, temos a indicação da primeira mulher, a feminista Edith Mendes da Gama e Abreu para ocupar uma cadeira e, em 2015, a primeira mulher toma posse na presidência.

Do ponto de vista institucional, esse acontecimento responde à dinâmica do movimento que caracteriza a história de uma Academia: preservar a tradição e simultaneamente acolher as rupturas do presente, dar uma resposta afirmativa às questões históricas e políticas responsáveis pela criação de estereótipos, preconceitos, homogeneização do pensamento e acolher outras potentes possibilidades de relacionamentos históricos, sociais, culturais, sem abdicar, contudo, dos pressupostos que sustentam o edifício da Instituição.

E a Academia de Letras da Bahia, fundada no dia 7 de março de 1917 e instalada em 10 de abril de 1917, adentrou no ano do centenário reafirmando os objetivos inscritos no seu estatuto desde a criação: ter por objetivo a preservação da literatura e da cultura, ser um espaço de livre pensar e de diálogo entre distintos campos do saber, com adoção de uma estrita isenção política, religiosa e filosófica. Arlindo Fragozo sintetiza essas características da seguinte forma: *A Academia de Letras da Bahia terá como irredutível dever o mais absoluto respeito à independência mental dos que deverão compô-la*. Essas questões estatutárias permanecem na prática cotidiana da convivência acadêmica, promovendo profícuas e instigantes interlocuções entre os seus membros.

A isenção política de que fala o estatuto, todavia, não significa que a Academia de Letras da Bahia seja uma entidade apolítica. Concebo o sentido político desta instituição de forma mais ampla, recorrendo à etimologia da palavra, ao traduzir o seu comprometimento para com a polis<sup>1</sup>, a comunidade na qual está inserida. O seu desempenho político está associado ao seu poder como *locus* difusor do saber. Esse compromisso da Academia de Letras da Bahia se faz presente no seu objetivo de preservar a memória literária e cultural do estado e do país e,

<sup>1</sup> O termo tem origem no grego *politiká*, uma derivação de *polis* que designa aquilo que é público e *tikós*, que se refere ao bem comum de todas as pessoas. O significado de política é muito abrangente e está, em geral, relacionado com aquilo que diz respeito ao espaço público e ao bem dos cidadãos.

simultaneamente, ser uma difusora de conhecimento, afirmando-se como vanguarda do pensamento crítico em cada época.

Os acadêmicos que compõem o quadro da ALB, sejam eles ficcionistas, filósofos, antropólogos, médicos, juristas, educadores/professores etc, têm uma vinculação com o seu tempo no sentido de fazer avançar o conhecimento e isso só é possível com o pensamento crítico que inaugura outras possibilidades de estar no mundo, de revitalizar as formas de relacionamento de cada época, de renovar a linguagem, esse precioso instrumento responsável pela construção de novas realidades. Nesse sentido, acolher as múltiplas manifestações da diversidade cultural, incluindo as questões de gênero e de etnia, é uma resposta positiva que situa uma Academia de Letras no contexto de nossa época.

Após esse longo preâmbulo, passo ao relatório das atividades da Academia de Letras da Bahia no período março de 2017 a março de 2019. Devo esclarecer que, em relação ao ano de 2017, já temos divulgado alguns registros tanto no livro *Academia de Letras da Bahia: um século de história* (EDUFBA, 2018), como na fala de encerramento do ano do centenário, ocorrido em 10 de abril de 2018, publicada na revista da *Academia de Letras da Bahia*, n. 57 (2019, p.243-248) cuja edição será lançada ainda nesta solenidade. Todavia, prescreve o regimento que o presidente apresente um relatório de sua gestão, ao término do mandato. Assim, na abertura do ano acadêmico de 2019, no relatório aqui apresentado, inevitavelmente terei que citar atividades já registradas em outros documentos.

Uma instituição como a Academia de Letras proporciona constantes surpresas no que diz respeito à nossa convivência acadêmica. As forças inelutáveis da vida nem sempre nos anunciam com clareza os seus projetos. No ano festivo de 2017, fomos agraciados com a generosidade dos desígnios da vida que nos pouparam dos rituais do adeus e da saudade aos quais penosamente, às vezes, somos submetidos. Finalizamos o ano do centenário com todas as quarenta cadeiras do sodalício preenchidas.

Em março de 2017, recebemos com entusiasmo a acadêmica Edilene Matos para ocupar a cadeira número 13, em vaga da saudosa Myriam Fraga, magistral poeta; em maio, o acadêmico Nelson Cerqueira, para a vaga de Geraldo Machado (cadeira n.4), e em novembro, o acadêmico Fredie Didier, para vaga de Mons. Gaspar Sadoc (cadeira 10). Em 12 de agosto, tomou posse de Jeronimo Pizzaro como membro Correspondente.

Entretanto, no início de 2018, somos surpreendidos com a partida inesperada da querida acadêmica Suzana Alice Marcelino Cardoso, ocupante da cadeira 28. Somente dois anos após uma data festiva e memorável, como foi a noite da posse de Suzana Cardoso, em dois de maio de 2018, amanhecemos de luto, pela partida da nossa querida confrreira. Um meteoro que passa e deixa seu rastro de brilho, assim foi Suzana nesta Casa. Chegou como se já fizesse parte do nosso convívio há muito tempo. Viveu com intensidade cada dia de sua história na instituição, assim como na sua admirável trajetória de vida. E se ausentou – encantou-se, como diria João Guimarães Rosa -, silenciosamente, sem nos acenar para um iminente adeus.

No dia 22 de agosto, mais uma manifestação dos imprevisíveis desígnios e, mais uma vez, a Academia de Letras da Bahia amanhece de luto e no desalento diante da perda do acadêmico Edivaldo Machado Boaventura, presidente desta Casa de 2007 a 2011, e vice-presidente na gestão que hoje se encerra. Com quarenta e sete anos de vida acadêmica, tendo aqui chegado aos trinta e sete anos de idade, o tão estimado Edivaldo Machado Boaventura foi o primeiro ocupante da cadeira número 39 e exerceu todos os cargos em diferentes diretorias da Agremiação.

Não existe medida de grandeza capaz de avaliar o impacto emocional da perda do benfeitor Edivaldo Boaventura. Edivaldo era – e é – a alma desta Academia. Embora ligado a várias instituições culturais, sua presença no Solar Góes Calmon preenchia efetiva e afetivamente todos os espaços: o da convivialidade com os confrades, as confreriras e os funcionários; o da sua

relação com a centenária história da instituição; da Casa em si mesma, enquanto museu e espaço solar de irradiação da literatura, da arte e da cultura.

Como uma memória viva e afetiva, Edivaldo estava sempre disposto a colaborar, a incentivar, a reconhecer qualidades, a premiar, a colocar generosamente – com grandeza e simplicidade - o seu saber à disposição do outro. Foi um incentivador para que eu me candidatasse à presidência desta Academia e, talvez, somente por isso hoje eu esteja encerrando o meu segundo mandato como presidente. Com a generosidade e o entusiasmo que o caracterizavam, Edivaldo foi um colaborador incansável. No meu sentimento e na minha memória guardo da nossa convivência momentos de aprendizagem, de compreensão, de lucidez e de afeto. Guardo, enfim, a figura de um Mestre.

No que se refere à acadêmica Suzana Cardoso e ao acadêmico Edivaldo Boaventura, foram realizados todos os rituais de adeus e de homenagem prescritos no nosso regimento, e foram eleitos os ocupantes das vagas das cadeiras 28 e 39 – o escritor Marcus Vinicius Rodrigues (cadeira 28), e o artista plástico Juares Paraiso, (cadeira n. 39). A posse de ambos ocorrerá na gestão da diretoria que hoje inicia o seu mandato.

Já tínhamos encerrado o ano acadêmico de 2018 quando, em 27 de dezembro, somos surpreendidos com a partida da acadêmica ocupante da cadeira 33, Mãe Stella de Oxossi, importante símbolo da diversidade religiosa, étnica e cultural da nossa Bahia, acolhida de forma pioneira nesta Casa. No dia 11 de janeiro, o acadêmico Guilherme Radel (cadeira 3) deixa também o nosso convívio, ele que foi, com sua exuberante erudição e com sua cativante serenidade, um dos responsáveis pelo brilho de nossas sessões nas quintas-feiras. No dia 6 de janeiro, de forma inesperada, recebemos a notícia do falecimento da Professora Emérita da UESB e membro correspondente, a escritora Heleusa Figueira Câmara. Como a Academia estava em recesso, somente depois dessa sessão de abertura do ano acadêmicos as homenagens serão realizadas.

Senhoras e senhores, cada membro desta Agremiação tem uma singularidade e uma diferente maneira de ocupar o seu lugar nesta Casa e essa diversidade promove a riqueza da instituição. Se a Academia tem os seus rituais de despedida e de saudade, sabemos que os que partem aqui permanecerão vivificados pela nossa memória e imortalizados no legado de sua obra, sempre presente. Esta certeza possibilita que, no meio do turbilhão dos sentimentos abalados pelas perdas, possamos seguir, dando continuidade à história da Instituição. Aqui expresso a minha admiração por todos que partiram do nosso convívio, ausências presentificadas pelo poder simbólico das palavras desta homenagem.

### **Os principais marcos do centenário e das atividades literárias e culturais**

A comemoração do centenário da Academia de Letras da Bahia coincidiu com um momento de grave crise financeira e política no nosso país. O reflexo dessa crise nas instituições culturais se fazia sentir à medida que empresas patrocinadoras de projetos institucionais retiravam o seu apoio, sem mesmo considerar aqueles programas já consolidados e com uma longa história de sucesso. Foi assim com o Prêmio Nacional Academia de Letras da Bahia - Literatura, com mais de trinta edições, mobilizando escritores de todos os estados brasileiros para concorrerem à premiação. Desde 2015, o projeto já estava sem o patrocinador de longos anos (COPENE-BRASKEM) e só foi possível realizar a concurso em 2016, candidatando-se a um edital da Fundação Gregório de Mattos, da Prefeitura Municipal de Salvador - Edital n.3/2015, *Arte em toda parte*. No ano do centenário, lamentavelmente, não houve patrocínio para a premiação.

Mesmo com a crise que se aprofundava em diversos setores da vida brasileira, na abertura do ano, em 10 de abril de 2017, tínhamos conseguido realizar a pintura da área externa do

Solar Góes Calmon. Graças à sensibilidade e ao interesse de um colega da UFBA, o professor Adailton de Oliveira Gomes, foi possível mobilizar o Instituto Politécnico da Bahia, presidido pelo professor Caiuby Alves da Costa, o CREA/BA (Conselho Regional de Engenharia e Agronomia), sob a presidência, à época, do engenheiro Marco Antonio Amigo, e a fábrica de tintas Concremassa, para a doação do material para a pintura.

A mão de obra foi executada pela Prefeitura Municipal de Salvador, com a participação de seus diversos órgãos (SEMAN, SEMOB, Secretaria da Cidade Sustentável e Inovação), sob a eficiente mediação do presidente da Fundação Gregório de Mattos, Fernando Guerreiro, sempre disposto a incentivar e apoiar as instituições culturais da nossa cidade. Foi ainda através da Fundação Gregório de Mattos que, antes do encerramento do ano do centenário, ocorrido em 10 de abril de 2018, o busto do fundador Arlindo Fragozo voltou a ocupar o seu pedestal no jardim do Solar Góes Calmon, em substituição ao busto de bronze, roubado em 2013. A pintura foi um marco importante da gestão 2017-2019 para a preservação física do belo Solar e para construção do cenário das comemorações do centenário.

Um legado importante foi a publicação do livro *Academia de Letras da Bahia: um século de história*, em forte parceria com a Editora da Universidade Federal da Bahia, e o apoio da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação, Governo do Estado da Bahia. O objetivo da publicação é o resgate e o registro da história da Agremiação ao longo dos cem anos, cobrindo um largo espectro de temas que a definem como instituição literária e cultural, por meio de textos e de registros fotográficos. A organização do livro, com a coordenação editorial sob a responsabilidade do saudoso acadêmico benfeitor Edivaldo Boaventura – um entusiasta da publicação - e do acadêmico Carlos Ribeiro é fruto de uma rigorosa pesquisa dos autores - Roberto Santos, Aramis Ribeiro Costa, Edivaldo Boaventura, Carlos Ribeiro, Paulo Ormindio de Azevedo, Suzana Alice Cardoso, Aleilton Fonseca e Evelina Hoisel -

em documentos, atas, artigos em jornais, revistas da *Academia de Letras da Bahia*, como também do conhecimento proveniente da familiaridade e da convivência de cada autor com esta Casa.

A produção dessa coletânea foi uma tarefa que dependeu do labor de todos os envolvidos no processo de reconstrução da história da Academia de Letras, e o resultado é uma obra admirável pelo valor de testemunho dos textos que trazem para o presente os acontecimentos mais significativos desde a fundação até a expansão, estabilidade e consolidação da Academia de Letras no presente. Na cerimônia de encerramento do ano do centenário, o livro foi distribuído aos presentes.

Ainda nessa cerimônia, foi concedido o *Diploma de Amigo Honorável da Academia de Letras da Bahia* a diversas instituições de Salvador e a personalidades que contribuíram para as realizações do ano do centenário.

Apesar do parco orçamento do período, acentuado pela perda dos recursos provenientes do aluguel do casarão do Terreiro de Jesus, antiga sede da Academia, fator de desestabilização temporária das finanças da instituição, o centenário foi celebrado com uma intensa programação ao longo do ano, graças ao envolvimento e a vigorosa participação dos acadêmicos nos projetos literários e culturais, bem como dos funcionários da Casa.

Na sessão do dia 10 de abril, foi inaugurada a placa comemorativa do centenário, localizada no Salão Nobre Magalhães Neto. Foram oradores os três últimos presidentes: os acadêmicos Edivaldo Machado Boaventura (2007- 2011), Aramis Ribeiro Costa (2011- 2015) e Evelina Hoisel (2015 a 2019). A partir de então, a diversidade dos temas literários e culturais discutidos em mesas redondas, cursos e seminários, adotando uma perspectiva multidisciplinar no tratamento das problemáticas focalizadas, atesta a riqueza das questões contemporâneas que circulam nos espaços da Academia de Letras da Bahia, uma instituição participante, comprometida com o contexto histórico, social e político de sua cidade e de seu tempo.

Estudiosos e especialistas de diversas áreas, acadêmicos e acadêmicas colaboraram para o brilho desses eventos, cujos títulos expõem a variedade temática e a multiplicidade das perspectivas de abordagem nos seminários e mesas redondas: *Cinquenta anos da Tropicália; E a igreja da Sé?* com exibição do documentário inédito de Jacira Oswald; *O papel da crítica na arquitetura e no urbanismo; A escuta da letra* - homenagem do Colégio de Psicanálise da Bahia à Academia; *O português do Brasil: unidade-diversidade revelada pelo atlas linguístico do Brasil; literatura de tradição africana; Seminário Belo Monte: Canudos 120 anos de memórias e narrativas* - parceria com a UEFS e a UNEB.

Destaca-se ainda a grande quantidade de palestras de acadêmicos, com temática também bastante variada: *as bebidas artesanais da Bahia; Cenas de amor em romances do século 20; Canudos: a pregação do Conselheiro; Hermenêutica e poesia: reflexão sobre os hinos Homéricos; As motivações humanas desnudadas no conto de Hélio Pólvora; Fronteiras das crônicas de Rubem Braga; Breve história da Arquidiocese de São Salvador da Bahia; Minha vida na Academia de Letras da Bahia* - premonitoriamente, Edivaldo Machado Boaventura, como em uma cerimônia de despedida, recompõe seus quarenta e seis anos de vida na ALB.

Merece registro a presença da escritora portuguesa Teolinda Gersão, em conferência intitulada a *Cidade de Ulisses: Lisboa do mito e da atualidade* - parceria com a Cátedra Fidelino de Figueiredo/UNEB e Programa Pós-graduação Estudos Literários/UEFS. Não é possível citar aqui o nome de todos os acadêmicos, especialistas, estudiosos que coordenaram esses eventos e proferiram as instigantes palestras porque assim tornaria este relatório extremamente longo e enfadonho. Todos os eventos estão minuciosamente registrados na Sessão Efemérides da Revista da *Academia de Letras da Bahia*, n. 56 - jan.2018, podendo ser consultada no site da Instituição.

Em 2018, a programação literária e cultural continuou extensa e diversificada. Destaco:

Realização de uma sessão do *Fórum Mundial Social: homenagem às mulheres que mudam o mundo*. Na mesa redonda, as mulheres que mudam o mundo estavam representadas por Henryane de Chaponay, uma das primeiras colaboradoras do *Fórum Social*, apoiadora de movimentos em prol da cidadania na Europa, Ásia, África e nas Américas. Foi a primeira vez que a Academia de Letras participou do Fórum Mundial, ocorrido em Salvador/Bahia.

Presença da Academia de Letras na instalação do Fórum das Academias Estaduais de Letras. O acadêmico Carlos Ribeiro toma posse como Vice-presidente do Fórum, cuja sede está localizada em Belo Horizonte. O objetivo da instituição é promover o intercâmbio entre as academias estaduais do Brasil.

Palestra do Professor Doutor Arnaldo Saraiva, da Universidade do Porto, sobre as relações luso-brasileiras. Evento inserido na programação *Bahia-Portugal: pontos que nos unem*, promovido pelo Consulado Geral de Portugal em Salvador e pela Cátedra Fidelino de Figueiredo da UNEB, com apoio da Academia de Letras. Como parte da programação, houve ainda no solar Góes Calmon a realização de uma mesa redonda sobre a Revista portuguesa *Granta*.

Realização do *Primeiro Encontro Literário Brasil Espanha* – promovido pelo consulado da Espanha no Nordeste/Embaixada da Espanha no Brasil e Academia de Letras da Bahia, com a participação de escritores espanhóis e baianos.

Seminário *Raias do Pensamento* – parceria com o Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA.

Participação da Academia de Letras nas duas edições da *Festa Literária Internacional do Pelourinho, FLIPELÓ* – 2017 e 2018 realização da Fundação Casa de Jorge Amado, com patrocínio do ministério da Cultura.

Realização do *Curso Castro Alves: Colóquio de Literatura Baiana* – Edição 2017 e 2018.

Realização do *Curso Jorge Amado: Colóquio de Literatura Brasileira* – Edição 2017 e 2018.

Todos os eventos de 2018 encontram-se registrados detalhadamente na sessão Efemérides do n. 57 da Revista da *Academia de Letras da Bahia*, que será lançada no final desta cerimônia.

### **Relação da Academia de Letras da Bahia com as escolas de segundo grau**

A Academia de Letras da Bahia, por intermédio do Ponto de Cultura Espaço das Letras, parceria entre a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia e o Ministério da Cultura do Governo Federal - Plano Nacional de Cultura/ PNC -, e dando continuidade a um projeto iniciado em 2009, interrompido em 2012 por falta de recursos, e reativado em 2016, promoveu diversas atividades no âmbito cultural e literário, voltado para a comunidade, sobretudo escolas públicas de segundo grau. Ampliou, porém, o seu raio de ação quando recebeu nas visitas guiadas, estudantes e professores, através de intercâmbio entre instituições de ensino de outras cidades como Simões Filho e Conceição do Jacuípe, e até mesmo de São Paulo. Diversas escolas foram contempladas com ações que contavam com visitas guiadas na sede da ALB, palestras, conversa com escritores, sorteio de livros entre alunos, doação de livros para estudantes, professores e bibliotecas das escolas públicas, dentre outras atividades.

O resultado dessa socialização e democratização das atividades culturais e educativas fica evidente quando observamos a relação das programações registradas, o grande número de estudantes, professores, coordenadores de cursos que participaram das ações, os escritores que dispuseram do seu tempo e do seu trabalho para compartilhar com o público oriundo de escolas e das universidades públicas e privadas. Relaciono aqui as principais atividades desenvolvidas.

1 – Círculo Baiano de Leitura (ano III) - uma ação cultural destinada ao incentivo e hábito de ler, através da discussão

de livros de autores baianos contemporâneos e de questões que abordam problemas atuais de nossa cultura. Com o objetivo de estimular o contato de jovens estudantes com romances da literatura baiana foram doados e sorteados livros adquiridos com recursos específicos para essa rubrica, através do Fundo de Cultura/Ponto de Cultura da Secult.

2 – Encontro Literário/ Café Literário/ (Ano III) - tem como objetivo discutir a produção e a criação literária, inclusive a sua distribuição nos diversos espaços de leitura. Foram realizados quatro encontros. Os dois primeiros contaram com a presença do professor da Universidade Federal de Juiz de Fora e escritor Evando Nascimento, baiano, radicado no Rio de Janeiro. No primeiro encontro, a palestra do escritor discutiu questões da literatura numa perspectiva teórica, crítica e histórica. No segundo, a discussão se efetuou em torno da obra ficcional de Evando Nascimento, em uma mesa redonda que contou com a participação de acadêmicos e de professores da UFBA e da UEFS. O terceiro encontro reuniu estudantes do Colégio Estadual Cidade de Candeias para participar de uma conversa com escritores. O quarto encontro envolveu estudantes do Colégio Millenium, situado no município de Conceição do Jacuípe, e do Colégio Estadual Helena Matheus, localizado no bairro de São Cristóvão, Salvador (BA).

3 – Oficinas Literárias (Ano III) Foram realizadas cinco Oficinas Literárias com os seguintes temas: *Literatura Baiana*, **Poesia**, **Jornalismo Cultural** e **Cordel**.

4 – Visitas Guiadas – (Ano III) – Ainda no projeto Ponto de Cultura, foram realizadas cinco visitas guiadas e mais outras tantas promovidas pela própria ALB com recursos próprios, todas elas coordenadas pelos funcionários de setores de Administração, Arquivo e Biblioteca da Academia de Letras. Participaram destas visitas em 2017: Educandário Pinto de Souza; Centro de Ensino Grau Técnico – Unidade Cajazeiras; Colégio Millenium

(Conceição do Jacuípe); Colégio Estadual Cidade de Candeias; Colégio Estadual Helena Matheus. Com o término do Projeto em setembro de 2017, as visitas guiadas passam a ser realizadas com o apoio do Fundo de Cultura/Ações Continuadas de Instituições Culturais da Secult, com a participação de estudantes do Centro de Ensino Grau Técnico – Unidade de Salvador; Colégio Castanheiras, da cidade de São Paulo e Colégio Estadual Severino Vieira de Salvador. Nessas visitas, os estudantes têm a oportunidade de conhecer as instalações da ALB, onde funcionários da Casa explicam a história da instituição centenária, mostrando as exposições de pinturas, galeria dos presidentes, bustos, bibliotecas. Os estudantes simulam consultas ao acervo da biblioteca e aos arquivos.

Merece também destaque o *Sarau Cora e Adélia: recital de poesia em um dedo de prosa* com textos de Cora Coralina e Adélia Prado, dramatizados pelas atrizes Sonia de Paula e Nica Bomfim. Após o sarau, debate com a plateia que lotou o auditório da Academia, constituída por um público variado, mas com predominância de estudantes de escolas públicas. O evento é uma produção carioca em tournê pelo nordeste, com o patrocínio do Conselho Nacional/ SESI.

Destaque também para o *1º Fórum de Autogestão profissional*, uma parceria da Academia de Letras da Bahia e o colégio Estadual Severino Vieira, destinado a estudantes do segundo grau, para discutir questões da formação profissional, através de palestras e mesas redondas.

Em um país onde o ensino o fundamental e de segundo grau sofrem um desprestígio cada vez mais alarmante, as Academias de Letras podem ter intensificada a sua ação no sentido de despertar o gosto pela leitura e este foi o objetivo das atividades descritas. Após acompanhar essas programações, surpreendemo-nos com o entusiasmo dos estudantes diante dos conteúdos que lhe são oferecidos, confirmando o papel da Academia de Letras da Bahia no processo de socialização e de democratização da arte, da literatura e da cultura.

A literatura contribui para a estruturação do imaginário e para a formação dos indivíduos. O convívio com a literatura e a arte auxilia os jovens a organizar o seu universo cultural. Por isso nossa responsabilidade no sentido de distribuir, socializar, democratizar o que possuímos: a literatura, a arte e a cultura. Este gesto socializante não faz com que a Academia perca sua aura, a respeitabilidade que a identifica como guardiã da língua e da memória cultural do nosso estado. Pelo contrário, reforça a sua inserção no espaço da cidade e do estado, deslocando uma visão ainda corrente de que os acadêmicos vivem em uma torre de marfim. Hoje, com os processos de homogeneização da informação, mais do que nunca precisamos compartilhar o saber e esse compartilhamento projeta o brilho da Academia de Letras da Bahia.

Cabe, portanto, incentivar a ampliação dessas programações, apesar de dificuldades que se apresentam como incontornáveis. As escolas não possuem transporte para o traslado dos estudantes. Na visita da escola de Camaçari, como os estudantes estavam vivamente interessados em conhecer a Academia, eles contribuíram para o aluguel do ônibus. Essa dificuldade pode ser sanada mediante convênios com a Secretaria da Educação do estado e do município no sentido de disponibilizar condições para que as escolas tenham maior mobilidade para circular com os estudantes. Lamentavelmente, não se obteve êxito na realização desses convênios.

### Publicações e lançamento

Além do livro do centenário, é significativo o número de publicações de autores baianos nestes dois anos: em parceria com a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia - ALBA, fruto de um convênio entre as duas instituições, foram publicados seis livros dos quais três são da coleção *Mestres da Literatura Baiana* - n. 13 - *Antologia poética*, de Sosígenes Costa; n.14 *Tragédia épica* – guerra de Canudos, de Francisco Mangabeira; n.15 *Antologia*

*poética e inéditos* – de Florisvaldo Mattos, em 2017. Foram publicados também o romance: *Porto Calendário*, de Osório Alves de Castro; *Memória das Pedras*, crônicas e contos de Paulo Ormindo de Azevedo. Em 2018, apenas o romance: *Alalá do luareu*, do escritor Ordep Serra. Além do ano eleitoral que paralisou temporariamente os gastos das instituições públicas no período de julho a outubro, mudanças internas na ALBA, decorrentes da política administrativa em relação às publicações, impediram que mantivéssemos o mesmo ritmo de lançamentos dos anos anteriores.

Foram publicados três números da revista da *Academia de Letras da Bahia* e o volume 4 do *Anuário da Academia de Letras*. O n. 55 da Revista (mar. 2017), referente ao ano de 2016, organizado pelo diretor Fernando da Rocha Peres; o número 56 (jan. 2018), organizado pela diretora Suzana Alice Cardoso, registrando todas as efemérides do centenário; e o número 57 (jan. 2019, registrando os eventos de 2018), organizado pela diretora Edilene Matos. Estas três últimas publicações receberam o apoio da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia através do Fomento à Cultura / Fundo de Cultura, Projeto Implementação do Acesso e Difusão das Ações Culturais, apoio este responsável pela execução dos projetos culturais da Academia de Letras da Bahia há vários anos.

Destaca-se o significativo número de lançamentos realizados nos espaços do Solar Góes Calmon – foram aproximadamente trinta lançamentos nos dois anos desta gestão.

### Centenários

Como forma de presentificar a memória dos acadêmicos, um dos rituais da instituição é a celebração dos centenários. Em 2017, comemoramos os centenários de Walfrido Moraes, de Jaime de Sá Menezes, de Waldemar Mattos e de Itazil Benício dos Santos. Em 2018, o de Carlos Eduardo da Rocha, de Joaquim Alves Cruz Rios e de Epaminondas Costa Lima.

### Concessão do Prêmio Conjunto de Obra Academia de Letras/Eletrogóes

O Prêmio Conjunto de Obra Academia de Letras da Bahia/Eletrogóes 2017 foi concedido ao escritor, educador, Professor Emérito da UFBA, acadêmico Benfeitor Edivaldo Machado Boaventura. Em 2018, o prêmio foi destinado ao escritor, engenheiro, Professor Emérito da UFBA e acadêmico Guilherme Radel, representado na cerimônia de premiação pela sua esposa, Luiza Radel e pelos filhos Lucas Radel, Marta Radel e Julio Radel.

### Algumas benfeitorias

Biblioteca Jorge Amado: aquisição de 9 estantes, de armários de aço, dois desumidificadores de ambiente; um aparelho de ar condicionado, carros para transportar livros. Higienização e recuperação de 150 livros do acervo. Continua o processo de cadastramento dos livros do acervo.

Modernização das câmaras de monitoramento da Academia e contratação de serviço de monitoramento 24 horas – empresa Rondaseg.

Troca da pavimentação do pátio de estacionamento e da rampa de acesso ao pátio de estacionamento do Solar Góes Calmon. Substituição das pedras portuguesas por bloquetes. Serviço de recuperação do jardim no entorno da Casa. Ao confrade Joaci Góes, agradeço a possibilidade de encerrar o mandato executando estas obras.

### Agradecendo

A turbulência da crise econômica vivida no país tornou o percurso da diretoria que hoje se despede um tanto árduo, mais laborativo, tendo que enfrentar desafios. Esse enfrentamento foi possível porque a Academia de Letras estava em um bom momento

de estabilidade administrativa e financeira, resultante do trabalho realizado pelos presidentes que me antecederam, principalmente os benfeitores Edivaldo Machado Boaventura e Aramis Ribeiro Costa. Mesmo assim, fomos atingidos pelos ventos da tempestade e só foi possível atravessar as intempéries com o imprescindível apoio da diretoria, sempre disponível a auxiliar, da participação dos acadêmicos e da afetiva compreensão dos funcionários.

Nessa travessia, ficou evidente o quanto uma instituição cultural como a Academia de Letras, que tem uma singularidade e uma especificidade diante de tantas outras instituições culturais para concorrer aos apoios governamentais, precisa alcançar uma independência financeira. Em tempo de crise, são essas organizações que mais se ressentem com os cortes de verbas. Tenho certeza de que a nova diretoria, sob a presidência do caro confrade Joaci Góes, com sua longa e sólida experiência em atividades administrativas e financeiras, e com *a força da vocação* que lhe é peculiar para estabelecer pontes e contatos, estará empenhada em buscar outras fontes orçamentárias para que a instituição possa navegar com tranquilidade durante as intempéries. Que os bons ventos soprem nessa direção, pois navegar é preciso!

Senhoras e senhores, sei que muito ficou por fazer na Casa da Academia de Letras da Bahia, um patrimônio cultural do povo baiano – tanto na casa física, o solar Góes Calmon, como na Casa instituição – pois ela exige constantes e desafiantes projetos. Por isso, busquei trabalhar com todos e para todos, tendo sempre como objetivo o convívio harmônico, o afeto possível e necessário a uma casa do saber para fazer prosperar o diálogo das diferenças que nos unem.

O que fiz, não fiz sozinha. Estive acompanhada pela competente diretoria 2017-2019: o saudoso Edivaldo Machado Boaventura, na vice-presidência, até agosto de 2018; Carlos Ribeiro (1° Secretário); Ordep Serra (2° Secretário); Dom Emanuel D'Àble do Amaral (1° Tesoureiro); Gláucia

Lemos (2° Tesoureiro); Francisco Senna (Diretor da Biblioteca); Paulo Ormino de Azevedo (Diretor de Arquivo); Paulo Costa Lima (Diretor de Informática); Suzana Cardoso (Diretora da Revista até maio de 2018) e Edilene Matos (Diretora da Revista a partir de junho de 2018). No Conselho de Contas e Patrimônio, os acadêmicos Guilherme Radel (até janeiro 2019), Joaci Góes e João Eurico Matta. No Conselho Editorial os acadêmicos Aramis Ribeiro Costa, Aleilton Fonseca e Florivaldo Mattos. O apoio foi além dos membros da diretoria. Conteí com a presteza e o zelo de todos os demais acadêmicos, seja na disponibilidade para proferir palestras, cursos, nos aconselhamentos, na presença nos momentos necessários, sempre que convocados.

Nada do que foi realizado poderia acontecer sem o empenho e a dedicação dos funcionários da Casa. Assim, o meu reconhecimento envolve estes zelosos servidores que, nas tarefas do cotidiano, possibilitaram o êxito das realizações enumeradas. Ratifico o meu agradecimento pela afetiva compreensão nos momentos mais difíceis. Agradeço a Valdir Sena, Valmiro Marques, Bruno Lopes do Rosário, Marcelo Fraga, Ezileusa Barbosa, Overlúcia Rodrigues da Silva, Fernando do Carmo, Valmira Jesus da Silva, Paulo André Freitas e Marcelo Tinoco.

Senhoras e Senhores, acadêmicas e acadêmicos:

Gostaria de citar nominalmente a contribuição que recebi de cada membro desta Casa, das instituições parceiras e apoiadoras, revelando a intensidade do seu gesto no meu sentimento e sua ressonância na escrita que registra a história da Academia de Letras da Bahia nos anos de 2017-2019. Mas isso não é possível, nem é cabível neste momento. Os registros ficarão guardados no meu sentimento. Cada mão que aqui tocou trouxe uma contribuição. Tempo de construir, tempo de doar, tempo de dizer da gratidão e apontar para a

frente com vigor e coragem. Expresso assim a minha gratidão a todos e recorro a uma citação de João Guimarães Rosa para definir poeticamente o que afirmo: *A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com o seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem se misturam.*

Muito obrigada a todos!

Discurso proferido pela Presidente Evelina Hoisel no Salão Nobre da Academia de Letras da Bahia, no dia 21 de março de 2019, na abertura do ano acadêmico 2019 e posse da nova diretoria para o biênio 2019-2021.

---

Evelina Hoisel é ensaísta, pesquisadora do CNPq, professora titular da Universidade Federal da Bahia, mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo. Publicou diversos livros, bem como artigos em jornais e revistas especializadas. Desde 2015, ocupa a Cadeira número 34 da ALB. Presidente da ALB em 2015-2017 e em 2017-2019.



## DISCURSO DE POSSE

MARCUS VINÍCIUS RODRIGUES

04 de abril de 2019

Não suportamos a sensação de não saber. É por isso que a cada mistério que o mundo e a vida nos apresentam buscamos descobrir a causa verdadeira ou, se não somos capazes, inventamos uma verdade. Assim surgem os mitos, as religiões, as mentiras e a ficção. É preciso colocar uma história no lugar vazio do mistério, aplacar a angústia do desconhecido. É preciso acreditar em alguma coisa — qualquer coisa — que pacifique o coração. E acreditar é não saber.

Eu não sei quais caminhos me levaram a este ponto em que me encontro, no tempo e no espaço, momento em que minha história se entrelaça à desta Casa. Eu poderia dizer que, ao passar tantas vezes por aqui no caminho da casa de minha avó, ali na Saúde, ou quando fiz disciplinas no instituto de Letras mais adiante na rua, quando cursava Comunicação, ou quando votava no Sagrado Coração de Jesus aí em frente ou na Escola de eletromecânica aqui ao lado... eu poderia dizer que lancei um olhar e um sentimento. Não é verdade. Eu andava distraído, os olhos voltados para dentro, e a casa em que hoje entro, eu a encontrei em outros lugares. Não foi o meu olhar que a viu, foram outros olhares que a viram em mim, porque esta é uma casa da literatura e eu, os senhores verão, fui visto como sendo da literatura muitas vezes por esta casa.

Chego a este lugar atraído pelo sorriso e pelo silêncio de um vulto *Que veio do inferno/Por ordem de Deus!*. Um anjo? Talvez.

O próprio eu do poeta e seus desejos? É preciso ler atentamente o poema *O misantropo*, de Junqueira Freire, para poder entender. Não é tarefa fácil. Escolho este poema para apresentar o patrono da cadeira 28 porque a tensão ali exposta entre desejo e recusa, busca e fuga, diz muito sobre o poeta e resume bem sua história.

Luís José Junqueira Freire Nasceu em Salvador a 31 de dezembro de 1832. Sobre sua figura os adjetivos varia de “homem em conflito”, triste, torturado, amargurado, revoltado e arrependido de ter, aos 19 anos, ingressado no Mosteiro de São Bento. Não tinha vocação, dizem. Buscava ali algum tipo de redenção para algo que o atormentava interiormente.

No citado poema ele diz:

*Debalde procuro  
O campo, as florestas:  
Imagens funestas  
Me seguem [a]té lá.  
Nas lapas, nas rochas,  
Debaixo da terra,  
Um busto me aterra,  
Um homem está.*

Ele queria fugir e o mosteiro deve ter lhe parecido um caminho natural e suave.

*Correndo assombrado  
Do vulto gravoso,  
Velo, pressuroso,  
Demando a soidão.  
Mas, inda correndo,  
Se volto co'os olhos,  
Encontro os sobrolhos,  
Da eterna visão.*

*E sempre a sorrir-se.  
Qual moça inocente,  
C'um modo contente  
Dizendo-me adeus.  
Renego-te, oh anjo  
Fatal, sempiterno,  
Ou venhas do inferno,  
Ou venhas de Deus!*

Mas quem pode escapar daquilo que, sendo o que deseja, alcance ou não, jamais se consegue tirar do peito e maior fica quanto menos se tenha. Junqueira Freire não suportou a vida de enclausurada. Após três anos, pediu a secularização. Levava consigo o livro *Inspirações do claustro*. Depois da recusa ao mundo, voltava à vida, mas o claustro o seguia e a vida escapava como o mito grego de Tântalo, que, punido pelos deuses, foi condenado a viver no Tártaro, num campo fértil de plantas e águas abundantes, mas que jamais conseguia alcançar. As águas se recolhiam ante sua sede, os galhos das árvores frutíferas se afastavam de sua fome. O desejo intensamente frustrado. No poema, o sujeito poético chegou a sentir os lábios do outro:

*Na areia da fonte,  
Nas urnas do rio,  
Meu rosto sombrio  
Se encontra co' o seu.  
Ajunta seus lábios,  
Bebendo comigo, —  
Fatal inimigo  
Que o fado me deu.*

Mas, já vimos, ele o havia recusado. Ao final, quando, com fúria, procurou-o para feri-lo, já não o alcançou.

*E corro demente  
 Por invias devesas,  
 Co'as faces acesas,  
 Co'o ferro na mão.  
 E o busto sinistro  
 Recua voando,  
 De frente me olhando  
 C'um riso brincão.*

*E sempre a sorrir-se,  
 Qual moça inocente,  
 C'um modo contente  
 Dizendo-me adens!  
 Castigo infinito,  
 Tantálico, eterno,  
 Que veio do inferno  
 Por ordem de Deus!*

Junqueira Freire faleceu em 24 de junho de 1855, na juventude de seus 23 anos, como aconteceu com tantos poetas românticos — a escola de morrer cedo, como gosta de dizer Lygia Fagundes Telles, citando Drummond —, mas deixou registrado, talvez não sua vida inteira, ainda que tenha escrito uma autobiografia... deixou o documento de uma existência presa na hesitação, na renúncia de torna-se o que era.

É este o patrono da cadeira 28 da Academia de Letras da Bahia, com quem me encontrei neste lugar do tempo e por quem me afeiçoei em instantânea compaixão.

Do poeta ao jornalista-ator.

Esta cadeira tem por fundador Francisco Torquato Bahia da Silva Araújo, que passou à história como Torquato Bahia, jornalista de longa carreira, toda ela exercida no *Diário da Bahia*. Ali conheceu e tornou-se amigo de Ruy Barbosa, que, por ocasião

de seu falecimento, declarou: “Nunca tive melhor amigo do que Torquato Bahia. Choro no coração sua perda como das mais dolorosas que me podiam acontecer”. Seu temperamento sereno e conciliador foi testemunhado por Teodoro Sampaio, em elogio fúnebre, no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Na ocasião, declarou que Torquato Bahia estava sempre disposto a resolver pendências entre amigos e confrades. Euclides da Cunha, quando de sua estada em Salvador, visitava-o com frequência na Redação do *Diário da Bahia*.

Além de jornalista, foi professor primário, diplomado pela Escola Normal da Bahia, tendo lecionado numa cadeira pública no então distante Rio Vermelho. Depois, passou a ser funcionário público como oficial destacado do Tesouro.

Um traço distintivo de Torquato Bahia é o fato de ser filho de um homem de teatro, Antônio da Silva Araújo, e sobrinho de Xisto Bahia, o mais importante artista baiano do século XIX. Nesta ambiência familiar artística, inclinou-se ao teatro, sendo ator amador. Apresentava-se com frequência no Teatro São João. Atuou na peça *O Gonzaga*, de Castro Alves, no papel principal. Era “artista do coração à cabeça”, disse Ruy Barbosa. Do coração aos pés devia ser jornalista, acrescento eu.

Essa vivência como ator foi fundamental para torná-lo exímio na arte de dizer. Sua reputação de grande declamador e expositor sobreviveu à sua existência. Sua *mise-en-scène* social era admirada pelas senhoras nos saraus e por seus discípulos. Era um artista do efêmero seja na performance da oratória, seja na lida intelectual do Jornal. Toda sua obra se fez da escrita diária e urgente do jornalismo, tendo tido muito pouco transposto para livro. Mesmo sua passagem nesta Academia foi breve. Faleceu em 1919.

Por ironia, veio suceder-lhe o amis longo ocupante desta cadeira. Homero Pires de Oliveira e Silva foi advogado, jornalista, político e, sobretudo, amante dos livros. Em 1910, formou-se em direito pela Faculdade Livre de Direito da Bahia, onde foi

colega e amigo íntimo de José Wanderley de Araújo Pinho, filho do então governador Araújo Pinho.

Tão logo se formou, tornou-se deputado na Assembleia estadual. Situacionista em razão, também, dos laços de amizade, fez oposição à campanha de J.J. Seabra ao governo do estado.

Vencedor J.J. Seabra, transferiu sua trincheira para o jornal *O estado da Bahia*, onde atuou como redator secretário e, depois, redator-chefe. Através de sua pena passaram as mais diversas polêmicas com o governo seabrista, a quem se opunha de maneira contundente.

Afastado da política partidária, voltaria a assumir cargo de deputado, desta vez federal, em 1924, já acadêmico. Sua volta se fez em aliança ao governador Góes Calmon, de quem era amigo, e o obrigou a se transferir para o Rio de Janeiro. Na capital do país, ficou até depois da revolução de 1930. Após novo período de ostracismo, foi reintegrado à política pelo interventor da Bahia, Juracy Magalhães, que lhe deu lugar na segunda constituinte republicana. Chegou a integrar a comissão encarregada de redigir o anteprojeto da Constituição, cargo que perdeu com o Estado Novo.

Seu novo refúgio foram os livros e os estudos na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, que ajudara a fundar. Sua atuação intelectual se estendeu ainda à casa Ruy Barbosa, que chegou a dirigir e aonde retornou para cargo burocrático.

Mas, sobretudo, os livros.

Seu tema mais constante foi Ruy Barbosa, por quem tinha verdadeira fixação. Sobre ele pronunciou inúmeras conferências, entre as quais *Influências políticas anglo-saxônicas em Ruy Barbosa*, *Ruy Barbosa e os livros*, *Rui Barbosa e o exército*, *Ruy Barbosa e a abolição* e *Teorias políticas de Ruy Barbosa*. Escreveu, ainda, sobre Castro Alves, Álvarez de Azevedo, Carneiro Ribeiro e sobre Junqueira Freire. Embora confessasse não ter afinidade com o poeta, produziu sobre ele aquele que é visto como seu melhor trabalho e como o melhor trabalho sobre o patrono

desta cadeira. Talvez fosse preciso o distanciamento afetivo para alcançar a excelência técnica.

Sucedeu-o José Calazans Brandão da Silva. Nascido em Aracaju-SE, em 14 de julho de 1915, foi na Bahia que mais tempo viveu e exerceu sua carreira. Era bacharel em Direito, formado pela Faculdade de Direito da Bahia, em 1937, mas tinha por vocação a história. Começou a ensinar ainda em sua terra, no Colégio estadual de Sergipe e na Escola Normal Ruy Barbosa. Nessa última ingressou apresentando a tese *Aracaju, contribuição à história da capital de Sergipe*. Ainda naquele estado compôs o Instituto Histórico e Geográfico, que presidiu de 1945 a 1947, e trabalhou no antigo SPHAN, ao lado de Godofredo Filho, então chefe do distrito do patrimônio histórico e artístico para Bahia e Sergipe, entre 1939 a 1947.

Na Bahia submeteu-se ao Concurso de Livre Docência para a cadeira de história do Brasil, com a tese *O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro*. Em 1960, submete-se a concurso para a Cátedra de História Moderna e Contemporânea. Para esta ocasião, a tese foi *Vintista e a recuperação econômica de Portugal*. Teve intensa vida acadêmica, ocupando cargos de direção e chefia, chegando a ser Vice-Reitor entre 1979 e 1983. Participou, ainda, da vida cultural baiana, sendo inclusive presidente do conselho de Cultura da Bahia de 1973 a 1979.

Sua paixão, entretanto, era Canudos. São muitos os estudos publicados: *A guerra de Canudos na poesia popular*, *O sebastianismo no folclore de Canudos*, *O ABC de Canudos*, *Canudos na Literatura do Cordel*, *No tempo de Antônio Conselheiro*, *Canudos – Origem e desenvolvimento de um arraial messiânico*, *Antônio Conselheiro construtor de igrejas e cemitérios*, *Antônio Conselheiro e a escravidão*, *Os jagunços de Canudos*, *Quase biografia de jagunços*, *Aparecimento e prisão de um messias*, *Notícias de Antônio Conselheiro*.

José Calazans ingressou nesta Academia em 11 de novembro de 1963. Presidiu-a entre 1971 e 1973 e veio a falecer em 28 de maio de 2001. Foi durante o período em que ocupou a cadeira 28 que eu vivi toda a minha vida de não escritor.

Nasci em 06 de julho de 1968, em Ilhéus-BA.

Nasci na praia do Malhado, em uma casa posta em pequena elevação, com vista para o mar por sobre a casa de Dona Antônia, a vizinha que morava à frente. O parto foi realizado no quarto do meio, que, na verdade era o quarto que dava para o quintal, oposto aos outros dois e à sala. Minha certidão informa que nasci às 16:45, no inverno, o que sugere imediatamente a imagem clichê de um crepúsculo em que as cores do horizonte viajam do azul ao escuro pelo longo caminho dos amarelos, laranjas e vermelhos. A imagem é tentadora, mas não usarei. Por sorte, tenho uma história melhor: Quando eu nasci, como qualquer criança, chorei. Meus irmãos mais velhos, Marco e Marcelo, perguntaram ao meu pai quem estava chorando. Ele respondeu simplesmente que um menino tinha caído do muro.

Vejam. Esta é a primeira história que se contou sobre mim: uma ficção. Uma história colocada no lugar do mistério — para crianças — do que seria um nascimento. É minha primeira memória, não o fato em si, obviamente, mas a memória de ouvir a lembrança dos outros. É que a memória é feita do que vivemos, do que nos contam que vivemos e, também, do que fantasiamos ter vivido. Assim é que, para recuperar minha história — essa que ofereço à história desta casa — preciso me valer, também, daquilo que vivi como sonho e ficção. É principalmente o escritor que está sendo acolhido. Quando tento recuperar minha história com a escrita, lembro de um episódio muito distante e nebuloso. A primeira vez que escrevi, eu não sabia escrever ainda. Lembro que morava não mais no bairro do Malhado, mas na Vila Militar, na foz do rio Almada. Era meu aniversário e eu queria convidar os vizinhos da antiga casa do Malhado. Então, peguei uma folha de caderno em que alguma coisa estava escrita, rasguei alguns pedaços e, entre as palavras a caneta, fiz rabiscos a lápis. Talvez eu já intuísse que algumas coisas devem ser ditas por escrito para que tenham força de existir, um ritual

mágico, religioso, um sortilégio para a eternidade. Minha memória, memória dos outros, sonho, fantasia, ficção, pouco importa, cumpro o ritual e escrevo essas histórias. elas nasceram e, agora, vivem para sempre na escrita. Vão sobreviver ao meu desaparecimento físico. É isso que faz um escritor.

Há muitas outras histórias para contar, mas, aqui, importa o escritor. Ele não nasceu ainda. Esperem. Falemos da longa gestação.

Eis o clichê de que nenhum de nós escapa. Escritores nascem de leitores. Conto-lhes cenas soltas: Já estamos no Amazonas, em Humaitá, uma cidade às margens do rio Madeira, nascida durante o ciclo da borracha. Tínhamos saído de Ilhéus havia três anos, moramos em São Luís e em Imperatriz, no Maranhão. Eu poderia dizer que nos aproximamos da floresta aos poucos, mas a Amazônia nunca pode ser descrita com essa expressão. Nada ali é pouco. Não há poucas árvores, não há pouca água — as chuvas cotidianas, os igarapés e seus períodos de cheias —, não há poucos mosquitos ou sapos ou cobras. Não são poucos os mistérios e as lendas. Não falo das lendas tradicionais. Não é Câmara Cascudo. Falo de lendas contemporâneas, aquela conversa de vizinhos sobre cobras gigantes, com pernas, peixes que entram no corpo da pessoa. Havia tudo isso à volta, enquanto eu me balanço na rede com livros e revistas em quadrinhos na nossa casa na Vila Militar, a Transamazônica passando ali bem perto. Sim, o cenário tem a transamazônica há uma quadra, passando pela periferia da cidade até alcançar o rio Madeira, que atravessávamos em uma balsinha. No Amazonas, além dos mosquitos, há a certeza de que no meio do caminho há um rio e uma balsa.

Foi nessa cidade que senti pela primeira vez que o que eu escrevia chamava a atenção. As redações na escola, um segundo lugar em um concurso da cidade. Em casa, os livros. Era a palavra escrita que me salvava da floresta selvagem. Passei muito tempo naquela rede dentro do quarto com telas nas

janelas protegido dos mosquitos. Décadas depois, a paisagem de Humaitá me ajudou a contar a história de Lúcio na novela *Se tua mão te ofende*. Era preciso um colégio para a história. Usei o Patronato Maria Auxiliadora, cuja biblioteca me foi muito importante. E aí vieram as freiras, a praça, a igreja e sua torre, o *Skylab* caindo dos seus — o ano era 1979 —, o rio levando a praça embora... cada memória reinventada para que Lúcio vivesse seu drama.

Em algum momento entre os dois anos em Humaitá e os anos no Colégio Militar em Salvador, eu li Lygia Fagundes Telles. O conto *O menino*. Naturalmente, muitos outros livros me marcaram como leitor, mas foi lendo este conto que tive a sensação de entender como é que se contava uma história. Um entendimento ainda incipiente, é verdade, mas capaz de me fazer pensar: eu quero fazer isso. Ia demorar muito para escrever um conto e muito mais para escrever um conto publicável. No tempo de colégio escrevi poesia: poemas barrocos, árcades, românticos, indianistas, modernos, concretos, surrealistas... eu acompanha a história da literatura e ia escrevendo nos intervalos. O preferido era o intervalo entre as linhas do livro de geografia. Escrevi muitos poemas naquelas aulas. Meus primeiros leitores foram meu amigo Ney Souza Santos, a quem dediquei meu primeiro livro e a professora de português Undira Fratel.

Do colégio vieram as faculdades: Comunicação, na UFBA, que acabei abandonando; Direito na católica. A formatura, a advocacia por mais de duas décadas. Advogado trabalhista, comecei trabalhando para sindicatos de trabalhadores em empresas de vigilância, construção civil, petroquímicas, Limpurb, restaurantes... Logo, migrei para o outro lado e passei a advogar para empresas de transporte coletivo de Salvador e, depois, transportes intermunicipal e de carga. Fiz isso por décadas atuando inclusive nas ações de responsabilidade civil por acidente de trânsito. Esta mudança de lado teve um motivo muito simples. Eu não precisava conhecer tanta gente. Advogando para empregados,

a cada processo era preciso conhecer uma pessoa nova. Advogando para empresas, os processos eram muitos, complicadíssimos, trabalhosos, mas as pessoas eram as mesmas.

Migraria depois para docência: professor de francês primeiro. Depois Língua portuguesa até retornar ao direito através das disciplinas Linguagem jurídica e Prática Jurídica. Também ensino Responsabilidade Civil, Direito do consumidor, Hermenêutica, História do Direito. Neste leque de atuação com certeza sou conhecido como alguém que ensina como se deve escrever uma petição. Meu desafio diário é mostrar a estrutura invisível de uma argumentação jurídica, provocar no estudante a revelação, aquela mesma que tive com o conto de Lygia e que me fez olhar para um texto como quem olha para um prédio em construção, as vigas à mostra, a linhas por onde passam as águas e a eletricidade. A estrutura. Quase tenho vontade de gritar: *a estrutura da bolha de sabão, compreende?*, como o amigo da narradora do conto *A estrutura da Bolha de sabão*, de Lygia, angustiado por não conseguir explicar a imprecisão da bolha, *nem sólida nem líquida, nem realidade nem sonho. Película e oco*. Tão objetiva uma petição e tão próxima da literatura, afinal ambas querem a mesma coisa: a adesão do leitor. Já há mais de uma década estou em sala de aula.

Enquanto isso, a literatura.

A primeira vez em que fui chamado de poeta foi em uma oficina de criação literária promovida pela Fundação Casa de Jorge Amado, ministrada pela escritora Maria da Conceição Paranhos. O ano era 1993. A experiência desta oficina me fez ver que não poderia ser feliz longe da literatura. Ainda que meus poemas escritos ali tivessem chamado a atenção, não havia garantias de que eu fosse ou pudesse vir a ser escritor. Um advogado acostumando a tomar decisões objetivamente não ficaria apenas sonhando. Por isso, fiz vestibular para Letras Vernáculas com Francês e entrei na UFBA. Foram os melhores anos da minha vida, entre graduação, mestrado e contrato como professor substituto de francês.

Minha dissertação teve como tema dois escritores cuja obra eu conhecera aos 17 anos, quando estava no início da Faculdade de Direito. Havia uma moça que pegava o mesmo ônibus que eu quando voltava do curso de inglês. Um dia, ela me emprestou *A porta estreita*, de André Gide, uma história que tem como tema a ascese religiosa. Alissa renuncia a qualquer possibilidade de concretização de seu amor por Jérôme para purgar a culpa da infidelidade da mãe. *Entrem pela porta estreita, pois larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição, e são muitos os que entram por ela./ Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida! São poucos os que a encontram.* (Mateus 7:13-14)

A porta estreita e o estilo aliciador de Gide me levaram a *O imoralista*, a *Os moedeiros falsos* e a *Corydon...* quase toda a obra de Gide, na verdade, mas principalmente estes livros que têm por tema o uranismo ou, hoje, a homoafetividade, ou, ainda, como prefiro, o homoerotismo.

Ainda aos 17 anos, uma colega me emprestou *Querelle*, de Jean Genet. Aqui, nada de portas estreitas. Entra-se na obra de Genet por uma porta larga de desejos continuamente satisfeitos e insatisfeitos.

Foi dessas leituras concidentemente próximas que, já naquela época, imaginei que seria possível comparar os dois escritores e opô-los tendo o tema do homoerotismo como objeto de estudo. Graduei em Direito, estudei francês, fiz a graduação em Letras e, no mestrado, orientado pelo Prof. Jacques Salah, defendi a dissertação: Gide, Genet: inserção e ruptura na narrativa homoerótica. Concentrei o estudo nos livros *O imoralista*, de Gide, e *Nossa senhora das flores*, de Genet. Ambas as narrativas trazem o protagonista narrando em primeira pessoa. Em *O imoralista*, Michel conta sua viagem ao norte da África e a descoberta do desejo no convívio com jovens árabes. Trata-se da recriação de uma viagem empreendida pelo próprio Gide e contada no livro de memórias *Se o grão não morre*. Em *Nossa senhora das flores* é o próprio Genet que, na prisão, se retrata inventando a história de

Divine, uma travesti que vive em Montmartre, em Paris. Os dois escritores inauguram uma ruptura na tradição ao mesmo tempo que nela se inserem. Eles utilizam motivos literários já muito usados. As personagens protagonistas dos livros têm tuberculose. Não há aí punição, mas distinção. À primeira vista pode-se achar que doença aparece como uma punição pela homossexualidade. Os autores entretanto, ao escolherem a “doença dos românticos”, um motivo literário recorrente, dão às personagens uma dimensão trágica, uma distinção em relação às pessoas comuns. Elas crescem aos olhos do leitor, imortalizam-se. Ah! A imortalidade. O campo é fértil, as águas são abundantes, mas as águas se recolhem ante nossa sede, os galhos das árvores frutíferas se afastavam de nossa fome.

A dissertação desdobra o tema da inserção e ruptura em vários outros aspectos que não convém tratar aqui, ao tempo que reafirma o que, hoje, se diz lugar de fala.

Foi à época do mestrado que meu primeiro livro de poesia *pequeno inventário das ausências* foi escolhido entre os vencedores do Prêmio da Fundação Casa de Jorge Amado, ao lado dos livros de Adélice Souza e Jean Wyllys. Um livro em parte escrito na própria Casa de Jorge Amado, na oficina de que participara anos antes. O lançamento ocorreu em 05 de setembro de 2001. José Calasans tinha falecido em maio daquele ano; Consuelo Pondé de Sena seria eleita apenas em dezembro. Eu nascia como escritor quando estava vaga a cadeira que, anos depois, no início da maioridade de minha vida literária, eu ocuparia.

Quando passei a frequentar esta casa, Consuelo Pondé de Sena estava sempre presente. Sua figura se destacava forte, inesquecível, talvez pela constância de seu visual, o que a fazia uma efigie de si mesma, ou porque, sendo a figura emblemática que era para a cultura baiana, corporificava em si a história da Bahia. Não será possível jamais dissociar sua imagem de outros símbolos da Bahia: a cabocla e o caboclo do Dois de Julho. Era ela quem cuidava da estátuas às vésperas da festa da Independência

da Bahia, zelando por sua preservação física e simbólica. Este é o feito mais visível e popular de uma carreira dedicada à história. Graduada em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, especializou-se em Língua Tupi e Etnologia Geral e do Brasil e, cedo, a partir de 1959, passou a lecionar tupi no departamento de Antropologia, na Universidade Federal da Bahia. Sua dissertação de mestrado teve por tema *Introdução ao estudo de uma comunidade do Agreste Baiano – Itapicuru 1830-1892*.

Entre suas publicações destacam-se: *Trajatória Histórica de Juazeiro* (colaboração com Angelina Garcez); *Cortes no Tempo* (crônicas, Fundação Cultural do Estado da Bahia / Memorial das Letras, 1997); *A Hidranja azul e o Cravo vermelho* (crônicas, Salvador: SCT/SUDECULT, 2002); *Bernardino de Souza: vida e obra* (Organizadora, Salvador: Quarteto Editora, 2010); e *No Insondável Tempo* (crônicas, Salvador: Quarteto Editora, 2014).

Na UFBA também ensinou História da arte, Folclore, História da cultura artística e literária e exerceu cargo de diretora. Também dirigiu a casa de Ruy Barbosa da ABI, o Arquivo Público do Estado.

Dirigiu o Instituto Histórico e Geográfico da Bahia por cinco mandatos, quase duas décadas, em que acabou por se confundir com o Instituto e com a História da Bahia. Faleceu em 14 de maio de 2015. Tornou-se efigie.

Sucedeu-a outra professora. Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso chegou a esta casa há pouco tempo. Foi um período breve e fulgurante, suficiente para que sua longa e vitoriosa história se entrelaçasse com a desta academia de maneira visceral para além das formalidades. Uma trajetória cumprida no Instituto de Letras da UFBA, em que se licenciou em Letras Neolatinas. Logo após sua graduação, foi convidada, por dois anos, para o leitorado de Portugiesisch Brasilianisches Institut da Universität zu Köln, na Alemanha, trabalhando com o romancista Professor Joseph Maria Piel, o que só demonstra o quanto sua competência se evidenciava já

no início de sua carreira. Obteve título de mestre em Língua Portuguesa na mesma UFBA e título de doutora em Língua portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Após um período como professora regente, prestou concurso para professora assistente, com a defesa da tese *A estrutura do verbo em Gararu (Sergipe)*. Teve uma vida de dedicação apaixonada para além das obrigações oficiais. Mesmo aposentada em 2007, continuou com intensa atuação no programa de pós-graduação em Língua e Cultura com orientações a estudantes bolsistas e iniciação científica, mestrados e doutorandos. Desenvolveu suas pesquisas de forma contínua em Língua Portuguesa, especificamente Dialectologia/Geografia Linguística e Sociolinguística. Integrou desde seu início o *Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta do Brasil* (Projeto NURC). Foi membro do conselho de coordenação da UFBA, tendo presidido a Câmara de Pós-graduação. Foi Professeur Invité na Université Paris 13; UFR LSHS, Professora Emérita da Universidade Federal da Bahia; Membro Associado do LDI-Lexiques, Dictionnaires, Informatique da Université Paris 13; Editora da revista Estudos Linguísticos e Literários (2004-2012) e membro do Conselho Editorial das revistas A Cor das Letras, Filologia e Linguística Portuguesa, RESLANG-Révue Électronique des Sciences du Langage, INGÁ REVISTA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS; Coordenadora do GT de Sociolinguística da ANPOLL (1992-1994) e Presidente da Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN (1993-1995).

Ainda, foi membro da Academia de Letras e Artes *Mater Salvatoris*. Do mesmo modo, foi membro da comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Salvador da Bahia, que presidiu no período de 1988 a 1995. Foi, também, membro fundador da Associação dos Professores Universitários da Bahia (APUB). Dentro da UFBA, concorreu a Vice-Reitoria em 1984, com nome indicado no primeiro escrutínio. Por duas vezes (1987 e 1992) compôs lista Sêxtupla em eleição para reitor.

Como se pode ver, Suzana Cardoso era uma pessoa engajada. Lutava em várias frentes e, quase sempre, colocava-se à frente, liderava. Foi assim com sua maior obra, aquela que não só marcou sua vida como o conhecimento acadêmico: o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), de que foi Diretora-Presidente. O projeto tinha e tem por objetivo oferecer uma ampla visão do português brasileiro evidenciando o quanto a heterogeneidade cultural, social e econômica do país se reflete na língua portuguesa, especialmente a falada. Trata-se de uma pesquisa monumental, transdisciplinar, demandando estudos de história, antropologia, demografia, geografia, economia e estudos culturais. Foi mapeada uma vasta extensão territorial: 250 cidades, 25 capitais, 277.851 quilômetros percorridos. Foram 1.100 entrevistas para conhecer a realidade linguística do Brasil, sua diversidade e as implicações filosóficas, sociais, econômicas, políticas e geográficas e éticas. Uma missão tão complexa e vasta precisava, sim, de uma líder como foi Suzana.

Não cheguei a ser seu aluno no Instituto de Letras — minha concentração era em literatura —, mas uma professora jamais é somente aquela com quem temos contato em sala de aula. Uma professora é aquela que produz conhecimento de maneira tão poderosa que atinge até as pessoas mais distantes. Estudos desta magnitude contribuem para que possamos entender a beleza da diversidade, a riqueza que os modos de falar do outro têm e de como podem nos ajudar a dizer mais e melhor. Isso é especialmente importante para o ambiente jurídico, em que há uma predileção pela pompa e pelo arcaísmo, o que — conceda-se — é importante e necessário em determinados aspectos, mas limita a compreensão de novas formas de viver e, por consequência, limitam a modernização do entendimento sobre o Direito. Uma professora como Suzana Cardoso nos ensina o quanto a língua é registro dos movimentos históricos, sociais, filosóficos e de como é resultado do movimento do poder. Mostra-nos, também, o quando a língua é potência de transformação.

Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso nos deixou há quase um ano, em 02 de maio de 2018. Foi breve sua estada aqui, foi longa sua carreira, é fundamental e para sempre a obra e a saudade que deixou.

No período em que Suzana Cardoso ocupava esta cadeira, recebi desta casa um grande acolhimento. Em 2016, meu livro *A eternidade da maçã* foi escolhido como vencedor do tradicional Prêmio da Academia de Letras da Bahia. Falei, à época, da importância de ser lido e de como ser lido assim, anonimamente, era ainda mais recompensador para quem escreve. É a reafirmação da comunicação para longe, no tempo e no espaço, para além de qualquer tipo de diferença entre leitor e escritor. Aleilton Fonseca, Carlos Ribeiro e Gerana Damulakis fizeram essa leitura e essa escolha. Meu texto entrou aqui antes de mim. Um livro de contos que na verdade é um “Romance desmontado”, como me disse Aramis Ribeiro Costa. Desmontado e não desmontável, já que são, sim, contos e não um romance. Trata-se de uma única história, em sete contos, sobre quatro jovens durante a ditadura militar, Jerônimo, Lúcia, Maria e Orlando, cada um resistindo do modo que consegue, cada um com seus medos e suas bravuras, amando, sobrevivendo, sucumbindo à tortura. O livro surgiu da audição dos versos *They are chasing me/In the hot sun of a Christmas Day (Eles estão me perseguindo/no sol quente de um dia de Natal)* da música *In the hot sun of a Christmas Day*, de Caetano Veloso e Gilberto Gil. A partir dessa sensação de perigo à volta, a história me veio. Uma sensação hoje tão presente e de tantas formas. Hoje e há muito tempo. Não é por acaso que se pode percebê-la no meu mais recente livro *Café molotov* (2018), uma reunião de contos homoeróticos escritos e publicados — alguns — por mais de uma década, e em que o perigo, transmutado nas mais variadas faces e sombras, também está presente. *Há os que esperam/ e os que passeiam/ seus latentes ciós./ Há os que estão na zona de perigo*, diz um poema meu naquele meu livro de estreia.

Do livro *Café molotov*, como acabo de dizer, alguns contos já haviam sido publicados, a exemplo do conto *A omoplata*, em que a representação do perigo é clara. Vencedor do Concurso Nacional de Contos Newton Sampaio, do Paraná, em 2009, o conto compôs o livro *Eros resoluto* (2010), da coleção *Cartas Bahianas*, idealizada por Claudius Portugal. Esse livro também chamou a atenção nesta casa. Agradeço a leitura do acadêmico Luiz Antônio Cajazeira Ramos que os apresentou a outros acadêmicos e até mesmo os leu por telefone para a acadêmica Gláucia Lemos. Foi também através da leitura de um livro meu — *3 vestidos e meu corpo nu* (2009) — que conheci Gerana Damulakis. Mandei-lhe o livro por uma amiga e, após a leitura, nos conhecemos.

Foram muitos os acolhimentos. Carlos Ribeiro estava na comissão do Prêmio da Fundação Casa de Jorge Amado; Ruy Espinheira Filho foi a mão que levou meus poemas a serem apreciados por Marco Lucchesi, que os incluiu no volume *Anos 2000 - Coleção Roteiro da Poesia Brasileira* (Global Editora, 2009). Aleilton Fonseca fez o prefácio da primeira antologia de que fiz parte e, sobretudo, sempre teve uma palavra de incentivo e orientação, quando não éramos sequer próximos. Falo de uma cena específica no lançamento de seu livro *As formas do barro e outros poemas* e que jamais esqueci.

Foram tantas leituras, conversas, entrelaçamentos de histórias: Evelina Hoisel foi minha primeira professora de Teoria da Literatura; Ruy Espinheira Filho não foi meu professor em Letras, mas, sim, em Comunicação, período em que, também, fui aluno de Ordep Serra. Com Cleise Mendes fiz uma oficina de dramaturgia. O tema era o riso, objeto de suas pesquisas. Em todos esse encontros eu era anônimo e silencioso, ouvia e aprendia. De Myriam Fraga devo dizer o quanto fui beneficiado por sua generosidade intransitiva, sem objeto. Suas ações pela literatura me atingiram definitivamente: a oficina já mencionada e o prêmio que me que permitiu estreitar. Sem essas ações talvez eu não estivesse aqui.

Tive muitos encontros com esta Academia. O mais inusitado, engraçado e, quem sabe, profético, ocorreu com Gláucia Lemos no dia de sua posse. Ao cumprimentá-la, meu aparelho ortodôntico ficou preso em seu colar acadêmico. Quem sabe se já não nos preparávamos para o momento em que nos tornaríamos confrades?

Entro nesta casa oficialmente, mas há muito tempo já me sentia acolhido. Não entro sozinho. Estão comigo, além de Jerônimo, Lúcia, Maria, Orlando e Lúcio; Aurora, Davi, André, Hermes, Virgínia, Absoluta Taylor e Leda Engano, Diego & Julinho, Tatisa (a minha, não a de Lygia), Bruna Bianchi, Margarida e Jacinto, Antônio e Lucinha, Antônio José, Otávio e Beto, Juliana, Wanderley, Wanju, Jorge, Abel José e José Amaro, os primos Marcelo e Tiago... e tantos outros, sem nome, narrando suas histórias no anonimato, como a viúva do Juiz Venâncio de Almeida e sua amiga Ivete; tantos ainda inéditos como os dois Robertos. Chego com eles, com seus dramas, suas alegrias poucas. Chego com meus poemas publicados em *Inventários*, *Arquivos* e *Manuais*. Preciso de todos, os vivos no papel e os vivos na cabeça esperando a vez com seus murmúrios. Todos os poemas, todas as personagens. O que ofereço à história desta casa são todas essas histórias em mim, a minha literatura, porque, sem ela, eu seria apenas um menino que caiu do muro.

Muito obrigado.

---

Marcus Vinícius Rodrigues é professor, escritor e eleito para a Academia de Letras da Bahia, cadeira 28. Publicou, entre outros, *O mar que nos abraça* (Ed. Caramurê, 2019); *Café Molotov* (Editora 7Letras, 2018) e *A eternidade da maçã* (Editora 7Letras, 2016)



## DISCURSO DE RECEPÇÃO A MARCUS VINÍCIUS RODRIGUES

GLÁUCIA LEMOS

**E**xmo Sr. Dr. Joaci Góes, Presidente da Academia de Letras da Bahia, Exmos. Srs. Componentes da mesa, Exmas. Autoridades presentes e representadas, Exmos. Senhores familiares do escritor Dr Marcus Vinícius Rodrigues, Exmos Srs. Senhores Acadêmicos, meus caros confrades, Minhas Senhoras, Meus Senhores.

**“Se atentarmos bem, esta vida não teria grande sentido se não fosse, ou não devesse ser, um continuado esforço para atingir horizontes”. (...) “ e não há outro caminho senão aquele em que podemos reconhecerno-nos em cada gesto e em cada palavra - o da resistente fidelidade a nós próprios”.**

Palavras do escritor português contemporâneo, José Saramago.

Entendemos ser esta fidelidade a nós próprios, o que nos plenifica do sentimento de auto-realização, nos tranquiliza a consciência e o respeito próprio, e nos concede a sensação da dignidade, justificativa de SERMOS, de EXISTIRMOS úteis a um ideal particular, ou a uma comunidade.

Dos ofícios entre os quais pode o ser humano melhor revelar a sua autenticidade, e mais fiel mostrar-se a si próprio, acreditamos ser no que-fazer artístico, em especial na criação literária, nela expressando os seus pensamentos e emoções, no afã de definir suas perplexidades ante a complexidade do mundo que o envolve. Seus assombros, ante as surpresas que se apresentam a cada hora, os seus encantamentos diante das grandezas que lhe

são reveladas e vividas, como também as suas angústias, loucuras e sensações de impotência, quando dos desafios e das torpezas inevitáveis. Na sua escritura, cada um desses predestinados, apõe como impressão digital, o marco da sua autenticidade.

O psicólogo e filósofo americano, Rollo May, na sua obra **A Coragem de criar**, entende que escrevemos, fazemos Arte em alguma das suas múltiplas linguagens, para vencer a morte, para nos rebelar contra a nossa finitude, invejosos que somos da imortalidade dos deuses. Inveja inerente a nossos instintos mais primitivos que nos impele a criar, em registro à nossa passagem pela vida. Assim sobrevivendo de algum modo. Seria talvez este o impulso, ou o costume que teria levado os nossos avós nas cavernas de *Les Trois Fèrres* e Altamira a deixar seu registro nos desenhos dos bisões abatidos. Fossem rituais apenas, ou o que tenham sido, verdade é terem lá deixado sinais de alguma vitória sobre a morte.

Sem desprezo ao pensamento filosófico do Dr. May, mas tangidos pelo egocentrismo natural, tendemos a crer que escrevemos por fidelidade a nós próprios, fiéis à nossa íntima necessidade de expressar desejos, interrogações e ansiedades que nos sobram no próprio coração, e no nosso pulsar interior.

Será, pois, no cumprimento a esta fidelidade devotada à palavra, e na autenticidade nela contida, que se inicia o percurso na direção aos portais desta Academia de Letras. Aqui, o encontro com um horizonte possível! Ele se inaugura em vivências como esta da qual estamos a participar nas alegrias desta noite, quando damos legitimidade à imortalização do nome e da obra do escritor ilheense Marcus Vinícius Rodrigues.

Meus senhores,

quando tive o meu momento de ser eleita para a cadeira número 14 q muito me honra ocupar, ao nela tomar posse na noite de 21 de outubro de 2010, dentre muitos outros amigos, certo escritor estava presente, com seus óculos muito polidos e seu sorriso inconfundível. Nele, no sorriso, brilhava o aparelho de ortodontia. Sorrindo, como sempre, ele não só me abraçou.

Senti que além do abraço, ele não desistia do meu ombro, ou do meu pescoço, enquanto os que o sucediam na fila, aguardavam espaço para o seu cumprimento. Demorou mais que o esperado, para que eu viesse a compreender que o sorriso enorme de Marcus Vinícius mordera o meu colar porque o aparelho que ele usava enfiara-se em um dos seus elos. Alguém, a meu lado, uma das minhas filhas, comentou: “Que abraço voraz! ”.

Ocorre que, ao ser eleita, eu houvera falado a Rodrigues que aquela era a minha hora na Academia, mas ele também viria, pois bem portava o mérito. Haveria de mostrar aos confrades a sua importância na nossa Literatura. Moveria uma campanha mais que justa ao lado de outros confrades que igualmente já o admiravam. A casual mordedura no colar talvez fosse a casualidade a me lembrar a promessa. Os acasos tem razões que não as alcançam as nossas meras hipóteses. Tal era a nossa amizade? Nem por isso. Sequer nos víamos senão nos almoços domingueiros nos quais o nosso confrade e amigo, o poeta Luís Antônio Cajazeira Ramos, costumava reunir amigos de Literatura, entre eles alguns acadêmicos. Lá conheci Marcus Vinícius Rodrigues. Primeiro por um cartaz contendo um pequeno poema. Depois fui conhecendo seus contos, e descobrindo devagar o escritor. E quando da leitura do conto “A Omoplata” premiado em concurso nacional da Secretaria de Cultura do Paraná, cheguei ao ápice da revelação de um escritor feito, definido, na segurança do vocabulário, na sintaxe rítmica, bem desenvolvida, na agradabilidade da narrativa elegante e ágil, e sobretudo, na sutileza do tema enfocado que se desdobra leve no espírito do leitor, eu diria macio como um desenrolar de seda, até o encontro do desfecho, antes apenas sugerido.

Daí, a curiosidade levou-me a seus livros. Fui conhecendo **Pequeno inventário das ausências, Três vestidos e meu corpo nu, Eros resoluto, Cada dia sobre a terra, Se tua mão te ofende, Arquivos de um corpo em viagem, Voux doux**, e finalmente, **A eternidade da maçã** - contos que lhe valeram a justiça em 2016 para o Prêmio Nacional, desta mesma Academia

que ora o festeja. Prêmio que se somou a outros três já conquistados na Secretaria de Cultura do Paraná em 2009, na Revista Iararana em 2004, na Fundação Casa de Jorge Amado em 2001, além de quatro Menções honrosas, sua participação em antologias que anda pelas sete publicações. E Rodrigues vai seguindo...

Não obstante o Regimento deste sodalício rezar que nela terão assento Literatos e Notáveis, não me ocorreu, nem interessou, o fato de Marcus Vinícius ser graduado em Direito pela UCSAL, ser mestre em Letras pela UFBA, no qual sua pesquisa de Mestrado estudou os franceses André Gide e Jean Genet, como já referido por ele na sua brilhante fala. E ainda, o bacharel lecionar em uma cadeira de Direito na Unifacs. Não foram tais atributos -sem os desmerecer naturalmente - - que me fixaram na obra de Marcus Vinícius. Não mais que o escritor, a palavra de contista e de poeta que prescinde da sua atuação nas Universidades. Foi sua palavra o que me empolgou como vem empolgando a muitos dos aficionados à Literatura da melhor qualidade. O texto que não se detém na trama criativa, mas no tratamento dispensado pelo artesão, com o esmero de quem cuida do lapidar da sua gema, e em muito nos lembra a lição do mestre português já aqui invocado: “**Nós, os que temos a responsabilidade de escrever, em Literatura como em Jornalismo, temos o dever de levantar nossa língua, de cuidar dela, de fazê-la reviver. Escrever é fazer recuar a morte, é dilatar a vida**”. Disto Marcus Vinícius vem cuidando muito bem.

Esta, meus senhores, a vitrine do trabalho do nosso novo confrade. Isso a argamassa que alicerça a estrada pela qual é feito o percurso de Marcus Vinícius Rodrigues, à Casa Máxima da Cultura nesta terra. De cuja Casa o nosso mundo intelectual esperará sempre - porque não condescenderá - esperará sempre a respeitabilidade das instituições que elegem nunca menos que as excelências das Letras, repito: nunca menos, no afã de manter sempre vivo e ardente, o conceito inspirador de Arlindo Fragozo há um centenário, quando da sua criação: **SERVIR À PÁTRIA HONRANDO ÀS LETRAS.**

É assim, senhoras e senhores, na fidelidade a si próprio, na escritura que nos oferece, que Marcus Vinícius Rodrigues se reconhece e se faz conhecer, sem apelo às equivocadas gratuidades desnecessárias, e recebe honesta e meritoriamente a legitimidade para imortalizar seu nome e sua obra na história desta Terra de Tradições.

Caríssimo confrade, querido amigo, a vós me dirijo particularmente. Convenhamos que - ainda que por acaso - morder o colar de um acadêmico, ainda que por acaso, repito, pode ser um sortilégio que haveis inaugurado, no gratíssimo episódio aqui divertidamente invocado, mas só funcionará, ilustre confrade, só funcionará se o mordedor tiver os méritos que tendes.

Sede bem-vindo ao trabalho! Estais convocado a arregaçar as mangas e ajudar a carregar o piano. Que aqui tereis amigos e receberéis respeito, e portareis responsabilidades e trabalho. O público inteligente desta terra aprecia e louva a vossa Literatura, enriquecedora das sensibilidades; a Academia de Letras da Bahia não poderia prescindir da vossa presença que também a enriquece, por estar bastante consciente, ao somar o vosso nome a seus Anais. Assume, pois, a cadeira 29, eis que a conquistastes! E sigamos “**servindo à Pátria, honrando às letras**”

Gláucia Lemos é bacharel em direito e pós-graduada em crítica de arte. Trabalhou em jornalismo escrevendo críticas de arte e resenhas literárias em jornais de Salvador, Maceió, São Paulo e Aracaju. Tem publicados mais de trinta títulos em literatura adulta e infanto-juvenil. Entre suas obras, encontram-se os romances premiados *O riso da raposa* (1995), *A metade da maçã* (1988), *As chamas da memória* (1990), e *Bichos de Conchas* (2007). No conto, publicou, entre outros, *Procissão* e outros contos (1996). Entre seus vários sucessos na literatura infanto-juvenil, destaca-se o livro *As aventuras do marujo verde*, já na vigésima sexta edição. Desde 2010 ocupa a Cadeira número 14 da ALB.



## DISCURSO DE POSSE

JUAREZ MARIALVA TITO MARTINS PARAISO

Prezados amigos.

Mais pela benevolência e generosidade de todos, associados e acadêmicos, faço parte da Associação Brasileira de Críticos de Arte e também da jovem Academia de Ciências da Bahia, mesmo sem ser cientista. Nesta noite, também sem ser literato, estou sendo premiado, singularmente, como membro da Academia de Letras da Bahia, o que significa para mim uma verdadeira consagração, uma distinção sem precedentes, e que certamente dividirá em duas partes a minha narrativa de vida.

Como declarei no ato de aceitação da indicação de meu nome, isto se deve ao caráter integrativo e democrático desta Academia de Letras da Bahia. Como muitos sabem, pertença também a outra Academia, ainda com cordão umbilical preso à sua história, tendo vivenciado mais de meio século dos seus 140 anos de existência: a Academia de Belas Artes da Bahia, transformada, por contingência de sua vocação funcional, em Escola de Artes Plásticas. Esta Academia foi criada pelo ideal e liderança do pintor espanhol Miguel Navarro y Cañizares, em 12 de dezembro de 1877, enquanto a Academia de Letras da Bahia foi criada em 7 de março de 1917 pelo engenheiro civil Arlindo Coelho Fragoso.

Há muitos pontos em comum entre estas duas seculares Academias. Nasceram sob forte influência da cultura francesa, por adoção inspiracional dos modelos de origem.

A Academia de Letras da Bahia estabeleceu como modelo a Academia de Letras da França, criada em 1635 pelo Cardeal Richelieu e da Academia Brasileira de Letras, enquanto a Academia de Belas Artes da Bahia, de sua criação até a década de 1960, adotou o sistema de ensino superior acadêmico, espelhado na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, por sua vez, originária do exemplo da Real Academia Francesa de Belas Artes, estabelecida em 1664 por Luiz XIV.

Estas Academias baianas, a de Belas Artes e a de Letras, enfrentaram muitas dificuldades, porém vencidas graças à dedicação e empenho dos seus componentes. Tem inteira razão a ilustre Acadêmica Evelina Hoisel quando afirma: “Só quem não conhece a história das Academias, as considera distanciadas da sociedade, cultivando suas tradições e fechadas em suas torres de marfim”.

O mesmo ainda acontece com a Academia de Belas Artes, hoje Escola de Belas Artes, pertencente à Universidade Federal da Bahia, quando, por completa ignorância, alguém afirma que ela era “um quartel antimodernista”.

Concernente a esta Academia, basta visitar e analisar o conteúdo de suas ações e realizações, explicitadas no livro *A Academia de Letras da Bahia — Um Século de História*. Trata-se de um laborioso trabalho que contou com a dedicação, a experiência e a sensibilidade dos Acadêmicos Evelina Hoisel, Roberto Figueira Santos, Aramis Ribeiro Costa, Edivaldo Boaventura, Carlos Ribeiro, Paulo Ormino de Azevedo, Suzana Alice, Marcelino Cardoso e Aleilton Fonseca. São dignos de admiração o montante e a qualidade das realizações da ALB, de 1917 a 2017, o que bem comprova seu compromisso com os principais objetivos que a definem: manter a defesa da língua e incentivar a criação literária com todo o vigor de sua ação transformadora (visando o indivíduo, a comunidade baiana e brasileira). Nos seus cem anos de existência, na defesa da língua e com o propósito de educar, incentivar, difundir e

consagrar a criatividade literária em todos os seus gêneros, a ALB promoveu um impressionante número de debates, palestras, conferências, congressos, simpósios, mesas redondas, encontros, colóquios, exposições, lançamentos de revistas e de livros, concursos, homenagens, cursos e comemorações.

É importante considerar a realização de muitos projetos com a colaboração de parceiros externos, como a UFBA, o Instituto Cultural Brasil-Alemanha, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, a Academia de Medicina da Bahia, a Fundação Cultural do Estado, a Fundação Pedro Calmon, a Assembleia Legislativa. E, para intensificar, ainda mais, a integração da Academia com o mundo externo, foram disponibilizadas todas as suas atividades com o lançamento de sua homepage, em 11 de outubro de 2007, sob a direção do Acadêmico Carlos Ribeiro.

No livro que há pouco citei, da Acadêmica Evelina Hoisel lemos: “Assim as Academias de Letras cuidam de um precioso instrumento que torna possível a aventura humana ao longo dos tempos: a língua-linguagem. E a língua-linguagem não é apenas um registro da história, ela possibilita a existência da própria história do homem. Constituímo-nos como ser através da linguagem. Construimos realidades via linguagem. E os limites da linguagem são também os limites do mundo. O escritor e revolucionário João Guimarães Rosa afirma que a palavra é uma porta para o infinito e que ele vive no infinito”. Na mesma sintonia, o poeta, crítico de arte e de literatura britânico Herbert Read, considerando a essencialidade da arte para o desenvolvimento do espírito humano, no seu livro *Imagem e Ideia*, observa que, na filosofia alemã, mesmo antes de Konrad Fiedler, o teórico da pura visualidade, já existia a ideia de que a função do poeta é a transmutação do mundo em palavras. Sim, a literatura é considerada a arte da palavra, e esta é a Casa dos artistas da palavra. É quando confesso ser eu apenas um artesão da palavra, nas minhas

possíveis críticas de arte, cortejado pelos desafios e suprindo carências, mas, antes de tudo, respondendo ao irrecusável apelo de minha paixão pelas artes plásticas.

A Academia de Letras da Bahia possui a hegemonia na criação e difusão da arte da literatura na Bahia e sempre foi considerada uma das mais importantes do Brasil. É só avaliar a sua importância sociocultural e a produção literária dos seus componentes para se aquilatar a impossibilidade de escalonar diferenças de valores nas contribuições individuais. Mas, possivelmente, alguns se destacam, sem detrimento da qualidade dos demais, pela sua extrema dedicação, como o exemplo do professor Luiz Pinto de Carvalho, que esteve 19 anos como responsável pelos destinos da Instituição, e o exemplo do professor Cláudio Veiga, que ocupou o cargo de Presidente por 26 anos.

Contrariando a alegação de viver enclausurada em “torre de marfim” e apenas com exclusividade para a criação e difusão literária, a Academia participou ativamente do destino político da Bahia e da Cidade do Salvador. Convocou, para debates e explanação dos seus projetos administrativos, os candidatos a prefeito, em 2012, e a governador do Estado, em 2014, com divulgação em tempo real pelo IRDEB (Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia). Enfim, fica bem clara a importância da ALB e o porquê de minha emoção e reconhecimento por esta grande homenagem, ao me acolher em seu quadro.

### **O PATRONO E O FUNDADOR DA CADEIRA 39**

Muitos Patronos e Fundadores da ALB tiveram a sua origem na área da medicina, pelo imenso prestígio que tinha a Faculdade de Medicina da Bahia, e o excelente nível cultural dos Médicos por ela diplomados, sendo que muitos desempenhavam atividades paralelas relevantes. Assim, de modo exemplar, destacam-se os da cadeira 39: Francisco de Castro, que nasceu

na Cidade do Salvador, em 17 de setembro de 1857, e faleceu em 11 de outubro de 1901, no Rio de Janeiro, aos 44 anos, enquanto Clementino Fraga nasceu em Muritiba, Estado da Bahia, em 15 de setembro de 1880, e faleceu, também no Rio de Janeiro, em 8 de janeiro de 1971, aos 91 anos.

Francisco de Castro, Patrono, e Clementino Fraga, Fundador, eram altamente considerados por seu talento literário, pela excepcional atuação como médicos e como docentes. Ambos diplomaram-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, onde Clementino Fraga foi Professor, e foram também professores da Faculdade de Medicina Rio de Janeiro, onde Francisco de Castro foi diretor. Ambos, Patrono e Fundador da cadeira 39 da ALB, foram indicados para a Academia Brasileira de Letras: Francisco de Castro, em 10 de agosto de 1899, para ocupar a cadeira 13 na sucessão do Visconde de Taunay, e Clementino Fraga, em 1939, para ocupar a cadeira que pertencia ao Conde Afonso Celso.

Francisco de Castro dominava várias línguas, escreveu sobre assuntos médicos e seus versos foram reunidos em livro intitulado *Harmonias Errantes*, com prefácio elogioso do seu amigo Machado de Assis, e, pelo conhecimento científico que possuía, foi considerado, por Ruy Barbosa, como “um sábio num artista”. Notabilizou-se como orador, poeta e médico notável, cujo exemplo foi seguido por muitos pela sua dedicação e bondade, a ponto de ser chamado de “o Divino Mestre”.

O Fundador da cadeira 39, Clementino Fraga, estudou com o grande educador Ernesto Carneiro Ribeiro, e tornou-se amigo de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas. Notabilizou-se, nacional e internacionalmente, como médico sanitário, com participação em congressos internacionais de medicina e agremiações científicas de vários países. Pela sua extraordinária performance como professor, recebeu o título de Professor Emérito da Faculdade Nacional de Medicina e da Faculdade de Medicina da Bahia,

Na área política, foi deputado federal pela Bahia, durante dois mandatos, em 1921 e 1924, e pelo Distrito Federal, como suplente, em 1954 e 1955. “A Medicina não é sacerdócio: é profissão. Profissão de altruísmo”. Esta frase de sua autoria justifica muito bem as suas ações como médico sanitarista. Como chefe da Comissão Sanitária Federal da Bahia, em 1917, combateu a febre amarela; como Diretor do Hospital Deodoro, em 1918, combateu a epidemia de gripe; como delegado sanitário especial, em 1925, combateu a cólera; como Diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública, em 1928, combateu novamente a febre amarela; como criador do curso de aperfeiçoamento de combate à tuberculose da Faculdade Nacional de Medicina, em 1930, combateu essa grave doença infectocontagiosa e endêmica. Clementino Fraga escreveu uma significativa lista de livros sobre medicina.

### O ANTECESSOR DA CADEIRA 39

Meus prezados ouvintes. Tenho a devida humildade em reconhecer que a minha entrada para a Academia de Letras da Bahia é, antes de tudo, um gesto de reconhecimento pela minha obra de artes plásticas e, complementarmente, de complacência pela minha participação (artesanal) como crítico de arte, aprendiz dos ícones da história da crítica de arte no Brasil, como Mário Pedrosa, Clarival do Prado Valadares, Wilson Rocha, Matilde Matos, tanto quanto atento à atualidade da crítica de Justino Marinho, Cesar Romero, Claudius Portugal, Reynivaldo Brito e Fernando Freitas Pinto.

Mas, também, tenho o bom e salutar orgulho de dizer que mereço entrar para esta Academia pela minha vontade de crescer com o bom convívio, e, principalmente, pela minha inteira dedicação, durante 42 anos, ao exercício ininterrupto da palavra como docente da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, nossa *alma mater*, que me concedeu o

honroso título de Professor Emérito, e à qual ainda continuo ligado, pelos exames na pós-graduação, dos cursos de Mestrado e Doutorado. É quando vislumbro mais ainda, na área da educação, o imensurável exemplo do Mestre e PhD Edivaldo Boaventura, na prática da cátedra e através de sua obra literária. Lamentando a sua ausência, é com o peso de imensa responsabilidade que tenho de substituí-lo, na cadeira que ocupava, a de número 39. E devo também repetir que é, com natural humildade, assim como com muita satisfação e prazer, que expressarei a necessária reverência e louvor ao Acadêmico Edivaldo Boaventura, como meu antecessor na cadeira 39, embora sem jamais pretender alcançar o brilho e a eloquência do Acadêmico João Eurico Matta, em discurso do dia 23 de outubro de 2018, em sessão especial da Academia dedicada à sua memória.

Edivaldo Boaventura nasceu em Feira de Santana, Bahia, em 1933. Doutor, Livre Docente e Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia. Mestre e PhD pela Pennsylvania State University. Professor Titular da Universidade do Salvador (Unifacs). Foi líder do Grupo de Pesquisa Educação e Desenvolvimento (GPED). Autor de livros, entre os quais, sobre educação, ensaios acadêmicos, crônicas de viagens e organização de volumes preciosos sobre personalidades e instituições. Pertenceu aos Institutos Histórico e Geográfico Brasileiro, Geográfico e Histórico da Bahia, à Academia Brasileira de Educação, Academia Portuguesa da História, Academia Real de Marinha de Portugal, Sociedade de Geografia de Lisboa e Academia das Ciências de Lisboa. A *Revista da Academia*, criada em 1930, na Presidência de Braz do Amaral, esteve sob os cuidados de Edivaldo Boaventura durante 14 anos. Desempenhou por quatro vezes o cargo de Vice-presidente e duas vezes o de Presidente da Academia. Sua prestigiosa presença sempre foi constante em todas as atividades desta Casa, sendo de sua autoria inúmeras e importantes iniciativas, como o Prêmio Conjunto da Obra, com apoio da Eletrogóes, de caráter anual, conferido a escritores e

intelectuais. Foi também de sua iniciativa a abertura das janelas e portas da Academia para o mundo, rompendo fronteiras para a difusão do conhecimento, pela conquista do universo digital. A ele se deve o início do processo de informatização da Academia, digitalização e catalogação do acervo existente.

Tomo emprestadas as palavras do ilustre Acadêmico Aramis Ribeiro Costa sobre Edivaldo Boaventura: “A sua participação no funcionamento da Casa foi sempre altamente relevante, jamais se negando a desempenhar qualquer tarefa que lhe fosse atribuída”.

Durante os cem anos da Academia, poucos membros foram honrados com a concessão do título de Membro Benfeitor, dentre os quais Edivaldo Boaventura, somando apenas seis nomes, com Heitor Pragner Fróes, Jorge Calmon, Antônio Carlos Magalhães, Claudio Veiga e Aramis Ribeiro Costa.

Possuidor de verdadeiro espírito acadêmico, Edivaldo Boaventura dedicou grande parte de sua vida, 47 anos, à Academia de Letras da Bahia, que a considerava como sua própria casa. Tendo ingressado em 1971, aos 37 anos, foi um dos mais afeiçoados e produtivos acadêmicos, um dos seus mais expressivos representantes, pela dedicação de sua inteligência à causa pública da educação; pela quantidade e qualidade de sua produção literária, 40 livros publicados; pelo brilho de seu ativismo na política cultural da Bahia e do Brasil. Sua importância como educador e administrador de educação franqueou como consequência natural a sua presença, por duas vezes, como Secretário de Educação e Cultura do Estado da Bahia, em 1970 e 1983. Com justo epíteto, poderíamos simplesmente dizer que Edivaldo Boaventura foi um Criador de Universidades.

Como um tabaréu nascido na cidade de Minas do Rio de Contas, na Chapada Diamantina da Bahia, sinto-me acobrinhado, mas não menos orgulhoso, por ter sido destinado a ocupar a cadeira 39, antes ocupada por um Acadêmico da estatura intelectual de Edivaldo Boaventura, cuja memória estará

sempre presente nesta Casa. Trata-se de uma imensa honraria a mim concedida, desejada por muitos, para a qual buscarei ser merecedor.

## MEMBROS DA ALB

O conhecimento que eu tenho dos membros da ALB tem início na década de 1960, na Escola de Belas Artes da rua 28 de setembro, antiga rua do Tijolo, quando fui aluno e depois colega de Carlos Eduardo da Rocha, Cid Teixeira e Hélio Simões do qual obtive uma apresentação positiva para a Curadoria que realizei da primeira exposição de artistas abstratos da Bahia, no ICBA, em 1964. A lista aumenta quando fui diretor artístico da Revista da Bahia, 1964, 65 e 66, a convite do jornalista e diretor de teatro Sostrates Gentil, pela necessidade de ler os escritos para melhor escolher os artistas para as ilustrações. E lá estavam os jovens literatos, futuros membros da ALB, Antônio Brasileiro, Florisvaldo Matos, Germano Machado, Myriam Fraga, Waldir Freitas de Oliveira e Cyro de Matos. E a lista aumenta mais ainda quando fiz parte do Conselho de Cultura do Estado da Bahia, juntamente com Dulce Aquino e Ernest Widmer. Neste Conselho, de 1979 a 1983, tive o prazer de conviver com Thales de Azevedo, Jose Calazans, Renato Berbert de Castro, Adroaldo Ribeiro Costa, criador da Hora da Criança e Wilson Lins, para o qual fiz uma capa para o seu livro *Militao Sem Remorso*, de 1981. Joca, João Carlos Teixeira Gomes, acompanhei a sua vida jornalística e literária, desde a sua vivência no *Jornal da Bahia* e realizei uma ilustração para o seu livro de poesias “*O Domador de Gafanhotos*”, de 1976. Florisvaldo Matos sempre foi visível, com seu talento poético e cultura, usando inclusive a sua sensibilidade na prática do jornalismo cultural, através do *Caderno de Cultura* do jornal *A Tarde*, premiado pela Associação Paulista de Críticos de Arte, onde tive a

oportunidade de publicar alguns artigos, com apoio dos seus expressivos projetos de diagramação. Joaci Góes, bastante presente pela diversidade de atividades literárias e profissionais, conheço desde quando deputado federal constituinte e Diretor Presidente da Tribuna da Bahia, onde fui colunista de artes plásticas a convite do jornalista Joaquim Quintino de Carvalho. O conhecimento que tenho do Professor Roberto Santos é como Reitor da UFBA, como Governador do Estado da Bahia, o único a promover concursos públicas para a escolha de obras de arte monumentais para espaços públicos, e, mais recentemente, como fundador e Presidente da Academia de Ciências da Bahia. Evelina Hoisel é minha colega na UFBA e na ACB, e é justamente através de sua pessoa que quero neste momento agradecer a forma elegante e gentil com que todos me receberam nesta Academia. Na verdade, todos os membros desta Academia são bastante conhecidos e admirados pelas suas atividades literárias, e atuações em diversas atividades públicas na comunidade baiana e universitária, como Nelson Cerqueira, Gercina Gerana Damulakis, Edilene Dias Matos, Luiz Antônio Cajazeira Ramos, Dom Emanuel d,Dable do Amaral, Glaucia Lemos, Cleise Mendes, Waldir Freitas de Oliveira, Ruy Espinheira Filho, Urânia Tourinho Peres, Carlos Ribeiro, Paulo Lima, Ordep Serra, João Eurico Mata, Francisco Sena e Joao Carlos Salles Pires da Silva, um dos mais lúcidos e importantes Reitores da nossa UFBA. Fernando da Rocha Peres conheço desde os tempos do pioneirismo da Geração Mapa, quando fazia parceria com Florisvaldo Matos, Joao Carlos Teixeira Gomes, Glauber Rocha, Sante Scaldaferrri e Calazans Neto. Sobre o poeta Jose Carlos Capinam, independente de sua valiosa contribuição poética, já somos parceiros nas artes plásticas e sobre Aleilton Santana da Fonseca tenho conhecimento de sua importante contribuição literária e docente para cidade de Feira de Santana. Glaucia Lemos, somos próximos pelas afinidades

com as artes plásticas, estudou na Oficina de Arte em Serie sob a minha Coordenação, e possui uma impressionante bibliografia, com destaque para a literatura infanto-juvenil. E bastante relevante tem sido a atuação de Samuel Celestino, revolucionando com uma nova linha de jornalismo na Bahia, do impresso para o digital, com o seu Blog “Bahia Notícias”, que já alcançou o impressionante patamar de um milhão de acessos. Independentemente de sua contribuição literária e como colunista do jornal Atarde, Samuel Celestino construiu um marco de resistência em defesa dos jornalistas como presidente da ABI, no período da ditadura militar. Fui professor da Faculdade de Arquitetura quando tive a feliz oportunidade de conhecer o arquiteto e Urbanista Paulo Ormindó de Azevedo, um dos seus mais competentes professores. Paulo Ormindó Azevedo conheço também como Consultor da Unesco, como coordenador do extraordinário Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia, como arquiteto de grande talento e responsável por importantes restauros do nosso tesouro arquitetônico. Sou também leitor assíduo dos seus artigos, produzidos com responsabilidade intelectual, sempre na dimensão do estético-ético, sempre lúcidos e de conteúdo crítico analítico preciso e necessário para o desenvolvimento da cidadania e formação cultural da comunidade. Houvesse sensibilidade receptiva e inteligência atenta dos governos baianos, através dos seus artigos, seriam evitados muitos equívocos praticados contra a saúde da anatomia urbanística da cidade do Salvador como o Metrô dividindo a cidade em duas, depois de destruir uma extraordinária faixa de área verde, projetada pelo paisagista Roberto Burle Marx. E é importante ficar atento às suas críticas ao projeto de implementação do sistema BRT (Bus Rapid Transit) em Salvador e à possível construção da ponte Salvador-Itaparica. Lendo os artigos de Paulo Ormindó torna-se mais recorrente a pergunta quanto ao papel dos artistas diante de um mundo que

desmorona, pelos embates políticos motivados pelo ódio, pelo progressivo desequilíbrio ecológico, destruição de sua biodiversidade e impiedoso desequilíbrio socioeconômico. A espécie humana encontra-se diante de um terrível paradoxo: o seu considerável avanço tecnológico versus a estagnação moral e ética em que se encontra. Enquanto é possível a reunião de 200 cientistas, em colaboração internacional, capaz de construir um telescópio virtual do tamanho do diâmetro da terra, para captar a imagem de um buraco negro a 55 milhões de anos luz de distância, atualmente, o homem não consegue enxergar o buraco negro que ele próprio criou no planeta que habita. Recentemente, todos nós brasileiros, fomos criminosamente cobertos e sufocados com 55 milhões de metros cúbicos de lama, barragens de Mariana e Brumadinho, e muitas ainda a desabar, desnudando a nossa impotência diante da ganância e má gestão de empresas e governos.

## BELAS ARTES, ACADEMIA E ESCOLA

Como afirmei, existem pontos em comum aproximando as duas Academias. É digno de registro o fato de o médico, professor, político e historiador Brás Hermegildo do Amaral, membro fundador da ALB, ocupante da cadeira nº 4, ter sido também Professor e Diretor da Academia de Belas Artes da Bahia, de 1892 a 1900. Foi justamente em sua gestão que teve início o curso de Arquitetura e, consolidando a metodologia do ensino acadêmico realista, o início da prática do desenho de modelo vivo. Devo essas informações ao extraordinário trabalho de pesquisa sobre a linha do tempo da EBA, realizado pela artista e professora Marcia Magno.

Com a participação de ilustres personalidades, Miguel Navarro y Cañizares criou a Academia de Belas Artes em 1877, mas permaneceu como seu Diretor apenas cinco anos. A longa jornada, de 1882 até 1960, foi percorrida com imensos sacrifícios por vários diretores, com o mínimo de ajuda financeira

e o máximo de idealismo, para evitar o seu fechamento. Neste período inicial, coerente ao contexto cultural local, é quando são produzidas significativas obras da pintura acadêmica baiana, encontradas em coleções particulares, igrejas e instituições públicas; é quando são produzidas as principais esculturas públicas personalizadas de Pasquale de Chirico e Ismael de Barros, e, com uma estética mais avançada, os impressionantes e silenciosos interiores de Presciliano Silva, as marinhas abstratizantes de Mendonça Filho, os retratos de Emídio Magalhaes e os casarios e paisagens de Alberto Valença. Ingressei na EBA em 1950 e fui aluno de alguns destes grandes Mestres da arte acadêmica baiana.

Como aluno, morei em uma das dependências da EBA, na Rua 28 de Setembro, nesta Cidade do Salvador, uma concessão de Mendonça Filho, e como artista utilizei as minhas salas de aula como sendo meus atelieres de criação, produção e exposição, durante ininterruptos 42 anos. **A minha vida docente confunde-se com a minha vida artística, uma é extensão da outra.** Na década de 1950 realizei todos os cursos da EBA, de Pintura, Gravura e Escultura, transformados mais tarde em Artes Plásticas. Lecionei Didática Especial de Desenho, todas as disciplinas de Desenho, Escultura e as de Plástica na Faculdade de Arquitetura da UFBA. Para municiar as minhas atividades docentes realizei vários cursos de Didática, inclusive Didática Geral, com Júlio César de Mello Souza, o famoso Malba *Taban*. Através de concursos, obtive os títulos de Livre Docente, em 1960, e o de Professor Catedrático, em 1963, cuja vitaliciedade foi logo cassada pela ditadura militar de 1964.

Na minha longa carreira universitária, percorri todos os níveis da docência e todos os escalões administrativos, de Chefe de Departamento até Diretor e de Professor Assistente até Professor Titular. Tive a honra de representar a EBA, durante décadas, no Conselho de Coordenação e no Conselho Universitário da UFBA.

Vivenciei tanto a fase mais tradicional da Escola quanto a sua renovação. Vivenciei plenamente a hegemonia da Escola quanto à criação e difusão da arte moderna na Bahia, prolongando-se pela pós-modernidade, através da ação transformadora dos seus professores e, mais especialmente, dos seus professores e alunos artistas, com exposições individuais, coletivas, itinerantes, artigos em jornais e revistas, conferências, palestras, leilões de arte, debates, simpósios, painéis didáticos, salões de arte, feiras de arte em espaços públicos.

O início desta extraordinária transformação da Escola, do Acadêmico para o Moderno, por mais paradoxal que pareça, contou com a cumplicidade e o decisivo apoio do líder dos professores do ensino tradicional, Mendonça Filho. De 1949 a 1961, Mendonça Filho foi Diretor da Escola, quando teve o apoio do Reitor Edgar Santos, seu amigo, para as contratações dos novos artistas professores modernistas. Edgard Santos já tinha comprovado o seu pioneirismo com a convocação dos artistas vanguardistas Hans Joachim Kollreutter, Yanka Rudzka e Martim Gonçalves, para a criação dos Seminários de Música, em 1954, Escolas de Dança e de Teatro, em 1956.

A partir da década de 1960, a EBA abandona o sistema de ensino das tradicionais Escolas de Belas Artes para a formação do artista acadêmico realista, com inspiração principalmente neoclássica. Com uma proposta de minha autoria, aprovada em reunião da Congregação, em 1969, oficialmente ficou eliminado o ensino do desenho através da cópia dos modelos de gesso da arte clássica existentes na Escola. **Contribuí também de outras formas para esta renovação na década de 1970, atuando dentro e fora da Escola:**

- Com programas de ensino paralelos visando à criatividade do aluno e sua aproximação com a arte moderna;
- Com minha Tese de 1960 para o concurso de Livre Docência, sugerindo mudanças em todas as disciplinas da Escola;

- Desenvolvendo painéis didáticos itinerantes sobre poéticas modernistas;
- Realizando exposições de artistas modernos na galeria da Escola;
- Como um dos criadores e participantes do grupo “A Gravura na Bahia”, liderado pelo gênio do pintor e gravador Henrique Oswald;
- Como Diretor Artístico da *Revista da Bahia*;
- Como Diretor da Galeria de Arte Convívium;
- Como Secretário-Geral da I e II Bienal Nacional de Artes Plásticas da Bahia, com a inestimável parceria de Riolan Coutinho;
- Como um dos idealizadores da Associação de Artistas Plásticos Modernos da Bahia;
- Escrevendo artigos sobre arte e sobre a obra de artistas plásticos da época;
- Como expositor e curador de exposições de arte moderna;
- Participando de debates e simpósios pró-reformulação do ensino das artes (dezembro de 1967);
- Como realizador de oficinas de arte.

Certamente que as conquistas obtidas pelos artistas plásticos e professores da EBA, na década de 1960, contribuíram positivamente para a atualização e desenvolvimento da cultura artística baiana. Certamente que as conquistas obtidas pelos artistas plásticos e professores da EBA, na década de 1960 e 1970, contribuíram positivamente para a atualização e desenvolvimento da cultura artística baiana. Mas também há muita coisa a lamentar, como a Bienal da Bahia, 1966 e 1968,

suspensa pelo Governador Luiz Viana Filho, só ter a sua terceira edição realizada depois de 46 anos, 2014, e mesmo assim, já com quebra de sequência, supondo-se esperar mais 46 anos para a realização de sua quarta edição. Lamentamos ainda, graças a visão limitada dos gestores públicos, mas também deficiência do sentimento de classe dos próprios artistas, a não realização de duas das mais importantes bandeiras da nossa Associação de Artistas Plásticos: a regulamentação da profissão e a obrigatoriedade da obra de arte pública, monumental, em espaços públicos com a indispensável e democrática instituição da licitação pública. Daí a flagrante mediocridade e o empobrecimento da arte pública baiana. Também é bom que se esclareça que a *Revista da Bahia*, com quatro edições realizadas, divulgando artistas da década de 1960, não foi fechada pela ditadura militar, conforme se propagou, mas pelo recém-nomeado Diretor da Imprensa Oficial da Bahia, Junot José da Silveira, substituto de Germano Machado, comprovando que também existe ditadura civil, encabeçada pelas oligarquias culturais e econômicas. A *Revista da Bahia* foi trocada por *Plásticos da Bahia*, com apenas quatro edições, uma dedicada ao pintor Jenner Augusto e mais três para cada artista de sua geração.

## A GERAÇÃO ESQUECIDA

Pertenço à segunda geração de artistas plásticos modernos da Bahia, formada na década de 1960. As atividades artísticas desta geração aconteceram em um ambiente cheio de expectativas, mas bastante tenso. Era uma geração, em sua maioria, composta de artistas jovens de grande talento, mas sem lastro social, político ou econômico. Nossa atuação foi sempre desenvolvida sob pressão, por dois motivos. Primeiro, o nosso enfrentamento com os artistas acadêmicos realistas e o mercado saturado da pintura regionalista para turistas e da arte primitiva; segundo, o domínio

completo da mídia e do mercado de arte pelos artistas modernistas da primeira geração, como, principalmente, Genaro de Carvalho, Carlos Bastos, Carybé e Jenner Augusto, com a forte liderança Mário Cravo Jr. Era a época do reinado dos Diários Associados de Odorico Tavares e do jornal *A Tarde* de Cruz Rios e Junot da Silveira.

As encomendas de arte pública da época, murais e esculturas, assim como os presentes oficiais do Estado e de grandes empresas, como a Odebrecht, beneficiavam exclusivamente estes artistas, e, naturalmente, sem concorrência ou licitação públicas, como acontece até hoje. Contemplavam-se os artistas apadrinhados do Governo, o que empobrecia esteticamente a nossa Cidade do Salvador, a nossa Bahia, com o medíocre “gosto dominante”. Depois, e antes de tudo, veio a ditadura militar com o AI- 5 do governo do general Costa e Silva, 13 de dezembro de 1968, impondo a censura e, pior ainda, gerando a autocensura. Com difusão e consumo negativos das nossas atividades artísticas, pode-se dizer, como enfatiza o jornalista do Jornal da Bahia e companheiro de realizações artísticas e culturais da época, Newton Sobral, “a segunda geração de Artistas Modernos da Bahia é uma Geração Esquecida”. Mas, por isso mesmo, não pode ser esquecida por mim, em um momento tão importante como este.

Por isso, peço licença aos ilustres ouvintes para citá-los, sem esquecer de dizer que quase todos os componentes desta geração são originários da EBA, a saber: professores artistas, Riolan Coutinho, Jacyra Oswald, Jamison Pedra, Henrique Oswald, Zélia Maria Póvoas, João José Rescala, Marisa Gusmão, Adele Salgado Góes, Mercedes Kruschewsky, Augusto Bandeira, Udo Knoff, Adan Firnekaes; alunos artistas, Renatinho da Silveira, Humberto Rocha, Emanuel Araújo, Vera Lima, Marlene Cardoso, Hélio Oliveira, José Maria de Souza, Edson Benício da Luz, Gilberto Oliveira, Gley Melo, Denise Pitágoras, Luiz Gonzaga Cruz, Leonardo Alencar, Edízio Coelho,

Liana Bloisi, Elizabeth Roters, Sante Scaldaferrì, Yedamaria, Sonia Castro, Ângelo Roberto, Hilda Oliveira, Lygia Milton; e artistas agregados ao grupo da Escola, Hélio Bastos, Reinaldo Eckenberger, Estivallete e Kabá Gaudenzi.

Para os que estranham a presença de um artista plástico na Academia de Letras da Bahia, falo também um pouco sobre o óbvio. Neste século e mesmo no anterior, não existem mais manifestações artísticas excludentes e, sim, inclusivas. A arte moderna inicia um período de hibridismo sem precedentes, que culmina com o cinema, como uma nova e revolucionária arte. Mas podemos também mencionar o começo, lá na pré-história, com o surgimento da palavra, através de desenhos, imagens que se transformam através dos séculos, contando a complexa e instigante história da própria humanidade, em busca do aprimoramento da comunicação oral e escrita. Da escrita ideográfica ao ícone-texto, à poesia visual, são tantas as experiências, aproximações e fusões estéticas, quanto possível a liberdade criativa da arte contemporânea.

Também, por mais modestos que sejam, não posso deixar de mencionar que sou autor de inúmeros artigos na área de artes plásticas e visuais e de dezenas de artigos críticos sobre a obra de artistas baianos, como Henrique Oswald, Riolan Coutinho, José Maria de Souza, Calazans Neto, Marcia Magno, Francisco Liberato, Reinaldo Eckenberger, Sonia Rangel, Gley Melo, Ângelo Roberto, Chico Mazzoni, Caius Araújo, Floriano Teixeira e Hilda Oliveira,

Já próximo do término deste discurso, cabe-me a difícil tarefa de mencionar e agradecer às pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a minha presença nesta Academia. Difícil, porque rejeito a ingratidão, mas, como a lista é muito grande e, para não ser enfadonho, tenho que encurtá-la.

Sou muito grato aos meus Mestres da antiga Belas Artes e, especialmente, a Mendonça Filho, por incentivar e sustentar

as minhas ideias e ações renovadoras durante a década de 1960 na EBA. Mais recentemente, agradeço aos que muito contribuíram para o reconhecimento estético e difusão do meu trabalho de arte com acontecimentos bastantes representativos, e cito alguns, sem citar os eventos: Justino Marinho, Dilson Midlej, Pedro Arcanjo, Cesar Romero, Clarival do Prado Valadares, Ayrson Heráclito, Matilde Matos, Marcelo Resende, Nanci Novais, Maria Helena Flexor, Paulo Dourado, Fernando Oberlander, Humberto Rocha, Paulo Matos, Renato Viana, Marcia Magno, Washington Falcão, Claudius Portugal.

Na verdade, não posso deixar de citar Paulo Sergio Tourinho, sem mencionar a sua magnanimidade em oportunizar a maior e mais significativa concentração de trabalhos que realizei, no Hospital Aliança e em suas residências.

Nas pessoas de Pasqualino Magnavita, Marlene Cardoso, Humberto Rocha, Marisa Gusmão, Arlinda Lopes, Hilda Oliveira, Juraci Dórea e Vadoca Melo, quero agradecer a todos os amigos e amigas que tenho tido a honra e o prazer de merecer. Ao advogado Rodrigo Moraes, a minha gratidão pela sua sensibilidade e competência na defesa de minha obra contra o terrorismo cultural e os usurpadores de autorias artísticas. A todos os meus colegas da EBA e a todos os meus ex-alunos, sou grato pelo aprendizado recíproco.

Quero agradecer a esta Casa, a todos os seus membros, a grande honraria a mim concedida. E não poderia deixar de considerar a enorme contribuição da ALB, através da criação literária na formação cultural e ética da comunidade.

Bem, amigos. Depois de citar 180 antropônimos, espero que não seja a gota d'água, no copo já cheio da paciência dos meus ilustres ouvintes, citar os nomes dos meus 13 irmãos, em reconhecimento à nossa adolescência em comum, atribulada, cheia de vicissitudes e também de momentos tão felizes: Carlos Alberto, Dulce Yolanda, Ramayana Tito, Marlene Maria, Diana de Lourdes, Sonia Consuelo, Luiz Fernandes, Paulo Péricles,

Maria Auxiliadora, Maria de Cássia, Suzete de Gerbase, Isaltino Filho, Aicil Paraiso.

E, finalmente, dedico esta noite de grande importância para a minha vida a Marcia Magno, minha companheira e alma gêmea, amor irrestrito e razão de minha própria existência. Aos meus filhos, Amon, Lirian, Amanda, Leda Maria e, por adoção afetiva, Bráulio, Paula e Flávia. Aos meus pais, Isaltino Concécio Paraiso, negro, **descendente de escravos**, e Eulália Martins Alves Paraiso, branca e **descendente de colonizadores portugueses**, exemplos de vitória na luta contra o preconceito racial, através do amor e da união matrimonial. Isaltino Concécio Paraiso, pobre, paupérrimo, chegou a ser, a duras penas, Contador do Estado, mas, durante toda a sua vida, foi simplesmente um Professor que, com absoluta consciência, conduziu a bandeira do ensino e da educação, sempre declarando que “a ignorância é a mãe de todos os males”. Abandonando uma vida confortável em sua terra natal, Minas do Rio de Contas, Eulália Martins Alves Paraiso, sozinha, com seis filhos, viaja três dias a cavalo, um dia de trem de ferro e um de navio, chega à Cidade do Salvador, onde, nos primeiros anos, começa a varar as madrugadas, fazendo quitutes para complementar o sempre baixo salário de professor do seu marido. Fazendo milagres com o tempo que sobrava dos afazeres domésticos e compromissos com o número exagerado de filhos, vivendo numa casa de apenas dois quartos, conseguiu realizar o exame de admissão e o secundário no curso noturno do Ginásio Baiano de Ensino e, depois de ingente esforço, o curso técnico de Contabilidade, também em estabelecimento de ensino do conhecido educador Hugo Balthazar da Silveira. Dona Eulália tem como coroamento de sua epopeia a conquista de um cargo de chefia no antigo PAMESE (Plano de Assistência Médica, Educacional, Social e Econômica aos Servidores do Estado), onde era também admirada e queridíssima. Eulália e Isaltino, para todos os seus próximos e conhecidos, representavam e

representam um símbolo da vitória do amor e da educação contra a pobreza e o preconceito racial.

A Cidade do Salvador, também chamada de Cidade da Bahia, ou apenas Bahia, se fosse possível resumir a minha relação com ela, eu diria, simplesmente:

Vivi a Bahia dos mil mistérios, a Bahia de Rubem Valentim, Hélio Oliveira e Procópio, cheia de orixás e revelações. Foi quando convivi com Cosme e Damião e me perfumava com o incenso dos santos.

Vivi a Bahia de José Maria, de Cosme de Farias, da mulher de roxo e de Cuíca de Santo Amaro, quando conheci as almas penadas da madrugada escura e infundável, os eternos mendigos da carne e do espírito, a violência policial, as prostitutas e os prostíbulos.

Vivi a Bahia boêmia, a Bahia de Sandoval, do Tabaris e do Rumba Dancing, do Pigalle e do Sessenta e Três, uma Bahia de prazeres e de perigos sedutores.

Vivi a Bahia da antiga Feira de Água de Meninos e da Universidade de Edgard Santos.

Vivi a Bahia de Jorge Amado e reencarnei o seu Pedro Archanjo.

Vivi a Bahia envelhecendo, incendiada, desgastada, cedendo lugar ao novo, ao pseudo novo, ao novo velho.

Hoje vivo a Bahia sobrevivente, mas ainda bela e única, a mais natural capital do Brasil, a mais africana e a mais brasileira, eterna fonte de inspiração.

Muito obrigado pela atenção de todos

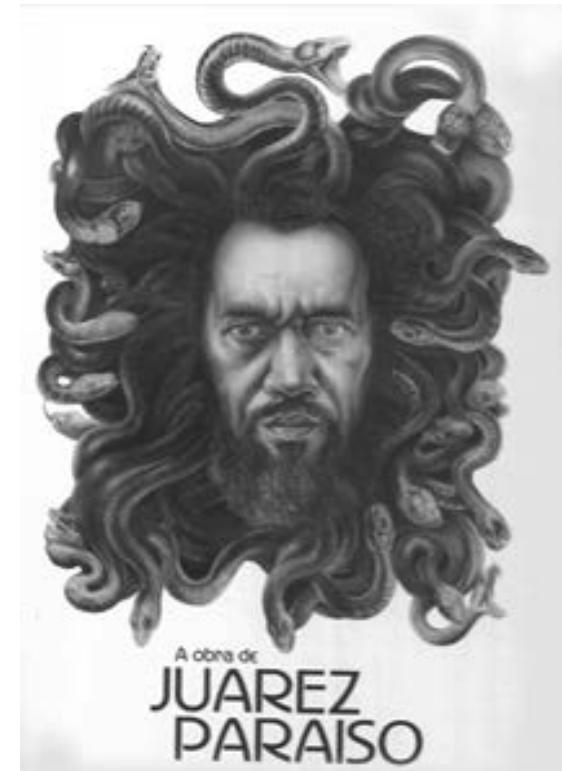
---

Juarez Paraíso é pintor, gravador, desenhista, professor da Escola de Belas Artes da UFBA e crítico. Foi eleito para a Academia de Letras da Bahia, assumindo a cadeira 39.



**DISCURSO DE RECEPÇÃO  
A JUAREZ PARAÍSO:  
O ARTISTA  
E O PERSONAGEM**

PAULO ORMINDO DE AZEVEDO



Hoje é um dia excepcional desta casa. Dia de reparação e festa. Reparação porque não obstante a riqueza artística desta terra, de suas igrejas barrocas, com tetos em perspectiva ilusionistas, retábulos de talha dourada e belas imagens dramáticas, como as de Frei Agostinho da Piedade e Francisco Chagas, o Cabra, dos pintores pós-impressionista formados em Paris na transição do século XIX para o XX, e das abstrações dos modernistas do século XX só tivemos nos nossos quadros um pintor, Otávio Torres, na década de 1930, há quase um século. Não sei se por seus méritos como escritor ou como artista plástico. Em outras palavras, um escritor que pintava, ou um pintor que escrevia?

Esta lacuna contrasta com a participação de outras categorias profissionais. Os médicos, da nossa mais antiga faculdade, predominaram na galeria dos patronos e fundadores dessa Academia. Como é natural, hoje, os poetas, ficcionistas e estudiosos de literatura constituem a maioria dos nossos acadêmicos, sem exclusão da representação de outras profissões que enriquecem a nossa cultura se expressando pelas letras.

Reparação também pela destruição criminosa de murais de nosso homenageado, nos cines Bahia, Arte I, Arte II e Tupy, do tapete de mosaico português da Praça da Sé, bem como o abandono de murais e esculturas no Centro Administrativo da Bahia e nos parques de Pituvaçu e de Exposições Agropecuárias. E desagravo ainda pela sua prisão arbitrária, em 1968, como Secretário Geral da II Bienal de Artes Plásticas da Bahia, por não querer censurar quadros de desagrado dos militares. Essas agressões estão sendo publicamente condenadas e reparadas hoje nesta Academia pela recepção de um artista e educador excepcional, Juarez Marialva Tito Martins Paraíso, ou simplesmente Juarez Paraíso.

Dia de festa porque entra hoje nesta Academia, não qualquer suplente de uma cadeira vaga, senão o mais criativo e versátil artista plástico da atualidade baiana: pintor, gravador, escultor,

muralista, fotógrafo, artista digital, cenógrafo, figurinista, crítico e promotor de arte e, especialmente, educador de várias gerações de artistas baianos.

Conheci Juarez Paraíso na Escola de Belas Artes da UFBA, em 1955, no solar- atelier do colecionador Jonathas Abbott na rua do Tijolo, onde algumas casas exibiam discretamente a advertência: “família”. Eu calouro de arquitetura e ele já Auxiliar de Ensino. Tenho acompanhado desde então suas atividades artísticas e de promotor cultural e, mais amigável, desde quando ele se casou com a minha querida, bela e talentosa prima Márcia Magno, também escultora, pintora e gravadora e os dois formaram o Casal 20 das artes plásticas na Bahia, com um *loft* na ladeira dos Aflitos, tendo como fundo a paisagem deslumbrante do mar e do céu da Baía de Todos os Santos povoada de velas.

Quando publiquei no jornal A Tarde, em 25 de março do ano passado, o artigo “A arte urbana de Juarez”, Edivaldo Boaventura me telefonou para se congratular comigo e exaltar a obra do artista plástico e educador e dizer do apreço que o confrade, ex-reitor da UFBA e presidente da Academia de Ciências da Bahia, Professor Roberto Santos, tinha por ele. Iniciamos juntos uma campanha para trazer Juarez para o convívio desta casa. Por uma ironia da sorte ele acabaria sendo o seu sucessor. Assim, Juarez Paraíso sucede o nosso grande educador e chanceler Edivaldo Machado Boaventura, na Cadeira 39 desta Academia. Estou convencido que Edivaldo, onde quer que ele esteja e aqui onde sua presença nunca se afastou, está participando feliz e aplaudindo esta festa.

Escolhido pelo presidente desta casa para recepcioná-lo, quase tive um surto de pânico quando li as 51 páginas de seu Currículo Lattes e fortuna crítica e atentei para a responsabilidade de resumi-los nessa oração de meia hora que me cabe. Não seria capaz, e não vou fazê-lo, por frio e incompleto que seria. Preferi tentar descrever o artista, o personagem e suas

circunstâncias, partindo de Minas de Rio de Contas, onde ele desfrutou a infância, fonte de toda inspiração de um artista. Rio de Contas, um oásis temperado e verde em meio ao sertão escaldante, com enorme tradição do artesanato do ouro e da prata e, quando esses faltaram, da cutelaria e utensílios de bronze para arreios de couro.

Não morei, mas conheci a cidade também criança em viagem memorável com meu pai, Thales de Azevedo, ouvindo o sopro ofegante dos foles em suas fráguas e o canto de arapongas de suas forjas, em cada esquina. Era sonho de todo jagunço do sertão, na época, ter na cintura, como um cavaleiro medieval, um de seus belos punhais com cabo de anéis de bronze, chifre e osso e lâmina de aço com brilho de faca e fio de navalha dentro de bainha de couro decorada.

## Formação

Aos nove anos, a família Paraíso se mudou para Salvador. Entusiasta dos heróis de gibis e da ficção científica, ele começou a desenhar por conta própria. Aos 17 anos ingressou no curso livre noturno do Instituto Baiano de Artes Plásticas, anexo à Escola de Belas Artes e, no ano seguinte, na própria escola, onde se formou em pintura, gravura e escultura em 1956. Para compreender a obra de Juarez Paraíso temos que situá-la no ambiente em que ele se formou.

O ensino na Escola de Belas Artes da Bahia, na década de 1950, ainda era muito acadêmico e mimetista da natureza, embora o movimento moderno já tivesse despontado na Bahia. Em 1944, Mário Cravo Junior, Carlos Bastos e Genaro de Carvalho realizaram a primeira exposição de pintura modernista. Por outro lado, Anísio Teixeira como Secretário de Educação e Saúde no governo de Otávio Mangabeira assume que o Estado devia promover as artes como cultura e educação patrocinando o I Salão Baiano de Belas Artes, com seções de

acadêmicos e modernistas. Promove também a pintura de dois grandes murais, por Mário Cravo Jr. e Caribé e de menores por outros artistas locais na sua Escola Parque, no Pau Miúdo. Sugere ainda a Otávio Mangabeira a elaboração do projeto de um grande teatro-escola, no Campo Grande, cuja construção chegou a ser iniciada, mas só concluída mais tarde com um batismo de fogo como Teatro Castro Alves, tudo dentro dos novos cânones modernistas.

O grande Edgard Santos fundador da Universidade da Bahia, atual UFBA, promovia um verdadeiro Renascimento na Bahia ao criar, pioneiramente no país, escolas de teatro e dança e os Seminários de Música, comandados por artistas excepcionais como Koellreutter, Sebastian Benda, Ernest Widmer, Walter Smetack, Martim Gonçalves e a dançarina moderna Yanka Rudzka, mestra de Lia Robatto e Dulce Aquino e muitas outras baianas, que abandonaram as torturantes sapatilhas e dançavam livres e soltas descalças. Essas escolas faziam seus espetáculos em praças públicas, porque no baile da vida “todo artista tem de ir aonde o povo está”, como canta Milton Nascimento.

Cursos que dariam origem ao Teatro dos Novos de João Augusto, ao Cinema Novo de Glauber Rocha, ao Madrigal e às Orquestras Sinfônicas da UFBA e da Bahia e por extensão à Tropicália. Antônio Risério, que só conheceu a reverberação desse movimento, resgata parte essa agitação em *Edgard Santos e a reinvenção da Bahia* e *Avant-garde na Bahia*, mas há muito mais a resgatar.

No início dos anos 50 havia também movimentos culturais independentes, como a Sociedade de Cultura Artística da Bahia, SCAB, de Alexandrina Ramalho, que trouxe à Bahia pianistas como Authur Rubinstein com seu piano de calda e o violinista Yehudi Menuhin, que se apresentavam no Instituto Normal Isaias Alves, onde Adroaldo Ribeiro Costa, diretor da Hora da Criança e tio do nosso confrade e ex-presidente

Aramis Ribeiro Costa montava peças infantis, inclusive três operetas. A mais famosa delas, Narizinho, foi encenada no teatro Guarany, atual Cine Glauber Rocha, com a presença de Monteiro Lobato, inspirador do libreto adaptado por Adroaldo e música original.

Os estudantes, menos preocupados que os atuais com o exame do Enem e o futuro emprego, tiveram um papel importante nessa renovação cultural com movimentos como as Jogralescas do Colégio da Bahia, do qual participaram Glauber Rocha e os confrades Fernando da Rocha Peres, Florisvaldo Matos e João Teixeira Gomes. Muitos deles ingressaram na Faculdade de Direito da UFBA, onde realizavam saraus e editavam a Revista Ângulos, com ensaios filosóficos, jurídicos e sociais, na qual se destacavam entre outros nomes como os de João Eurico Matta e Machado Neto. O trote da UFBA era um desfile na Avenida Sete de Setembro de crítica social e política, que parava a cidade e selava o compromisso dos calouros com ideais universitários e humanitários.

Foi nesse efervescente ambiente cultural que Juarez Paraíso se formou. Nomeado por Edgard Santos, o professor Manuel Ignácio Mendonça Filho foi o agente modernizador da velha Escola de Belas Artes (1946-61). De família conservadora, Mendonça Filho se revelou um gestor aberto às novas correntes artísticas e ao diálogo. Naquela época, a Escola de Belas Artes possuía um quadro de excelentes professores acadêmicos, três deles com estágios na França, na transição do século XIX para o XX: Presciliano Silva, Alberto Valença e o próprio Mendonça Filho. Completava o naipe, pintores e desenhistas como Raimundo Aguiar, Jaime Hora e Newton Silva, os escultores Ismael de Barros e Jair Brandão e o gravador August Adolf Buck.

Mendonça Filho atualiza os cursos da escola contratando novos professores, como Mario Cravo Jr., Maria Célia Calmon, o casal Henrique e Jacira Oswald, Mercedes Kruschewsky

e o carioca José Rescala, mestre da restauração pictórica. Para o precário curso de arquitetura convocou Diógenes Rebouças, Walter Gordilho, Américo Simas Filho, José Bina Fonyat, Fernando Machado Leal e antigos colaboradores do Escritório de Planejamento Urbano da Cidade do Salvador, UPUCS, a grande experiência urbanística de Salvador, na década de 1940. Promoveu ainda conferências e um curso semestral, do qual fui aluno, da genial e polêmica Lina Bo Bardi que provocariam trovões que reverberaram para além da Escola de Belas Artes.

Ainda no segundo ano do curso de belas artes, em 1952, Juarez ganhou Medalha de Ouro em escultura e Menção Honrosa em pintura em premiação para estudantes. Nos anos seguintes, recebeu Medalhas de Ouro em desenho, respectivamente no II e III Salão Universitário Baiano de Belas Artes. Em 1954, ainda estudante, ganha prêmio de desenho no II Congresso Nacional de Artes Plásticas.

Juarez bebeu das duas fontes da Escola de Belas Artes. Dos acadêmicos aprendeu os conceitos teóricos do círculo das cores, das perspectivas aérea e geométrica, da anatomia do corpo humano e a teoria das sombras com seus mil tons de preto e branco. Nos ateliês aprendeu a preparação das telas e tintas, as técnicas de croquis, aquarela, óleo e gravura, o uso do *fusain*, do *creyon*, dos pinceis, da espátula e da goiva. Dos mestres modernistas aprendeu a apreciar as atmosferas cambiantes dos impressionistas, a força dos expressionistas, o inconsciente dos surrealistas, a quarta dimensão dos cubistas, a abstração das formas e o mais importante, a liberdade de criar. Juarez reúne assim, como os primeiros modernistas, a exemplo de Picasso, Dalí, Portinari, Tarsila e Brecheret, o domínio do *métier* acadêmico e a liberdade criativa dos modernistas.

## O educador

Muito cedo Juarez passou da condição de aluno a professor, primeiro como Auxiliar de Ensino e em seguida como Assistente dos dois mais importantes professores da escola, Alberto Valença, grande retratista, e Mendonça Filho, paisagista de marinhas. Com grande desassossego intelectual realizou inúmeros cursos de especialização e extensão, como história da arte moderna e pós-moderna, desenvolvimento da criatividade, litogravura, serigrafia, *silkscreen* fotográfico, tapeçaria e tecelagem. Na área de educação, seguiu o Curso de Didática Geral e Didática Especial de Desenho, ministrado pelo ficcionista Malba Tahan (Júlio César de Mello e Souza) e o Curso de Aperfeiçoamento de Didática para Professores do Ensino Superior. Afrito por querer se profissionalizar e ensinar rejeita a oferta de Mendonça Filho de uma bolsa para estagiar dois anos na França e um na Itália

Como assistente de Valença e depois como seu sucessor na cadeira de Modelo Vivo, Juarez tinha a incumbência de recrutar na vizinhança da rua do Tijolo, que conhecia bem, com ar de professor, modelos para pousar. Nós os estudantes de arquitetura éramos impedidos de entrar naquele atelier iluminado apenas por claraboias, mas sempre havia uma fresta para darmos uma olhadinha, por entre as cortinas. Confesso que não foi o meu primeiro alumbramento. Embora com algumas exceções não eram modelos como aqueles da Vênus de Milo, do Nascimento de Vênus de Botticelli, da Maja Desnuda de Goya ou *pin ups* como Brigitte, Marilyn e Barbarella de nossas fantasias, senão velhas pastoras da noite, cansadas de guerra, e prodigas de celulite. Talvez não fosse essa a sua preferência, mas do velho mestre.

Como professor ele foi um revolucionário, especialmente quando se candidatou aos concursos de livre-docência e cátedra, em que propunha mudanças curriculares que mexiam com

os interesses de muita gente e recebeu dura oposição da velha guarda da escola. Foi salvo pela sensibilidade dos membros externos das bancas e o apoio do diretor Mendonça Filho. Juarez foi Professor Titular por concurso e Diretor da Escola de Belas Artes (1992-96) e Professor Adjunto da Faculdade de Arquitetura da UFBA. Muito importante para a difusão de novos talentos artísticos foi o seu trabalho como diretor da Galeria Convivium e Secretário Geral da I e II Bienal Nacional de Artes Plásticas da Bahia (1964-68), bem como de curadoria da Galeria Canizares da escola de Belas Artes e de exposições em instituições como ICBA, MAMB, UFBA, Prefeitura Municipal de Salvador, APUB, SBPC, além de membro do Conselho de Cultura do Estado (1979-83).

## O crítico de Arte

Dando continuidade à tradição de grandes críticos de arte baianos, como Carlos Chiacchio, José Valadares, Odorico Tavares, Carlos Eduardo da Rocha e Matilde Matos, Juarez analisou em capítulos de livros às obras de Calazans Neto, Floriano Teixeira, Riolan Coutinho e Chico Liberato, com a segurança de quem conhece os difíceis dilemas da estética e das técnicas artísticas. Escreveu também sobre o Carnaval da Bahia, o Acervo ACBEU de Artes Plásticas e o interessante ensaio “Fausto visita os Orixás”, no livro *50 anos do Goethe-Instituto/ICBA na Bahia*.

Juarez publicou críticas de arte também em revistas técnicas, catálogos e jornais de Salvador. Nas décadas de 1960 e 1970 assinou colunas de artes plásticas nos jornais Diário de Notícias e Tribuna da Bahia. Praticamente todos os artistas e movimentos culturais baianos passaram pelo crivo de Juarez: Ângelo Roberto, o grande ilustrador dos poetas baianos, Carlínio França e sua arte computacional, Chico Mazzoni, Hilda Oliveira, João Augusto Bonfim, José Maria,

Juraci Dórea, Justino Marinho, Márcia Magno, aqui presente, Mendonça Filho, Raimundo de Oliveira, Reinaldo Eckenberger, Renato Viana, Rubem Valentim, Washington Falcão e Sonia Rangel, que acaba de fazer o contraponto de seu belo discurso de posse, para citar alfabeticamente os mais conhecidos.

Não passaram despercebidos de suas crônicas movimentos como as Bienais da Bahia I e II, a Jornada Ecológica Move Arte, as Oficinas de Artes Plásticas do Museu de Arte Moderna da Bahia, o Projeto Nordeste de Artes Plásticas da UFFS, a Jornada Internacional de Cinema da Bahia, e o II Salão Nacional de Fotografia. Juarez é membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte e recebeu da mesma, juntamente com Marcelo Grassmann e Odetto Guersoni, seu Prêmio Anual em 2006.

### O artista plástico

Juarez Paraiso faz parte da segunda geração de artistas modernistas da Bahia, em companhia de Riolan Coutinho, Leonardo Alencar, Calasans Neto, Sante Scaldaferrri, Betty King, Adam Firnekaes, Sonia Castro e Jámison Pedra Prazeres. É considerado pela crítica o mais importante e versátil artista daquela geração. Convivi com muitos esses artistas na Escola de Belas Artes: o humor contagiante e a alegria de viver de Calasans, a irreverência de Sante, os papos de Paulo Gil Soares, que foi brilhar em outros campos no Rio de Janeiro, e a beleza e a graça de suas meninas, em especial da filha do diretor e de uma pupila de Rescala, por quem muitos suspiravam pelos cantos. Devido a essa vivência alguns arquitetos incursionaram pela pintura, como Amélio Amorim, Gilberbet Chaves, Mendes e Mendes, Quico (Enrique Alvarez), e Rubico, numa verdadeira integração das artes.

A primeira exposição individual de Juarez ocorreu na Biblioteca Pública da Bahia, nos Barris em 1960, e ele não

mais parou: duas no Museu de Arte Moderna da Bahia, outras no Museu de Arte da Bahia, na Galeria Manuel Quirino, no ICBA, no IPAC e salão especial na V Bienal do Recôncavo, em São Felix. Participou também de numerosos bienais e exposições coletivas em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte, Curitiba, e aqui na Bahia, com pinturas, gravuras e fotografias. Conjuntamente com outros artistas baianos e brasileiros teve suas obras expostas em Paris, Madrid e Viena na Europa, em Cleveland, Los Angeles e Ohio, nos EUA, e Lima, Santiago do Chile e Guiana Inglesa, no nosso continente.

Sua atuação nas artes plásticas foi marcada pela criação de grandes murais e esculturas em espaços públicos, herança dos primeiros anos da UFBA, e pela pesquisa e experimentação com diversas técnicas artísticas, com abordagens abstrata e figurativa. Dentre os trabalhos públicos destacam-se o da Secretaria de Agricultura, no CAB, inexplicavelmente descurado pelo Estado, o do Hospital Roberto Santos, o do Museu Geológico da UFBA, o do Memorial Irmã Dulce, o do Centro de Recursos Ambientais e o painel do Clube da Aeronáutica, em Brasília. Dos semipúblicos assinalo os dos cines Bahia, Arte I e Arte II e Tupy, destruídos, o do Ed. Maria Alice, na Rua Marquês de Caravelas, os de madeira entalhada dos edifícios Logum Edê e Ogun Ladin, em Ondina, e mais de uma dúzia em residências e bares. Condena-se, com justa razão, a destruição criminosa de seus murais nos cinemas, mas quantos em residências e bares, como O carango, Dunas bar, O barão terão sido destruídos?

Alguns tontos se iravam pela exibição em público de trabalhos considerados obscenos, porque suas caprichosas curvas se pareciam com cortes anatômicos de ovários, intestinos e bofes. Ainda que fosse verdade não seria nada de mais, pois Leonardo Da Vinci, que festeja este ano seus 500 anos, transformou em obras de arte muitos desses órgãos seccionados e ele era

admirador de seu colega na Escola de Belas Artes, o anatomista Aldemiro Brochado, que fazia modelos em acrílico desses órgãos para o ensino.

Juarez fez também grandes calçadões em mosaico português, como os do Hospital Aliança, do passeio que se continua no *play ground* do Ed. Monsenhor Marques, no Largo da Vitória, do antigo Banco Econômico, na rua Marques de Leão e da Praça da Sé, destruído, além de esculturas gigantes expostas nas entradas dos parques de Esculturas do Museu de Arte Moderna, de Exposições Agropecuárias e de Pituacú e a bela sereia dourada que, vaidosa, se mira no espelho d'águas do Condomínio Interlagos, cuja autoria foi usurpada por colega.

No desenho e na gravura, outras de suas devoções, sua obra se caracteriza pela valorização da linha em desenhos de geometria curva, de fusos de roca que giram alucinados e arremessam fios pelas tangentes para tecerem teias em vários planos, que não se embarçam. Abstrações? não! São arabescos na tradição ibérica-islâmica, porém mais cinéticos e variados.

Se Juarez teve agressores, detratores e plagiadores, teve também grandes mecenas, coisa rara, como o exibidor cinematográfico Francisco Pithon, que o convidou para fazer murais em seus cinemas, criminosamente destruídos por fanáticos religiosos. O mais importante deles foi o do Cine Tupy, na Baixa dos Sapateiros. Ali ele transformou o foyer do cinema em uma caverna encantada, com estalactites e estalagmites que se tocavam, onde se podia sentar para esperar a entrada no salão escuro com sua lanterna mágica. Juarez sempre foi muito ligado à fotografia e ao cinema. Fez o curso de iniciação cinematográfica da UFBA, com Walter da Silveira e Guido Araújo e os painéis coletivos do Cine Glauber Rocha e da XI Jornada Brasileira de Curta Metragem.

Outro mecenas foi o empresário Paulo Sérgio Freire de Carvalho Gonçalves Tourinho, que o contratou para fazer não só murais e calçadas em suas casas, como para ladrilhar com

mosaico português o edifício Monsenhor Marques, na Vitória, e o Hospital e Centro Médico Aliança. Ali Juarez criou um jardim com alcatifas orientais e belas grades representando cegonhas, pássaros, borboletas e libélulas que se adentram no hospital para alívio de parturientes, enfermos, acompanhantes e parentes. Nesse e em outros parques ele demonstra sua capacidade de atuar tanto como ourives que executa filigranas em desenhos e gravuras, quanto mestre de calceteiros e serralheiros que humanizam a paisagem.

Em resumo, Juarez nesses 60 anos de trabalho demonstra um enorme compromisso social na promoção da cultura na Bahia. Seja como artista plástico ao realizar inúmeros murais, calçadões e esculturas para espaços públicos com forte conteúdo social, na mesma linha dos muralistas mexicanos Rivera, Siqueiros e Orozco, e *décor* de carnavais, seja como professor, diretor de escola e membro do Conselho de Cultura e da Academia de Ciências da Bahia. Por seu trabalho como artista plástico e educador Juarez recebeu inúmeras homenagens e prêmios, dentre os quais destaco o de Professor Emérito da UFBA, a Medalha 2 de Julho da Prefeitura Municipal de Salvador, e o prêmio da Associação Brasileira de Críticos de Arte, em 2006. Sua fortuna crítica é vasta com numerosos artigos de especialistas e três livros sobre sua obra.

Juarez não é um escritor que pinta, como foram Otávio Torres e Thales de Azevedo, é um artista plástico integral, que escreve para interpretar para o público e orientar e estimular outros artistas. Permitam-me exibir aqui uma de suas obras mais notáveis. Este não é apenas o autorretrato do intelectual que conhecemos e apreciamos, é um *insight* do artista dos Aflitos, com as serpentes de Medusa que sempre o atormentam e moveram. Não foi sem razão que Jorge Amado indicou a Nelson Pereira dos Santos o nome de Juarez para encarnar Pedro Arcaño no filme Tenda dos Milagres. Além de um artista plástico e educador excepcional, Juarez é também um

personagem fascinante, que como no drama de Pirandello precisa de um autor para descrevê-lo e desvendá-lo. E isto é o que não falta nessa morada das letras. Tome assento caro confrade Juarez Paraíso, a casa é sua!

---

Paulo Ormino de Azevedo é arquiteto e urbanista pela UFBA, doutor em conservação de monumentos pela Universidade de Roma, La Sapienza, 1970. É professor titular aposentado da UFBA, jornalista e “escritor nas horas vagas”, ocupando, desde 1991, a cadeira n° 2 desta Academia. Coordenou o Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia, obra em sete volumes, pelo qual recebeu o Prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade, do IPHAN, em 1999. É autor de livros e artigos na sua especialidade e de projetos de restauração.



## DISCURSO DE POSSE

MUNIZ SODRÉ

Boa noite!

Senhores acadêmicos, eminentes e agora também iminentes confrades,

**E**u gostaria de inicialmente certificá-los de que recebo com ambas as mãos a generosa honraria de me franquearem, pelo caminho da Cadeira 33, a iniciação à Academia de Letras da Bahia. Esta é, para mim, uma cerimônia iniciática, uma folha de fundamento no chão da casa. Por isso, ao reiterar minha alegria, eu peço agô, como se diz na comunidade litúrgica da Bahia: peço licença para saudar vivos e mortos. Vivos, os meus próximos confrades, amigos, familiares, eventuais autoridades presentes. Mortos, todos os ancestrais, fundadores ou não deste grupo em que agora me insiro.

Esta dupla linha de saudação é ao mesmo tempo imperativa e prazerosa. Imperativa, porque estou absolutamente convicto de que o tempo da ancestralidade, quero dizer, o tempo em que se inscreve o destino, em que se enlaçam origem e fim, é sempre o mesmo da vigência ética do discurso de fundação de qualquer grupo humano.

Esse tempo originário, posto de lado pela consciência da acumulação e pela lógica dos preços, contrapõe-se de forma excelsa ao tempo veloz e mutável da História. Mas oportunamente se impõe, apesar do paradoxo aparente, como uma radical exigência de ética feita pela própria História, diante da falência das promessas do capital e do fim das esperanças políticas.

De fato, meus prezados confrades, a ancestralidade — a folha no chão — vem nos ensinar que ética não se resume à codificação de regras de conduta nem a um ajustamento moral, decidido por tribunais de meia sola, por falsos monopólios da virtude. O que hoje se vem chamando de crise moral ou crise da ética não é a mera violação de valores e regras instituídos (a corrupção, a violência institucional, a mutação nos costumes), mas é o obscurecimento do destino comum, esse destino a que se revelam cegas as elites econômicas, políticas, burocráticas e tecnológicas. Por ética, eu me refiro a um apelo radical à dignidade do ato de habitar e de conviver, portanto, a tudo que implique um destino comum prefigurado pela razão fundadora da comunidade.

Dignidade, por quê?

Na sua *Metafísica dos Costumes*, Kant nos diz que “no reino dos fins, tudo tem um preço ou uma dignidade. O que tem um preço pode ser substituído por qualquer outra coisa, a título de equivalente; ao contrário, o que é superior a todo preço e em consequência não admite equivalente, é o que tem uma dignidade”.

Ou seja, a dignidade é a única condição capaz de fazer com que uma coisa tenha um fim em si mesmo, portanto, um fim intrínseco e não relativo. A dignidade entendida como “valor interior absoluto”, gerador de respeito do si mesmo, é o farol da ética. Não é espiritualmente transcendente, é imanente ao agir do homem.

Imanência, portanto. A ética não implica realmente nenhuma transcendência em matéria de valores e normas, não é coisa do outro mundo, e sim uma imanência dinâmica comum a toda habitação humana num espaço determinado, ou seja, ao que corresponde a exigências radicais da própria vida.

Isso assim se explica: “A vida não se esgota com o que se manifesta no ser vivo. O homem é um ser vivo, mas o que o constitui como vivo está aquém ou além de tudo que perfaz a

sua condição de sujeito, seja da consciência ou do inconsciente. Dito com outras palavras: Todo sujeito se sustenta pelo não nascido, pelo não constituído, pelo não existente em tudo que perfaz seu nascimento, sua constituição, sua existência” (Emmanuel Carneiro Leão). A ética é precisamente o movimento de escuta coletiva dessa dinâmica abrangente, maior do que os limites da subjetividade instituída, mas imanente a todo e qualquer modo de existir. Ética é a repercussão tácita do desejo ancestral de continuidade do grupo humano instituído. É, se quiserem, o discurso do morto sobre a imortalidade.

A atitude ética permite o trânsito de ida e volta entre indivíduo e grupo, mas também entre grupos sociais diferenciados. “O grande no homem – diz Nietzsche no *Zaratustra* – é ser uma transição e uma passagem”. A ética pode ser compreendida como a linguagem íntegra desse trânsito que às vezes não pretende chegar a lugar nenhum, tão-só fruir da caminhada, da alegria da passagem.

Pela economia, nós buscamos a posse dos meios materiais de conservação da vida. Pela política, visamos à agregação civil de seres humanos num território. Pela ética, — portanto, pelo apelo a valores ancestrais — aspiramos à clareza e à luminosidade.

À luz do senso comum, ancestral é o grande homem do passado que, numa comunidade ou numa nação, mantém acesa a lanterna ética, isto é, o farol de continuidade do grupo. Por compatível, eu me valho de uma passagem de Euclides da Cunha: “O que apelidamos grande homem é sempre alguém que tem a ventura de transfigurar a fraqueza individual, compondo-a com as forças infinitas da humanidade”.

É quando se vislumbra a luminosidade a que nos referimos: “Não dura a vida do homem, e é eterna. É como a luz perpetuamente moça”.

Que ancestrais buscar nesta comunidade de *phylia* intelectual denominada Academia de Letras da Bahia?

Não à toa recorri ao grande e multifacetado escritor modernista brasileiro, mais precisamente à sua conferência em dois de dezembro de 1907 (no Centro Acadêmico Onze de Agosto, São Paulo) sobre aquele por ele classificado como “insigne e extraordinário condoreiro”. Euclides foi taxativo: “Não sei de quem, como ele, entre nós, naquele tempo, tanto se identificasse com o sentimento coletivo, revivente, estimulando-o e aformosando-o”.

Estamos, assim, falando do representante notável da terceira geração romântica no Brasil, Antonio Frederico de Castro Alves, o Poeta dos Escravos, patrono desta Cadeira 33. É sinérgica, senão mística, a afinidade entre o patronato e a Cadeira. Há por certo o supersensível do número, mas a cadeira, mais do que base, do que arrimo, do que pedestal é mesmo um lugar, no sentido topológico do termo, de intersecção de energias singulares em torno da condição do negro no Brasil.

É verdade que o Romantismo brasileiro, desde a primeira geração, é atravessado por certa religiosidade, presente na idealização do sobredivino, do taumaturgo, do imperecível. Euclides, porém, atém-se à atribuição de misticismo a Castro Alves, não por profissão de fé, mas sim pelo inexplicável de ele não ter tido precursores próximos em seu ideário político-social. Este pareceria, antes, originar-se das conquistas éticas da humanidade, simplesmente silenciadas em sua geração. Na energia criativa do poeta, o “eu” lírico-amoroso é indissociável do realismo com que ele diagnostica a barbárie histórica, a escravatura, fonte de sua revolta e de sua indignação. Ele foi o presidente, no Recife, de uma das primeiras sociedades abolicionistas do Brasil.

Sabemos o quanto essa associação entre o lirismo e o realismo, entre a criação literária e a causa político-social, é capaz de alvoroçar a pedantaria crítica. Mas já Euclides nos adverte: “A restrição da sua figura literária corresponde ao seu alargamento na História”. A advertência levanta uma questão que interessa de perto aos exegetas da poesia, aos organizadores dos manuais

e das coletâneas que são dados a ler aos jovens em formação por críticos literários e por mestres-escolas.

A questão: como lidar com o binômio ideia poética/ideia política?

A História moderna registra duas maneiras.

Uma é a concepção nazista da política, entendida como estética geral. Isto está resumido na frase célebre de Goebbels: “A política é a arte plástica do Estado”. A concepção nazista pretende figurar as massas como um instrumento do destino. A massa, em si mesma, seria um fato estético.

Outra é a concepção revolucionária sobre o papel dos artistas. Neste caso, a estética aparece como ação política, isto é, a estética se realiza como finalidade na política. A concepção revolucionária pretende atribuir às massas um destino centrado na renovação da consciência, ou seja, na produção de um novo homem.

Um grande exemplo disso é dado por Maiakovski, um dos maiores poetas russos do século passado. Também ator, dramaturgo, militante político, ele se dispôs a serviço da propaganda revolucionária, sem reduzir a criação poética a fórmulas estereotipadas. Era chamado “O Poeta da Revolução”, mas poderíamos chamá-lo de “poeta do coração”, pois coração é metáfora que atravessa muitos de seus versos. Assim, “comigo a anatomia ficou louca/sou todo coração/em todas as partes, pulsa”.

Castro Alves, o Poeta dos Escravos, prefigura Maiakovski, no fato de que ambos instalam a ética no âmago da poesia, pois aspiram à dignidade de um novo homem, lastreados numa idealizada humanidade ancestral. É a tradição que funda a revolução. É o vigor humano do “antes”, do fundacional, que sustenta o desejo revolucionário. É esse passado que, misticamente, faz deles poetas do amanhã.

Isso nos faz recordar que a poetisa norte-americana Emily Dickson fala em verso de “um lugar chamado amanhã”. É uma formulação intrigante, porque o amanhã é da ordem do tempo,

e ela aí converte o tempo ao espaço. Um lugar chamado amanhã... Emily Dickson nos convida a visitá-lo imaginariamente e nos faz ver que já sabemos alguma coisa desse lugar enquanto possibilidade interna de outra instalação temporal, uma chamada ao presente do futuro que, já aí, na luz ou na sombra, parece aguardar a emergência dos fatores de sua realização. Esse amanhã não é tempo que remotamente virá, mas tempo que vem, disposto que está pela ancestralidade à nossa consciência como uma direção já atribuída ou determinada.

Prezados confrades, eu gostaria de crer esse tenha sido o auspício bem augurado por Francisco Xavier Ferreira Marques ao inaugurar a Cadeira 33. Já no último ano da década de 90, eu me permitia assinalar no ensaio intitulado “Claros e Escuros” que, logo depois de “O bom crioulo” (1895), do cearense Adolfo Caminha (o primeiro romance a reconhecer e valorizar a pessoa do negro), o baiano Xavier Marques publica “O Feiticeiro” (1922), um romance também naturalista, em que deixa transparecer a atmosfera litúrgica dos terreiros baianos. São etnograficamente aceitáveis as suas descrições, aparentemente obtidas da própria experiência do autor com o culto nagô.

O enredo de “O Feiticeiro” equilibra paixões amorosas e políticas com a ação do pai de santo Elesbão, príncipe africano escravizado, áugure que usa o feitiço para conduzir os destinos dos personagens. Aos consulentes, lia a sorte nos búzios, advertia dos perigos, prometia os favores dos deuses e chega mesmo a assegurar a um jovem político que “Ogum ia declarar guerra aos inimigos de D. Pedro”.

Interessante nesse romance é que, numa época de preconceito feroz contra tudo que dissesse respeito a negros, os personagens tratam ora com temor, ora com reverência, a liturgia afro-brasileira. “Os negros do candomblé? Afirmo. Se há entre eles meliantes e histriões, não são em maior número do que os do nosso credo. O prestígio de um feiticeiro africano aos olhos dos filhos do terreiro não fica atrás do de um prelado de

qualquer igreja a quem as damas civilizadas veneram”. Além disso, o texto inteiro contém referências respeitadas a árvores sagradas, oferendas propiciatórias e conseqüências dos feitiços.

Por menos conhecido que seja o romance de Xavier Marques (a consagração lhe veio com a novela “Jana e Joel”), não se pode deixar de registrar que essa mesma liturgia sedutora e seus desdobramentos lúdicos, culinários, medicinais e éticos correspondiam ao patamar posteriormente transvalorado pela narrativa literária de Jorge Amado.

Prezados confrades, admitindo-se a hipótese de que um fio vital costure ou perpassa a Cadeira 33, não sei se terá sido mera coincidência o fato de que, no mesmo ano em que Xavier Marques publicava “O Feiticeiro” (1922), formava-se, pela Faculdade de Medicina da Bahia, Heitor Prager Fróes, o segundo ocupante da Cadeira.

Medicina e Letras, como se articulam?

Neste caso, a resposta pode ser inicialmente dada por uma notícia do importante jornal Washington Post, em sua edição de 23 de julho de 1943, a propósito da visita do médico baiano à capital norte-americana: “Ser proficiente em dois assuntos tão amplamente distintos como a medicina e a literatura é incomum, para dizer o mínimo. Mas o doutor Heitor Prager Fróes, da Bahia, Brasil, parece ter dominado os dois ramos do saber com igual sucesso”.

Neste ponto, parecem-me esclarecedores alguns dados biográficos: Poucos anos depois de formado, mais precisamente entre 1925 – período em que a medicina e a ciência alemãs eram influentes nos círculos médicos científicos brasileiros – Prager Fróes frequentou o Instituto Tropical de Hamburgo, diplomando-se em patologia tropical e parasitologia médica. De volta ao Brasil, assumiu a cátedra de Clínica de Doenças Infecciosas da Faculdade de Medicina da Bahia. Em novembro de 1945, foi nomeado secretário de Educação da Bahia pelo governador João Vicente Bulcão Viana.

Mas então já era um cientista de prestígio, considerado como autoridade no campo da saúde pública. Além disso, era presidente da Associação Cultural Brasil-Estados Unidos, razão de um convite, por parte da Divisão de Relações Culturais do Departamento de Estado, para uma viagem de intercâmbio cultural entre julho e outubro de 1943, no contexto da política de boa vizinhança. Viajou por 30 cidades norte-americanas, conheceu as principais universidades e instituições médicas do país e proferiu 24 conferências sobre assuntos médicos e sanitários, além de outras oito sobre literatura e temas gerais.

Suas palestras sobre febre amarela e malária repercutiram nas instituições médicas norte-americanas encarregadas de cursos sobre doenças tropicais e epidemiologia. Em New Bedford, o *Standard Times*, inclusive, saudou-o em editorial: “Hoje New Bedford tem um visitante, que merece as mais sinceras saudações da cidade. Trata-se do Dr. Heitor P. Fróes, do Brasil, um cientista especializado em doenças tropicais (...) Dr. Fróes merece as mais calorosas boas-vindas de New Bedford por duas boas razões. Como cientista, ele tem trabalhado para vencer as doenças tropicais que são pouco conhecidas em nosso país (...) Como autor e palestrante, ele tem compartilhado os frutos de sua pesquisa com cientistas norte-americanos (...) Quando um homem de tal eminência dedica seu tempo e as suas habilidades ao estudo dos seus vizinhos, nós podemos ter certeza de que a causa da política da boa vizinhança do estabelecimento de melhores relações mundiais está avançando”.

Ademais de sua produção ficcional (contos, fábulas) e científica (“Lições de medicina tropical”), Prager Fróes foi principalmente um militante do pensamento erradicacionista, voltado para a extinção dos focos de doenças tropicais. Nisso, foi moderno, eu diria mesmo, pós-moderno, no sentido de associar saúde a desenvolvimento econômico-social. Economistas de renome internacional como Gunnar Myrdall e Celso Furtado alinham-se a esta práxis. A sua atualidade comprova-se em sua

participação ativa nas articulações para a campanha de erradicação do mosquito *Aedes Egypti* nas Américas.

Basta olhar, prezados confrades, para o panorama devastado dos espaços urbanos de hoje por endemias de febre amarela, dengue, zika, chikungunya e não se sabe quantas mais doenças epidêmicas negligenciadas, para se ter uma ideia, ainda que diminuta, da relevância de cientistas como Prager Fróes. A sua ação sanitária teve, tem e terá importância transnacional. Passado, presente e futuro enfeixados num gesto, eis a marca da temporalidade ancestral, a pregnância do saber imbuído de vigor ético.

Mas essa é também a temporalidade da memória transindividual ou coletiva. Por isso, eu vou ousar inserir nessa categoria, ou melhor, nessa gaveta classificatória, dois dos sucessores de Prager Fróes na Cadeira 33: Waldemar Magalhães Mattos e Ubiratan Castro de Araujo.

“Memória” não designa aqui nenhuma função psicológica, seja coletiva ou individual, mas a criação, pela narratividade presente, de um passado ou uma ancestralidade politicamente afirmativa. Considerada do ponto de vista da inserção dos indivíduos num agrupamento complexo, a narração ao mesmo tempo constrói e faz parte da forma de vida sociologicamente identificada com a forma social.

Forma social é a maneira singular e sensível de ver a sociedade. Não é uma essência, nem uma substância, nem mero efeito de uma invenção, mas “realidades mediadoras que têm a ver tanto conosco quanto com o que não somos. Elas exprimem uma relação e desempenham ainda nesta perspectiva o papel mediador que lhes foi reconhecido. Não têm apenas um estatuto intermediário entre o concreto e o abstrato, o sensível e o inteligível, o individual e o universal, são também intermediárias entre os dois pólos da relação existencial” (Raymond Ledrut).

O conceito de forma social parece-nos aqui operativo, porque pressupõe tanto “forma de vida” como “maneira” enquanto figurações da lógica da existência que identificamos nos

dois “prosadores da memória”, em Waldemar Magalhães Mattos e Ubiratan Castro de Araujo. A forma deixa transparecer uma modalidade individual e coletiva da existência humana, sem separar radicalmente a ação da representação ou da consciência. Pela forma social, reconhecemos a objetividade da vida em sociedade sem desconsiderar o vivido (subjetivo) dos indivíduos.

Por meio do relato, seja historiográfico ou memorialístico – como faz Waldemar Mattos em “Panorama Econômico da Bahia”, “Palácio da Associação Comercial” e em “A Bahia de Castro Alves” –, seja historiográfico – como faz Ubiratan Araujo em “A Guerra da Bahia” ou literário em “Sete histórias de negros” – a forma social baiana é apreendida de tal modo que a sua interpretação epocal pode constituir-se em processo de criação de realidade social e assim ser transmitida para as novas gerações. A narrativa garante a memória coletiva como forma de vida, isto é, como manifestação de uma historicidade particular.

A noção de historicidade, referida a monumentos e documentos, equivale para o filósofo Paul Ricoeur à de temporalidade: “A fonte de autoridade do documento enquanto instrumento desta memória (a memória coletiva) é a significância reconhecida ao traço. Só se pode dizer que os arquivos são instituídos e os documentos recolhidos e conservados a partir do pressuposto segundo o qual o passado deixou um traço, constituído graças a monumentos e documentos como testemunha do passado”. O traço aparece, nesse viés, como “signo presente de um passado ausente”, isto é, como um registro com estatuto ontológico dúplice, porque referido a tempos heterogêneos. Num primeiro nível, o traço é algo físico que vem do passado. Num segundo, a existência desse “algo” depende do reconhecimento de alguém, a exemplo de um grupo intelectual que afirme a sua continuidade histórica, como estamos fazendo aqui e agora.

Traço significa presença da ancestralidade e ausência do presente na contínua passagem do passado para o futuro. Não é um conceito historiográfico, mas fenomenológico, no sentido

de que suspende, por meio do tempo passado, a referência presente, abrindo espaço para outra referência, criadora de um signo da mudança, objeto do tempo histórico. O traço é, assim, um conector histórico, uma espécie de fio intergeracional que preserva os valores éticos de um passado pronto a ser narrado. Por isso, gostaria de assinalar a passagem de Waldemar Mattos e Ubiratan Araujo pela Cadeira 33 como “prosadores de traços da memória”.

Antes de discorrer sobre a ocupante número cinco da Cadeira, não posso deixar de deter-me um pouco sobre o número três (33, desdobrado). É um número de fundamento. Descrito pela filosofia hindu, o três “é uma onda, uma curva senoidal, uma vibração à luz ou ao som. Quando duas ondas colidem, um novo fenômeno é criado. Essa é a criatividade inerente da natureza. Mesmo no nível mais sutil da vibração e das partículas subatômicas, a oscilação intrínseca da natureza desencadeia um ciclo infinito de criação, destruição e recriação. Do número três se originam muitos” (B.K.S. Iyengar).

Este é um número conhecido nessa mesma profundidade pelo povo de santo, pelas comunidades litúrgicas afrobrasileiras, porque é o mesmo do primogênito mítico, mas também do pai-ancestral, denominado Exu.

Não tenho dúvida de que o número três abriu o caminho para que o número cinco, afim à divindade Oxóssi, cultuada por Mãe Stella de Oxóssi, ajudasse em sua instalação na Cadeira 33 como quinta ocupante. Uma biografia simbolicamente exemplar: Maria Stella de Azevedo Santos nasceu no quinto mês de 1925, na cidade de Salvador e formou-se em Enfermagem pela Escola de Saúde Pública da Bahia, em 1945. Ficou 41 anos à frente do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, uma das três casas matríciais dos cultos afrobrasileiros.

O que haveria de muito auspicioso, no reconhecimento ético-político que se presta a uma zeladora de orixás como Mãe Stella de Oxóssi?

É que existe um forte sentido ético-político nos modos de persistência dos cultos, ao combinarem a força interna de sua liturgia com as alianças simbólicas implícitas entre eles e determinados segmentos da sociedade global. O desafio de toda ética é recusar as abstrações universalistas em favor de uma determinação concreta do sujeito. Para o indivíduo da comunidade litúrgica, sempre se tratou de uma luta ética e política (embora não político-partidária) para inscrever a singularidade afro-brasileira no espaço da coexistência nacional.

Para os africanos e os descendentes de africanos no Brasil, recém-saídos de uma Abolição que lhes negara qualquer assistência econômica e social, que os deixara sem terras, para esses aspirantes à cidadania, era imperioso um lugar que lhes garantisse ao menos a soberania do espírito.

Era uma preocupação que ia além da própria comunidade negra. Rui Barbosa, o grande tribuno patricio, dizia que “a escravidão gera a escravidão, não só nos fatos sociais como nos espíritos”. Joaquim Nabuco, seu confrade pernambucano, o secundava: “Não basta acabar com a escravidão, é preciso acabar com a obra da escravidão”

A experiência da cultura jeje-nagô-ketu reflete exemplarmente a ancestralidade e a visão-de-mundo características da civilização africana. Em torno da família-de-santo ou das comunidades litúrgicas de origem africana, conhecidas como candomblés, criou-se um modelo singular de organização social da gente negra. Fundou-se aqui, portanto, num espaço privilegiado, destinado a se tornar uma metáfora espacial da África mística, um egbé, uma comunidade litúrgica, um terreiro, onde habitariam as divindades, os homens, as mulheres e seus frutos. Mas onde também, implicitamente, se resistiria à violência da assimilação cultural que tentava sempre exercer a consciência esclarecida pela monocultura européia. Portanto, comunidade litúrgica e quilombo.

Na verdade, tudo sempre foi um empenho por bom senso e por dignidade, como transparece em algumas das frases de

Ana Eugênia dos Santos, Mãe Aninha, fundadora do Axé Opô Afonjá, nas cartas que escreveu às suas filhas-de-santo Agripina e Filhinha entre os anos de 35 e 37. Uma dessas é especialmente marcante: “Depois de eu ter folha no chão, não vou apanhar estreme com a mão”.

Nada disso pode ser entendido pela pura abordagem culturalista ou folclorista, e sim como um agir político grupal, de natureza civilizatória. Há de fato um singular agir político na transmissão patrimonial da liturgia negra. Nenhum patrimônio cultural socialmente operativo se transmite como um pacote inerte, um estoque de ativos dados para sempre, mas como algo que é preciso reinserir na História presente, atribuindo-lhe novos contornos, revivificando-o.

Mãe Stella de Oxóssi foi um ponto alto e intelectualizado na governança litúrgica. Em 1981 criou o Museu Ilê Ohun Lailai, preservando a memória do culto africano. Em 1986 foi eleita na Conferência Internacional de Tradição dos Orixás e Cultura, em New York, representante do Brasil. Publicou livros marcantes como “Epé Laiyé- terra viva” (2009), “Owé – Provérbios” (2007), “Òsósi – O Caçador de Alegrias” (2006), “Meu Tempo é Agora” (1993), “E Dai Aconteceu o Encanto” (1988).

O Terreiro do Axé Opô Afonjá é África reterritorializada, reinventada. Um exemplo notável dessa reinvenção é o Corpo dos Obás ou Doze Ministros de Xangô, inspirado na instituição palaciana de Oió, Nigéria. Divididos em duas falanges — seis da direita (Otun) e seis da esquerda (Osi), assim como o machado duplo de Xangô —, os obás têm assento ao lado da ialorixá, como ministros ao lado do rei. Não é uma recriação aleatória: caberia ao obá, cabe de fato ainda hoje ao obá, lutar por aquela “folha no chão” de que falava Mãe Aninha, isto é, lutar pela dignificação da comunidade litúrgica.

Ao suceder Mãe Stella na Cadeira 33, como sexto ocupante (seis é número do orixá Xangô), permito-me reiterar a declaração de grande alegria existencial por integrar com o nome

honorífico de Obá Aressá, o Corpo dos Obás. Acho que fui o primeiro obá a ser confirmado dentro da regência de Mãe Stella. Um obá, digamos, “kekerê” (pequeno) quando penso em outros nomes, outras personalidades ( Obá Kankanfô, Miguel Santana, Camafeu de Oxossi, tantos outros...) irmanadas nesse Corpo. Um obá de escasso saber iniciático, mas com fé e muita abertura para o aprendizado com velhos e novos.

Mas eu que dormi por obrigação na esteira ritual, perto da folha no chão, sigo agora na esteira acadêmica de Mãe Stella de Oxóssi, estendida pela generosidade desta comunidade de Letras.

O que aqui me traz?

Eu peço licença para reiterar a resposta à chamada que ensaiei anos atrás, ao ser distinguido com o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal da Bahia, onde me graduei. Eu me oriento intelectualmente pela pesquisa do sentido forte da cultura. Essa busca, marcada por empenhos diversos, comporta uma vicissitude que atravessa, em modalidades diversas, a minha vida acadêmica e minhas próprias motivações existenciais.

O primeiro empenho refere-se à temática da realidade da informação pública — isso que se tem chamado de “mídia” sob o influxo dos tempos neoliberais —, evidenciado em minha atividade universitária, livros, artigos e conferências tanto no Brasil como no exterior. É algo que me envolve desde os quinze anos de idade quando comecei no “Jornal da Bahia” ao lado de jovens como Glauber Rocha, João Ubaldo Ribeiro e Wilter Santiago, sob a tutela de jornalistas veteranos como João Batista de Lima e Silva, Ariovaldo Matos, João Carlos Teixeira Gomes, Flavio Costa, José Gorender, Otacilio Fonseca e outros, liderados pelo empresário, ativista e escritor João Falcão. O jornal foi a minha primeira universidade.

O segundo empenho diz respeito ao sentido de cultura e ao vigor da diversidade cultural. Não se trata da diversidade pró-fica de “objetos” culturais (software, canções, filmes, livros etc.),

que se multiplicam na dita “sociedade da informação” e que concorrem para a mitologia de um novo tipo de democracia, definida pelo acesso a esses objetos. Eu me preocupo, antes, com “sujeitos de cultura”. De fato, concebo outro sentido para a cultura, um sentido pleno ou forte, em que a cultura se investe de outra economia, cujos bens não circulem prioritariamente no mercado, e sim num “tecido intersticial que separa e religa os sujeitos”. Cultura, como essa capacidade que tem o sujeito de inscrever no tempo a sua relação imaginária com todos os outros sujeitos por meio de operações simbólicas.

O sujeito da cultura seria, assim, um sujeito da memória (a memória de sua inserção específica no mundo) e um sujeito da promessa, no sentido de sua fidelidade ou sua vinculação a um mundo em comum. Seria, portanto, um sujeito político, no melhor sentido que esta palavra possa ter. Sujeitos da cultura, individuais ou coletivos, claros ou escuros, são aqueles que no passado e ainda hoje imprimem a marca da transformação nas relações sociais brasileiras.

Trata-se de uma perspectiva que concebe o presente de uma cultura como o vir-a-ser humano na criação de um sentido continuamente refeito entre o passado e o futuro, e não como mero “presenteísmo” implicado na hipertrofia consumista do instante. Não concebo cultura como opressão do iletrado, nem escrita como chicote da oralidade, nem pensamento como xadrez do espírito jogado por esnobes.

O que me atrai é a visceralidade comunitária, onde a vida em si mesma, em seu todo, é feita de solidariedade e fé. É isto o que me faz não abrir mão do discernimento crítico. É isto que, ao mesmo tempo, me faz buscar na cultura negro-brasileira um sentido para o estar-no-mundo de amplas frações da população nacional, sempre atento aos interstícios, às fendas e às dobras no tecido do discurso social hegemônico. Meu trabalho versa principalmente sobre aspectos problemáticos das identificações nacionais.

Pessoalmente, quero crer ter sido fortemente marcado pela experiência de associar liturgia à habitação da cidade de Salvador. Algo assim como o Quasímodo de “Notre-Dame de Paris”, para quem, na narrativa de Victor Hugo, a catedral tinha sido “o ovo, a casa, o ninho, a pátria, o universo”. Em imagens mais intensas: “Poder-se-ia quase dizer que ele havia tomado a sua forma como o caracol toma a forma de sua concha. Ela era sua morada, sua toca, seu invólucro... Ele estava, por assim dizer, colado a ela, como a tartaruga à sua casca. A rugosa catedral era sua carapaça”.

Ser é originariamente morar. Salvador é uma cidade-ninho, onde desfruto a intimidade de uma velha casa. Uma cidade que se oferece como uma toca, como uma roupagem, de gala para uns, em farrapos para outros, mas sempre uma vestidura, ainda quando se experimenta o desconforto da morada. De fato, as cidades podem ter algo que chamamos de “espírito”: espírito é o invisível atuante na cidade. É o seu potencial ético, que nos permite ver o invisível nas coisas visíveis, isto é, que se escute a voz da fundação, do Pai Morto, do Egun da Cidade. É uma voz que educa. Aqui, como o Riobaldo de “Grande sertão, veredas”, “eu me inventei no gosto de especular ideias”. Para isso, tenho procurado seguir o preceito do Terreiro: “Quem joga água no caminho anda em areia macia”.

Prezados confrades, de pé na trilha das Iyás ou sentado na Cadeira 33, eu espero zelar aqui também pela folha no chão.

Muito obrigado!

---

Muniz Sodré Sodré é escritor e professor, autor, dentre outros de *Santugri: histórias de mandinga e capoeiragem* (1988), *Rio, Rio* (1995), *A lei do santo* (2000), *O bicho que chegou a feira* (1991) e *Bola da vez* (1994). Foi eleito para a Academia de Letras da Bahia para ocupar a cadeira 33.



## DISCURSO DE RECEPÇÃO A MUNIZ SODRÉ DE ARAÚJO CABRAL

JOÃO CARLOS SALLES

Excelentíssimo Presidente, Confrade Joaci Góes,

**E**m cujo nome cumprimento a mesa e as autoridades presentes, os demais confrades e confeitras, bem como os amigos e familiares do novo Acadêmico.

Senhor Acadêmico Muniz Sodré de Araújo Cabral.

1. O reino de Deus está próximo — é o que, hoje, tenho a anunciar. Isso é um tanto óbvio, e talvez já tenha sido dito antes, mas necessita de alguma explicação. Não aponto agora para um evento messiânico a nos aguardar em algum tempo futuro. Quero sim sugerir uma presença próxima, um halo constante, uma contiguidade, até mesmo uma participação no sagrado, em especial, em instituições como a nossa, mas sobretudo sensível na recepção de um novo acadêmico, um momento que nos lembra o próximo e o distante, a saber, esta condição de sermos a face transitória de um sempre.

Para além de nossa condição humana, deveras precária, é tanto mais evidente essa presença do sagrado na saudação a um novo acadêmico, que não pode ser reduzida a uma mera efeméride, não se limita a um registro cartorial, mas constitui sim um momento especial de nossa cultura e, logo, de nossos mais profundos laços e compromissos subjetivos. Não é uma taxonomia, um registro histórico, que classifica

como imortal o novo acadêmico, mas antes o ânimo, ou melhor, nossa *anima*, agora compartilhada, que torna comuns e duradouras as nossas medidas. Enfim, um gesto cultural forte é o que se impõe, uma aposta conjunta no terreno e no sagrado, ou talvez uma aposta do sagrado na miudeza de nossas vestes e cerimônias.

Preferimos, pois, apontar para o mais alto. Trata-se de um gesto de cultura, que nos fixa em um tecido pelo qual se unem e se separam sujeitos, como se fôssemos fios coloridos costurados em um manto de Antônio Bispo do Rosário, cada qual marcando uma posição perante outros sujeitos por meio de cores e distâncias simbólicas. Aceitamos, assim, cifrar e decifrar nosso olhar no enigma pespegado no olhar dos outros, firmando compromissos em uma trama de cultura, pensada aqui, na expressão de Muniz Sodré, “como vir-a-ser humano na criação do sentido”.

Por isso mesmo, desafiado pela grande honraria que me conferiu o novo acadêmico ao escolher-me para saudá-lo, obriguei-me a pensar sobre o significado deste momento, julgando ser minha obrigação favorecer nosso reconhecimento recíproco e, para tanto, procurei juntar algumas de minhas palavras e expressões a seu próprio vocabulário, que passa agora a enriquecer esta nossa morada.

A Academia de Letras da Bahia pode até não ser “o ovo, a casa, o ninho, a pátria, o universo”, tal como Notre-Dame o fora para Quasímodo, mas é uma casa de cultura, no sentido bem próximo daquele emprestado pelo novo acadêmico à palavra ‘cultura’, em seu discurso como Doutor Honoris Causa da Universidade Federal da Bahia:

Cultura seria, assim, essa capacidade que tem o sujeito de inscrever no tempo a sua relação imaginária com todos os outros sujeitos por meio de operações simbólicas. Isto implica uma temporalidade intersubjetiva

em que se reconhece o lugar do outro — entenda-se: a constituição da imagem do sujeito no olhar do outro, pleno de autoridade — dentro de uma dimensão comum.

Se lugar de cultura, a Academia não é um prêmio, mas um permanente desafio. Ela não é um palco para a vaidade ou a inteligência de seus membros — sendo claro que temos todos muita inteligência e pouca vaidade. Longe disso, a Academia é ardilosa para além de seus membros. Ela tem sabedoria para além de nossa precária astúcia. Ela nos obriga, afinal, a um diálogo, ao qual nem sempre estamos dispostos ou acostumados, e também a ter posições contra nossas inclinações mais naturais. Ela nos diz, por exemplo, em momentos como este, o quão passageiros somos e o quanto dependemos do outro para constituir medidas pelas quais, verdadeiras ou falsas, não devemos ser esquecidos. Lembrem-se de suas obrigações, diz-nos hoje o espírito da Academia, vez que o reino de Deus está próximo.

2. A Cadeira 33, que tem agora novo titular, tem um brilho especial, devemos convir. Seu patrono, ninguém menos que Antônio de Castro Alves, à sombra de cujos versos muitos de nós nos iniciamos nas letras. Dessa Cadeira, foi fundador Xavier Marques, filho de Itaparica, também membro da Academia Brasileira de Letras, ao qual se seguiram o cachoeirano Prager Fróes, Waldemar Mattos, filho de Entre Rios, e enfim os grandes representantes da grandeza histórica do povo negro e de sua sabedoria ancestral, nosso querido Ubiratan Castro, Bira Gordo, de Salvador (e de São Lázaro!), e Maria Stella de Azevedo dos Santos, nossa Mãe Stella de Oxóssi, também soteropolitana — aquela luz que, como Ialorixá, cumpriu de modo tão sublime a missão de dar nascimento à essência sagrada de tantas pessoas.

Quando me fiz portador da mensagem de vários confrades e confradeiras (lembra, Paulo Costa Lima?), pois queríamos submeter seu nome ao devido escrutínio para ocupar essa Cadeira e, em vista disso, lhe pedíamos a prévia autorização, Muniz Sodré me respondeu:

É honra e alegria saber que fui lembrado. Suceder a minha ialorixá, eu que sou Obá do Axé, seria muito bom. Mas eu lhe respondo ainda hoje, estou fora de casa, vou olhar os búzios...

Confesso que sua resposta imediata somente confirmou a justeza de nossa percepção, a de que Muniz reunia, em grau elevado, as manifestações mais públicas de sua qualidade acadêmica e as manifestações mais íntimas de grandeza espiritual. Em suma, estávamos diante de um grande intelectual. Quase sete horas depois, recebi a mensagem que fez desencadear nossa campanha, por completo, vencedora:

Prezado João Carlos, búzios consultados, aceito o honroso convite para a disputa. Abs. Muniz.

E aqui estamos, sendo agora uma honra para mim, filho de Cachoeira (e também cidadão soteropolitano), saudar e celebrar esse baiano de São Gonçalo dos Campos, em seu ingresso nesta confraria singular, a Academia de Letras da Bahia, como titular da Cadeira 33.

3. Nascido em 1942, o baiano Muniz Sodré de Araújo Cabral tem formação rica e multidisciplinar: direito na UFBA, em 1964; mestrado na Sorbonne, Paris IV, em Sociologia da Informação e Comunicação; doutorado em Letras, na UFRJ. Mas não é só isso. Poliglota, capoeirista e faixa preta de judô, poderíamos dizer que, para além da formação acadêmica mais canônica, é também,

a seu modo, um autodidata, mas desses que, a todo tempo, lançam olhos famintos a temas diversos e, por muito ruminarem, reelaboram com originalidade tudo que tocam.

Daí, talvez, essa sem cerimônia, em todos os seus textos, de passear pelos clássicos e pelos contemporâneos, de lhes lançar a palavra, seja em aproximação, seja em desafio; de ser sociólogo, antropólogo, filósofo, como forma de ser teórico da comunicação. Natural, nesse cenário, que seja também pesquisador 1A do CNPq, membro de diversos conselhos editoriais e palestrante dos mais solicitados.

Daí, também, a condição permanente de intelectual desbravador, capaz, a um só tempo, de descoberta e invenção. Ao que me chegou, pela fonte segura de Mariluce Moura, cujo mestrado e cujo doutorado orientou, Muniz Sodré costuma dizer que se lançou à comunicação porque era um terreno em que ninguém estava interessado a sério e, por isso, era menos disputado e mais fácil, além de menos visado nos anos da ditadura. Modéstia óbvia, um quê de *boutade* minimalista, acredito, mesclada talvez com um pouco de ironia.

Embora difícil para mim, alegre-me imaginar um tempo em que o terreno da comunicação era pouco disputado. Como quer que o seja, Muniz Sodré tem seu lugar entre os principais intelectuais brasileiros por ter pensado a comunicação, desde o início, produzindo trabalhos com o frescor de clássicos instantâneos, provocativos e originais. *O monopólio da fala* e *A comunicação do grotesco* logo se tornam livros obrigatórios, elevando o *paideuma* dos cursos de comunicação Brasil afora. E clássicos imediatos se sucedem, consolidando a obra desse grande pensador brasileiro da comunicação, cujos trabalhos, apenas em livros, já superam as quatro dezenas. *A máquina de Narciso*, de 1992, e *Antropológica do Espelho*, de 2002, afirmam-se como trabalhos seminais no campo da comunicação, e isso em termos globais — vez que a “pegada” dos teóricos da comunicação só tem par na dos filósofos, ou seja, é sempre planetária.

Em *Antropológica do Espelho*, em especial, ele procura desvendar o caráter do vínculo entre mídia e sociedade — afetivo, não racional, como era o vínculo original com os meios de comunicação impressos, de tradição publicista — e chega à sua proposição mais ousada e, por isso mesmo, a mais combatida: o conceito de bios midiático ou bios virtual, um real sem espaço e sem tempo, cuja seiva é, porém, a economia monetária. Não se trata do bios do prazer, do conhecimento ou da política, tal como classificava Aristóteles. A mídia seria o quarto bios, segundo afirma:

o midiático, virtual, da vida como espectro, da vida como quase presença das coisas. É real, tudo que se passa ali é real, mas não da mesma ordem da realidade das coisas.

Noções polêmicas, sim, mas instigantes; para além de sua verdade, valem pelo modo como organizam a experiência da comunicação e, por conseguinte, pelo modo como mudam nosso foco de análise, nosso pensamento sobre sua natureza e sentido. Nesse livro, aliás, com ares de oráculo, ele reflete sobre a internet e lhe antecipa os traços mais atuais desse regime de radical visibilidade em que as mídias ora nos lançam, numa espécie de multiplicação panóptica e recíproca do ver e do ser visto, que, com efeito, anula a noção anterior de privacidade. Podemos então falar de controle total, ao falarmos de imersão total, a mídia como prótese ontológica para o controle social, na qual não mais é possível discernir por completo o real do irreal:

(...) hoje não podemos ser instituídos como simples espectadores. Somos, sim, membros orgânicos de uma ambiência que deixa de funcionar na escala tradicional do corpo humano para se adequar existencialmente.

Em suma, criada pela existência e pelas relações que a mídia estabelece no espaço social, temos com o bios midiático uma

nova forma de vida — conceito que bem pode agradar a algum eventual wittgensteiniano.

Muniz Sodré, como um clássico, nos ensina a pensar. Por isso, somos conduzidos por ele a pensar a comunicação sempre no contexto da cultura. Mais ainda, em exercício permanente de epistemologia comparada (no qual, aliás, mostra-se sempre apto a deslocar-se com facilidade, como a falar do interior de tradições a princípio opostas), Muniz Sodré pensa poderosamente a cultura tendo em conta o registro mais refinado da tradição ocidental e o extraordinário refinamento de outras tradições culturais — o que, no caso brasileiro, implica pensar a cultura branca ocidental frente à cultura negra, dando voz a esta desde um lugar especial, a saber, o terreiro de candomblé. Esse pensador, que muita vez é como um irmão intelectual de colegas franceses, como se em linha direta com Deleuze, Barthes, Bourdieu ou Baudrillard, não esquece em qualquer momento uma outra matriz de pensamento, carregada de ancestralidade e, aliás, bastante baiana.

*A verdade seduzida*, de 1994, e *Claros e escuros*, de 1999, expressam bem o fôlego desse exercício singular de pensamento, que toma sua forma mais madura em seu mais recente *Pensar nagô*, ensaio de comunicação transcultural que nos convida a um diálogo e a um encontro entre modos diversos de crer, existir e pensar, mas permitindo-se um deslocamento profundo do olhar e passando a ler outras metafísicas desde um ponto de vista e de existência que nos mostra e nos demonstra como um lugar privilegiado e pleno do pensamento o que se modula segundo um paradigma *afro*. Para quem necessita de ar e luz, nada melhor do que cor e oxigênio.

Muniz Sodré, intelectual profundo, é ademais um militante comprometido com “o real histórico”. É ainda, sabemos bem, uma personalidade singular de resistência forte e tranquila ao racismo estrutural da sociedade brasileira e do Ocidente todo. Além disso, sua literatura madura, seus cantos denunciam

outro traço admirável, que nos faz desejar que esteja conosco o mais possível. Não deixem de ler *A lei do santo!* Seu texto literário denuncia um conversador fascinante, cultor da palavra rica e precisa, mas grande contador de histórias, nas quais podemos adivinhar desde sorrisos irônicos a gargalhadas francas, que aliás nos performam mais humanos.

Em suma, ingressa hoje em nossa casa a conjunção rara de um pensador que é também um grande escritor e, para nossa felicidade, um camarada de grande força e caráter. Muniz Sodré é sim uma das boas provas de que, mesmo sendo rara a conjunção, inteligência e caráter podem andar juntos. Julgo assim ser um bálsamo sua chegada, Muniz, ela nos joga água no caminho e nos faz andar em areia macia.

4. Parte da tarefa do discurso de recepção está cumprida. Em traços breves, que espero não tenham sido muito injustos nem muito cansativos, procurei dizer a todos quem penso ter se juntado a nós, quem enfim seria esse tal de Muniz Sodré, antes mesmo de estar aqui. Entretanto, aonde chegou? Onde está agora? Que lugar é esse no qual você se meteu, meu caro, cheio de senhoras e senhores nada recatados? Quem somos nós? Ou melhor, quem devemos ser? Qual é o nosso sempre, para além de nossa precariedade?

Devo anteciper, como quem conta o final de uma história para lhe dar sentido, que julgo ser uma boa astúcia da razão a que nos mobilizou a todos para trazê-lo a nosso convívio — o que muito facilita a tarefa de lhe indicar o sentido deste lugar. Como durkheimiano convicto, acredito que as instituições têm consciência e, mesmo, têm instinto, inclusive de sobrevivência. Elas sabem do que precisam se alimentar. Instituições cismam a todo instante, cuidam de sua renovação, sabem, enfim, com sua mente etérea, que precisam reproduzir seus melhores valores.

Por isso mesmo, posso avivar, ao concluir, a dimensão do político, pois nada melhor para uma saudação do que

chamar a atenção, não de quem entra, mas de quem recebe, o que nos torna aqui e agora dignos desse lugar, como se irmanados fôssemos por saltarmos juntos uma fogueira em uma noite de São João. E, nesse sentido, digo a mim mesmo como lhes digo. A Academia, esta casa, pede a cada um de nós que façamos o impossível. Que nos retiremos de nós mesmos, que nos subtraíamos história e geografia próprias, e façamos dialogar universos imiscíveis.

Não nos iludamos. Esse preço não pode ser pago, e tolo será quem acreditar em tal ilusão. O diálogo possível entre nossos universos apartados, esse que tecemos em palavras e gestos, nos solicita carnes humanas e ninharias mortais. Tal diálogo não nos exige alguma ideia abstrata, mas sim a palavra concreta. Não é elevação extática, mas a exata oferenda, que será alimento ou dádiva, presente em cada um por revivermos gestos antigos e imemoriais.

O novo confrade tem agora uma nova morada. Vem para um ambiente que naturalmente comporta muitas divergências. Algumas substantivas, outras mais afetas à superfície, como a fraqueza eventual de alguns pelo ponto e vírgula ou alguma particular inclinação política. Mas é um ambiente que, ao fim e ao cabo, não permite tudo. Esta casa não pode, por exemplo, ser cúmplice do obscurantismo e da ignorância, que ora ameaçam as instituições da cultura em nosso país e se voltam exatamente contra o pensamento.

Estamos, pois, em um ambiente em que cada qual tem o direito a posições únicas e fortes, mas, em virtude do que representa o solo de cultura desta Academia, nenhum de nós, por oportunismo ou por covardia, tem o direito de silenciar diante da violência ou da censura. Não há argumento falacioso que possa pacificar quem alardeie com uma mão apreço pela educação, enquanto, com a outra, abençoa ou justifica quem persegue educadores. Pairando sobre olhares, flutuando por sobre o tempo, querido Confrade, jamais entenda nossa casa

como um ambiente de alienação. Esta casa jamais poderia convidar-nos ao silêncio.

Doutor Honoris Causa da UFBA, Professor Emérito da UFRJ, e cumulado de honrarias e reconhecimento, Muniz Sodré chega à nossa casa. É convidado, então, por estar aqui, a nunca abrir mão do juízo crítico, pois essa é a melhor forma de avivarmos a visceralidade comunitária, de honrar, enfim, servindo-me de seus termos, “os sentimentos de fidelidade e promessa, que marcam o sentido forte da cultura”.

Que estejamos, pois, nestes tempos sombrios, à altura do desafio de proteger as letras, a cultura, as artes, o pensamento, pois esta é afinal nossa missão, esta é nossa morada. Contra toda evidência, mesmo sem o saber, há uma dimensão comum que, em sua origem, é renovada a cada novo membro e nos determina, impedindo que sejamos indiferentes a nosso tempo, que para nós valha qualquer coisa. Acadêmicos não podem cortejar ao mesmo tempo liberdade e tirania — está escrito no contrato, esse que nos lega o direito à memória de nossos irmãos, quando não mais estivermos aqui.

Poderíamos imaginar um acadêmico autêntico, qualquer a sua inclinação política, qualquer o seu interesse externo, que não esteja indignado com os atuais retrocessos culturais? Poderíamos imaginar nossos confrades e confradeiras, que aqui ingressaram pelo serviço à palavra, pelo valor de sua presença coletiva, por sua reconhecida devoção ao bem comum, acaso tocados por argumentos falaciosos, que, sobre serem fascistóides, são preguiçosos e indigentes?

5. Amigo e confrade Muniz Sodré de Araújo Cabral, não entramos nesta casa por mera vaidade. Mesmo sendo uma grande honraria, seria difícil imaginar um acadêmico que seja apenas vaidoso. Não que o sejamos pouco; apenas não temos o direito de ser apenas vaidosos. Aliás, morro de medo por ser membro da Academia de Letras da Bahia.

Espero que tenhamos medos semelhantes e que esses medos que valem a pena não desapareçam.

Acadêmicos podem e devem sim alimentar grandes medos, medos privados e medos cívicos. O medo de que as musas nos abandonem, de que nos embotem os sentidos, de que nos escapem as ideias, as cores, os sons, as palavras. O acadêmico, ademais, mesmo para viver seus medos privados, não pode ser pusilânime. Deve alimentar sobretudo o medo de abandonar, por alguma fraqueza, os valores da cultura que a Academia associa a nossos precários nomes. Esse é talvez o grande desafio, o de sermos lembrados pelo que merece ser lembrado.

A Academia não apaga a ancestralidade, antes a faz sobressair; não esmaece o fato de sempre estarmos em um mundo, uma raça, um corpo, pois acentua nossa instalação mesma, que é assim chamada a enriquecer e a dar conteúdo ao que, de outro modo, seria perene apenas por ser vazio. A Academia, portanto, não suprime a temporalidade, pois antes a torna ainda mais viva e desafiadora, vez que tocada a todo tempo pelo sagrado.

Quando leio seus textos, Muniz, quando vejo a textura de suas belas frases, reconheço imagens digitais, onde meus textos resvalariam em puro gongorismo. Temos aí uma diferença, e me desculpo por isso. Valho-me, porém, dos artifícios que domino. Ou seja, recorro a meus artifícios barrocos para dar boas vindas a um intelectual de grande porte, convidando-me e a todos nós para um produtivo deslocamento de posições e olhares, capaz de abrigar o exercício paciente de conflitos e complementaridades.

Se chega agora à Academia, Muniz, o espírito da academia já o habitava. E, se já carregava dentro de si a academia, é o novo acadêmico que na verdade nos saúda e justifica. É o novo acadêmico que sempre nos testa. Ele nos lembra o momento de nosso ingresso e nos convida a renovar os votos. Será que conservamos o voto primacial e a honra originária?

Será que preservamos nossa dignidade e o brilho que nos fizeram aqui ingressar? Que não tenham sido um mero fogo fátuo!

Perante tamanho teste que é o de receber um novo acadêmico, conluo. A fórmula derradeira da recepção não pode ser esta: Seja bem-vindo, Muniz Sodré de Araújo Cabral. Mas sim, renovados os votos, sejamos nós todos novamente bem-vindos a esta casa, pois aqui, agora e sempre, o reino de Deus está próximo.

---

João Carlos Salles é Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas, professor titular do Departamento de Filosofia da UFBA. Foi Diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e desde agosto de 2014, exerce o cargo de Reitor da Universidade Federal da Bahia. Entre outros livros, publicou *A Gramática das Cores em Wittgenstein* (2002), *O Retrato do Vermelho e Outros Ensaios*, *O Cético e o Enxadrista: Significação e Experiência em Wittgenstein*, *Filosofia, Política e Universidade* e *A Cláusula Zero do Conhecimento: Estudos sobre Wittgenstein e Ernest Sosa*. É membro titular fundador da Academia de Ciências da Bahia (a partir de 2011) e membro da Academia de Letras da Bahia, na qual, eleito em 2014, ocupa a cadeira 32.



## DISCURSO DE POSSE 29 DE NOVEMBRO DE 2019

EDVALDO BRITO

– Vô! O que é academia de letras?

Resposta:

– É um lugar onde se reúnem as pessoas que escrevem livros para conversarem sobre coisas bonitas que pensam. Bjs

E a interlocução termina:

– Obrigado

Este diálogo travou-se no tempo de dois minutos, entre uma neta de 9 anos, MARINA e o avô de 82.

Era quinta-feira, 17 de outubro de 2019, entre 19h45 e 19h47. Imediatamente, após ser divulgada a eleição do avô para a Academia de Letras da Bahia.

Cenário: o *WhatsApp*.

**I**lustre presidente, **JOACI FONSECA DE GÓES**, comentei, adiante, este episódio. Agora, permiti-me vós que, em vosso nome, saúde acadêmicos, amigas e amigos que, em tão grande número, vêm, com suas presenças, dar relevo à minha posse no mais antigo cenáculo das letras na Bahia, porque, aqui, reúnem-se, desde 1724, as pessoas que dedicam sua vida ao “*cultivo da língua e da literatura nacionais, a preservação da memória cultural bahiana e o amparo e estímulo às manifestações da mesma natureza*”, inclusive, *nas áreas da ciências e das artes*”.

1724, aqui, fundou-se a *Academia Brasílica dos Esquecidos* idealizada pelo coronel SEBASTIÃO DA ROCHA PITA e instituída por determinação do vice-rei do Estado do Brasil, VASCO FERNANDES CESAR DE MENESES. Associaram-se: um padre, dois desembargadores, um juiz de fora, dois militares e uma pessoa da sociedade. Significa que a entidade nasceu comunitária. Durou menos de um ano.

35 anos depois deu origem à *Academia Brasílica dos Renascidos*, também de breve existência e cuja finalidade seria a de escrever a história da América portuguesa.

É simbólico o soneto, ao estilo *italiano*, de ROCHA PITA:

### ***Amor com amor se paga e amor com amor se apaga***

Deste Apótema vigilante, e cego  
Uma parte confirmo, outra reprovo.  
Que o Amor com Amor se paga provo  
Que o Amor como Amor se apaga nego.

Tendo os Amores um igual sossego,  
Se estão pagando a fé sempre de novo,  
Mas a crer que se apagam me não movo,  
Sendo fogo, a e matéria Amor, e emprego.

Se de incêndios costuma Amor nutrir-se,  
Uma chama com outra há de aumentar-se,  
Que em si mesmas não devem consumir-se

Com razão deve logo duvidar-se  
Quando um Amor com outro sabe unir-se  
Como um fogo com outro há de apagar-se?

Quase 200 anos passaram-se, até fundar-se esta Academia que, há mais de um século, mantém o ideal de *preservar a memória cultural bahiana*.

Toda essa história revela a função do **tempo** na vida humana — mítico e místico.

Cantado em prosas e em versos; até musicado; o **tempo** é o lapso, dentro do qual se sucedem os acontecimentos protagonizados pelo homem que, assim, obtém a noção do passado, do presente e, até, do futuro.

O **tempo** de ROCHA PITA, o daqueles que pensaram a Academia dos **Renascidos** ou mesmo daqueles que fundaram, há 102 anos, esta Casa, é o de espaço diverso do de hoje. Basta ler o seu simbólico soneto típico do *lirismo*.

O **tempo** de MARINA, o de hoje, é o do *pragmatismo*: é o da busca dos resultados práticos concebidos para cada objeto do conhecimento humano.

É indubitável que, neste momento, considere-se esta Casa inserida no contexto tecnológico deste **tempo** digital, que, lamentavelmente, faz sobrar pouca oportunidade para o *lirismo*.

O **tempo** que exige igualar-se, na rapidez dos acontecimentos, os 9 anos de uma neta, aos 82 do interlocutor, seu avô, que teve de integrar-se nesta era para, com a mesma velocidade com a qual, agora, difundem-se os conhecimentos, não comprometer a comunicação.

Assim, entro neste sodalício com a certeza de que é uma associação, na qual as pessoas têm o objetivo de conversar sobre coisas bonitas, na perspectiva do **tempo** de MARINA. O contrário seria mentir para MARINA, minha neta e, enfim, para mim mesmo.

Que outro propósito far-me-ia, aos 82 anos de idade, postular esse ingresso, senão o do mesmo objetivo dos confrades com quem, já, sabia, irei, aqui, conviver?

Declarei-o, sem reserva mental, no momento da aceitação, determinada pelo §6º do art.51 do Regimento desta Academia.

Declarei, então, que a razão de minha súplica, feita com a humildade de quem roga, de quem implora, a admissão em um sadio ambiente, como este, está no desejo de conviver com a **memória** de

peças que protagonizam a minha vida e com as *energias positivas* dos vivos que constituem este grupo consciente, sem dúvida, de que a espontaneidade da definição do avô para a sua meta é a tônica da convicção de que um acadêmico não precisa arrostar com vaidade, com soberbia, porque a aquisição da *imortalidade*, no instante em que o eleito transpõe os umbrais desta Casa, há de fazer, cada qual, sobreviver indefinidamente à sua morte, conservando suas características pelo cultivo de suas qualidades, feito pelos pósteros.

*É a imortalidade da alma.*

A vida nesta Casa torna o acadêmico efetivo e perpétuo. É a regra do art. 5º do seu Estatuto, ao vedar a renúncia ao título e ao impedir que dele possa ser despojado.

É a *imortalidade* conceituada na inscrição “*À l’immortalité*” (para a imortalidade) que RICHELIEU inscreveu no selo oficial que ofertou à Academia Francesa, por ele fundada, em 1635, com o propósito de que fosse a associação de homens de letras responsáveis por redigir um dicionário a fim de conservar a língua francesa e, quando ali ingressassem, permanecessem por toda a sua existência e os seus sucessores deveriam tecer o elogio da vida do seu imediato predecessor e daqueles componentes da cadeia sucessória.

É a *imortalidade* descrita, desde a fundação, em 1897, no brasão da Academia Brasileira de Letras “*Ad immortalitatem*” (rumo à imortalidade).

Eis o mistério da sobrevivência indefinida à morte, de quantos assomam a esta tribuna legitimados pelos que o admitiram neste ajuntamento de pessoas que, nos termos do Estatuto da agremiação, visam o cultivo da língua e da literatura nacionais, das artes e das ciências, em geral.

Que *memórias*, aqui, nesta Casa, protagonizam minha vida? As de:

ORLANDO GOMES - convivemos, intimamente, por 35 anos, desde 1954 quando me mudei de Muritiba para Salvador e mantinha contato, levando-lhe as mensagens do meu

chefe de escritório, o Prof. ALBÉRICO FRAGA; depois, vivendo com ele por todo o tempo do curso de Bacharelado (1959 a 1962), no qual fui seu aluno durante 4 anos; cheguei a privar de cama e mesa em sua casa, amigo-irmão que fui de seu filho MARCELO GOMES. Integrei sua *banca de advocacia* e hoje sou coordenador e elaborador da atualização de sua obra. Sua memória dá-me, ainda, régua e compasso no mundo acadêmico. Foi meu Paraninfo da turma de 1962 na qual fui o Orador Oficial, na Faculdade de Direito da Universidade Federal a Bahia. Tenho, hoje, a responsabilidade de atualizar boa parte de sua riquíssima obra jurídica e coordenar a atualização de todas elas. Vivo a buscar alcançar-lhe o brilho; como tal é impossível, não desisto de tentar porque, com esse propósito, mantenho-me a pesquisar e a estudar à sua semelhança.

JORGE CALMON - Fez o discurso de minha recepção, em 13 de julho de 1990, na Academia de Letras de Ilhéus, onde ocupo a cadeira nº28, cujo patrono é JUNQUEIRA FREIRE e fundador e 1º titular, ORLANDO GOMES. Juntos participamos da administração da Associação Cultural Brasil Estados – ACBEU de que ele é fundador e eu atribuí o seu nome a um dos estabelecimentos de ensino do idioma.

JOSAPHAT MARINHO - Meu professor de Direito Constitucional que, em 18 de setembro de 1959, designou-me para falar na sala de aula sobre a Constituição de 1946 nos seus 13 anos de promulgação. Encantavam as suas aulas. Senador da República, seu filho Paulo Marinho, passou a conviver conosco, meu colega que era no Gabinete do reitor da Universidade Federal da Bahia. JOSAPHAT é o prefaciador do meu livro “Limites da Revisão Constitucional” e me recebeu, com discurso memorável, em 19 de agosto de 1991, na Academia de Letras Jurídicas da Bahia, para ocupar a cadeira nº14, de que sou o 1º Titular, cujo patrono é ARISTIDES MILTON.

A cadeira 24 que, aqui, ocupou tem a feliz sucessão na pessoa do professor PAULO FURTADO com quem convivi, enquanto exerci a Secretaria de Justiça do Estado da Bahia, ele como meu chefe de gabinete. Pude conhecer de perto um dos estilos literários mais aprimorados e uma invejável redação, pelo estilo e pelo conteúdo semântico dos signos empregados. Desembargador ao Tribunal de Justiça da Bahia, ao qual presidiu com honradez; governador interino do Estado, o acadêmico merece todas as minhas homenagens pela decisiva atuação na indicação do meu modesto nome para integrar esta Academia. Ele honra a sucessão de JOSAPHAT.

LUIZ VIANNA FILHO, LUIZ NAVARRO DE BRITTO, GASPAR SADOC DA NATIVIDADE, MYRIAM FRAGA, JOSÉ SILVEIRA, ALOYSIO DE CARVALHO FILHO, ANTÔNIO LUIZ MACHADO NETO, ADRIANO PONDÉ, DOM AVELAR, CARDEAL BRANDÃO VILELA, LUIS FERNANDO MACEDO COSTA, JORGE CALMON, JOSAPHAT MARINHO, ZITELMANN DE OLIVA, MAGALHÃES NETO, AFFONSO RUY, HELIO SIMÕES, GODOFREDO FILHO, THALES DE AZEVEDO, OLDEGAR VIEIRA, CARLOS EDUARDO DA ROCHA, CRUZ RIOS, LUIS MONTEIRO, JAMES AMADO, JOSÉ CALASANS, GERSON PEREIRA DOS SANTOS, UBIRATAN CASTRO, WALFRIDO MORAES, JOÃO FALCÃO, HILDEGARDES VIANA, EDIVALDO BOAVENTURA, JORGE AMADO e ZELIA GATTAL.

São acadêmicos que tiveram transversalidade com a minha vida privada ou pública, em proveitoso relacionamento pessoal.

Aqui, nesta Academia de Letras, além de ORLANDO GOMES, ALOYSIO DE CARVALHO FILHO e ANTONIO LUIS MACHADO NETO, está a *memória* de outros meus professores: AUGUSTO ALEXANDE MACHADO, LAFAYETTE SPÍNOLA, ESTÁCIO DE LIMA e ADALÍCIO NOGUEIRA.

Aqui, enfim, está a *memória* de MARIA STELLA DE AZEVEDO SANTOS, *Iyalorixá* do *Ilè Àsé Opô Afonjá*. Destacada protagonista da II Conferência Mundial da Tradição dos Orixás e Cultura realizada, sob minha coordenação, em junho de 1983, em Salvador.

STELLA, uma mulher que viva ou morta só queria amar, por força do seu egum, que demonstra ser um espírito evoluído, é a responsável por este momento que estamos vivendo nesta noite.

Conto:

Era noite de 20 de dezembro do ano passado. Vós, acadêmico JOACI GOES, ao cumprimentar-nos, a mim e à minha família, no vôo que de Salvador levava-nos a Madrid, fizestes um convite para que ao retornarmos da Polônia e da Hungria, na parada, novamente, em Madrid, fôssemos ao vosso encontro, lá, na casa do vosso filho, JOACI e de vossa nora, GABRIELA.

E o fizemos: ANTÔNIO BRITO, meu filho e dois meus netos FELIPE e ANTÔNIO ALI, fomos, somente, encantamento com a inexcédível anfitriã, D. LÍDICE GOES, vossa MULHER e vossos filho e nora.

Comuniquei-vos, então, em razão de vossa condição de presidente eleito desta Academia, o falecimento de STELLA ocorrido naquele dia 27 de dezembro de 2018.

A infausta notícia chegou-me do Brasil — com a rapidez desse *tempo* de MARINA — e vos relatei todas as circunstâncias, pelas quais estive envolvido nos acontecimentos, hoje, do conhecimento público, relativamente, ao sepultamento.

Vós nada me dissestes daquilo que gestastes, naquele momento. Corajoso, destemido e obstinado, como se fostes um filho de Ogum, construístes com vossos confrades, ROBERTO SANTOS, PAULO FURTADO, FREDIE DIDIER JUNIOR e ALEILTON FONSECA este instante que, embora, não sendo o da sucessão a STELLA, permite-me, contudo, mencionar parcela da vida e da obra da saudosa acadêmica.

Era inusitado uma mulher, negra e crente da religião dos orixás ter admissão nesta Casa de cultivo das boas letras. Foi, sempre, tradicional espaço para homem, tanto que, para 193, nesses 100 anos de existência, apenas, ocorreu o ingresso de 15 acadêmicas, a partir de EDITH MENDES DA GAMA E ABREU, a primeira, em 09 de novembro de 1938.

Mas, negra e filha de orixá, somente, STELLA.

Declaradamente, aqui, está o segundo crente dessa religião a conseguir essa proeza. Tão negro quanto STELLA. Sou o **Baba Egbé** do **Ilè Iyá Omi Àse Ìyámásé**, o Terreiro do Gantois, raspado e pintado por MÃE MENININHA.

Os orixás têm suas tessituras, as quais são perceptíveis, apenas, por quem os cultua. A organização que constroem para os iniciados independe da vontade humana, por isso, o meu ingresso nesta Casa teria de ser em outra vaga, porque Eles queriam que a grandeza de sua filha STELLA fosse repetidamente, enaltecida.

É um *encanto*.

Oxossi, o orixá da cabeça de STELLA, é meu *adjuntó* e é irmão de Ogum, este, meu orixá de cabeça. Formam os dois, nessa estrutura espiritual, esse *encanto*.

A mesma coragem, o mesmo destemor e a mesma obstinação que tivestes, caríssimo presidente JOACI, juntamente, com os confrades antes nominados, são os mesmos estímulos que me motivaram na disputa.

Esta Academia, por todo o exposto, é um desagravo permanente, nesta “*Cidade da Bahia*”, a agressões iguais à que este sítio sofreu, nesse outubro findo, em uma publicação, na rede social *facebook*, feita pela OM Ships International e noticiada por todos os outros veículos da mídia, segundo a qual Salvador seria “*uma cidade conhecida pela crença das pessoas em espíritos e demônios*”.

Salvador, ao contrário, é uma cidade que tem esta *Casa de Letras* que oferece a prova de ser intolerante com a intolerância religiosa; que se coaduna com o princípio constitucional da inviolabilidade da *liberdade de consciência e de crença*, *Casa* que tem sido

espaço para o exercício do outro postulado da Lei Maior, segundo o qual, *ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa*.

*Casa de Letras* onde faz medrar, com o respeito merecido, a obra da acadêmica YEDA CASTRO, prenehe de estudo pioneiro sobre a dimensão da interferência de línguas africanas no português do Brasil<sup>1</sup>, bem na linha de louvores ao patrimônio histórico-cultural representado pelos terreiros de candomblé, que são destaques nos livros de VIVALDO DA COSTA LIMA<sup>2</sup> e de LIDIVALDO BRITTO<sup>3</sup>.

O exposto faz-me lembrar tia, materna, LUCILA BRITO, a Mãe Bida de Yemanjá:

– Edvaldo, meu filho, outro santo não te queria, só Ogum!

Sou intemorato, como o é Ogum, por isso, Ele e eu celebramos este instante como o de vitória do *Povo de Santo*.

Pergunte-se: quem à época de ROCHA PITTA, século XVIII, ou à época de quantos fundaram esta Academia, século XX, poderia ou poderiam imaginar este momento, em pleno século XXI? Ninguém.

O *tempo* deles é diverso do de agora.

Passou a vigor, em 1º de janeiro de 1917, um novo Código Civil, estatuto das relações de direito privado, estabelecendo regras que revogaram as Ordenações (as de D. Duarte, as afonsinas, as manuelinas e as filipinas), Leis e Decretos editados pelos reis de Portugal, o qual determinou que instituições tradicionais declinassem e valores,

<sup>1</sup> - cf. Yeda Pessoa de Castro. *Falares africanos na bahia* (um vocabulário afro-brasileiro). Rio de Janeiro: Topbooks Editora e Distribuidora de Livros Ltda., 2001

<sup>2</sup> - cf. Vivaldo da Costa Lima. *A família-de-santo nos candomblés jeje-nagô da bahia: um estudo de relações intra-grupais*. Dissertação de Mestrado. Salvador, 1977

<sup>3</sup> - cf. Lidivaldo Reaiche Raimundo Britto. *A proteção legal dos terreiros de candomblé: da repressão policial ao reconhecimento como patrimônio histórico-cultural*. Salvador (BA): Kawo-Kabiyesile, 2016.

até então, aceitos perdessem a substância. Os setores da vida nacional, o econômico, o social, o político, e o moral, desenvolveram-se na linha do processo crítico denominado *secularização*, responsável pela desarticulação dos mecanismos tradicionais de controle social e pela subversão dos valores relativos à hierarquia das posições sociais.

O *tempo* de agora é o da proteção dos hipossuficientes sociais, no qual se dá justa preferência ao devedor em relação ao poder do credor no regime capitalista dos juros fixados na perspectiva da potencialidade financeira de quem é o mutuante; protege-se o trabalhador em relação ao empregador, titular do capital; prefere-se o consumidor em relação ao fornecedor, no mundo das relações jurídicas em massa.

Vós, meu caro acadêmico JOACI GÓES, bem o sabeis, porque fostes, para a felicidade da nossa baianidade, o talentoso deputado relator, na Comissão Mista do Congresso Nacional, do projeto que deu origem à lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990, conhecida como Código de Defesa do Consumidor.

Por essas e outras, entro nesta culta associação, louvando essa *memória*, desses meus antecessores, aqui; mas, também, entro, nesta Casa, para congraçar-me com os vivos que a compõem; congraçar-me convosco, ilustres acadêmicos.

Todos são dignos do meu melhor apreço, porém, a todos peço permissão para destacar aqueles que me protagonizaram a vida, cada qual a um modo que a descrição sinóptica, aqui, seria injusta com a grandeza desse protagonismo.

LUÍS HENRIQUE DIAS TAVARES, meu professor de História no Colégio Estadual da Bahia, o Central.

NELSON CERQUEIRA, colega no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Direito da UFBA., onde regemos juntos a disciplina Filosofia do Direito.

CARLOS RIBEIRO, MARCUS VINICIUS, LUIS ANTÔNIO, ARAMIS RIBEIRO COSTA, GERANA DAMULAKIS e ANTÔNIO TORRES, incentivadores que me encorajaram para que este momento esteja acontecendo.

JOÃO CARLOS SALLES, cultor, como eu o sou, de DURKHEIM e de WITTGENSTEIN, meu competente reitor da minha querida Universidade Federal da Bahia; FRANCISCO SENNA, JUAREZ PARAISO, ARMANDO AVENA, ilustres componentes do magistério da nossa Universidade Federal da Bahia.

JOÃO CARLOS TEIXEIRA GOMES, JOÃO EURICO MATTA, SAMUEL CELESTINO e CAPINAN, cada qual com gratas recordações universitárias.

CYRO DE MATTOS meu colega de turma, como o foi JOÃO UBALDO; formamos, agora, o trio de amigos, da mesma geração universitária, a entrar nesta Academia. Conheço-o e à sua obra, por meio século. Prosa e poesia de estilo irretocável. Deu-me, por todo este tempo, com sua família, o afeto como seiva vital que corre por todos os meus vasos energizados por essa amizade.

ROBERTO SANTOS, PAULO FURTADO, FREDIE DIDIER JÚNIOR e ALEILTON FONSECA — direi, sempre — constituíram convosco, acadêmico JOACI GÓES, este momento; por isso, as palavras jamais traduzirão o meu sentimento de gratidão a vós.

O rito de admissão, que se inicia com, pelo menos, 5 (cinco) indicações, assim, então, formalizadas, teve, sempre, a segurança do sucesso, especialmente, quando ALEILTON tomou a si, com espontaneidade cativante e com a generosidade própria da fraternidade cristã, a responsabilidade de escrever, em 05 de agosto de 2019, 06 (seis) folhas fazendo a “*Defesa da Candidatura de Edvaldo Brito à ALB*”. Sou-lhe, sinceramente, reconhecido.

A grandeza do ingresso nesta Academia é, também, fruto desse início solene de procedimento, no qual a seleção demonstra não ser uma simples ação entre amigos.

A minha gratidão, ao acadêmico ROBERTO SANTOS, desconhece palavras que possam expressá-la, em razão de sua resolutória participação na projeção política da minha vida e, particularmente, pelo seu decisivo apoio para este ingresso,

coadjuvado pela sua filha, CRISTIANA SANTOS, *hoje*, minha querida colega e amiga, a quem, *ontem*, vi nascer.

E vós, acadêmico JOACI GÓES, de quem já fiz a inconfidência sobre a gestação deste momento... Sois, aqui, o sucessor, na cadeira n°7, de dois dos mais destacados professores da nossa famosa Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, ALOYSIO DE CARVALHO FILHO e NELSON SAMPAIO, nosso Diretor no novo prédio da Escola, construído do pé por ORLANDO GOMES e inaugurado em 26 de maio de 1961 com discurso memorável do próprio e do reitor de então, EDGARD SANTOS e com o meu, na qualidade de presidente do Centro Acadêmico Ruy Barbosa.

Vedes que essa vossa cadeira, caro acadêmico JOACI GÓES, é o protótipo da culminância dos bacharéis nesta Academia — mais de ¼ (um quarto), somados patronos, fundadores e demais membros efetivos — o que me dá a tranquilidade de o meu mister não ser tão estranho às letras, aqui, cultivadas.

É que, por muito tempo, não havia pluralismo na formação universitária, senão para medicina, engenharia civil e direito. A juventude era seduzida, às vezes, pelo grau de parentesco, para esses campos do conhecimento, da escolha de familiares. Aquele que não evidenciava vocação para ciências exatas, somente tinha espaço na área das ciências humanas. Eram os bacharéis do Recife, aqueles das nossas plagas, até que se criou a nossa Faculdade de Direito, em 1891, para graduar *bacharéis em ciências jurídicas e sociais*.

Essa tranquilidade, em mim, nesse ingresso, já é legitimada pelo Patrono da cadeira n°3 na qual me sentarei:

MANUEL BOTELHO DE OLIVEIRA era graduado em Direito pela Universidade de Coimbra, em Portugal, cujos estudos jurídicos são-lhe pioneiros e remontam ao século XIII. Os seus diplomados poderiam exercer profissões jurídicas em qualquer parte do mundo cristão, até porque a grande tradição era a do ensino do direito canônico e do direito romano. Foi, então, contemporâneo de GREGÓRIO DE MATIOS, Patrono da cadeira n°2 de que foi

segundo titular outro homem de formação jurídica, LUIZ VIANNA FILHO, de cujo governo, no Estado da Bahia, tive a honra de participar, com NAVARRO DE BRITTO, na gestão revolucionária da educação e cultura.

A par do exercício da advocacia, o meu Patrono foi político, eleito Vereador à Câmara Municipal de Salvador, no século XVII. Esse viés demonstra como esta Casa tem acolhido homens públicos, políticos contumazes ou não, com ou sem obstinação profissional de sucessivos mandatos. Ele e eu demonstramos atividade multifacetária, tão cara a uma Casa que, por tudo isso, é de Letras e, em consequência, aberta a quantos manejam, esteticamente, os vocábulos da língua escrita.

Não é uma Academia de Literatura.

Não é uma Academia de culto a uma produção específica de um setor do conhecimento.

BOTELHO DE OLIVEIRA, um homem de posses, usineiro, produtor de açúcar, era, também, poeta; publicou o sempre lembrado livro “Música do Parnaso”, louvadas, sempre, a sua composição “A Ilha de Maré” e a sua destreza na construção de rimas ricas:

Jaz em obliqua forma e prolongADA  
A terra de Maré toda cercADA  
De Netuno, que tendo o amor constANTE  
Lhe dá muitos abraços por amANTE.

Estilo literário barroco, “A Ilha de Maré” bem o demonstra pelo culto à forma exagerada das ideias que revela.

O vereador à Câmara de Salvador, no século XVII, exercia mandato, porque — como o é hoje — era eleito, ainda que por um ano, pelas oitavas de Natal<sup>4</sup>, por um corpo eleitoral, composto dos homens bons da cidade, isto é, aqueles de maior

<sup>4</sup> - cf. Título LXVI, do Livro Primeiro das Ordenações Filipinas, Nota de Apresentação de Mario Júlio de Almeida Costa. Lisboa. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 1985, p.154

destaque da terra ou, como o foi posteriormente, aqueles que tinham prestado serviços à causa pública.

A Câmara era constituída por um procurador e três vereadores os quais nos dias de gala ou de cortejo deveriam trajarem-se, obrigatoriamente, de negro, com chapéu de plumas brancas e o procurador deveria empunhar o estandarte da instituição.

Havia vereador de pelouro — aqueles escolhidos pelo mencionado corpo eleitoral — e os de barrete, estes, eleitos pela própria Câmara quando havia vaga ocorrida no período.

MANUEL BOTELHO DE OLIVEIRA, meu Patrono, era de pelouro e exerceu o mandato de vereador várias vezes e, pelo seu destaque no verear, foi designado, em momentos diversos, respectivamente, síndico do Senado da Câmara ou Câmara, contador e juiz.

Honra-me ter, nesta Academia, padrinho vereador que postulou — como eu — o voto de um colégio eleitoral, ainda que diferente do de hoje que é formado por um sufrágio universal, legitimado pela soberania popular.

Ambos, assim, integrantes da Câmara Municipal da Cidade do Salvador, sempre, ciosa de que, pela sua atuação, passa o futuro desta cidade, como assevera o seu atual presidente, GERALDO JUNIOR.

A Câmara soteropolitana tem uma história de lutas em favor do povo desta primeira urbe brasileira, escrevendo páginas memoráveis na busca de igualdade e fraternidade para aqueles homens “remanescentes da raça indômita agrilhoadas em terra estranha”<sup>5</sup>.

ARTHUR GONÇALVES DE SALES é o fundador desta cadeira nº2. Foi poeta, como o foi, o nosso Patrono.

Sinto-me confortável em pertencer a essa estirpe de letras, não porque eu tenha escrito qualquer verso, como ele o fez,

<sup>5</sup> - cf. Affonso Ruy. História da Câmara Municipal da Cidade de Salvador. Salvador: Câmara Municipal de Salvador, 2017, p.307

de excelente qualidade, por isso, laureado como o melhor poeta bahiano do século XX, falecido em 1952; mas, porque, como eu, ele exerceu o magistério, por toda a sua vida e, da mesma forma que eu, em certo momento, ele conheceu, por toda a vida, dificuldades financeiras.

Os dois temos, em comum, portanto, o exercício do magistério, atividade que me mimetiza porque, na sala de aula, há mais de meio século, eu me transformo em um aluno, um pesquisador, um desafiado pela volúpia do conhecer mais e mais, diante de um infinito universo de saberes que o período vital é insuficiente para dominar.

Nada, hoje, tem força para substituir minhas quatro horas, às segundas-feiras, à noite, na transmissão dos assuntos armazenados: os meus alunos de mestrado ou de doutorado são o meu objetivo de vida, nesses 37 anos ininterruptos de atividade no ensino de pós-graduação e 45 no de graduação, na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia... e aos 82 anos de idade.

ARTHUR DE SALES é autor, também, de uma louva-minha ao mar. O seu alto estilo foi elogiado por AGRIPINO GRIECO, em conferência no Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, ao dizer: “se toda a poética nacional se perdesse num naufrágio e só restasse ‘Ocaso do Mar’, o crítico da história, lendo-o, exclamaria: ‘Aqui viveu um grande povo’”:

O céu a valva azul e uma concha semelha  
De que outra valva é o mar ouriçado de escamas  
No ponto de junção, o sol –molusco em chamas  
Do bisso espalha no ar a incendia centelha.

Listões de intenso anil, raias de cor vermelha,  
Grandes manchas de opala, arabescos e lhamas,  
Da luz todos os tons, da cor todas as gamas  
Vibram na valva azul que a valva verde espelha.

Mas todo esse fulgor esmaece e se apaga.  
 Tímido, o olhar do sol boia de vaga em vaga,  
 Porque uma sombra investe a sua concha enorme.

É a noite: como um polvo, insidiosa, se eleva.  
 Desenrola os seus mil tentáculos de treva:  
 E o sol, vendo-a crescer, fecha as valvas e dorme.

Se ARTHUR DE SALES foi considerado o melhor poeta bahiano do século XX; a sua vida — como aqui lembrado — não foi, porém, de festas, diante das dificuldades financeiras que enfrentou. Não foi pior, porque era seu amigo o, então, governador da Bahia, OCTÁVIO MANGABEIRA, fundador da cadeira nº40 e, portanto, seu confrade nesta Academia, que o amparou dando-lhe um emprego, ainda que, ao estilo de uma prebenda.

Afinal, a fraternidade que, aqui, é um traço característico de agremiações desta natureza, é, também, norma jurídica, com galardão de princípio constitucional festejado desde o Preâmbulo da nossa Lei Maior, que estabelece como valores supremos de uma sociedade fraterna a garantia do exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça.

Cada qual de nós, ao aceitar a honrosa eleição para os quadros desta instituição, deve estar imbuído de que, aqui, encontrará, sempre, o culto a esses valores; de resto já consagrados em diversos julgados da nossa Corte Maior de Justiça, o Egrégio Supremo Tribunal Federal, como *princípio da fraternidade*, o direito fundamental à convivência harmoniosa entre os homens.

Este homem, um professor primário, em 1905, com pouquíssimas posses, foi um dos fundadores desta casa em 07 de março de 1917, junto com RUY BARBOSA, OCTÁVIO MANGABEIRA, TEODORO SAMPAIO, OSCAR FREIRE, CARNEIRO RIBEIRO, SEABRA, para citar alguns em situação patrimonial diferente da sua; este homem dava prova de

resignação ao repetir o pensamento de GOEHE: “*da tua dor faze um poema*”.

E fez muitos poemas, à semelhança de um que é muito caro à vida cristã dos bahianos; o *Hino de Nosso Senhor do Bonfim*.

Quem nesta Bahia mística não se emociona, aos acordes trazidos pela emissão desses signos:

Glória a Ti neste dia de glória  
 Glória a Ti, Redentor, que há cem anos  
 Nossos pais conduziste à vitória  
 Pelos mares e campos bahianos

*Refrão*

Desta sagrada colina,  
 Mansão da misericórdia  
 Dá-nos a graça divina  
 Da justiça e da concórdia

Glória a Ti dessa altura sagrada  
 És o eterno fanal, és o guia  
 És Senhor, sentinela avançada  
 És a guarda imortal da Bahia

*Refrão*

Aos teus pés que nos deste o direito  
 Aos teus pés que nos deste a verdade  
 Canta e executa fêrvida preito  
 A alma em festa da tua cidade.

*Refrão*

A alma heróica e viril deste povo  
 Nas procelas sombrias da dor  
 Como a pomba que voa de novo  
 Sempre abriste o teu seio de amor.

É uma composição musical religiosa elaborada para a comemoração do centenário da Independência da Bahia, em 1923, a qual, atribui ao Senhor do Bonfim as vitórias nas batalhas em que os bahianos venceram os portugueses. Tal é a sua aceitação, hoje, que colocou em desuso o hino oficial, pouco conhecido, aliás. É seu, também, um outro em homenagem a Nossa Senhora da Conceição da Praia.

ARTHUR DE SALES, na confissão que fez sobre o seu próprio pensar como GOETHE, desmente-se, pois, demonstra que seu pensar é, efetivamente, o de GABRIEL D'ANNUNZIO: “criar com alegria”.

A alegria, certamente, ele a tinha para criar peças que resistem ao tempo e a sua inspiração é similar ao que está no Livro de Jó, incluído na Bíblia entre “Os Livros Sapienciais”, o qual explica o sentido do sofrimento na vida humana e a doutrina da retribuição.

ELOYWALDO CHAGAS DE OLIVEIRA sucedeu a SALES, que faleceu a 27 de junho de 1952. Era poeta como o seu antecessor, ainda que engenheiro civil de profissão, a qual, aliás, nunca a exerceu.

Guardamos ele e eu, a mesma motivação na vida: o exercício do magistério. Temos, assim, semelhanças na carreira universitária. Dentre tantos títulos, ELOYWALDO acumulou os de Professor Catedrático de Estatística, Economia Política e Finanças na Escola Politécnica e de Crítica dos Princípios e Complementos de Matemática na Faculdade de Filosofia, ambas unidades de ensino integrantes da Universidade Federal da Bahia.

Autor de várias obras técnicas incursionou, também, pela literatura, em prosa e em verso e compôs um soneto a ARTHUR DE SALLES recitado nos funerais desse seu antecessor na cadeira n°3, assim, vazado:

Por entre as lágrimas do nosso pranto  
e da chuva que esparge o almo cipreste

alças voo no rumo que o teu canto  
de há muito abrija no páramo celeste

Minha palavra aqui no Campo Santo  
de gratidão, saudosa se reveste!  
No alto cenáculo que honravas tanto  
teu voto derradeiro a mim o deste...

Jamais esquecerei a tua figura  
talhada em nobre e vívida escultura!  
Eram de bronze o fuste e o pedestal,  
de oiro de lei o coração, de prata  
o capitel... mas nem a morte mata  
o espírito a vibrar — puro cristal!

Era passado um ano da morte de SALLES, a 27 de junho de 1953, quando ELOYWALDO tomou posse na cadeira n°3, sob a saudação da acadêmica EDITH MENDES DA GAMA E ABREU.

O recipiendário e a acadêmica incumbida da saudação eram, assim, pessoas de letras, cultivavam as humanidades, mas, não eram literatos, “ao pé da letra”. Esta característica, é própria de uma época em que as Academias de Letras eram espaços para acolhida de personalidades que se destacavam no meio social, em regra, professores universitários ou profissionais liberais de reconhecida atuação.

EDITH era famosa como conferencista e como feminista. Pai e irmão políticos inspiraram-na a candidatar-se a deputada federal, em 1934 e a estadual, em 1946, prometendo lutar pela solução de problemas da saúde pública, da educação popular, da fome, bem como dos incentivos ao trabalhador, conforme plataforma sob o título “conterrâneos”...

Como são nossos contemporâneos esses assuntos???!!!

Ela era atuante na vida política o que a levou a candidatar-se a uma cadeira nesta Academia. Falecida em 20 de janeiro

de 1982, essa sua cadeira acolheu como seu sucessor um outro político, ANTONIO CARLOS MAGALHÃES, o qual entendendo a dimensão cultural desta Academia para a Bahia doou este Solar Góes Calmon para sua sede, provendo a instituição com dotações orçamentárias. Tem o justo título de benfeitor da ACADEMIA, concedido em 27 de abril de 1992. ANTÔNIO CARLOS entra, aqui, na vocação desta Casa de cultivo da cultura bahiana em toda a sua diversidade.

EDITH — como já dito — é a primeira mulher a ingressar na Academia, como TEODORO SAMPAIO terá sido o primeiro negro e um dos poucos, até agora.

Seguramente, alguém desavisado há de sugerir preconceitos misógino e racial à Academia, se apurar — desprezando as causas — que dos seus 193 membros desde os fundadores, somente 15 mulheres, aqui, entraram e negros não chegamos ao número 10.

Desavisado será o portador desse pensamento, porque a questão é cultural: a mulher no direito romano, de onde provêm as instituições de direito privado, foi categorizada como “*alieni juri*”, por isso, sempre, subalterna ao homem — pai, marido e até filho, sucessivamente — tal como se pode identificar no Código Civil de 1916, que a arrolava entre os relativamente incapazes, ao lado dos pródigos e dos silvícolas e dependente, assim, da tutela marital para a prática de atos da vida civil. Permaneceu em tais condições até o advento do chamado “*Estatuto da Mulher Casada*”, a lei nº4.121, de 27 de agosto de 1962 que modifica 14 artigos desse Código, alterando a situação jurídica da mulher.

Logo, não se trata de misoginia, mas, de uma realidade que veio sendo modificada no setor da organização familiar que estava influenciada por uma concepção patriarcal e que se veio transformando com o processo de desenvolvimento econômico, mudando o privatismo doméstico que infestava a nossa legislação, a qual passou a plasmar um regime jurídico de igualdade de gênero.

Esse mesmo processo de desenvolvimento veio resgatando o negro de sua subalternidade social, permitindo-lhe ascensão, ainda que de forma, indesejavelmente, lenta, a ponto de necessitar de políticas públicas de reparação dos danos históricos que sofreu, exigindo que o próprio negro tome consciência de si e dos outros em sua volta, de modo que reivindique a outorga dos seus direitos e parta para a competição em igualdade de condições.

Hoje, o processo eleitoral adotado para o ingresso na Academia ocorre em ambiente de igualdade de gênero e de etnia e já contempla o seu Quadro com YEDA CASTRO, GERANA DAMULAKIS, CLEISE MENDES, EDILENE DIAS MATOS, GLAUCIA LEMOS, EVELINA HOISEL e URANIA TOURINHO PERES, tendo preenchido as três últimas cadeiras com homens alheios ao ariano.

Pois bem: ELOYWALDO que foi, aqui, recebido por EDITH, era atuante, também, no âmbito político; assim, em 09 de março de 1956, os jornais anunciavam-no na lista dos seis nomes escolhidos pelo presidente JUSCELINO KUBITSCHEK, no início do seu governo, para dirigir a previdência social. Coube-lhe o IAPC – Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários.

O destaque é porque este Instituto era um dos seis funcionando, desde que, em 1933, surgiu o primeiro, o IAPM, que era o dos marítimos. Todos foram unificados em 1966 no SAMPAS – Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social, hoje, o popular famigerado INSS. A base da previdência social brasileira é a chamada Lei ELOY CHAVES, o Decreto Legislativo nº4.862 de 24 de janeiro de 1923 que marca o “*Dia da Previdência Social*”, por determinação do art.403 do Decreto nº83.080/1979.

ELOYWALDO não terá entrado nesta Academia, naquele tempo, porque fosse o matemático, o economista que escreveu “*Dos Números-Índices de Fisher*”; “*Métodos de Análises*

da Evolução Econômica”, “Reestruturação do Ensino Secundário Politécnico”, “Plano Municipalista de Reorganização Nacional”, “Caminhos da Redenção!”, “Perspectivas e Diretrizes” ou mesmo “A Educação Cívica e as Aspirações Nacionais”.

ELOYWALDO terá entrado, aqui, porque, além de um homem de ciências, era, também, de letras, ou seja, das humanidades; enfim, um homem de atuação social destacada, ao modo compatível para acesso, aqui, naquele tempo, de quem aparecia, “frequentemente, na imprensa, na cátedra, na tribuna, a voz ressoando pelas amplas audiências, em bem fundamentadas conferências” como bem acentuou sua sucessora, ANNA AMÉLIA VIEIRA NASCIMENTO, no seu discurso de posse nesta cadeira nº3, em 26 de março de 1992.

Ora, não comparando comigo, na humildade da minha diferença, a grandeza de sua projeção, ELOYWALDO dá-me, porém, conforto em compor a cadeia sucessória desta cadeira que, por tradição, segue o perfil traçado por RICHELIEU, no seu protótipo, a ACADEMIA FRANCESA, fundada em 1635, para o cultivo da língua.

Com ele, ELOYWALDO, que, como foi dito antes, fez até poema, três poetas, contando com o Patrono, marcaram essa cadeira.

ANNA AMÉLIA VIEIRA NASCIMENTO quebra o ciclo dos poetas e me conforta, porque eu, também, não o sou. Ela foi uma historiadora de escol. O seu lado de pesquisadora não somente me encanta, também me encontra.

Curto a pesquisa.

Ninguém a supera na descrição dos detalhes: em “*O Convento do Desterro da Bahia*”, escrito em 1973, faz gosto a leitura e, como disse JOSÉ CALASANS, meu saudoso amigo que, aqui, ocupou a cadeira nº28, ao escrever o prefácio desse estudo, a, então, jovem pesquisadora “foi incapaz de trombetear escândalos [...] soube contar as ‘tensões internas’ de forma discreta, sem

tentar ocultar a verdade que respigou no farto documentário consultado, fixando, conseqüentemente, com segurança, a vida de uma instituição intimamente ligada à família patriarcal brasileira, bem refletindo seus costumes, seus defeitos, suas virtudes”.

Vale o tempo de leitura desse documentário, da mesma forma que não se perderá tempo, lendo “*‘Letras de risco’ e ‘carregações’ no comércio colonial da Bahia – 1660-1730*”, especialmente, se o leitor for advogado.

ANNA AMÉLIA é precisa, nesse trabalho, ao desvendar os métodos de comerciar do português colonial, ao explicar o fundamento da emissão das chamadas “*letras de risco e de carregações*” que eram documentos de singular natureza jurídica, ora aproximando-se de títulos de crédito, ora de contrato de concessão de crédito, pelo seu caráter de instrumento de financiamento a comerciantes.

Mas, é no seu livro “*Patriarcado e Religião: as Enclausuradas Clarissas do Convento do Desterro da Bahia 1677-1890*” que a minha antecessora nesta cadeira nº3 é exaustiva no tema das relações entre religião, economia e política como elementos da infraestrutura da sociedade da época colonial no Brasil.

Ela descreve, neste livro, como os impostos contribuíram para a decadência econômica do Convento do Desterro, obrigado a contribuir para o calçamento das ruas onde se localizavam seus patrimônios urbanos, além da *décima* adicional sobre as propriedades de mão morta.

Esse tributo — a *décima* — é o pai do atual IPTU — imposto sobre a propriedade predial e territorial urbana que, até hoje, incomoda os municípios, pois se trata de uma exação inconveniente do ponto de vista econômico, tal a forma como incide sobre imóveis como se estes fossem fontes de lucro dos seus proprietários.

Horas e mais horas são necessárias para examinar a contribuição de uma obra alentada sobre a nossa História, como o é esta sob comento.

Eu o fiz.

Há, além desse meu gosto pela sua obra, um traço subjetivo que me une a ANNA AMÉLIA, embora tenha sido pessoa, com quem tive pouco contato. O traço revelador do seu caráter trouxe-me a convivência com o seu marido, JOSÉ VIEIRA NASCIMENTO, cidadão de fino trato e, especialmente, com a sua filha, minha aplicadíssima aluna na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia e minha sucessora, como Procuradora Geral dessa mesma Universidade, ANNA GUIOMAR. Os dois, nesse aspecto subjetivo, aqui, exposto, mantiveram em mim, sempre, a ideia de ANNA AMÉLIA como pessoa nascida no âmbito de famílias do mais significativo espaço social, político e intelectual da Bahia.

Já disse e repito: não comparando comigo, na humildade da minha diferença em relação à grandeza de sua projeção, também, ANNA AMÉLIA dá-me conforto em compor a cadeira sucessória desta cadeira,

Esta Casa, na qual não há especialidade, pode acolher, na sucessão, nessa cadeira, imediatamente, um após outro, um engenheiro/matemático, ELOYWALDO; uma historiadora ANNA AMÉLIA e, em seguida, novamente, um engenheiro/especialista em culinária, GUILHERME RADEL e, agora, um homem de letras jurídicas, que sou eu.

GUILHERME RADEL é este engenheiro/especialista em culinária. Eleito no dia 05 de junho de 2014, tomou posse em 09 de outubro de 2014 com interessante discurso proferido de improviso, quebrando aí, uma tradição dos textos, no que foi seguido pelo discurso de recepção, também, de improviso, proferido pelo acadêmico JOACI GÓES que, coincidentemente, é quem, para minha honra, também me recebe.

Então, de logo, encontro traços de união entre mim e o meu sucedido: somos recipiendários do mesmo confrade; somos professores de unidades de ensino integrantes da Universidade Federal da Bahia — ele professor na Politécnica e eu no Direito, ambos *Professores Eméritos* dessa instituição de ensino superior — e, afinal, tenho a responsabilidade de ter sido professor do seu filho, JULIO, aqui presente, colega de meu filho EDVALDO, no curso de Direito.

Somos, RADEL e eu, conhecedores da cozinha africana, nele revelada pela pesquisa; em mim, pela ingestão diária desses alimentos cuidados, magnificamente, por minha mãe, D. EDITE e, às vezes, obtidos na confecção majestosa da cozinha do terreiro de candomblé.

RADEL foi o maior engenheiro sanitarista da Bahia, em todos os tempos, e, muito provavelmente, o que projetou e coordenou o maior número de obras nessa área fundamental para a saúde dos povos em todo o Continente Americano. Disso é prova sua presença marcante nas obras que empreendeu na Bahia, na maioria dos Estados brasileiros e em vários países da América do Sul, ao longo dos últimos sessenta anos.

São de sua lavra quatro livros de impressão, luxuosamente, cuidada e de conteúdo de grande valia: *A cozinha sertaneja da Bahia*; *A cozinha praiana da Bahia*; *A cozinha africana da Bahia*; *A doçaria da Bahia*.

Essas primorosas publicações trazem, além, de centenas de receitas de comidas, em cada um desses mencionados campos da degustação, valiosas informações sobre o mar e o litoral bahianos; sobre antropologia, história, sociologia, geografia, religião e economia; dentre tantas outras do conhecimento humano.

Suas letras têm incursão no teatro com *A partida*, drama em dois atos; assim como no romance, com o livro *A longa viagem*. O seu gênero literário das memórias produziu *Mamãe e eu no paraíso* e *80 casos vividos*.

O magistério superior deu-lhe oportunidade de demonstrar, além de sua sapiência, também, o seu destemor. Foi o presidente fundador da Associação dos Professores Universitários da Bahia (APUB Sindicato), em circunstâncias que evidenciam a sua intrepidez e servem de alerta para que se repudiem, hoje, as tentativas de reedição de atos oficiais de desrespeito ao Estado Democrático de Direito.

São catastróficas as páginas da História da humanidade escritas por “*homens fortes*”. A democracia só incomoda a eles que são mal formados de sentimento de liberdade, sobretudo da liberdade alheia.

Eis o fato:

RADEL tinha concluído uma aula de sua disciplina, HIDRÁULICA, na Escola Politécnica e se dirigia ao estacionamento de veículos automotores, quando dois agentes do arbítrio, a serviço do autoritarismo que grassava no país, estavam molestado um estudante, com o propósito de conduzi-lo à força, para os porões similares aos “*campos de concentração*”.

RADEL reagiu, à semelhança de outros bravos professores universitários, — como o fez, em outras circunstâncias, CALMON DE PASSOS — buscando impedir a aleivosia. Mas, sentindo-se impotente para sozinho afastar os áulicos ditatoriais, correu até o interior do prédio a procura de socorros junto a colegas que se encontravam reunidos e todos, inclusive alunos, atenderam-no, indo proteger o estudante molestado, fazendo com que os cortesãos do autoritarismo partissem em disparada, típica da covardia do injusto.

RADEL, então, liderou a reação do corpo docente a tais incursões ofensivas à autonomia universitária, promoveu reuniões de seus colegas, disto resultando, em 6 de agosto de 1968, a fundação da **APUB**, objetivando a redemocratização do país e o fortalecimento do ensino das universidades públicas federais.

Mais uma identidade entre mim e ele: a ojeriza a esse movimento praticado por aqueles que desvirtuaram a outorga recebida da Nação para as nobres funções de manutenção da segurança pública, por isso, um comportamento, sempre, passível do justo opróbrio de quantos temos memória dos horrores perpetrados contra a liberdade.

Pois bem:

Tentei, até aqui, desenvolver a idéia síntese de minha resposta a MARINA, minha neta de nove aninhos, criança de uma geração das rupturas, a qual é levada, por isso, a jogar todas as cartas no *empoderamento digital*.

É criança que enfrentará, nessa realidade *virtual*, a anunciada extinção de 54% (cinquenta e quatro por cento) dos empregos formais até o ano de 2026 o que corresponde a 30 (trinta) milhões de vagas.

É criança de um país onde a erradicação da pobreza e da marginalização e a redução das desigualdades sociais e regionais constituem, por mandamento constitucional, objetivos da República e da Federação brasileiras e, por isso, vale lembrar que na região Nordeste grande parte das famílias não tem acesso à *Internet*, porque somente 56% dos prédios estão conectados, a exemplo da Bahia onde 40% dos lares não possuem conexão, seja pelo alto preço dos serviços dos provedores; seja porque eles só se localizam em áreas nobres quanto à demanda e, por isso, até a elas não se estendeu a oferta desses serviços tecnológicos.

Este cenário exige a reflexão e a ação de todas as *forças reais de poder* da *sociedade civil*, aliadas às políticas públicas para, de modo integrado, capacitarem e qualificarem crianças e jovens a serem preparados para usarem a tecnologia em prol da humanidade.

A criança MARINA é bem o símbolo dos novos tempos que convidam esta Academia, uma dessas *forças reais de poder* da *sociedade civil*, a manter-se advertida em relação a esse *empoderamento digital*, pai do “*robocalíptico*”.

Digo manter-se, porque esta Academia já reformulou seu Regimento, inserindo, no Título Primeiro, os Capítulos Décimo Segundo e Décimo Terceiro, que disciplinam a sua atuação nesta era da *Informática*.

**Tentei**, até aqui, explicar aos outros netos queridos, FELIPE, PAULA, ANTÔNIO ALI e LAILA que as minhas noras me presentearam, inclusive com o afeto filial de LEILA — e, agora, falo de jovens — explicar a eles o porque se encontram nesta solenidade: estão, aqui, para exercerem a função de testemunhas de como o avô busca ser digno do AMOR que eles lhe dedicam e

que é recíproco, na medida em que esse avô, em cada uma de suas atividades sociais, preocupar-se com eles e com todos aqueles de sua faixa etária, neste ambiente social, sempre, em transformação, especialmente, no campo econômico, no qual, a cada *planejamento*, põem-se em risco direitos humanos fundamentais, em nome de um *desenvolvimento* que está sendo incapaz de promover o *bem-estar social*.

Bom que esta *Casa* não está alheia ao último desses *planos*, há pouco entregue, pessoalmente, pelo presidente da República no Congresso Nacional.

É que os acadêmicos ARMANDO AVENA e JOACI GÓES são autores de dois comentários publicados, respectivamente, em A TARDE e na TRIBUNA DA BAHIA, por coincidência, do mesmo dia (07.11.2019), externando opiniões proveitosas para um debate, aqui, sobre a verdadeira função dos Municípios sob a ótica dos objetivos republicanos e federativos, acima mencionados; até, na perspectiva da geração “*nem nem*”, isto é, *nem* estuda *nem* trabalha, já atingindo na Bahia, 30% (trinta por cento) da população, ou seja, quase um milhão de pessoas, pelo que a conclusão do acadêmico AVENA é a de que “*aí está boa parte dos motivos que explicam a criminalidade e o uso crescente de drogas*”.

**Tentei**, até aqui, observando a aprovação comunitária, continuar oferecendo aos meus dois filhos, EDVALDO e ANTONIO o exemplo permanente de dignidade, como único bem que lhes transmito como herança.

**Tentei**, até aqui, provar que o *afetivo é o efetivo na vida*, porque, assim, ambos convivemos sob as bênçãos das divindades, nesses 59 (cinquenta e nove) anos, como cônjuges-amorosos ou como amorosos-cônjuges, eu e a amada REGINALDA; ela, a quem, sempre, defino como a *solidariedade em figura de gente*, com os consanguíneos e com os afins. Por isso, sou forte.

**Tentei**, até aqui, ser agradecido pelo apoio dos meus auxiliares, todos representados pela memória dos quase 50 anos de

assessoria e amizade do pranteado CLAUDELINO MIRANDA; pela presença dos quase 40 (quarenta anos) de ajuda de ILZA PINTO DOS SANTOS, 15 (quinze anos) de GUILHERME RODRIGUES DOS SANTOS, 10 (dez anos) de JOSILANE DOS SANTOS SODRÉ DA CONCEIÇÃO e de ROBERTO MACEDO; 06 (seis) anos de CARLOS HENRIQUE SOUZA COSTA; todos eles representando tantos quantos, aqui, não nominados, porém, incluídos nesses agradecimentos, como se estivessem seus nomes, expressamente, neles.

**Tentei**, até aqui, ser digno, caríssimos confrades, dos vossos aplausos de amigos ou de valorosos eleitores que me honraram com o sufrágio e, agora, com a presença nesta solenidade.

**Tentei**, até aqui, justificar o porque do atrevimento de querer sentar-me ao vosso lado, digníssimos confrades, por entender, sobretudo, que será preconceito, filho da ignorância quanto à História desta Casa de ARLINDO FRAGOSO, supor que ela seria, apenas, cenário de reuniões vespertinas para discussões abstratas sobre a coisa nenhuma; discussões alheias — como o faria a avestruz — à tempestade que ocorre em sua volta e que reclama diálogo construtivo através de todos os mecanismos sociais de uma Nação que clama pela concórdia para a preservação dos mais importantes valores, sempre, cultivados nesta Academia.

Entro, aqui, com a história de quem vem enfrentando essa tempestade, a partir da mais desafiante que é a sua própria existência, tendo de sobreviver, desafiando a adversidade que tem sido a sua própria vida.

Queridos confrades, entro, aqui, na nossa Academia, nesta época desse *empoderamento digital*, causador da proscrição dos galicismos, mas, produtor dos anglicismos *internet, facebook, facetime, waze, messenger, instagram, twitter, story, startup, e-mail, whatsApp* e, até, “Prof. Dr.” *Google* que é, desgraçadamente, o contemporâneo pesquisador universitário.

Entro, aqui, queridos confrades, confiado em que comungarei, com todos e com cada qual de vós, sem exceção, no lema desta nossa Academia:

PRESERVAR A MEMÓRIA CULTURAL BAHIANA

**Tentei**, até aqui, não perder a proteção de forças cheias de energia positiva, como a de JOÃO, meu pai e, sobretudo, as de D. EDITE, minha mãe, que me abençoa, permanentemente; por certo, ao ver que não me afastei do seu conselho: “EDVALDO, MEU FIO, TU ESTUDA PARA SER UM GRANDE HOMEM”.

Eis, aqui, vosso filho, entregando-vos mais este troféu: TOMAI, ELE É VOSSO.

Salvador, 29 de novembro de 2019

**EDVALDO** Pereira de **BRITO**

---

Edvaldo Brito é professor, advogado tributarista, jurista com inúmeros livros publicados e político. Foi eleito para a Academia de Letras da Bahia, assumindo a cadeira número 3.



## DISCURSO DE RECEPÇÃO A EDVALDO BRITO

JOACI GÓES

Eminente Confrade Edvaldo Pereira de Brito,

**C**onfesso-vos, de logo, a confortável frustração de quase nada poder dizer a esta culta audiência que aqui vem para vos aplaudir que dela já não seja conhecido. Creio, mesmo, que a grande maioria dos presentes diria a vosso respeito mais e melhor que eu. A decisão, penso, de me cumulardeis com a honraria de responder ao vosso magnífico discurso, em nome dessa honorável Instituição, que ora tenho a honra de presidir, deve-se à ancianidade do nosso afeto que já alcança seis décadas, vindo, portanto de um tempo em que a maioria dos aqui presentes era sequer nascida. A não ser por isso, o Confrade Paulo Furtado, notável como jurista e magistrado que honrou o Tribunal de Justiça da Bahia, como Desembargador e seu Presidente, bem como conquistou o respeito e admiração dos seus pares no Superior Tribunal de Justiça, e o jovem jurisconsulto Freddie Didier, de cuja qualificação como jurista nacionalmente festejado, o seu mestre Paulo Furtado tanto se orgulha, seriam os porta-vozes naturais desta Academia que vos acolhe, festivamente, por serem eles, como vós o sois, juristas notáveis. O agraciado dessa honraria poderia ser, também, o confrade Aleilton Fonseca, escritor dos melhores, culto professor de literatura e promotor cultural, de primeira grandeza, que abraçou a vossa indicação com o fervor de cristão novo, a ela dedicando o melhor do seu entusiasmo e vigor

argumentativo. Sem mencionar o Professor Roberto Santos, nosso inquestionável *primus inter pares*.

Começo, afirmando, sem titubeios, que o mais impressionante desta noite é o registro de vosso tão tardio ingresso em nosso sodalício, motivo da reiterada indagação, por amplos segmentos da sociedade, das razões pelas quais a ela ainda não pertencíeis desde há muito. Melhor assim! Ultrajante seria o oposto!

A verdade que não quer calar é que são poucos, entre as duas centenas de nomes que, ao longo da História, ocuparam as 40 cadeiras deste sodalício, os que aqui chegaram ancorados numa biografia tão rica e diversa quanto a vossa. Penso que, entre esses nomes raros, a excepcional biografia de Orlando Gomes seja a que guarda maior similitude com a Vossa, fato em que não me parece haver qualquer coincidência, senão um resultado por vós perseguido, a partir da honra e do privilégio que tivestes de ter sido aluno e amigo do grande mestre do Direito que a Bahia deu ao Brasil, compondo a insuperável tríade, iniciada por Teixeira de Freitas, o grande codificador de nosso sistema legal, e secundada pela personalidade solar de Ruy Barbosa. Esse trio baiano passa, agora, a quarteto com o vosso ingresso nesta companhia!

Além de festejado advogado, professor emérito e autoridade nacionalmente consagrada como doutrinador, nos campos de vossa especialidade jurídica, preclaro confrade Edvaldo Brito, guardais com o Mestre Orlando o paralelismo de ter o braço ligado ao cérebro, de tal modo vos distinguis, como ele, no manejo simultâneo da teoria como da práxis. Quem mais, além de vós, ao lado dele, realizou obra jurídica de tamanha expressão, paralelamente ao desempenho de tantas e tão relevantes atribuições no plano do pragmatismo existencial? Mestre Orlando deixava a todos mesmerizados com a operosidade de um desempenho que mais parecia obra de uma equipe multidisciplinar. Nos últimos trinta anos da

vida do Grande Mestre, além de seu vizinho de residência no Jardim Boa Vista de Brotas, fui o seu amigo mais próximo, fora do âmbito familiar. Como exemplo, ao lado de impecável magistério e produção de densa obra jurídica, concorrendo com ininterrupta ação advocatícia, produção de pareceres e marcante presença na mídia escrita, dirigiu a Faculdade de Direito, exerceu o vice-reitorado, com frequentes substituições do titular, Edgar Santos, presidiu a Federação Baiana de Futebol, a Associação Comercial da Bahia e uma empresa bancária que se expandiu sob o seu comando, sem que jamais alguém o tenha flagrado com um fio do cabelo fora do lugar, um gesto abrupto ou com ares de pressa. Orlando Gomes foi a serenidade personificada.

A vosso jeito peculiar, Confrade Edvaldo Brito, percorrestes o mesmo caminho, alcançando as culminâncias como dos maiores tributaristas brasileiros, com obra tão copiosa quanto qualificada, paralelamente ao exercício de atribuições intensamente demandantes de atenção quase exclusiva, como a gestão de Salvador, a terceira maior cidade do Brasil, ou das finanças do terceiro maior orçamento da República que é o da cidade de São Paulo, além da assunção de várias secretarias de Estado, na Bahia de todos nós.

Sejamos didáticos: Desde 1987, chefiais, na Bahia e em São Paulo, o escritório de advocacia EDVALDO BRITO & ADVOGADOS ASSOCIADOS; Fostes Prefeito de Salvador em 1978 e 1979; Secretário dos Negócios Jurídicos do Município de São Paulo, de 1997 a 2001; Secretário de Estado da Bahia, por quatro vezes, em diferentes governos, ocupando as pastas da Saúde, Educação, Justiça e de Assuntos Estratégicos do Estado da Bahia. Vice-Prefeito de Salvador de 2009 a 2012.

Quem, no Brasil inteiro, dedicou tanto tempo e energia ao campo da práxis, enquanto realizava obra acadêmica das dimensões da vossa? E culminando essa marcha prodigiosa,

num gesto revelador da mescla de grande humildade com imensurável amor à vossa terra, fizeste-vos vereador, pontificando no mais antigo parlamento do Continente Americano, a cavaleiro da Praça do Poder de Matriz Europeia, igualmente, o mais ancião do Novo Mundo, sendo reconhecido, unanimemente, como o mais ilustre entre os sessenta mil vereadores dos 5.570 municípios brasileiros! Esta caminhada portentosa ganha foros de verdadeira saga épica, quando sabemos que todo o vosso capital inicial se esgotava nos valores do berço que recebestes de Seu João e D. Edite que, com lucidez profética, antecipando-se à sociedade do conhecimento que se instalaria 40 anos depois do vosso nascimento, resumiu categórica: -“Estuda meu filho, porque fora do estudo não há salvação”. É verdade que nada supera a força inspiradora de um berço honrado, ainda que pobre. É de não se olvidar, porém, que nascestes com imensurável passivo social, “um defeito de cor”, para lembrar o épico romance de Ana Maria Gonçalves, jovem mulher negra, nascida em Ubá, Minas Gerais, tendo como tema as vidas de Luiza Mahim e seu filho Luiz Gonzaga Pinto da Gama, campeão na defesa das populações negras das mesmas dimensões de Nelson Mandela. Esse “defeito de cor”, que a tantos abate, a ponto de estiolar o avanço, operou, em vosso caso, como a nota de advertência permanente, da mesma natureza daquela que tem sido a base da ascensão do sofrido povo judeu, ao longo da História: “Se quiserdes vencer, haveis de ter sempre em mente que tereis que fazer pelo menos o dobro dos vossos contendores”. O cumprimento dessa desigual medida de mérito, por mais paradoxal que pareça, tem sido, também, a causa do avanço social da mulher moderna, no mundo, em geral, e no Brasil, em particular, País em que a participação feminina na construção da história foi a que mais cresceu nos últimos 50 anos. Basta ver a crescente superioridade numérica da mulher, na conquista de graus universitários, no Brasil, nos últimos cin-

coenta anos. Essa superioridade alcançada, pela primeira vez, em 1969, nunca parou de crescer, fato que, apesar de todas as discriminações que ainda sofre, a mulher brasileira já alcança os homens na liderança da produção da renda familiar.

O psicólogo e psiquiatra húngaro Mihaly Csikszentmihalyi, (1934-), expoente da Universidade de Chicago, a partir de sua dolorosa experiência como sobrevivente da Segunda Grande Guerra, desenvolveu interessante estudo em que concluiu que os grandes construtores do progresso humano são egressos, majoritariamente, da minoria dos que nasceram no fausto da segurança e da riqueza ou na escassez e adversidades da pobreza, sendo muito reduzida a contribuição dos emersos da classe média. Curiosamente, por razões distintas, a maioria dos que provêm do fausto se deixa corromper pelas maciezas da abundância, enquanto a maioria dos pobres se deixa esmagar pelo peso das dificuldades. A minoria dos ricos de origem, porém, desobrigada de lutar pela sobrevivência, tocada pelo chamado da vocação, esplende no protagonismo de feitos memoráveis. No outro extremo, a minoria dos de berço difícil, pela escassez ou preconceito, faz de cada pedra drummoniana que encontra à frente do caminho a matéria prima para a construção de catedrais.

Entrastes, pois, no picadeiro da vida, de mãos vazias para digladiar com cavaleiros fortes e bem armados, contendas mediadas por césores, predispostos a vos negar o benefício da dúvida. Muito provavelmente, a cada passo dessas inúmeras disputas, quando o desânimo chegou a bater à vossa porta, ouvistes ecoar na alma a precisa advertência do venerável pai João: “Edvardo, meu fio, tu estuda para ser um grande homem”. Foi quando aprendestes a fazer de cada uma das quedas “um passo de dança”, como definiu Fernando Sabino, daí nascendo a decisão de reuni-las todas na composição do harmonioso conjunto alegórico que compõe vossa rica biografia.

Nada como um movimento de cada vez para assegurar o êxito de uma longa travessia. É verdade que todo conjunto de passos exitosos assegura a dinamização do ritmo, com segurança, a cavaleiro dos riscos de contusões. Por isso, tivestes a cautela de dardes tempo ao tempo, concluído o curso de Direito, em 1962, em que fui vosso calouro, de modo a vos preparar para uma lide desigual que ignorava o preceito aristotélico da observância do tratamento aos desiguais na medida em que se desiguam, conforme conceito definitivo da igualdade dialética pregado por Rui na Oração aos Moços, em março de 1921: “A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida em que se desiguam. Nesta desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. O mais são desvarios da inveja, do orgulho ou da loucura. Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante, e não igualdade real. Os apetites humanos conceberam inverter a norma universal da criação, pretendendo, não dar a cada um, na razão do que vale, mas atribuir o mesmo a todos, como se todos se equivalessem”. Deixastes transcorrer vinte e cinco anos de vossa formatura para abrir o Escritório de advocacia em São Paulo.

Registrem-se, como um dever de nos situarmos à altura do privilégio que ambos tivemos, e em merecida homenagem a eles, os nomes que compuseram o magistério notável da Faculdade de Direito que cursamos, parte na Av. Joana Angélica, onde hoje se instala a sede da OAB, e parte na Rua da Graça, onde se edificaram as novas instalações, de cuja solenidade inaugural fostes orador, a 27 de maio de 1961, como presidente do CARB, Centro Acadêmico Ruy Barbosa, representando o alunado: Augusto Alexandre Machado; Antônio Luis Machado Neto; Adalício Coelho Nogueira; Nelson de Souza Sampaio; Nestor Duarte; Aliomar Baleeiro; Sylvio dos

Santos Faria; Aloísio de Carvalho Filho; Josafá Marinho; Raul Affonso Nogueira Chaves; Aderbal da Cunha Gonçalves; Jayme Junqueira Ayres; Milton Tavares; Evandro Balthazar da Silveira; José Joaquim Calmon de Passos; Edson O’Dwyer; Pedro Manso Cabral; José Martins Catharino; Elson Gottschalk; Lafayette de Azevedo Pondé; Adhemar Raimundo da Silva; Luiz Viana, pai e filho; José Lima; Estácio Luiz Valente de Lima; Gilberto Valente, pai e filho; Albérico Fraga; Carlos Fraga; Demétrio Tourinho; Almir Tourinho e Auto José de Castro que a 22/04/2002, aos 78 anos foi vítima de parricídio que comoveu o Brasil.

Vossa longeva advocacia, acentuadamente nos foros da Bahia e São Paulo, também em Brasília, perante os tribunais superiores, é de mérito reconhecido nos campos do Direito Empresarial, Tributário, Administrativo, Direito Civil e Direito Constitucional, no que seguistes o conselho matriz de Mestre Orlando para buscar a transversalidade do conhecimento jurídico, meio indispensável a operar cada um dos campos epistemológicos do Direito, sem perda da visão de sua unicidade sistêmica. Recordo-me da especial confiança que o Mestre Orlando depositava em vosso futuro, a ponto de vencer sua conhecida discricção encomiástica para me dizer que serieis um grande jurista, prognóstico que, em vida testemunhou e que hoje se afirma, até, no trabalho que realizais de atualização de sua vasta obra às exigências de um sistema legislativo em contínua mutação.

Os títulos acadêmicos que tendes conquistado, eminente amigo, avalizam, concomitantemente, o prestígio universitário do professor e do advogado de grife que não fez e não faz concessões mínimas que sejam a elevados preceitos éticos. De um lado o advogado brilhante, do outro, em perfeita sinergia, o professor, confessadamente apaixonado pelo magistério, o mais nobre dos ofícios humanos, hoje, mais que nunca, porquanto a humanidade passou a viver, pela primeira vez

em sua história, na sociedade do conhecimento em que estamos inapelavelmente imersos. Assim, os títulos foram se acumulando: Pós Graduação e Mestrado em Direito Econômico, pela Universidade Federal da Bahia; Pós graduação, Docência e Doutorado em Direito Tributário pela USP - Universidade de São Paulo; Professor Titular de Legislação Tributária, na USP - Universidade de São Paulo; Professor Titular de Direito Civil, na Faculdade de Direito na USP - Universidade de São Paulo; Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia, lecionando Direito Constitucional e Direito Tributário no curso de pós-graduação (Mestrado/Doutorado). Professor Emérito da Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, onde lecionastes Direito Tributário, na pós-graduação e Direito das Obrigações, no curso de graduação.

Vossa chegada, na festa desta noite, à casa de Arlindo Fragoso foi antecedida, entre outras, pela Academia Brasileira de Letras Jurídicas, Academia Brasileira de Direito Tributário, Academia Nacional de Economia, Academia de Letras jurídicas da Bahia, Academia Internacional de Direito e Economia, importantes entidades que vos acolheram, como nome de proa, em seus quadros. Não seria para menos, diante da reputação que construístes a partir da monumental obra que produzistes em revistas especializadas e dezenas de livros, nos campos do Direito Público e Privado, abrangendo o Tributário, o Econômico, o Administrativo e o Direito Civil, todos regidos pela batuta maior do Direito Constitucional que operais com maestria. Em caráter exemplificativo, mencionemos alguns clássicos de Vossa lavra: *Problemas jurídicos do ICM; O desenvolvimento econômico e os sistemas tributário e fiscal; O conceito tributo; Decadência e prescrição tributárias no direito brasileiro; Tributos sinalagmáticos e contribuições na legislação brasileira; A teoria do contrato e o contrato com pessoa a declarar no projeto de código civil; Manual de iniciação ao direito; A licitação no serviço público; Limites da revisão constitucional; Reflexos jurídicos da atuação*

*do Estado no domínio econômico: desenvolvimento econômico, bem-estar social; Direito Tributário: Imposto, Tributos Sinalagmáticos, Contribuições, Preços e Tarifas, Empréstimo Compulsório; Direito Tributário e Constituição: Estudos e Pareceres.*

No plano da cidadania privada, vossa biografia guarda estreita paridade com o elevado plano de vossa vida pública e acadêmica, como administrador, advogado e como renomado jurista, bastando, para tanto, apontar, a bela família que edificastes com a irrepreensível companheira de toda a vida, a reconhecidamente capaz cultora do Direito, Reginalda, com quem tivestes os filhos, Edvaldo, vosso associado na advocacia, e o secundogênito Antônio, Tony, para os íntimos, parlamentar federal que honra o Congresso Nacional. É de confiar-se que a neta Marina, inspiradora do vosso antológico depoimento desta noite, a partir da sensibilidade que exhibe para levantar precocemente grandes questões, estará à altura de levar adiante a tocha dessa nova família que inicia mais uma linhagem de caráter aristocrático, na acepção helênica do termo. A maturidade que já revelam vossos netos, além de Marina, Felipe, Paula, Antônio Ali e Laila, que oscilam entre a infância e a adolescência, é garantia dessa descendência frutuosa.

Vossa fidelidade aos valores culturais e religiosos de matriz africana pode ser resumido na ativa militância, a partir deles, de que é prova a coordenação da II Conferência Mundial da Tradição dos Orixás e Cultura, em junho de 1983, em que Mãe Stella, que juntos pranteamos em Madri, naquela noite de saudade, em 27 de dezembro do ano passado, teve marcante protagonismo. Sois o *Baba Egbé do Ilê Iyá Omi Àse Iyámásé*, do Terreiro do Gantois, em que Mãe Menininha reinou absoluta. Sobre a prática de religiões de matriz africana no Brasil, é imperioso lembrar que Lidivaldo Reaiche Britto escreveu obra definitiva: *A proteção legal dos terreiros de candomblé: da repressão policial ao reconhecimento como patrimônio histórico-cultural.*

É por tudo isso, preclaro confrade Edvaldo Brito, que não teríamos ninguém tanto quanto vós qualificado para sentar na cadeira de n° 3, tão exemplarmente dignificada pela plêiade de notáveis que há pouco biografastes com esmero, vaga em razão da dolorosa partida de seu último ocupante, o legendário polígrafo Guilherme Requião Radel, cuja bela família comparece, ainda enlutada, para vos aplaudir, por, declaradamente, reconhecer em vós méritos compatíveis com o ilustre e pranteado morto.

Radel foi, no consenso unânime dos colegas, na profissão e no magistério, o maior engenheiro sanitarista da Bahia, em todos os tempos, e, muito provavelmente, o brasileiro que projetou e coordenou a realização do maior número de obras nessa área fundamental para a saúde dos povos, na Bahia, no Brasil e no Continente Sul Americano, ao longo dos últimos sessenta anos. A mais disso, deixou a marca de ser o maior polígrafo brasileiro, como tivemos ocasião de escrever, em duas oportunidades. A primeira, em 2012, para chamar a atenção dos confrades para o seu nome, de conhecimento público muito abaixo de seu inquestionável e elevado merecimento. A última, na sequência do seu falecimento a 12 de janeiro passado, quando, sem temor de erro, dissemos ter sido ele o maior polígrafo da atualidade, quiçá de todos os tempos, na Terra de Santa Cruz, em razão de sua obra múltipla e verdadeiramente davinciana. Por seu apego à Bahia pagou elevado preço. Se tivesse ouvido o meu conselho, como João Ubaldo Ribeiro ouviu, teria auferido nos centros de decisão do País uma aura de prestígio que o ambiente provinciano da Boa Terra costuma negar a alguns dos seus filhos verdadeiramente grandes.

Pouco antes de nos deixar, Radel confessou haver vivido um instante de inefável alegria ao ouvir do confrade Aramis Ribeiro Costa, ex-presidente desta casa e notável escritor as seguintes palavras a mim dirigidas: -“Confrade Joaci,

se você não fizer nada por esta Academia, sua iniciativa de nos trazer Guilherme Radel para o nosso convívio constitui marcante contributo de sua presença entre nós”.

É, portanto, cheio de confiança que me dirijo a vós, confrade Edvaldo Brito, que vos encontrais em tão elevada cumeada existencial, para vos pedir que someis vossa voz poderosa à da Presidência dessa casa, para fazer ecoar pelos quatro cantos da Bahia e do Brasil, que são dois, apenas, dois, os grandes obstáculos que se contrapõem à redução das gritantes desigualdades que nos infamam aos olhos do mundo, e dentro desse quadro de pantanosa desigualdade, o panorama, ainda mais gritante, das desvantagens sociais que bitolam, segregam e estiolam a marcha de nossa negritude no sentido de sua substantiva emancipação material: acesso a educação de qualidade e acesso a saneamento básico, também de qualidade.

Os dados falam por si mesmos. Detentor de um dos dez maiores PIBs do mundo, o Brasil claudica na 80ª posição em matéria de educação, considerada em seu conjunto, do ensino fundamental ao universitário. Com uma universidade pública entre as mais caras, não conseguimos que uma sequer de nossas unidades consiga assento, permanente, entre as duzentas melhores do Planeta. A USP, a mais bem posta, ora entra, ora sai do time das duzentas melhores. Ultimamente, sai mais do que entra, consequência da primária gramscização da educação brasileira, em todos os níveis. Como corolário, o País cuja população representa três por cento da população global, contribui com, apenas, dois por cento das pesquisas, fato caracterizador de nossa baixa operosidade nessa área. Mais grave, ainda: o impacto dessas poucas pesquisas em nosso desempenho econômico, em escala mundial, é ainda mais decepcionante, quando se verifica que o Brasil participa com apenas um por cento das trocas internacionais. Deficiência, por cima de deficiência. E nesse panorama de desigualdade, a posição dos negros que representam 54% da população brasileira é ainda mais vexatória. Se não, vejamos:

1. Os 54% da população negra brasileira comparecem com 78% dos 10% da população mais pobre do País;
2. No outro extremo, entre os que compõem o universo privilegiado da população mais rica, os negros comparecem com, apenas, 17,8%;
3. A causa desse handicap social está no acesso à educação: enquanto 22,2% da população branca têm 12 anos ou mais de estudos, os negros têm, apenas, 9,4%;
4. Segundo dados de 2016, com 9,9% de analfabetos, os negros tinham mais do dobro da população branca;
5. A taxa de desemprego dos dois grupos étnicos também reflete essa diferença de acesso a educação: 13,6% para os negros e 9,5% para os brancos;
6. A renda mensal média vai pelo mesmo caminho: R\$ 1.570 para os negros e R\$ 2.814 para os brancos;
7. Entre os concluintes de mestrados e doutorados, os números são ainda mais acachapantes. Na USP, entre os professores do ensino superior, os negros representam, apenas, 1,8%;
8. O negro corre oito vezes mais o risco de ser assassinado do que o branco, bem como um risco muito maior de vir a delinquir, fato que explica a elevada percentagem de negros encarcerados.

Desses dados, de veracidade tão esclarecedora, constantes do primeiro volume da tríade *Escravidão*, de Laurentino Gomes, a maioria da população negra brasileira não tem adequado conhecimento, em razão do discurso populista de todos os matizes que na prática de nossa vida política, com as exceções que confirmam a regra, coloca os interesses da próxima eleição acima dos interesses da próxima geração.

Quanto ao significado do acesso a saneamento básico de qualidade, para a vida das pessoas, os números, igualmente, falam com dolorosa eloquência. O Instituto Trata Brasil constatou, através estudo de campo realizado pela pesquisadora Denise Kronemberger, que os gastos com saúde pública junto às populações de nenhum ou precário acesso a saneamento básico são, em média, três vezes maiores do que os despendidos com populações dotadas de bom saneamento. Fato que demonstra ser o investimento nessa área de elevado retorno, não apenas social, como econômico, tendo em vista a redução dos gastos com saúde. A Oxfam(Oxford Famine), fundada na Inglaterra, em 1942, uma confederação que reúne 90 ONGs, dedicadas ao estudo da desigualdade no mundo, em publicação de oitenta páginas, denominada de *A distância que nos une*, revelou que enquanto a média de vida no bairro popular Tiradentes, na periferia da cidade de São Paulo, destituído de saneamento básico, é de, apenas, 54 anos, essa média sobe para 79 anos, no bem infraestruturaído bairro de Higienópolis. Como o déficit de saneamento no Brasil atinge metade da população, predominantemente pobre, concluímos que, também, aqui, os negros são as maiores vítimas.

Aí estão, em resumida síntese, os fundamentos pelos quais considero a deficiência de educação e de saneamento básico os elementos constitutivos do calcanhar de Aquiles das populações pobres, em geral, e das negras do Brasil, em particular. E este panorama tende a ainda mais se agravar, se não priorizarmos essas duas demandas imprescindíveis, educação e saneamento, na medida em que a extrapolação de análises confiáveis aponta para a crescente obsolescência do trabalho apoiado, apenas, na força física. Se essas mesmas projeções concluem pelo desaparecimento de grande número de empregos que demandam nível superior, imagine-se o que não poderá suceder com tantos empregos de hoje, apoiados na energia física, cujo desempenho não exige maiores conhecimentos, e

facilmente substituíveis por robots. Yuval Noah Harari que o diga em seu livro *21 lições para o Século XXI*.

Penso, eminente Confrade Edvaldo Brito, que um dos grandes males de nossa hipocrisia social consiste em manter as populações negras encharcadas de um vitimismo que lhes deprime o ânimo e a autoestima, fator que, sem dúvida, como é do conhecimento mais elementar da psicologia individual e das massas, representa pesado fardo ao seu crescimento e avanço social. Tenho constatado que poucos são, no Brasil, entre os detentores de nível superior, os que sabem que jamais houve um período da história humana sem que a torpe prática da escravidão não estivesse presente. Curiosamente, a escravidão de negros resultou mais famigerada do que as demais em razão, apenas, da cor da pele, distinta da pele dos senhores, quando ao longo da história, as populações brancas foram as mais dura e longamente escravizadas, de que a escravização do povo judeu no Egito e na Babilônia é o exemplo mais visível. O próprio termo escravo vem da palavra latina *slavus*, para designar as populações louras de olhos azuis, do Mar Báltico, verdadeiro celeiro milenar do fornecimento de escravos desde a mais remota antiguidade até meados do Século XV. Ainda hoje, há cerca de quarenta milhões de escravos no mundo, segundo a ONG britânica, a Anti Slavery International, sucessora da British Anti Slavery Society, fundada em 1823. Mais de três vezes, portanto, os 12,5 milhões de escravos importados da África para o Continente Americano, incluídos 5 milhões para o Brasil, ao longo dos 350 anos de duração da chaga da escravidão nesta parte do mundo. Segundo essa mesma fonte, cerca de um milhão de indivíduos ainda são vendidos anualmente, vivendo inteiramente segregados de suas pátrias e afeições.

É verdade que o Brasil, em 1888, foi o último país, no Continente americano, a eliminar a escravidão, dois anos, apenas, depois de Cuba. O que não se propaga é que a Etiópia

só em 1942 aboliu-a, formalmente; o Marrocos, em 1956; a Arábia Saudita, em 1962, e a Mauritânia, em 2007. Nunca li qualquer referência sobre esses fatos, na mídia brasileira ou no discurso dos antropólogos, informações importantes para os negros brasileiros compreenderem que, como eles ou nós, não há uma só pessoa entre os sete bilhões de habitantes do Planeta que não tenha entre os seus ascendentes senhores e escravos.

Temos que proscrever o vitimismo reinante, nascido de um falso determinismo eleitoral, que alimenta a crença de que as populações pobres, em geral, e os negros, em particular, só têm vez quando se tornam alvo de políticas messiânicas de falsos salvadores da Pátria, quando o que, na realidade, fazem esses demagogos é usar em favor da realização de suas aspirações de poder a ingenuidade da alma popular, levando-a a crer em sua tutela salvadora. Não, não há registro na história dos povos de conquistas populares que tenham resultado da exclusiva boa vontade de dirigentes iluminados, tocados pela chama divina da generosidade ou da caridade. O que se registra, desde sempre, são conquistas que nascem de ações determinadas e bem articuladas, compatíveis com as características de cada tempo histórico.

Sou francamente favorável ao que poderíamos denominar de discriminação positiva, consistente na introdução de políticas compensatórias, para reduzir desigualdades. Nunca, porém, em tempo algum mediante a ruptura de princípios meritocráticos, como tão bem reconhece Thomas Sowell, o schollar negro norte-americano, autoridade mundialmente reconhecida no campo das ações afirmativas. Com os mesmos recursos hoje despendidos no sistema de cotas para assegurar vaga para alunos egressos do ensino público, poderíamos oferecer o dobro ou mais das vagas, sem a ruptura existente que mais cedo ou mais tarde termina por produzir resultados distintos dos desejados, no conhecido efeito boomerangue.

Bastaria assegurar ao aluno bolsa na unidade de ensino onde ele fosse aprovado. Como o custo médio do ensino privado representa um terço do custo do ensino público, o número dos estudantes pobres beneficiados, de maioria negra, seria sensivelmente maior do que o atual, sem comprometer, ainda mais, a qualidade da Universidade Pública Brasileira.

Para finalizar, eminente confrade, podemos ficar aqui mesmo, no território nacional, para buscarmos exemplos inspiradores em personalidades que, como vós, não se deixaram imobilizar pelas ostensivas dificuldades que se lhe antepuseram, desde o berço, e exibiram ao País e ao mundo o esplendor de seus virtualmente ilimitados poderes de superação.

O Aleijadinho é um bom começo. Filho de escrava, com um arquiteto português, ergueu-se aos olhos da posteridade como o Michelângelo brasileiro. O Marechal Rondon, filho de índios, etnia igualmente discriminada, é personalidade tutelar da integridade territorial do Brasil. E o que dizer de Machado de Assis, reputado o nosso escritor mais completo? E de Luís Gonzaga Pinto da Gama, filho de Luísa Mahim, o maior líder na luta contra a escravidão que o Brasil pouco conhece? E de Lima Barreto, o notável romancista, morto aos 41 anos? E do Visconde de Mauá e de Amador Aguiar que, oriundos da maior pobreza, se transformaram nos maiores empresários do Continente Sul-americanos em suas respectivas áreas de atuação? E do gênio sergipano, Tobias Barreto? E o poeta simbolista, catarinense, Cruz e Souza? E o psiquiatra Juliano Moreira? E Manuel Querino? E Ernesto Carneiro Ribeiro, primeiro ocupante da cadeira em que me sento, professor de Castro Alves, Rui Barbosa e Euclides da Cunha? E os notáveis engenheiros que a Bahia deu ao Brasil, Teodoro Sampaio, e os irmãos André e Antonio Rebouças? E Alberto Guerreiro Ramos, o notável sociólogo? E o geógrafo Milton Santos? E minha querida professora Belmira Santiago que me ensinou a amar a língua portuguesa? E o historiador Francisco da Conceição Menezes? E o Padre Sadoc,

que alcançou as culminâncias da oratória sacra? Pastinha e meu professor Mestre Bimba, com a mescla da Capoeira de Angola e a Regional, compuseram a ginga que resultou no espetáculo coreográfico de maior curso universal. E Mamede Paes Mendonça que, não obstante sua baixa escolaridade revolucionou o comércio varejista brasileiro? A lista, certamente, ultrapassa os limites deste depoimento.

Muito rica, embora, a vossa, Caro Confrade Edvaldo Brito, é, ainda, uma biografia inacabada, de tal modo a saúde física e intelectual esplendem no outono luminoso de vossa vida. Sem dúvida, soubestes vos colocar à altura do desafio de vossa venerável mãe, D. Edite, que vos serviu de estímulo e roteiro, ao advertir, profética conselheira: Edvardo, meu fio, tu estuda para ser um grande homem”!

Vós vos haveis transformado, verdadeiramente, num grande homem, caro Confrade Edvaldo Pereira Brito. E é por isso que, em nome da Academia de Letras da Bahia, estendo sobre os vossos ombros o manto da imortalidade. Sede bem vindo ao nosso eterno convívio!!

Joaci Góes, sexta-feira, 29/11/2019.

---

Joaci Góes é bacharel em direito, escritor, orador, político, empresário e consultor educacional. Foi deputado federal constituinte de 1988, tendo sido o relator do Código de Defesa do Consumidor. Entre outras obras, publicou os ensaios *A força da vocação no desenvolvimento das pessoas e dos povos* (2009), e *(as) 51 personalidades (mais) marcantes do Brasil* (2014). Desde 2009 ocupa a Cadeira número 7 da ALB.

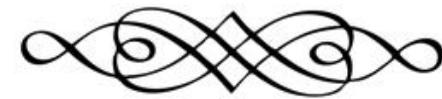


# Diversos

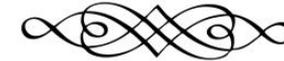
Efemérides

Quadro Social

Endereço dos acadêmicos



## Efemérides 2019



### Março

21 – 19h – Sessão especial de abertura do ano acadêmico compreendendo a seguinte solenidade: Posse da diretoria biênio 2019/2021; lançamento da Revista da Academia de Letras da Bahia nº57. 230p

28 - 17h - Sessão ordinária com a presença dos acadêmicos: Joaci Góes (presidente), Gerana Damulakis, Fredie Didier Jr., Yeda Pessoa de Castro, Evelina Hoisel, Carlos Ribeiro, Aramis Ribeiro Costa, Paulo Ormino e Nelson Cerqueira para sessão regimental em homenagem póstuma aos acadêmicos: Maria Stella de Azevedo dos Santos (Mãe Stella de Oxóssi) e Guilherme Radel. 12p

29 -14h – Seminário: *Ciclo de Palestras Cidade do Salvador – 470 anos de história através dos séculos* – Coordenador: Francisco Senna. 30p

### Abril

04 – 17h – Sessão de posse do escritor Marcus Vinícius Rodrigues na Cadeira nº28, de que foi último ocupante a acadêmica Suzana Alice Cardoso, o confrade foi saudado pela acadêmica Gláucia Lemos.153p

05 – 14h – Seminário: *Ciclo de Palestras Cidade do Salvador – 470 anos de história através dos séculos* – Coordenador: Francisco Senna. 30p

11 – 17h - Sessão ordinária com a presença dos acadêmicos: Joaci Goés (presidente), Fredie Didier Jr., Evelina Hoisel, Aleilton Fonseca, Carlos Ribeiro e Aramis Ribeiro Costa com a seguinte pauta: Ida de um acadêmico para Curitiba representando a ALB no Fórum das Academias Estaduais de Letras, eleição para novo membro correspondente da ALB, Rogério Farra Tavares (Academia Mineira de Letras).9p

12 - 14h – Seminário: *Ciclo de Palestras Cidade do Salvador – 470 anos de história através dos séculos* – Coordenador: Francisco Senna. 36p

17 – 14h – Lançamento dos livros infantis: *A estrelinha atrapalhada* e *O livro falante*, de Noélia Barreto Bartilotti, lançamento dos livros *Favela Gótica*, de Fábio Shiva e *Alameda dos algodões flutuantes*, de Mogg Mester. 73p

23 – 18h – Lançamentos dos livros: *Histórias de mais ou menos amor* e *Noite alta céu risonho* do escritor e acadêmico Aramis Ribeiro Costa. 65p

24 – 14h – Debate: *Uma nova educação para o Brasil*, tendo como objetivo propor medidas para melhorar a educação brasileira parceria entre ALB, Academia de Ciências da Bahia, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, a Associação Baiana de Imprensa, a Ordem dos Advogados do Brasil/Bahia, a Academia de Letras Jurídicas, a Federação das Indústrias, a Federação do Comércio, a Academia de Letras e Artes de Salvador, o Grupo Kirimure e o Programa Saúde no Ar. 55p

25 – 17h- Sessão ordinária com presença dos acadêmicos: Joaci Góes (presidente), Aramis Ribeiro Costa, Paulo Ormindó, Ordep Serra, Gerana Damulakis e Marcus Vinícius Rodrigues para debater as metas da Academia de Letras da Bahia para 2019-2020.7p

26 - 14h – Seminário: *Ciclo de Palestras Cidade do Salvador – 470 anos de história através dos séculos* – Coordenador: Francisco Senna.19p

## Maio

02 – 18h – Sessão especial em homenagem póstuma à acadêmica Maria Stella de Azevedo dos Santos (Mãe Stella de Oxóssi), tendo como oradora a acadêmica Yeda Pessoa de Castro.70

03 - 14h – Seminário: *Ciclo de Palestras Cidade do Salvador – 470 anos de história através dos séculos* – Coordenador: Francisco Senna. 39p

06 – 14h – Minicurso: *Literatura, arte e direito*. Coordenador: Nelson Cerqueira 23p

07 – 14h - Minicurso: *Literatura, arte e direito*. Coordenador: Nelson Cerqueira 23p

08 – 14h – Minicurso: *Atualidades na Teoria dos Recursos Cíveis*. Coordenador: Fredie Didier 74p

09 – 17h – Sessão ordinária com a presença dos acadêmicos: Joaci Góes (presidente), Aramis Ribeiro Costa e Carlos Ribeiro para palestra do acadêmico Joaci Góes tendo como tema: Os hábitos dos vencedores.10p

16 – 17h – Sessão ordinária com presença dos acadêmicos: Ordep Serra (presidente em exercício), para palestra do acadêmico Armando Avena com o tema: *A mulher, a religião e os direitos humanos* e sessão de autógrafo do livro *Maria Madalena: o evangelho segundo Maria*.7p

23 – 18h30min – Promoção do I Intercambio Cultural Espanha-Brasil, com palestra do escritor Javier Moro abordando seu processo criativo em suas obras literárias.90p

30 – 20h – Sessão Especial de Posse do artista plástico Juarez Marialva Tito Martins Paraíso na cadeira número 39, tendo como último ocupante o acadêmico Edivaldo Machado Boaventura e que tem como patrono Francisco de Castro, saudado por Paulo Ormindó de Azevedo.157p

## Junho

01 – 18h – Lançamento e sessão de autógrafos do livro *Construa sua sorte*, da escritora Marilene Fernandes.36p

04 – 17h – Sessão Ordinária com a presença dos acadêmicos: Joaci Goes (Presidente), Roberto Santos, Glaucia Lemos, Dom Emanuel d'Able do Amaral, Gláucia Lemos, Paulo Furtado, Aramis Ribeiro, Gerana Damulakis, Paulo Costa, Paulo Ormino, Fredie Didier, Juarez Paraíso, Edilene Matos, Luís Antonio Cajazeira, Ordep Serra, Fernando Peres, Carlos Ribeiro, Urania Peres e Evelina Hoisel com a seguinte ordem do dia: 1º expediente, 2º Conversa informal entre os acadêmicos para sucessão da cadeira n 33. 18p

06 – 18h – Sessão Especial em homenagem póstuma ao acadêmico Guilherme Requião Radel (1930-2019) tendo como orador acadêmico Joaci Góes. 32p

13 – 17h – Sessão de eleição para indicação de candidato a cadeira n° 33, da qual foi a última ocupante a saudosa acadêmica Maria Stella de Azevedo dos Santos (Mãe Stella de Oxossi). 25p

27 – 17h – Sessão Ordinária com a seguinte ordem do dia: 1. Expediente, 2. 1º Grupo de leitura da Literatura Afro-Brasileira, 3- Abertura da ALB para eventos e o que ocorrer.12p

## Julho

04 – 17h – Sessão Ordinária para Palestra do acadêmico e presidente Joaci Góes, tendo como tema: *Disciplina*.21p

09 – 17h – Primeiro dia do ciclo de palestras *Empreendedores Baianos de Sucesso*, com palestra do executivo Cícero Sena, diretor-presidente da rede de hotéis Portobelo e presidente da Academia de Letras da Porto Seguro, tendo como tema: De estagiário a Presidente.77p

29 –17h – Sessão Ordinária em homenagem aos 60 anos de publicação do livro de história da Bahia e homenagem ao seu autor e membro da ALB Luís Henrique Dias Tavares. 24p

## Agosto

01 – 17h – Sessão Ordinária com a seguinte ordem do dia: 1º Expediente; 2º Fusão da Biblioteca com o arquivo; 3º Política do Pessoal; 4º Pauta da reunião do dia 05/08/2019. 5º O que ocorrer.14p

05 – 17h – Sessão Ordinária com a seguinte ordem do dia: 1º Apresentação de candidatura à cadeira de número 03, que foi o último ocupante o saudoso acadêmico Guilherme Requião Radel; 2º Apresentação, para deliberação do pleno, da proposta de regulamentação do quadro de membro correspondente; 3º o que ocorrer.16p

08 – 17h – Sessão ordinária com a seguinte ordem do dia: 1º Relatório do cronograma de obras pelo acadêmico Paulo Ormino; 2º Encontro entre editoras, livrarias e escritores baianos; 3º Definição da data para eleição do saudoso acadêmico Guilherme Radel; 4º O que ocorrer.12p

13 – 16h – 2º Ciclo de palestras *Empreendedores baianos de sucesso* com palestra do executivo Luiz Mendonça Filho, presidente do grupo LM, composto pela frota Bravo Caminhões e Onibus VW e MIAW, tendo como tema: Da feira de São Joaquim para transportar o Brasil. 201p

14 – 18h – Lançamento do livro *Alalá do Luaréu* do escritor e acadêmico Ordep Serra, juntamente com a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.53p

20 – 18h – Lançamento do livro *Porto Calendário*, escrito por Osório Alves de Castro, nascido em Santa Maria da Vitória, Bahia, no século XIX, e falecido em Itapecerica da Serra, em 1978. Exposição de livros publicados em convenio com a ALB e ALBA.43p

22 – 17h – Sessão Ordinária com a seguinte ordem do dia: 1º Expediente; 2º Definição de critérios para a publicação dos livros em convenio com a ALBA; 3º O que ocorrer. 14p

### Setembro

02 – 17h – Sessão Ordinária realizada na academia de Letras da Bahia, com a seguinte ordem do dia: 1º Expediente; 2º Indicação de candidatos à sucessão à cadeira número 3, que foi o último ocupante, o saudoso acadêmico Guilherme Requião Radel; 3º Eleição para duas vagas de membros correspondentes, sendo candidatos: Dr Rogério Farias e o Embaixador Celso Amorim. 4º O que ocorrer. 33p  
04 – 18h30min – Palestra realizada na sede da Academia de Letras da Bahia, com Dr. Leão Lopes, realizador de cinema, escritor, artista plástico e professor cabo-verdiano, tendo como tema: *Encontro com escritor, cineasta e artista plástico Leão Lopes, de Cabo Verde*. 16p

11 – 14h – Visita guiada pelo colégio Castanheiras-SP (Ensino Médio) realizada na sede da Academia de Letras da Bahia. 39p

19 – 18h – Sessão Ordinária realizada na sede da Academia de Letras da Bahia, com a seguinte ordem do dia: 1º Expediente; 2º Cartões de Visita; 3º Regimento dos membros correspondentes; 4º Indenizações trabalhistas; 5º Retomada das obras da casa de chá; 6º O que ocorrer. 15p

20 – 18h – Lançamento do livro *Mulher Poesia- Antologia Poética Vol4*, Cogito Editora, editor Ivan de Almeida, na sede da Academia de Letras da Bahia. Exposição de livros publicados em convênio com ALB e ALBA. 212p

23 – 14h – Visita guiada com alunos do curso Grau Técnico tendo como solicitante Gilberto Vilança Junior, na sede da Academia de Letras da Bahia. 23p

26 – 17h – Sessão ordinária realizada na sede da Academia de Letras da Bahia, com a seguinte ordem do dia: 1º Expediente;

2º Seminário: Academia de Letras da Bahia, Fundação Aleixo Belov e Kirimurê; 3º Projeto de prevenção contra incêndio; 4º Conserto do corrimão da escada de entrada para a secretaria da ALB; 5º O que ocorrer; Exposição de livros publicados em convênio com ALB e ALBA. 13p

27 – 17h – Palestra do Dr. Marco Lucchesi, Presidente da Academia Brasileira de Letras, tendo como tema: *Trajatória de uma vida: Manual de Pequenas Aventuras*; na sede da Academia de Letras da Bahia. Exposição de livros publicados em convênio com ALB e ALBA. 53p

### Outubro

03 – 17h – Sessão ordinária realizada na sede da Academia de Letras da Bahia, com a seguinte ordem do dia: 1º Expediente; Presença dos acadêmicos nos eventos da ALB ;3º Eleição do orador oficial da Academia; 3º Palestra proferida pelo acadêmico Nelson Cerqueira, com o tema: *Agostinho Neto e a poesia de guerrilha*; 5º O que ocorrer. Exposição de livros publicados em convênio com ALB e ALBA. 14p

04 – 17h – Palestra realizada na sede da Academia de Letras da Bahia, tendo como palestrante Ângelo Calmon de Sá, Ex-Presidente do Banco Econômico, “Homem do ano de 1985” pela Brazilian American Chamber of commerce, Engenheiro e Administrador formado pela UFBA, detentor de diversas medalhas e títulos, dirigindo e presidindo múltiplas empresas durante sua longa carreira. Tendo como tema: *Trajatória de uma vida: como vencer na vida e enfrentar o desastre*. Exposição de livros publicados em convênio com ALB e ALBA. 79p

10 – Sessão Ordinária realizada na sede da Academia de Letras da Bahia, com a seguinte ordem do dia: 1. Expediente; 2. Operação Salvação Confrade Joca, mediante sua transferência para o apt da Academia, no edifício Santo Amaro, doado pelo saudoso confrade Clóvis Lima; 3. Arrendamento da casa de Chá e batismo do seu nome; 4. O que ocorrer. 06p

14 – Encontro de Editoras no Palacete Góes Calmon, na sede da Academia de Letras da Bahia. 20p

17 – Sessão Ordinária realizada na sede da Academia de Letras da Bahia, com a seguinte ordem do dia: 1º Expediente; 2º Eleição para sucessão da Cadeira n° 3 cujo último ocupante, o saudoso acadêmico Guilherme Requião Radel; 3º O que ocorrer. 26p

21 – Palestra do Dr. Fernando Alcoforado, engenheiro e doutor em planejamento territorial e desenvolvimento regional pela Universidade de Barcelona, tendo como tema: *Trajatória de uma vida: Contribuição à engenharia, educação, ciência, tecnologia, energia e economia na trajetória de vida do doutor Fernando Alcoforado*. Exposição de livros publicados em convenio com ALB e ALBA. 27p

22 – *Curso Castro Alves 2019 – XIV Colóquio de Literatura Baiana*, realizado na sede da Academia de Letras da Bahia, sob a programação: 14h15min – Sessões de comunicação: temas, autores, obras de literatura baiana; 16h – Conferência: A encantaria de Acachoeira de Paulo Afonso, de Castro Alves Adriano Eysen Rego (UNEB); 17h – Mesa de conversa: Castro Alves no teatro de Cleise Mendes (UFBA, ALB), Sérgio Farias (UFBA); 18h – Performance Poética: o semeador da miragem José Inácio Vieira de Melo. 45p

23 – 14h – *Curso Castro Alves 2019 – XIV Colóquio de Literatura Baiana*, realizado na sede da Academia de Letras da Bahia, sob a programação: 14h15min – Sessões de comunicação da Literatura Baiana; 16h – Conversa com escritores: Castro Alves, em personagem da biografia, à ficção Gláucia Lemos (autora de *O poeta da liberdade*), Adelice Souza (autora de *Cecén poeta do céu*) e Saulo Dourado, coord. Marcus Vinícius Rodrigues; 17h30min – Conversa de poetas: A vida e a voz das vivências à escrita lírica. 18h30min – Navio Negreiro; 18h40min – Lançamento de Livros. 54p

24 – *Curso Castro Alves 2019 – XIV Colóquio de Literatura Baiana*, realizado na sede da Academia de Letras da Bahia, sob a programação: 14h15min Sessões de comunicação de literatura baiana; 16 – Mesa Redonda, o escritor e seus múltiplos: estudos de autores baianos, com Evelina Hoisel, Antônia Herrera e Ligia Telles. Coordenação Cassia Lopes; 17h20min – Candombá, de Rude Celestino de Souza, interpretação poética: Tino Tude; 17h30min – Conferência Final: Caminhos da criação poética, Antônio Carlos Secchin. Cordenação Joaci Góes ; 18h30min – Lançamento/ autógrafos dos livros: O desdizer, poesia- Antonio Carlos Secchin, Percursos da Poesia brasileira, ensaio – Antonio Carlos Secchin. 36p

28 – 18h – Palestra do Dr. Elsimar Coutinho, tendo como tema *Janelas fechadas, Portas abertas*, pertencente ao Ciclo de Palestras: *Trajatória de uma vida*, realizada na sede da Academia de Letras da Bahia. 52p

30 – 17h – Lançamento do livro *Poemas de Terreiro e Orixás* do escritor e acadêmico Cyro de Mattos, na sede da Academia de Letras da Bahia. 26p

31 – 20h - Sessão Especial de Posse do escritor Muniz Sodré de Araújo Cabral na Cadeira n° 33, tendo como última ocupante Mãe Stella de Oxóssi e que tem como patrono Antônio Frederico de Castro Alves. O confrade foi saudado pelo acadêmico João Carlos Salles. 94p

## Novembro

07 – 17h – Sessão Ordinária realizada na sede da Academia de Letras da Bahia, com a seguinte ordem do dia: 1º Expediente; 2º Prêmio pelo conjunto de obras da Eletrogóes; 3º Pauta para fim de ano; 4º Visita à casa de Castro Alves no dia 14 de março; 5º Os sinos da igreja da Graça; 6º Evento sobre literatura LGBT em parceria com a OAB/BA, 7º O que ocorrer. 6p

11 – 13h30min – 1º Congresso da Baía de Todos os Santos: Kimirurê, capital da Amazônia Azul – COMARK. Coordenador: Lourenço Mueller. 82p

14 – 17h – Palestra com o Dr. Antônio Carlos Vieira Lopes, tendo como tema: *A trajetória de um obstetra*, pertencente ao Ciclo de palestras: Trajetória de uma vida, realizada na sede da Academia de Letras da Bahia. 12p

19 – 17h – Palestra com o Dr. José Mascarenhas, tendo como tema: *Referências fundamentais para uma boa gestão*, pertencente ao Ciclo de palestras: Trajetória de uma vida, realizada na sede da Academia de Letras da Bahia. 11p

20 – 4ª, 17h – Reunião da Comissão avaliadora do Prêmio de Literatura ALB 2019. Comissão julgadora composta pelos escritores e acadêmicos Aleilton Fonseca, Carlos Ribeiro e Marcus Vinicius Rodrigues, em sessão presidida pelos acadêmicos Gerana Damulakis e Aramis Ribeiro Costa, sendo definido como vencedor o livro intitulado *A Ordem Interior do Mundo*, autor: Franklin Roosevelt Silva Carvalho. 8p

21 – 17h – Sessão Ordinária realizada na sede da Academia de Letras da Bahia, com a seguinte ordem do dia: 1º Expediente; 2º Anúncio do vencedor do concurso literário; 3º O centenário de João Falcão; 4º Reforma do estatuto da ALB, primeiras reflexões; 5º O que ocorrer. 8p

27 – 17h – Sessão Especial em homenagem ao centenário de nascimento do acadêmico João da Costa Falcão (1919-2019), Cadeira n° 35, tendo como atual ocupante Luís Antônio Cajazeira Ramos, tendo como orador o acadêmico Joaci Góes. 50p

29 – 20h – Sessão Especial de Posse do escritor e jurista Edvaldo Pereira de Brito Cadeira n° 3, tendo como último ocupante Guilherme Requião Radel e que tem como patrono Manuel Botelho de Oliveira. O confrade foi saudado pelo acadêmico Joaci Fonseca de Góes. 165p

## Dezembro

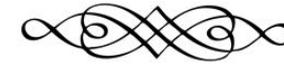
05 – 17h – Sessão Ordinária realizada na sede da Academia de Letras da Bahia, com a seguinte ordem do dia: 1º Expediente; 2º Propostas de livros para edição pela ALBA/ALB em 2020; 3º Homenagem a Antônio Torres pelos 80 anos, em 2020; 4º Definição do gênero do concurso literário ALB 2020; 5º Posse dos membros correspondentes; 6º Examinar a possibilidade de instituir um calendário semestral (ou anual) das sessões ordinárias da Academia, 7º O que ocorrer. 13p

10 – 17h – Exibição do documentário *Suspiros de um trovador* em homenagem ao poeta popular Rodolfo Coelho Cavalcanti, direção e roteiro Marcelo Rabelo.

12 – 17h – Sessão Ordinária presidida pelo vice-presidente Nelson Cerqueira, pauta aberta.

19 – 17h – Sessão de Encerramento do Ano Acadêmico realizado na Academia de Letras da Bahia, com a seguinte ordem do dia: 1. Expediente; 2. Entrega do prêmio da Academia de Letras da Bahia, à acadêmica Gláucia Lemos, pelo conjunto da obra; 3. O que ocorrer.

## Quadro social da ALB<sup>1</sup>



### **Cadeira 1** *Patrono: Frei Vicente de Salvador*

Fundador: José de Oliveira Campos

2º Titular: Júlio Afrânio Peixoto (Afrânio Peixoto), fundador da Cadeira 25, por transferência consentida pela Academia.

3º Titular: José Wanderley de Araújo Pinho

Titular atual: **Luís Henrique Dias Tavares**

Posse em 14.06.1968

### **Cadeira 2** *Patrono: Gregório de Mattos e Guerra (Gregório de Mattos)*

Fundador: Aloysio Lopes Pereira de Carvalho (Lulu Parola)

2º Titular: Luis Viana Filho

Titular atual: **Paulo Ormino David de Azevedo**

**(Paulo Ormino de Azevedo)**

Posse em 20.06.1991

### **Cadeira 3** *Patrono: Manuel Botelho de Oliveira*

Fundador: Arthur Gonçalves de Salles (Arthur de Salles)

2º Titular: Eloywaldo Chagas de Oliveira

3º Titular: Anna Amélia Vieira Nascimento

4º Titular: Guilherme Requião Radel (Guilherme Radel)

Titular atual:

**Edvaldo Pereira de Brito**

**(Edvaldo Brito)**

Posse em 29.11.2019

---

<sup>1</sup> O quadro dos titulares da Academia de Letras da Bahia foi originalmente elaborado pelo acadêmico Renato Berbert de Castro (1924-1999).

**Cadeira 4** *Patrono: Sebastião da Rocha Pita*

Fundador: Braz Hermenegildo do Amaral (Braz do Amaral)

2º Titular: João da Costa Pinto Dantas Júnior

3º Titular: Jayme de Sá Menezes

4º Titular: Geraldo Magalhães Machado (Geraldo Machado)

Titular atual:

**Nelson Cerqueira**

Posse em: 11.05.2017

**Cadeira 5** *Patrono: Luís Antônio de Oliveira Mendes*

Fundador: Carlos Chiacchio

2º Titular: Antônio Luís Cavalcanti Albuquerque de Barros Barreto (Barros Barreto)

3º Titular: Carlos Benjamin de Viveiros

4º Titular: José Silveira

5º Titular: Guido José da Costa Guerra (Guido Guerra)

Titular atual: **Carlos Jesus Ribeiro****(Carlos Ribeiro)**

Posse em 31.05.2007

**Cadeira 6** *Patrono: Alexandre Rodrigues Ferreira*

Fundador: Manoel Augusto Pirajá da Silva (Pirajá da Silva)

2º Titular: Thales Olímpio Góes de Azevedo (Thales de Azevedo)

3º Titular: Lucas Moreira Neves (Dom Lucas Cardeal Moreira Neves)

Titular atual:

**Cleise Furtado Mendes****(Cleise Mendes)**

Posse em 15.04.2004.

**Cadeira 7** *Patrono: José da Silva Lisboa, Visconde de Cayru*

Fundador: Ernesto Carneiro Ribeiro (Carneiro Ribeiro)

2º Titular: Francisco Borges de Barros

3º Titular: Aloísio de Carvalho Filho. Eleito para a Cadeira 26, permutou esta, obtendo acordo da Academia, pela Cadeira 7, com monsenhor Francisco de Paiva Marques, quando ambos ainda não empossados.

4º Titular: Nelson de Souza Sampaio (Nelson Sampaio)

5º Titular: Pedro Moacir Maia

Titular atual:

**Joaci Fonseca de Góes****(Joaci Góes)**

Posse em 24.09.2009

**Cadeira 8** *Patrono: Cipriano José Barata de Almeida (Cipriano Barata)*

Fundador: Luís Anselmo da Fonseca

2º Titular: Francisco Peixoto de Magalhães Netto (Magalhães Netto)

3º Titular: Adriano de Azevedo Pondé (Adriano Pondé)

4º Titular: Ary Guimarães

Titular atual:

**Paulo Costa Lima**

Posse em 17.12.2009

**Cadeira 9** *Patrono: Antônio Ferreira França*

Fundador: José Alfredo de Campos França

2º Titular: Edgard Ribeiro Sanches

3º Titular: Antônio Luís Machado Neto (Machado Neto)

4º Titular: Cláudio de Andrade Veiga (Cláudio Veiga)

5º Titular: João Ubaldo Osório Pimentel Ribeiro (João Ubaldo Ribeiro)

Titular atual:

**Antonio Torres da Cruz****(Antonio Torres)**

Posse em: 21.05.2015

**Cadeira 10** *Patrono: José Lino dos Santos Coutinho*

Fundador: Antônio Moniz Sodré de Aragão

2º Titular: Altamirando Alves da Silva Requião (Altamirando Requião)

3º Titular: Gaspar Sadoc da Natividade (Monsenhor Gaspar Sadoc)

Titular atual:

**Fredie Souza Didier Júnior****(Fredie Didier)**

Posse em 30.11.2017

**Cadeira 11** *Patrono: Francisco Gê Acaiaba de Montezuma, Visconde de Jequitinhonha*

Fundador: Antonio Ferrão Moniz de Aragão (Antonio Moniz)

2º Titular: Otávio Torres

3º Titular: Oldegar Franco Vieira

Titular atual:

**Yeda Antonita Pessoa de Castro****(Yeda Pessoa de Castro)**

Posse em 10.04.2008

**Cadeira 12** *Patrono: Miguel Calmon du Pin e Almeida, Marquês de Abrantes*

Fundador: Miguel Calmon du Pin e Almeida

2º Titular: Alberto Francisco de Assis (Alberto de Assis)

3º Titular: Affonso Ruy de Sousa (Affonso Ruy)

4º Titular: Itazil Benício dos Santos

Titular atual:

**Aramis de Almada Ribeiro Costa****(Aramis Ribeiro Costa)**

Posse em 25.11.1999

**Cadeira 13** *Patrono: Francisco Moniz Barreto*

Fundador: Egas Moniz Barreto de Aragão (Pethion de Villar)

2º Titular: Afonso de Castro Rebelo Filho

3º Titular: Walter Raulino da Silveira (Walter da Silveira)

4º Titular: Odorico Montenegro Tavares da Silva (Odorico Tavares)

5º Titular: Luís Fernando Seixas de Macedo Costa (Luís Fernando Macedo Costa)

6ª Titular: Myriam de Castro Lima Fraga (Myriam Fraga)

Titular atual:

**Edilene Dias Matos**

Posse em: 30.03.2017

**Cadeira 14** *Patrono: Francisco Gonçalves Martins, Visconde de São Lourenço*

Fundador: Bernardino José de Sousa (Bernardino de Sousa)

2º Titular: Alberto Alves Silva (Alberto Silva)

3º Titular: Edgard Rego Santos (Edgard Santos)

4º Titular: Raul Batista de Almeida

5º Titular: Carlos Vasconcelos Maia (Vasconcelos Maia)

6º Titular: Epaminondas Costalima

Titular atual:

**Gláucia Maria de Lemos Leal****(Gláucia Lemos)**

Posse em 21.10.2010

**Cadeira 15** *Patrono: Ângelo Moniz da Silva Ferraz, Barão de Uruguaiana*

Fundador: Otaviano Moniz Barreto

2º Titular: Hélio Gomes Simões (Hélio Simões)

Titular atual:

**João Carlos Oliveira Teixeira Gomes Fonseca****(João Carlos Teixeira Gomes)**

Posse em 08.06.1989

**Cadeira 16** *Patrono: José Tomás Nabuco de Araújo*

Fundador: Eduardo Godinho Espínola

2º Titular: Orlando Gomes dos Santos (Orlando Gomes)

Titular atual:

**João Eurico Matta**

Posse em 10.05.1989

**Cadeira 17** *Patrono: Antônio Ferrão Moniz de Aragão*

Fundador: Gonçalo Moniz Sodré de Aragão (Gonçalo Moniz)

2º Titular: Leopoldo Braga

3º Titular: Carlos Eduardo da Rocha

Titular atual:

**Ruy Alberto d'Assis Espinheira Filho****(Ruy Espinheira Filho)**

Posse em 15.09.2000

**Cadeira 18** *Patrono: Zacarias de Góes e Vasconcelos*

Fundador: José Joaquim Seabra (J.J. Seabra)

2º Titular: Augusto Alexandre Machado

3º Titular: Avelar Brandão Vilela (Dom Avelar Brandão Vilela)

Titular atual:

**Waldir Freitas Oliveira**

Posse em 27.10.1987

**Cadeira 19** *Patrono: João Maurício Vanderley, Barão de Cotegipe*

Fundador: Severino dos Santos Vieira (Severino Vieira)

2º Titular: Arlindo Coelho Fragoso (Arlindo Fragoso). Fundador da Cadeira 41, criada em caráter provisório, transferiu-se para esta, após a morte de Severino Vieira, ocorrida a 27 de setembro de 1917, a fim de que fosse extinta a temporária.

3º Titular: Deraldo Dias de Moraes

4º Titular: Guilherme Antônio Freire de Andrade Filho

5º Titular: Godofredo Rebelo de Figueiredo Filho (Godofredo Filho)

Titular atual:

**Cid José Teixeira Cavalcante****(Cid Teixeira)**

Posse em 25.03.1993

**Cadeira 20** *Patrono: Augusto Teixeira de Freitas (Teixeira de Freitas)*

Fundador: Carlos Gonçalves Fernandes Ribeiro (Carlos Ribeiro)

2º Titular: Epaminondas Berbert de Castro

3º Titular: Lafayette Ferreira Spínola (Lafayette Spínola)

4º Titular: Ivan Americano da Costa

5º Titular: Joaquim Alves da Cruz Rios (Cruz Rios)

Titular atual:

**Aleilton Santana da Fonseca****(Aleilton Fonseca)**

Posse em 15.04.2005

**Cadeira 21** *Patrono: Francisco Bonifácio de Abreu, Barão da Vila da Barra*

Fundador: Filinto Justiniano Ferreira Barros

2º Titular: Estácio Luís Valente de Lima (Estácio de Lima)

3º Titular: Jorge Amado

4º titular: Zélia Gattai Amado (Zélia Gattai)

Titular atual:

**Antonio Brasileiro Borges****(Antônio Brasileiro)**

Posse em 10.06.2010

**Cadeira 22** *Patrono: José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco*

Fundador: Ruy Barbosa de Oliveira (Ruy Barbosa)

2º Titular: Ernesto Carneiro Ribeiro Filho

3º Titular: Aloísio Henrique de Barros Porto

4º Titular: Clóvis Álvares Lima (Clóvis Lima)

Titular atual:

**Cyro Pereira de Mattos**

**(Cyro de Mattos)**

Posse em 16.11.2016

**Cadeira 23** *Patrono: Antônio Januário de Faria*

Fundador: João Américo Garcez Fróes

2º Titular: Jorge Calmon Moniz de Bittencourt (Jorge Calmon)

Titular atual:

**Samuel Celestino Silva Filho**

**(Samuel Celestino)**

Posse em 21.08.2008

**Cadeira 24** *Patrono: Demétrio Ciriaco Tourinho (Demétrio Tourinho)*

Fundador: Luís Pinto de Carvalho (Pinto de Carvalho)

2º Titular: Luís Menezes Monteiro da Costa (Luís Monteiro)

3º Titular: Renato Berbert de Castro

Titular atual:

**Francisco Soares Senna**

**(Francisco Senna)**

Posse em 27.04.2000

**Cadeira 25** *Patrono: Pedro Eunápio da Silva Deiró (Eunápio Deiró)*

Fundador: Júlio Afrânio Peixoto (Afrânio Peixoto). Com o consentimento da Academia, transferiu-se para a Cadeira 1 após a morte de seu fundador, José de Oliveira Campos.

2º Titular: Francisco Hermano Santana (Hermano Santana)

3º Titular: Raimundo de Sousa Brito (Raimundo Brito)

4º Titular: Luís Augusto Fraga Navarro de Brito (Navarro de Brito)

Titular atual:

**Fernando da Rocha Peres**

Posse em 16.06.1988

**Cadeira 26** *Patrono: Antônio de Macedo Costa (Dom Antônio de Macedo Costa)*

Fundador: José Cupertino de Lacerda (Padre José Cupertino de Lacerda)

2º Titular: Alberto Moreira Rabelo (Alberto Rabelo), único membro da Academia que faleceu antes de tomar posse, sendo legitimado na Cadeira postumamente, por decisão da diretoria.

3º Titular: Monsenhor Francisco de Paiva Marques (Monsenhor Paiva Marques)

Eleito para a Cadeira 7, permutou esta pela Cadeira 26, com Aloísio de Carvalho Filho, quando ambos ainda não empossados.

4º titular: César Augusto de Araújo (César de Araújo)

Titular atual:

**Roberto Figueira Santos**

**(Roberto Santos)**

Posse em 10.08.1971

**Cadeira 27** *Patrono: Francisco Rodrigues da Silva*

Fundador: Frederico de Castro Rebelo (Frederico Rabelo)  
 2º Titular: Antônio Gonçalves Vianna Júnior (Antônio Vianna)  
 3º Titular: Jayme Tourinho Junqueira Ayres (Jayme Junqueira Ayres)  
 4º Titular: Antônio Loureiro de Souza  
 5º Titular: James Amado  
 Titular atual:

**Ordep José Trindade Serra**  
**(Ordep Serra)**

Posse em 04.09.2014

**Cadeira 28** *Patrono: Luís José Junqueira Freire (Junqueira Freire)*

Fundador: Francisco Torquato Bahia da Silva Araújo  
 2º Titular: Homero Pires de Oliveira e Silva  
 3º Titular: José Calasans Brandão da Silva (José Calasans)  
 4º Titular: Consuelo Pondé de Sena (Consuelo Pondé)  
 5º Titular: Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (Suzana Alice Cardoso)  
 Titular Atual:

**Marcus Vinícius Couto Rodrigues**  
**(Marcus Vinícius Rodrigues)**

Posse em: 04.04.2019

**Cadeira 29** *Patrono: Agrário de Souza Menezes (Agrário Menezes)*

Fundador: Antônio Alexandre Borges dos Reis (Borges dos Reis)  
 2º Titular: Manços Chastinet Contreiras (Manços Chastinet)  
 3º Titular: Colombo Moreira Spínola (Colombo Spínola)  
 4º Titular: Jorge Faria Góes  
 5º Titular: Hélio Pólvora de Almeida (Hélio Pólvora)  
 Titular Atual:

**Gerana Costa Damulakis**  
**(Gerana Damulakis)**

Posse em 03.09.2015

**Cadeira 30** *Patrono: Joaquim Monteiro Caminboá*

Fundador: Antônio do Prado Valadares (Prado Valadares). Permutou a cadeira com Roberto José Correia (Roberto Correia), titular da Cadeira 38.

2º Titular: Roberto José Correia (Roberto Correia)  
 3º Titular: Alfredo Vieira Pimentel  
 4º Titular: Nestor Duarte Guimarães (Nestor Duarte)  
 5º Titular: Josaphat Ramos Marinho (Josaphat Marinho)  
 Titular atual:

**Paulo Roberto Bastos Furtado**  
**(Paulo Furtado)**

Posse em 24.04.2003

**Cadeira 31** *Patrono: Belarmino Barreto*

Fundador: Ernesto Simões da Silva Freitas Filho (Simões Filho)  
 2º Titular: José Luís de Carvalho Filho (Carvalho Filho)  
 Titular atual:

**Florisvaldo Moreira de Mattos**  
**(Florisvaldo Mattos)**

Posse em 23.11.1995

**Cadeira 32** *Patrono: André Pinto Rebouças (André Rebouças)*

Fundador: Teodoro Fernandes Sampaio (Theodoro Sampaio)  
 2º Titular: Isaías Alves de Almeida (Isaías Alves)  
 3º Titular: Zitelmann José Santos de Oliva (Zitelmann de Oliva)  
 4º Titular: Gerson Pereira dos Santos  
 Titular atual:

**João Carlos Salles Pires da Silva**  
**(João Carlos Salles)**

Posse em 06.11.2014

**Cadeira 33** *Patrono: Antônio Frederico de Castro Alves (Castro Alves)*

Fundador: Francisco Xavier Ferreira Marques (Xavier Marques)

2º Titular: Heitor Prager Fróes. Tomou posse em 15 de novembro de 1931, na Cadeira 34, transferindo-se para esta, após a morte de Xavier Marques.

3º Titular: Waldemar Magalhães Mattos (Waldemar Mattos)

4º Titular: Ubiratan Castro de Araújo (Ubiratan Castro)

5º Titular: Maria Stella de Azevedo Santos (Mãe Stella de Oxossi)

Titular atual:

**Muniz Sodré de Araújo Cabral**

**(Muniz Sodré)**

Posse em 31.10.2019

**Cadeira 34** *Patrono: Domingos Guedes Cabral*

Fundador: José Virgílio da Silva Lemos (Virgílio de Lemos)

2º Titular: Heitor Prager Fróes. Transferiu-se para a Cadeira 33, depois do desaparecimento de Xavier Marques

3º Titular: Adalício Coelho Nogueira (Adalício Nogueira)

4º Titular: Walfrido Moraes de Lima (Walfrido Moraes)

Titular atual:

**Evelina de Carvalho Sá Hoisel**

**(Evelina Hoisel)**

Posse em 27.10.2005

**Cadeira 35** *Patrono: Manoel Vitorino Pereira (Manoel Vitorino)*

Fundador: Antônio Pacífico Pereira

2º Titular: Afonso Costa

3º Titular: Rui Santos

4º Titular: Rubem Rodrigues Nogueira (Rubem Nogueira)

5º Titular: João da Costa Falcão (João Falcão)

Titular atual:

**Luís Antonio Cajazeira Ramos**

Posse em 02.08.2012

**Cadeira 36** *Patrono: Joaquim Jerônimo Fernandes da Cunha (Fernandes da Cunha)*

Fundador: Afonso de Castro Rebelo

2º Titular: Monsenhor Manuel de Aquino Barbosa (Padre Manuel Barbosa)

3º Titular: Hildegardes Cantolino Vianna (Hildegardes Vianna)

Titular atual:

**José Carlos Capinan**

Posse em 17.08.2006

**Cadeira 37** *Patrono: João Batista de Castro Rebelo Júnior*

Fundador: Almachio Diniz Gonçalves (Almachio Diniz)

2º Titular: Edith Mendes da Gama e Abreu

3º Titular: Antonio Carlos Peixoto de Magalhães (Antônio Carlos Magalhães)

Titular atual:

**Emanuel d'Able do Amaral**

**(Dom Emanuel d'Able do Amaral)**

Posse em 28.05.2009

**Cadeira 38** *Patrono: Alfredo Tomé de Brito (Alfredo Brito)*

Fundador: Oscar Freire de Carvalho

2º Titular: Roberto José Correia (Roberto Correia). Permutou sua cadeira com Prado Valadares, fundador da Cadeira 30.

3º Titular: Antônio do Prado Valadares (Prado Valadares)

4º Titular: Cristiano Alberto Müller (Cristiano Müller)

5º Titular: Wilson Mascarenhas Lins de Albuquerque (Wilson Lins)

Titular atual:

**Armando Avena Filho**

**(Armando Avena)**

Posse em 28.04.2005

**Cadeira 39** *Patrono: Francisco de Castro*

Fundador: Clementino Rocha Fraga Júnior (Clementino Fraga)

2º Titular: Edivaldo Machado Boaventura (Edivaldo M. Boaventura)

Titular atual:

**Juarez Marialva Tito Martins Paraíso**

**(Juarez Paraíso)**

Posse em 30.05.2019

**Cadeira 40** *Patrono: Francisco Cavalcanti Mangabeira (Francisco Mangabeira)*

Fundador: Octavio Cavalcanti Mangabeira (Octavio Mangabeira)

2º Titular: Manoel Pinto de Aguiar

3º Titular: Consuelo Novais Sampaio

Titular atual:

**Urania Maria Tourinho Peres**

**(Urania Tourinho Peres)**

Posse em 25.09.2014

Obs.:

**Cadeira 41**

Criada em caráter provisório para que Arlindo Fragoso, idealizador e organizador da Academia, não lhe ficasse de fora, devendo ser extinta com o falecimento de qualquer um dos 41 fundadores. Patrono: Manuel Alves Branco, *Visconde de Caravelas* (2º). Fundador Arlindo Coelho Fragoso (Arlindo Fragoso). Com a morte de Severino Vieira, em 27 de setembro de 1917, para a sua Cadeira, de número 19, foi transferido Arlindo Fragoso, e supressa a cadeira provisória.

## Endereços dos acadêmicos



LUIZ HENRIQUE DIAS TAVARES

Rua do Ébano, 159 aptº802, Edf. Henri Matisse  
Caminho das Árvores, 41820-370, Salvador / BA

☎ 71 3245-3524

PAULO ORMINDO DE AZEVEDO

Rua João da Silva Campos, 1132, Itaipara  
41840-060 Salvador / BA

☎ 3358-7571 / 98816 5262

pauloormindo@gmail.com

EDVALDO PEREIRA DE BRITO

RUA MELVIN JONES, Nº 272, JARDIM ARMAÇÃO  
CEP. 41750-010 SALVADOR -BA

☎ 3281-4900/3371-3225

E-MAIL: CEPEB.EB@GMAIL.COM

NELSON CERQUEIRA

Rua Alagoinhas, 47 – Rio Vermelho

☎ 2107-8368

nelsoncerqueira@gmail.com

CARLOS RIBEIRO

Rua do Timbó, 680 Edf. Villa Etruska, apto°503  
 Caminho das Árvores 41820-660 Salvador – BA  
 ☎ 3011-7019/ 99153- 4908  
 carlos.jribeiro58@terra.co.br

CLEISE MENDES

Rua Marechal Floriano, nº357  
 Edf. Casa Grande, apt°302 - Canela  
 40110-010, Salvador - BA  
 ☎ 3337-0312 / 99198-6165  
 cleise.mendes@gmail.com

JOACI GÓES

Rua Alceu Amoroso Lima, 172, Edf. Office & Pool, 8ª andar  
 41.820-770, Caminho das Arvores, Salvador – BA  
 ☎ 3444-2308 / 98814-3631  
 joacigoes@uol.com.br

PAULO COSTA LIMA

Rua Sabino Silva, nº282, Edf. Saint Mathieu, apto°401  
 Jardim Apipema 40155-250, Salvador – BA  
 ☎ 98832-1545 /3235-5676  
 paulocostalima@terra.com.br

ANTONIO TORRES

Rua Estrada da União Industrial, 12600  
 Condomínio Mirantes do Sol Nascente, C- 37,  
 Itaipava 25750-226, Rio de Janeiro  
 ☎ 21 2222-4129  
 antonio@antoniotorres.com.br

FREDIE SOUZA DIDIER JÚNIOR

Rua Waldemar Falcão, 870, apt°201-B  
 Horto Florestal – Salvador-Ba 40296-700  
 ☎ 71 3114-5550  
 frediedidier@gmail.com

YEDA PESSOA DE CASTRO

Rua Alfredo Gomes de Oliveira, 61  
 Edf. Terreazo Del Mare, Apt°1140 Jd. Armação  
 41750-040 – Salvador, BA  
 ☎ 3461-9033 / 98138-4865  
 yedapessoa@uol.com.br

ARAMIS RIBEIRO COSTA

Rua Piauí, 439, apt° 1103, Pituba  
 41830-280, Salvador/ BA  
 ☎ 3240 4969 / 99984 1165  
 aramisrcosta@gmail.com

EDILENE MATOS

Rua Rio de São Pedro, 26 Edf. Varandas da Graça,  
 Apt°701, Graça, 40.150 350 Salvador Bahia  
 ☎ 3334 6526  
 edilenediasmatos@gmail.com

GLÁUCIA LEMOS

Rua Ceará, 853, apto. 203 - Pituba  
 41830-450, Salvador-BA  
 ☎ 3012-8468/98199-1813  
 glaucialemos9@hotmail.com

JOÃO CARLOS TEIXEIRA GOMES  
 Rua Espírito Santo, 15,  
 Edf. Espírito Santo aptº 802, Pituba  
 41830-120, Salvador/ BA  
 ☎ 3240 1712  
 jcteixeiragomes@yahoo.com.br

JOÃO EURICO MATTA  
 Rua Afonso Celso, nº301, Edf. Concórdia, aptoº302  
 Barra 40.140-080 Salvador - BA  
 ☎ 3247-0869/99143-6908  
 jematta@terra.com.br

RUY ESPINHEIRA FILHO  
**Condomínio Busca Vida – Estrada do Coco – Catu de  
 Abrantes**  
**Via Lobo Guará, 26, Lote 11**  
**42841-000 – Camaçari – Bahia**  
 ☎ 3287 2225/99973-8711  
 refpoeta@terra.com.br

WALDIR FREITAS OLIVEIRA  
 Rua Tiradentes, 52, Abrantes  
 42840-000 – Camaçari /BA  
 ☎ (53)3026-9229 / (53)99703-2989  
 waldirfoliveira@ig.com.br

CID TEIXEIRA  
 Rua das Violetas, 85, Pituba  
 41810-080, Salvador / BA  
 ☎ 3452 7402

ALEILTON FONSECA  
 Rua Rubem Berta, 267, Edf. Iana, aptº 402, Pituba  
 41820-040, Salvador, BA  
 ☎ 3345 1519 / 98876-1519  
 aleilton50@gmail.com

ANTONIO BRASILEIRO  
 Rua Alto do Paraná, 300 – Bairro Sim  
 44.042-000 Feira de Santana – BA  
 ☎ (75) 3625-8512  
 abrasileiro@live.com

CYRO DE MATTOS  
 Travessa Rosenaide Guimarães, 40 / 101 – Zildolândia  
 45600-714 – Itabuna – BA  
 ☎ (73) 3612-4197 / (73) 98872-8830  
 cyropm@bol.com.br

SAMUEL CELESTINO  
 Rua do Ébano, nº159 - Edf. Henri Matisse  
 Aptº.1301, Caminho das Árvores  
 41820-370 – Salvador, BA  
 ☎ 3341-4485/☎ 3359-7741  
 samuelcelestino@uol.com.br

FRANCISCO SENNA  
 Rua Prof. Milton Oliveira, nº73  
 Edf. Palazzo Anacapri, aptoº202  
 Barra, 40.140-100, Salvador, Ba  
 ☎ 99967-0685  
 francisco.senna@tcm.ba.gov.br

FERNANDO DA ROCHA PERES

Avenida Sete, 2901, Ladeira da Barra,  
Cond. Solar das Mangueiras, Ala Norte, aptº 202,  
40130-000 Salvador/BA  
☎ 3336 3670 / 99956-7880  
ferroperes@gmail.com

ROBERTO SANTOS

Rua Basílio Catalá de Castro, Quinta do Candeal,  
Quadra B, lote 19 - 40280-550, Salvador/BA  
☎ 3276 5759 / 99115-9532  
rf.santos@terra.com.br

ORDEP SERRA

Rua Barão de Itapoan, 142, Edf. Barravento  
aptº 202 – Barra  
40140060, Salvador – BA  
☎ 98869-1531/3331-1531  
ordepserra@gmail.com

MARCUS VINÍCIUS RODRIGUES

Rua Irmã Dulce, 119, apto 601, Brotas, 40.286-030, Salva-  
dor-BA  
☎ 71 99987-7136  
marvin.mvr@@gmail.com

GERANA DAMULAKIS

R. Flórida, 109 Edf. Terrazzo Graça, aptº 801 - Graça  
40150-480 Salvador / BA  
☎ 98894-2356  
geranadamulakis@yahoo.com.br

PAULO FURTADO

Av. Orlando Gomes, Condomínio Parque Costa Verde  
Quadra H, Lote 3, 41650-120, Salvador / BA  
☎ 3367 9481 / 99158-3414  
prbfurtado@yahoo.com.br

FLORISVALDO MATTOS

Rua Professor Cassilandro Barbuda, nº 84 -  
Edifício Mirante do Mar Residencial - Aptº 1301  
Costa Azul, 41760-110 Salvador - Bahia  
☎ 3353 9785 / 99986-2848  
florismattos@gmail.com

JOÃO CARLOS SALLES

Rua Pe. Camilo Torrend, 145 aptº202  
Edf. Barra dos Coqueiros - Federação  
40210-650, Salvador / BA  
☎ 3247.6119  
jcsalles@gmail.com

MUNIZ SODRÉ

RUA COSME VELHO, 415 AP 1104  
CEP 22241-090,  
RIO DE JANEIRO-RJ  
SODREMUNIZ@HOTMAIL.COM

EVELINA HOISEL

Rua Mons. Gaspar Sadoc, 48, Jardim de Alá  
41750-200, Salvador /Bahia  
☎ 3343 5789 / 99968-7625  
evelinahoisel@hotmail.com

LUÍS ANTONIO CAJAZEIRA RAMOS  
R. Érico Veríssimo, 34 – Edf. Itapitanga, aptº401  
Itaigara - 41815-340, Salvador /Bahia  
☎ 3345 6969/98861-1515/2109-4607  
poetacajazeira@uol.com.br

JOSÉ CARLOS CAPINAN  
Rua Tamoios, 96, Rio Vermelho  
41940-040, Salvador, BA  
☎ 3345 2080 / 99955-1410  
jose.capinan2@gmail.com

DOM EMANUEL D'ABLE DO AMARAL  
Largo São Bento, 01 Centro  
41205-220 - Salvador – BA  
☎ 2106-5272 /98151-1053  
arquiabadeemanuel@gmail.com

ARMANDO AVENA  
Rua Waldemar Falcão, 1965, Edf. Top Hill, Aptº 702 Norte  
40295-010 Salvador - BA  
☎ 3272-2960 / 9994-3000  
armandoavena@uol.com.br

JUAREZ M. T. M. PARAISO  
RUA DESEMBARGADOR CASTEO BRANCO, 06, 2 DE JULHO  
CEP: 040060060 SALVADOR-BAHIA  
☎ 71 30120345 999886970  
JUAREZPARAISO@TERRA.COM.BR

URANIA TOURINHO PERES  
Avenida Sete, 2901, Ladeira da Barra,  
Cond. Solar das Mangueiras, Ala Norte, aptº 202,  
40130-000 Salvador/BA  
☎ 336 3670 / 99956-7880  
utperes@terra.com.br

## Membros correspondentes

### Alain Saint-Saëns

Centro de Investigaciones Académicas,  
Universidad del Norte,  
Avenida Artigas y Calle Juan de Salázar,  
Asunción – Paraguay  
alainfrenchguy@gmail.com

### Antonella Rita Roscilli

Via Giacomo Barzelloti, 7  
00136 Roma/Itália  
☎ 0039-3475569495  
r\_antonella@yahoo.it

### Antonio Carlos Secchin

Av. Atlântica, 2112, aptº801  
Copacabana 22021001 Rio de Janeiro – RJ  
☎ (21) 2236-1112  
[acsecchin@uol.com.br](mailto:acsecchin@uol.com.br)

### Carlos Ayres Britto

Ayres Britto Advocacia e Consultoria – SHS,  
Quadra 06, Conjunto A Complexo Brasil 21  
Bloco A – Sala 107 Cep 70316-102 Brasília DF  
☎ (61) 3039-8088  
contato@ayresbritto.com.br

### Dominique Stoenesco

2902 W. Strathmore Avenue  
Baltimore, Maryland 21209 – USA  
☎ (003133) 1 48 72 16 56  
dominique.stoenesco@orange.fr

### Glória Kaiser

Dr. Robert Siegerst, 15  
A 8010 – Graz  
Áustria – Europa  
gloria.kaiser@aon.at

### Helena Parente Cunha

Rua das Laranjeiras, 280/200  
22240-001 – Rio de Janeiro / RJ  
hparent@uol.com.br

### Isa Maria Carneiro Gonçalves

Rua Milton Melo, 413 – Santa Mônica  
Feira de Santana – BA,44050-560  
☎ (75) 3625-2416  
isa@gd.com.br

### Jerónimo Pizarro

Departamento de Humanidades y Literatura  
Calle 18 A No. 0-03 Este Bloque Ñc Bogotá, Colombia  
☎ (571) 339-4949 – Ext. 4784  
j.pizarro188@uniandes.edu.co

### Jorge Raul da Silva Preto

Rua dos Sobreiros, 233 3º,D.t  
Edifício Vistamar - Costa da Guia  
2750611 Cascais – Portugal  
☎ (00351) 214821717  
jorgerspreto@gmail.com

**Maria Beltrão**

Rua Prudente de Moraes, 1179, COB. 01  
Ipanema – Rio de Janeiro – RJ  
22420-043  
☎ (21) 2247-4180  
mcmcbeltrao@gmail.com

**María Felisa Pugliese**

Saavedra 1160 P.B. “B”  
1663 Muñiz. PCIA. de Buenos Aires. ARGENTINA.  
☎ 54 11 4664 3055  
maripugliese@hotmail.com

**Paulo Fernando de Moraes Farias**

136 Greenfield Road, Harborne, Birmingham B17 0EG  
England, United Kingdom.  
☎ 44 121 680 1399  
paulofarias@blueyonder.co.uk

**Paulo Roberto Dias Pereira**

Rua Sambaíba, 380/704  
Leblon Rio de Janeiro ☎ RJ - CEP 22450-140  
☎ (21)2259-9173  
paulorobertopereira08@gmail.com

**Rita Olivieri-Godet**

24, Avenue Sergent Maginot  
35000 Rennes FRANCE  
☎ 02 99 67 35 02  
rita.godet20@gmail.com

**Vamireh Chacon**

Universidade de Brasília  
Instituto de Ciência Política  
70910-900  
☎ 61 3274-0022  
vamirehchacon@gmail.com



**Presidente:**

Joaci Góes

**Diretor da Revista:**

Marcus Vinícius Rodrigues

**Conselho Editorial:**

Evelina Hoisel

Fernando Peres

Francisco Senna

**Padronização dos textos**

Marcus Vinícius Rodrigues

**Editoração**

Elimarcos Santana

**Serviço Editorial**

Via Litterarum Editora